



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.

“LIBERAIS DE ALMA”:

Socialização e identidade política de jovens na paraíba

TATIANA SALLES

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

2020

TATIANA SALLES

“LIBERAIS DE ALMA”:

Socialização e identidade política de jovens na paraíba

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para obtenção de grau de doutora em Sociologia. Linha de Pesquisa: Culturas e Sociabilidades

Orientação: prof^a Dr^a Monica Franch

Co-orientação: Prof. Dr. Artur Perrusi (UFPE)

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S1681 Salles, Tatiana.

"Liberais de alma" : socialização e identidade política de jovens na Paraíba / Tatiana Salles. - João Pessoa, 2020.

278 f. : il.

Orientadora: Monica Franch.

Coorientador: Artur Perrusi.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Socialização política. 2. Identidade política. 3. Juventude. 4. Liberais antifusionistas. I. Franch, Monica. II. Perrusi, Artur. III. Título.

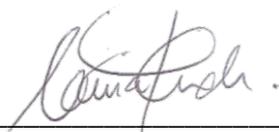
UFPB/BC

CDU 316.614(043)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

A tese intitulada “*Liberais de alma*”: *Socialização e identidade política de jovens na paraíba*, de autoria de Tatiana Salles, sob orientação da prof^a Dr^a Monica Franch, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para obtenção de grau de doutora em Sociologia, foi aprovada em 27/08/2020, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Banca Examinadora



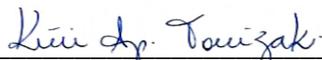
Prof. Dra. Monica Lourdes Franch (PPGS UFPB - Orientadora)



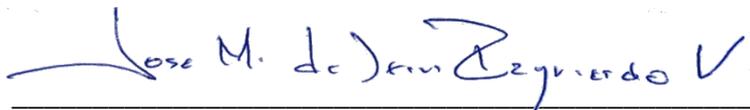
Profa. Dra. Tereza Correia Queiroz (PPGS UFPB – Examinadora interna)



Profa. Dra. Marina Moguillansky (PPGS UFPB - Examinadora interna)



Prof. Dra. Kimi Tomizaki (USP – Examinadora Externa)



Prof. Dr. Jesus Izquierdo Villota (UFGC – Examinador externo)

*(...) e o leitor que se dispuser a seguir-me terá
que se decidir a se elevar do particular ao geral.
Karl Marx*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos jovens liberais de Campina Grande que, com grande generosidade, se abriram para esta pesquisa desde o seu início e me ensinaram bastante sobre como as afinidades pessoais são capazes de influenciar as nossas escolhas políticas. A eles dedico este trabalho.

À minha orientadora, Monica Franch, por ter aceito o meu convite e se aventurado neste tema junto comigo, pelas leituras e releituras que fez do meu texto e por não ter soltado a minha mão no conturbado contexto político em que desenvolvi minha etnografia. Ao meu co-orientador, Artur Perrusi, por ter me encorajado a encarar a literatura liberal, assim pude incorporá-la no campo da pesquisa e na academia. A vocês, professores, meu reconhecimento. Aos queridos examinadores, Kimi Tomizaki, Teresa Queiroz, Marina Moguillansky e Jesus Izquierdo, pela qualificação deste trabalho através de suas leituras e contribuições. Aos meus colegas de doutorado, em especial Jomário Pereira e Serge Katembera, por ouvirem minhas angústias de pesquisadora. À UFPB e à Capes pela remuneração através da bolsa de estudos (2016-2020) que garantiu a minha dedicação exclusiva a este trabalho durante quatro anos.

Ao meu companheiro e esposo, Raoni Venancio, por ter sido incondicional nos momentos da pesquisa em que mais precisei de apoio, iluminação e conforto. A ele, meu melhor. À minha tia Ana Lúcia (*in memoriam*) cujas últimas palavras para mim foram: estude. Aos meus avós (*in memoriam*) que tão cedo partiram, dedico toda a minha vida acadêmica. Aos meus pais, meus sogros, irmãos, primos e amigos, por sempre terem acreditado que eu conseguiria entregar este trabalho, nos momentos pessoais de dificuldade, nos quais muitas vezes quis que minha vida parasse para eu poder dar prosseguimento à minha pesquisa. A vida não parou e meu trabalho seguiu.

Minha gratidão ao universo e suas forças que me concederam a oportunidade de levar adiante minha vontade de estudar o liberalismo, me colocando no meio dos liberais por inteiro, transformando a minha experiência etnográfica numa aventura cheia de choro, de riso e de muita identificação. A ele, minha alma.

RESUMO

Esta tese estuda as trajetórias de indivíduos jovens que se afirmam liberais, com objetivo de compreender o que é o liberalismo e como se constrói uma identidade política liberal, frequentemente associada ao campo da direita no Brasil. Desse modo, o problema desta pesquisa foi compreender esse tipo de ator juvenil, revelando quais as dimensões afetivas e sociais com as quais ele foi socializado desde a sua infância e que compõem o seu caminho de associação ao liberalismo. Assim, foi percebido que a identidade política liberal dos interlocutores foi construída dentro de um processo socializador a partir de mecanismos adquiridos através de suas famílias, escolas, vizinhanças, universidades e internet. Esta tese parte do pressuposto de que a socialização política acontece de modo sutil no âmbito do privado, uma vez que é tão somente no espaço da convivência em comum e no cotidiano que os indivíduos podem se expressar e agir politicamente (MUXEL, 2014). As trajetórias dos jovens pesquisados apontam para padrões nos sentimentos adquiridos através de suas famílias, amigos ou colégios, em todos eles há um pano de fundo das ideias de uma esquerda progressista e isso foi essencial na socialização das ideias liberais e, posteriormente, na transformação política deles. O que denota que as convicções políticas são negociadas e renegociadas nas relações pessoais (MUXEL, 2014). Esta tese é baseada em pouco mais de dois anos de pesquisa etnográfica em Campina Grande, na Paraíba, e nas entrevistas em profundidade realizadas com cada jovem liberal. A pesquisa empírica teve seu início em junho de 2016, estendendo-se até dezembro de 2018, acompanhando a transição de poder entre a esquerda e a extrema direita, contexto político delicado e marcado por novos arranjos e imprevisibilidades. Contudo, momento significativo para o posicionamento político liberal antifusionista, defendido pelos jovens apresentados nesta tese, que argumentam que os liberais não devem se fundir com os conservadores, pois, ao fazê-lo, abrem mão de seus princípios, que são a liberdade econômica e individual. Desse entendimento, surge entre eles a ideia de “liberal de verdade”, que sustenta uma certa vigilância em relação aos demais, denotando que o liberalismo é um significante em disputa e recentemente, no Brasil, está sendo incorporado por agentes que desafiam o olhar sociológico.

Palavras-chave: socialização política; identidade política; juventude; liberais antifusionistas.

ABSTRACT

This thesis studies the trajectories of young individuals who claim to be liberals, in order to understand what is liberalism and how to build a liberal political identity, often associated with the right wing in Brazil. Thus, the research problem was to understand that type of young agent, revealing the affective and social dimensions with which they were socialized since their childhood and which makes up their path of association with liberalism. Therefore, we realized that the interlocutors' liberal identities were built within a socializing process acquired from their families, schools, neighborhoods, universities and the internet. This thesis assumes that political socialization takes place in a subtle way in the private sphere, since it is only in the space of common living and in everyday life that individuals are able to express themselves and act politically (MUXEL, 2014). The trajectories of the young people surveyed suggest patterns of sentiments acquired from their families, friends, or schools. In all cases, there is to some extent a background of progressive left wing ideas and this was essential in the socialization of liberal ideas and, later, in their political transformation. This denotes that political convictions are negotiated and renegotiated in personal relationships (MUXEL, 2014). This thesis is based on more than two years of ethnographic research in Campina Grande and on in depth interviews with each young liberal. The empirical research started in June 2016 and was extended until December 2018, following the transition of power between the left and the extreme right, a delicate political context marked by new arrangements and unpredictability. However, it was a significant moment for the liberal anti-fusionist political position, defended by young people in this situation, who argue that liberals should not merge with conservatives, because in doing so, they give up their principles, which are economic and individual freedom. From this understanding, the idea of a “true liberal” emerges, which supports a certain vigilance in relation to other self proclaimed liberals, denoting that liberalism is a significant issue in dispute and recently, in Brazil, it is being incorporated by agents that challenge the sociological view.

Keywords: political socialization; political identity; youth; antifusionist liberals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O LIBERALISMO EM DISPUTA	10
Enquanto isso, no Brasil.	14
Um caminho sociológico: objetivos e relevância da pesquisa	18
Giddens e Muxel: principais caminhos teóricos da tese	21
Jovens e liberais	25
Mas afinal, o que é liberalismo?	28
Bacharéis, lacerdistas e antifusionistas: um recorte do liberalismo no Brasil	32
Estrutura da tese	36
CAPÍTULO 1: CAÇANDO OS MITOS: METODOLOGIA DA PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES	38
Primeiros passos: formando uma rede de interlocutores liberais	39
Metodologia: as ferramentas da pesquisa	45
Sendo afetada	51
Os protagonistas da tese: os jovens liberais de Campina Grande	55
<i>Gabriel</i>	55
<i>Toni</i>	57
<i>Sofia</i>	58
<i>Felipe</i>	60
<i>Júlio</i>	61
<i>Tiago</i>	62
<i>Nanda</i>	63
<i>Beto</i>	64
<i>Bia</i>	64
CAPÍTULO 2: SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS LIBERAIS: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA, RELIGIÃO, ESCOLA, UNIVERSIDADE E INTERNET	66
Parte 1: Política e Família	71
<i>Política e Religião</i>	105
Parte 2: Política nas escolas e universidades	116
<i>Política e universidade</i>	136
<i>Política e Internet</i>	151
<i>Afetividades à esquerda</i>	165
<i>Uma rede de liberais por inteiro</i>	168
CAPÍTULO 3: "LIBERAIS POR INTEIRO": IDENTIDADE POLÍTICA E PERCEPÇÕES SOBRE O LIBERALISMO	177

De Tropeiros Libertários a Coletivo Luís Gama: a importância da identidade	180
Parte 1 : Concepções do liberalismo pelos jovens liberais.....	185
<i>Liberdade: uma régua que mede quem é liberal “de verdade”</i>	<i>188</i>
<i>Em defesa das ideias da liberdade</i>	<i>198</i>
Parte 2: “Nem esquerda e nem direita”	207
Parte 3: Liberais antifusionistas	212
Parte 4: o grupo em ação	216
<i>Fórum de Lideranças</i>	<i>218</i>
<i>Conferência Estadual do SFL</i>	<i>224</i>
<i>Café Liberal</i>	<i>238</i>
Parte 5: "Liberais de alma"	249
CONCLUSÃO	253
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	263
APÊNDICE	277

INTRODUÇÃO: O LIBERALISMO EM DISPUTA

Se eu fosse escolher um começo para esta tese, eu diria que ela começa em minhas incursões na internet, em meados de 2014, quando, em meu horário livre, encontrei perfis virtuais de pessoas jovens publicando e compartilhando um material dentro do Facebook e do Twitter, no mínimo curioso, sobre política, mais precisamente sobre liberalismo e um tipo de liberalismo que desafiava a imaginação sociológica. Eles se autodenominavam liberais e traziam consigo críticas à "esquerda", à "direita" e ao "Estado". De algum modo, as críticas que faziam à esquerda criavam um tipo de sintonia entre eu e eles, em razão de críticas particulares que eu carregava comigo, devido à ausência de reformas estruturais que, eu acreditava, poderiam ter sido implementadas pela esquerda, que ocupou a cadeira presidencial pelo menos desde 2003 até 2016, se forem considerados (apenas) os três governos do Partido dos Trabalhadores (PT)¹.

Em 2014, os smartphones começavam a chegar às prateleiras das lojas brasileiras sob os mais variados preços, dos mais caros aos mais pobres em recursos tecnológicos, porém, todos aptos a exercer a mais primordial de suas funções: acessar as mídias sociais. Ou melhor: conectar o indivíduo às suas mídias e à internet, fazendo com que ele produza e compartilhe conteúdo de forma aleatória e instantânea. Nesse mesmo ano, eu havia iniciado a minha pesquisa de mestrado em Ciências Sociais, que versava sobre juventude, consumo e identidade (SALLES, 2016), desse modo, essas observações eram feitas em meu horário livre e foram se acumulando por quase dois anos, sem que eu pudesse, naquele momento, dar vazão à minha curiosidade sociológica.

Entretanto, pude perceber que o discurso e a forma de atuação daqueles jovens "liberais" era inexistente dentro da produção acadêmica, logo, aquela era uma oportunidade de pesquisa para um doutorado, em razão de que havia uma impressão superficial e ainda não sociológica sobre o que eram esses tipos de indivíduos jovens que protagonizavam discursos políticos, e aqui me refiro aos jovens do tipo liberais que serão apresentados neste trabalho. Apesar de eles terem surgido no contexto político e social juntamente com outros movimentos, como o MBL (Movimento Brasil Livre), que surge a partir de 2015 e protagonizava um discurso afinado com

¹ Touraine (1999) defende que os governos de Fernando Henrique Cardoso do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de 1995-2002, podem ser localizados no campo da centro esquerda. Em contrapartida, os jovens que fizeram parte desta pesquisa acreditam que FCH é de esquerda. Percepção que se adequa à forma com que Fernando Henrique percebe a si mesmo: "**Sou de esquerda mas ninguém acredita**": <https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/116654456/sou-de-esquerda-mas-ninguem-acredita-diz-fhcl> Essa situação particular mostra como essas classificações estão em disputa (constante) dentro do campo político.

a direita e com o liberalismo, os indivíduos liberais que eu observava curiosamente não se reconheciam em movimentos como o do MBL.

Nesse sentido, eu me perguntava quais seriam as dimensões sociais e afetivas carregadas por eles, que empregavam, por fim, a qualidade de suas performances, de jovens que discutem e têm opiniões políticas liberais, mas que, contudo, dentro do movimento liberal que ressurgia no Brasil, se destacavam de outros que, assim como eles, também se diziam “liberais”.

É relevante expor que a minha curiosidade foi despertada depois que assisti ao clipe² de uma banda considerada liberal, chamada Acadêmicos de Milton Friedman³, que traz no nome uma homenagem ao teórico da escola de economia de Chicago⁴.

Em 2014, a minha internet estava permeada de amigos, familiares e conhecidos expressando opiniões políticas. Aquele era um ano de eleições presidenciais, um ano de disputa entre Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). Esse momento eleitoral elevou o nível de conversas e os ânimos de membros da minha rede pessoal do Facebook e do Twitter. Quem compartilhou o vídeoclipe da Acadêmicos de Milton Friedman foi um de meus amigos virtuais, realmente não tenho a menor lembrança de quem tenha sido, tamanha é a aleatoriedade do veículo internet. Cliquei sem muitas pretensões, apenas havia me chamado a atenção o nome da banda que ainda não conhecia e, particularmente, gosto de atualizar a minha biblioteca musical e ouvir músicas diferentes ou novas. Desconfio também que o visual *hipster*⁵ dos integrantes da banda certamente chamou a minha atenção. Contudo, aquela novidade não iria exatamente para o meu acervo musical, só que eu ainda não sabia. O clipe, aparentemente improvisado, exibia um pessoal com um visual descolado, cantando e tocando um samba debochando de tudo aquilo em que eu acreditava: passe livre, meia entrada para filmes, PIB para educação e “direitos conquistados”. Confira a letra da canção a seguir:

² Confira: <https://www.Youtube.com/watch?v=pwX31W8UZE&t=84s> .

³ Banda que compõe canções que discutem política e liberalismo, liderada por dois jovens brasileiros estudantes de música em Boston (EUA). A menção a “Acadêmicos de Milton Friedman” é uma piscadela com o nome de muitas escolas de samba no Brasil (Acadêmicos de...) e com o fato de os autores serem, eles próprios, acadêmicos, no sentido de estudantes universitários.

⁴ A referência mais próxima do Brasil é a atuação dos “chicago boys”, economistas chilenos que trabalharam no governo/ditadura de Pinochet (de 1970 até 1990), no Chile, fizeram pós graduação na escola de economia de Chicago (EUA) e tinham como mestre o liberal norte americano Milton Friedman.

⁵ Para saber mais sobre a cultura hipster: *HIPSTERS, Elits simbòliques del capitalisme*, Treballs Finals del Grau de Sociologia, Facultat d'Economia i Empresa, Universitat de Barcelona. Disponível em <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/106617/1/TFG-SOC-Gornés-Anna-setembre16.pdf> Ou ainda: ZEPEDA, Horacio Espinoza. *Hipster: la lógica de la Cultura urbana bajo el Capitalismo*. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. XXIII, núm. 46, 2017 Universidad de Colima, México.

O estudante tá querendo passe livre pra poder passear
Tá querendo meia entrada pra assistir o filme do Godard
Quer 10% da Pilhagem Interna Bruta pra educação
E de bureau em bureau a grana vai escorrendo pelo ralo
Daí vem a conta do direito conquistado (refrão)
E o cidadão será roubado (refrão)
O concurseiro tá sonhando com a famosa estabilidade
Fica sentado o dia inteiro decorando trivialidades
Mal sabe ele que o patrão já anda 2 trilhões endividado
Só quer saber do Honda superfaturado na sua garagem
(Refrão)
O professor tá revoltado se sentindo desvalorizado
Mais uma greve está sendo preparada pelo sindicato
Ele se sente encarregado do futuro da nossa nação
Mas da sua sala saem idiotas úteis doutrinados
(refrão)
E vem atleta, vem artista, cineasta, Eike Batista e o doutor
o taxista, o advogado, o jornalista e o agricultor
E o político vai anotando
E o nosso bolso vai esvaziando
E logo mais vão exigir licença pra fazer cocô
(refrão)
Ahhhh... San Bastiat!
É todo mundo querendo viver às custas do estado
E o estado vivendo às custas de todos
É o Brasilex... o Brasilex Free! (4 vezes)

Durante a exibição do clipe, lembro de ter soltado um riso confuso e ao mesmo tempo constrangido para mim mesma. Eu fiquei realmente intrigada com as críticas em forma de samba. Aquelas pessoas defendiam um ponto de vista no mínimo diferente do meu e eu desconfiei que era justamente por isso que eu me senti atraída por eles: havia algo curioso naquele grupo de indivíduos.

A partir dali, os liberais passaram a ser um ponto de interrogação para mim. Dois anos depois, em 2016, se tornaram objeto de pesquisa para o doutorado em Sociologia. No meu círculo íntimo de amigadas, havia comentários jocosos sobre os jovens que seriam objeto da minha investigação. É importante destacar que esses comentários refletiam o contexto de

acirramento de conflitos políticos em torno do *impeachment* da presidente Dilma, eleita para seu segundo mandato, em 2014, e afastada do cargo em 2016.

No período que antecedeu o *impeachment*, 2015, houve manifestações em cidades do sul, sudeste e algumas poucas do norte e do nordeste, essas mobilizações incitaram pesquisadores que saíram em busca de analisar e compreender o ressurgimento da direita ou ainda o surgimento de uma "nova direita" (CÊPEDA, 2018; SANTOS; TANSCHKEIT, 2019; GONÇALVES, 2017; CANCIAN; MALINI, 2018). Entretanto, tendo a concordar com Fernandes e Messenberg (2018), e pondero, também, que a direita brasileira, em parte, continua a ser uma "grande incógnita" às pesquisas sociológicas, e o fato de em "tempos em tempos" existir uma associação da sua manifestação política como "nova", talvez denote que não tenha sido feito o acompanhamento de seu desenvolvimento, de suas dimensões e de suas implicações práticas e cotidianas, e, desse modo, haja uma surpresa, quase sempre, quando a direita protagoniza mobilizações políticas. É preciso o aprofundamento sociológico do que significa o pertencimento à direita e de sua "gestação silenciosa" para que, só assim, o irrompimento de movimentos da direita não tome desprevenidamente os cientistas sociais (FERNANDES; MESSEMBERG, 2018).

Em contrapartida, estudando a dinâmica dos partidos políticos no Brasil e na América Latina, mais especificamente da direita tradicional e da "nova direita", Codato, Bolognesi e Roeder (2015) perceberam que a "nova direita" no continente latino americano é um posicionamento político que mantém elementos da "velha direita", como a defesa do capitalismo e dos princípios morais, todavia, os pesquisadores apontaram que há uma renovação ideológica que justificaria o uso do termo "nova" direita, que seria o reconhecimento, por parte dela, das "vantagens" das políticas sociais implementadas por governos de esquerda, além da desvinculação dos regimes militares apoiados pela "velha direita". Contudo, Codato, Bolognesi e Roeder (2015) reconhecem que há um vasto campo de pesquisa a ser explorado no tocante às práticas e às posições políticas dos partidos e políticos das direitas. Logo, é necessário empenho e dedicação no estudo das direitas, brasileira e latino americana, no intuito de identificar e especificar os "vários matizes" das posições ideológicas desse "campo conservador" vasto e heterogêneo (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER; 2015).

No campo da presente pesquisa, o irrompimento de uma direita que estava incubada fez também com que os ânimos ficassem acirrados, abrindo espaços para a construção dos rótulos, como "*coxinha*", "*petralha*" e "*golpista*". Estes, por sua vez, foram sustentados por padrões de julgamentos formados a partir dos grupos sociais e políticos que se enfrentavam na época, certamente, um interessante laboratório de análise sociológica. No tocante à minha pesquisa, o

clima que se configurou só ajudava a fomentar a impressão que os mais próximos a mim nutriam: a de que os liberais eram "golpistas de direita".

De longe, o desavisado poderia até pensar que todo aquele movimento político de contestação do governo da presidente Dilma Rousseff era homogêneo, entretanto, àquela altura, eu já tinha uma mínima noção desse movimento e das ideias políticas trazidas por ele e, eu sabia, elas poderiam ser tudo, menos homogêneas. Aliás, eu desconfiava, também, que o momento do *impeachment* era oportuno para a convergência de variados tipos de sujeitos políticos carregando interesses diversos, que anos depois se mostrariam até mesmo conflitantes. A aposta que fazia era a de que tudo ficaria mais claro depois do *impeachment* e, a partir das eleições presidenciais em 2018, onde as preferências políticas e as diferenças que existiam entre liberais e conservadores, por exemplo, que foram abafadas no *impeachment*, logo mais ficariam evidentes.

Enquanto isso, no Brasil.

A pesquisa empírica acontece pós-impeachment da presidente Dilma Rousseff e atravessa uma série de acontecimentos no âmbito político que destacarei agora, rapidamente, para que o leitor se situe um pouco sobre o que acontecia no cenário macro da pesquisa. Com isso, a subida da direita ao poder, com Michel Temer (MDB), vice presidente de Dilma, seguida pelo escândalo de Joesley Batista, envolvendo o próprio Temer, depois o assassinato da socióloga e vereadora Marielle Franco (PSOL), a prisão do ex presidente Lula (PT) e finalmente a eleição da extrema direita, com Jair Messias Bolsonaro (sem partido)⁶, configuram um contexto diverso, em alguns momentos delicado e, no geral, demasiado complexo.

Com Michel Temer no poder, os ânimos da imprensa corporativa e especializada em economia e política se acalmaram, afinal, o liberal Henrique Meirelles (MDB), ex presidente do Banco Central nos governos Lula, estava no comando do Ministério da Economia. Em parte, a imprensa corporativa tentava convencer que tirar Dilma foi o melhor negócio para a economia voltar a andar. Entretanto, poucos atentaram para o que estava se desenhando no ambiente político, dentre esses poucos, parte da esquerda que permaneceu com o PT e com Lula. Na realidade, Schwarcz e Starling (2015) sugerem que os sinais para o impeachment de Dilma

⁶ Depois de eleito presidente da República, em outubro de 2018, Jair Bolsonaro abandona o PSL (Partido Social Liberal) em novembro de 2019. Desde então, ele está sem partido, tentando criar o "Aliança pelo Brasil", de sigla número 38, todavia, até este momento, outubro de 2020, ele ainda não conseguiu porque não tem número o suficiente de assinaturas (dois milhões) para fundar um partido.

foram dados já no primeiro governo dela, quando escolhe Guido Mantega como seu ministro da Economia e adota uma política econômica contrária ao que vinha sendo realizado desde Fernando Henrique Cardoso, sendo ampliado por Lula e retrocedido em Dilma, a partir de 2012. A “nova matriz econômica” apostava no desenvolvimento financeiro do país através do ativismo estatal, usando os subsídios do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), beneficiando empresas selecionadas pelo governo, controlando ainda a abertura para o capital estrangeiro, a fim de proteger o produto nacional e desonerando empresários e cidadãos com política de redução das taxas de juros; o final dessa escolha, em 2015, foi inflação a 14,25% ao ano, levando o país à recessão econômica, com isso, a possibilidade da volta descontrolada da inflação assustou a classe média, que estava começando a se acostumar com a estabilidade da moeda e o controle financeiro de suas vidas (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Portanto, Michel Temer no poder criava um pouco a certeza de que a economia poderia voltar a dar sinais de controle e de estabilidade.

Porém, a lua de mel com Michel Temer não iria durar muito, e a ponte para um futuro iria ruir aos poucos com a impossibilidade de ele conseguir fazer as reformas como os economistas ortodoxos gostariam. Em maio de 2017, a imprensa teve acesso à delação premiada de Joesley Batista em que implicava diretamente o presidente da república Michel Temer, como consequência, a popularidade de Temer, que já não era boa, despencou sem volta⁷. Apesar disto, Temer conseguiu a aprovação de parte do Congresso Nacional e emplacou o pacote de ajuste fiscal, através da "PEC do teto dos gastos", que congelou os investimentos públicos por até 20 anos, também conhecida como "PEC do fim do mundo"⁸. As reformas trabalhista, tributária e previdenciária, certamente eram esperadas por economistas liberais, porém, apenas a primeira conseguiu ser emplacada por Temer, apesar do apoio encontrado pelo governo na mídia corporativa, que ajudava a vender o discurso alarmista de que sem essas reformas o país entraria numa recessão “nunca antes vista”.

Foi mesmo a partir de 2018 que o campo da pesquisa começou a ficar mais intenso, já em fevereiro o governo municipal da cidade do Rio de Janeiro pediu ao governo federal uma

⁷ Confira reportagens sobre popularidade governo Temer: **Temer bate próprio recorde e é o presidente mais rejeitado da história** <https://veja.abril.com.br/politica/temer-bate-proprio-recorde-e-e-o-presidente-mais-rejeitado-da-historia/> **Popularidade de Temer tem 3% de aprovação, diz pesquisa CNI/Ibope:** <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-09/popularidade-de-temer-tem-3-de-aprovacao-diz-pesquisa-cniibope> **Ibope mostra que 85% dos brasileiros desaprovam governo Temer:** <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/ibope-mostra-que-85-dos-brasileiros-desaprovam-governo-temer-9-aprovam,27a6bba6c83c7f9e2ff1c490f8b04658qmn505yf.html>

⁸ Para outras informações: "Entenda o que é a PEC 241 (ou 55) e como ela pode afetar a sua vida": https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html ou ainda "Aquela PEC era mesmo o fim do mundo": <https://veja.abril.com.br/blog/marcos-emilio-gomes/aquela-pec-era-mesmo-do-fim-do-mundo/>

intervenção militar para ajudar a manter o controle da cidade, há muitas décadas em guerra com o tráfico de drogas e o crime que tem se mantido organizado. Os jovens liberais de Campina Grande, que serão apresentados ao leitor no capítulo 1, se posicionaram contra a intervenção. Essa situação deixaria mais clara as heterogeneidades e também os posicionamentos políticos presentes no campo da pesquisa e isso ficará mais visível à medida em que o leitor dê continuidade à apreciação deste estudo.

Semanas depois do início da intervenção militar no Rio de Janeiro, em março de 2018, a socióloga e vereadora de esquerda, Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), é assassinada com quatro tiros na cabeça, em pleno centro da capital carioca, antiga sede do governo do Brasil. Anderson, amigo de Marielle, que no momento lhe prestava serviço como motorista, também foi morto com três tiros nas costas. As investigações, até este momento, outubro de 2020, ainda não estão concluídas, mas há fortes indícios de crime por motivações políticas. A morte brutal de Marielle, que dava os primeiros passos na carreira política, abalou o ambiente da pesquisa, conservadores e liberais travaram batalhas entre eles dentro da internet. Malgrado a barbaridade deste acontecimento, o campo da pesquisa ficava cada vez mais significativo, pois emergiam as significativas diferenças entre liberais e conservadores.

Contudo, estava se sedimentando também o terreno para as eleições presidenciais, pois, em abril, o ex presidente Lula seria finalmente preso e levado para Curitiba.

No entendimento de Almeida (2018), a prisão do ex-presidente Lula está ligada a uma complexidade de situações que objetivavam atacar os direitos dos trabalhadores e das classes populares, essa investida reacionária representaria o retrocesso na garantia das liberdades e direitos constitucionais adquiridos pela sociedade nas últimas décadas, traduzido em medidas como: a reforma da previdência, a reforma trabalhista, o corte nos investimentos sociais, o fortalecimento do agronegócio, diminuição das verbas universitárias, o avanço da interferência religiosa, as reorientações educacionais, históricas e ideológicas e "tantas outras" determinações. Nesse sentido, foi preciso atingir os mecanismos e instrumentos de organização política da esquerda para que não houvesse fortes contraposições às forças que estavam atuando (ALMEIDA, 2018).

Souza (2019) sugere que a prisão de Lula, em abril de 2018, na realidade pode ser considerada como o primeiro ato que abre a campanha para presidente da república naquele ano, seria uma antecipação do clima eleitoral, em razão de que o "perfil midiático" de Lula fez com que a notícia começasse a repercutir na imprensa meses antes, forçando a criação de uma agenda, quando ainda era investigado, em 2017, se arrastando até o momento de sua prisão, em

abril de 2018, ponto inicial da corrida eleitoral, agora sem Lula para concorrer, na percepção da pesquisadora.

A antecipação dessa agenda eleitoral com a prisão de Lula (SOUZA, 2019) parece fazer parte da atuação das forças que queriam o retrocesso dos avanços sociais, enfraquecendo a esquerda, conforme indica Almeida (2018).

No campo da pesquisa, na medida em que o tempo passava, o inevitável incidia sobre ele.

Em setembro de 2018, em plena campanha eleitoral para a escolha do presidente, o então candidato Jair Bolsonaro sofre o fatídico atentado à faca, no centro de Juiz de Fora, Minas Gerais. Esse fato retira Bolsonaro dos debates e impede que o país analise posturas, discursos e convicções do candidato a partir da comparação com seus oponentes, com isso, o país segue no rumo de assinar um cheque em branco para Jair Bolsonaro e o controvertido público que lhe seguia. Semanas depois, em outubro de 2018, com pouco mais de cinquenta e cinco por cento dos votos válidos, Jair Bolsonaro e sua controversa agenda “liberal conservadora” chegam ao governo do Brasil e ocupam o centro do poder nacional.

Em pesquisa para compreender o comportamento político e social da nova direita no Brasil, Kalil (2018) aponta uma multiplicidade de perfis de eleitores de Jair Bolsonaro e descreve como o então candidato atuou na internet para segmentar informações relevantes para o heterogêneo público que lhe elegeu em 2018. Com isso, Kalil (2018) indica que na eleição não há um eleitorado específico para Bolsonaro que possa, ao mesmo tempo, ser contemplado como um grupo social de interesses homogêneos, devido às heterogeneidades encontradas em campo, denotando que Jair Bolsonaro conseguiu, ao longo de sua campanha, reunir um público bastante diversificado. A pesquisa coordenada por Kalil (2018) aponta o “cidadão de bem” como figura central da campanha de Bolsonaro, ele funcionaria como um repositório de conceitos anticorrupção, anticomunismo, contra a “ideologia de gênero”, pela liberdade religiosa e contra as esquerdas. Entretanto, a pesquisa salienta que perfis atacados pelo candidato, como mulheres, gays e indígenas, passaram a ser alvo na comunicação bolsonarista como forma de atraí-los para seu secto. Não por acaso, na trajetória do bolsonarismo é possível encontrar mulheres feministas, negros, gays e até mesmo índios se afirmando como conservadores ou de direita, mesmo que representem uma minoria diante de seu maior público, formado por homens escolarizados e de renda alta. Dessa maneira, o público eleitor de Jair Bolsonaro pode ser considerado como uma força heterogênea, difusa e de complexo entendimento (KALIL, 2018).

De acordo com Santos e Tanscheit (2019), a “direita moderada” ou “centro direita” adotou a estratégia em 2016 de retirar a esquerda do governo central do país como um “atalho” para ela se alçar e permanecer no poder. Entretanto, a “direita radical” ou extrema direita acabou se sobrepondo aos planos dela, em razão da tradição autoritária do Estado que se estende à sociedade brasileira. Além disso, nas últimas três décadas houve uma mudança na forma de a justiça atuar, caracterizada como “ativismo judicial”, e ela é indispensável no entendimento da ascensão da extrema direita, pois, por intermédio do judiciário, diversas ações da justiça terão impacto na política, e a principal beneficiária disso será a extrema direita (SANTOS; TANSCHHEIT, 2019). Logo, na conclusão dos pesquisadores, a operação Lavajato denunciou vários partidos e políticos nos seus desdobramentos e também teve efeito na impopularidade do governo de centro direita de Michel Temer, implicado nas investigações da Polícia Federal, ajudando a minar o projeto de poder da “direita moderada” e a criar uma percepção negativa para a esquerda, com a prisão do ex presidente Lula. Essas situações envolvendo a justiça irão compor o ambiente de revolta da população, ascendendo a radicalidade e sua principal beneficiada, a extrema direita ou “direita radical” (SANTOS; TANSCHHEIT, 2019).

Consequentemente, o contexto macro político desta pesquisa é marcado por sucessivos acontecimentos inesperados e decisivos para o destino que se cumpriu. Desse modo, a ascensão de uma autodeclarada direita “conservadora”, radical em seus propósitos de desfazer os avanços sociais e políticos conquistados pela sociedade brasileira através da constituição de 1988, tem promovido ataques à democracia liberal, que no Brasil ainda é embrionária, portanto, em fase de consolidação e expansão do entendimento de que ela é necessária para a convivência pacífica entre brasileiros e brasileiras que carregam consigo diferentes visões de mundo e realidades. Para tanto, ela tem apresentado, como estratégia, o ataque às instituições da república, à esquerda e à imprensa, por divulgar as ações do governo que visam dismantlar o Estado democrático de direito. Contudo, também as universidades têm sido foco da extrema direita, por elas serem ambientes de construção de pensamento e espaço para o debate livre de ideias, como o leitor poderá conferir neste trabalho que foi desenvolvido com jovens universitários em Campina Grande. Não obstante esse contexto macro político, no campo da pesquisa havia uma incessante discussão sobre o que seria liberalismo e quem seria de fato liberal.

Um caminho sociológico: objetivos e relevância da pesquisa

No começo da jornada desta investigação, havia muitas suspeitas quanto aos interesses das juventudes que protagonizavam as manifestações pró-impeachment da presidente Dilma

Rousseff. Certamente o irromper de uma direita que havia décadas não provocava manifestações de rua fez pulular tentativas de explicação para esse fenômeno. Em vista disso, ocorria um exagero de generalizações que não deixavam vir à tona a pluralidade existente, os conflitos e as questões que estariam presentes neste fenômeno, denotando, assim, que havia mesmo uma diversidade intrigante e curiosa para as ciências sociais, tornando iminente a necessidade de pesquisas que dessem conta das mais variadas dimensões sociais existentes no caso dos jovens atores políticos, que passaram a manifestar publicamente diferentes opiniões e preferências ideológicas, seja em suas mídias sociais, universidades ou em ruas e avenidas do país. Esta tese pretende dar conta de uma pequena parte deste todo plural e intrigante.

A presente pesquisa foi desenvolvida em Campina Grande, a partir de junho de 2016 até dezembro de 2018, situando-se, deste modo, entre dois marcos importantes na história política recente no Brasil: a saída da esquerda do poder executivo, como consequência do *impeachment* da presidente Dilma, e as eleições presidenciais, em 2018, que elegeram Jair Bolsonaro. A pesquisa teve como sujeitos de investigação jovens que se autoidentificam como liberais, que praticam um liberalismo "antifusionista" e afirmam que não são "nem de esquerda e nem de direita"⁹. Dessa forma, o foco desta investigação é a trajetória de adesão desses jovens até o liberalismo, apresentando, nesse caminho, as concepções liberais que eles têm e que enfatizam em suas relações sociais, uma vez que a pesquisa parte da premissa de que as convicções políticas são construídas, negadas e afirmadas, dentro de um processo que é socialmente microscópico, dentro da realidade de cada um dos indivíduos que sofrem cotidianamente a influência de suas redes pessoais. Logo, a política também é o espaço das afetividades, de encontros e desencontros entre pessoas que compartilham uma mesma maneira de perceber o mundo e a vida em sociedade. Na realidade, a política tem impacto sobre os sentimentos dos indivíduos, sobre as suas almas, suas formas de ser e de se colocar no mundo (MUXEL, 2014).

Portanto, este trabalho chama a atenção para a construção das posições políticas e sociais na contemporaneidade, posições que suscitam dúvidas a respeito do processo de formação das identidades políticas. Nesse sentido, são expostos na tese os mecanismos de construção das percepções e convicções da identidade política liberal dos jovens agentes interlocutores e neles o forte impacto dos afetos e das relações pessoais nas suas experiências políticas e trajetórias de adesão ao liberalismo durante as suas juventudes.

⁹ No capítulo 3, serão expostos detalhes da identidade política liberal apresentada neste estudo.

Foi desse modo que o problema desta pesquisa se tornou compreender esse ator juvenil, que se autointitula liberal, revelando quais as dimensões afetivas e sociais com as quais ele foi socializado desde a sua infância e que compõem o seu caminho de associação ao liberalismo, em meio às condições históricas de transição de poder entre a esquerda e a extrema direita. Como resultado disso, se buscou também traçar um perfil e descrever os percursos dos jovens liberais de Campina Grande, investigando a socialização política deles e estudando a aproximação da ideologia liberal. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, pela qual me integrei a um grupo de jovens liberais paraibanos em Campina Grande, chamado inicialmente de “Tropeiros libertários” e que, meses depois de sua formação, se desfez, dando origem a outro grupo, que passou a se chamar Coletivo Luís Gama, integrado por oito dos nove jovens que contribuíram com o presente trabalho. Desses nove informantes, três são do sexo feminino e seis do sexo masculino. Todos os jovens que participaram da pesquisa são estudantes universitários, sendo oito de universidades públicas e um de faculdade particular. A etnografia foi baseada em observação participante, o que permitiu a minha entrada no universo dos pesquisados, obtendo-se, dessa maneira, um envolvimento em seus grupos de estudo, cafés, eventos e grupos de WhatsApp durante pouco mais de dois anos, traduzidos em aprendizado e em um apurado estudo, permitido, sem dúvida, devido às ferramentas da etnografia.

A etnografia também permitiu que um vínculo afetivo com os pesquisados se desenvolvesse e isso possibilitou o exame de questões que foram registradas nas entrevistas em profundidade, divididas em duas sessões de pouco mais de uma hora com cada jovem interlocutor. Nessas sessões de entrevistas, eles foram estimulados a refletir sobre os primeiros envolvimento com a política, adquiridos em suas infâncias ou adolescências, de modo que eles também puderam reviver e avaliar aspectos de suas famílias, escolas e vizinhanças.

Por conseguinte, a observação participante e as entrevistas em profundidade promoveram o esclarecimento sobre o que pensa o jovem liberal de Campina Grande a respeito de si mesmo e do posicionamento político a que ele aderiu, deixando perceber o sentido do liberalismo para ele, como essa identidade política foi sendo construída e como foi a sua trajetória de adesão até ela. Com isso, a empiria foi a responsável por contemplar o jovem liberal em seu contexto social, e esse exercício, aliado às teorias sociológicas, integram o panorama que aqui será traçado, um panorama social e teórico a respeito dos jovens liberais de Campina Grande.

Em se tratando de sua identidade política, o tipo de jovem apresentado aqui tem como um de seus objetivos esclarecer, seja em suas mídias sociais ou dentro de uma sala de aula, que

ser liberal, na perspectiva dele, não significa ser de “direita”, por exemplo. Afora esse aspecto curioso dessa necessidade que ele tem de esclarecer o seu posicionamento, o fenômeno dos jovens liberais de Campina Grande apresenta a identidade política de um jovem ator que articula ideias auferidas por ele de um tipo de liberalismo que englobaria tanto ideias da esquerda quanto da direita. Então, esse jovem, ao se posicionar como uma outra via, chama a atenção para a construção das posições políticas no âmbito democrático brasileiro. Com isso, o tema que se apresenta nesta tese é relevante e ainda pouco estudado, portanto, merecia ser objeto de uma pesquisa que pudesse trazer uma contribuição interessante para a Sociologia.

Outra contribuição sociológica esperada desta tese é que ela possa lançar luz sobre as imagens estereotipadas que se tem a respeito do posicionamento de jovens não alinhados com as bandeiras da esquerda, e que se aproximaram de um pensamento político de amplo espectro, que parte do liberalismo, passando pelo conservadorismo, podendo chegar até a extrema direita. Portanto, este trabalho cumpre também com o propósito de mostrar, a partir de um estudo aprofundado junto a jovens liberais que se posicionaram favoráveis ao *impeachment* da presidente Dilma, a heterogeneidade e a complexidade do engajamento político juvenil, expondo que, por trás de cada atuação política individual, se esconde um complexo percurso de identificação e de distanciamento de ideias e de posições políticas, e, com isso, uma variedade de escolhas e de arranjos dentro de um mesmo grupo político pode ser vista. Pluralidade que muitas vezes não é percebida na superfície.

Giddens e Muxel: principais caminhos teóricos da tese

A mediação do contato entre o sociólogo e o campo de pesquisa é feita por conceitos teóricos que auxiliam no processo de compreensão dos fenômenos sociais. O estudo da relação do jovem liberal com a política exigiu que fosse traçado um arcabouço teórico que contemplasse a compreensão de dois eixos de análise sociológica: socialização política e identidade política. Na perspectiva aqui adotada, um eixo está conectado ao outro, a identidade política é construída no processo de socialização das ideias, das crenças e dos valores que cada um dos indivíduos carrega consigo.

Desse modo, destaco ainda que esta pesquisa se alinha sociologicamente com a teoria de Giddens (2009) sobre a constituição da sociedade. Nesse sentido, busco compreender os jovens interlocutores da pesquisa como agentes que têm razões para as suas atividades e são capazes de discorrer sobre elas quando questionados.

Apoiado nas ideias da fenomenologia social, do interacionismo simbólico e da etnometodologia, Giddens (1997b) aponta que os indivíduos são “teóricos sociais práticos”, uma vez que constroem a sociedade, portanto, o mundo social, por meio de processos interativos aos quais são cotidianamente expostos. Por conseguinte, o conhecimento prático produzido pelos indivíduos, responsável pelo direcionamento de suas vidas, ganha importância sociológica devido ao seu caráter qualitativo, logo, o senso comum serve como meio de compreensão do mundo social (GIDDENS, 1997b).

Diante da complexidade que emerge da tensão na construção da identidade política desse tipo de jovem, imbricado ao contexto político, às novas tecnologias da informação e à globalização do conteúdo via internet¹⁰, entendo que o sociólogo Anthony Giddens pode contribuir na organização das noções que compõem o fenômeno em questão, através da teoria da estruturação elaborada por ele. Nesse sentido, Giddens (2009) coloca a consciência prática do agente como fator determinante na constituição da sociedade, os indivíduos possuem autonomia dentro da estrutura social através da consciência prática (conhecimento não verbal das regras sociais) e da consciência discursiva (o agente atribui sentido às suas ações e, se questionado, pode discorrer sobre elas). Em Giddens (2009), a agência corresponde à conduta do agente, o poder de escolha dentro de variadas possibilidades, e essa ação não precisa ser intencional, em razão de que ela tem o poder de desencadear uma série de acontecimentos transformadores não desejados pelos agentes e que, portanto, estão fora do controle deles. A agência corresponde à capacidade de o agente tomar uma atitude e ela ser capaz de modificar uma situação mesmo que não tenha sido essa a intenção dele.

Toda ação envolve necessariamente poder no sentido de capacidade transformadora (GIDDENS, 2009), por isso, no entendimento deste trabalho, os jovens são considerados como agentes capazes de tomar atitudes renovadoras.

O aspecto significativo na teoria da estruturação de Giddens (2009) são essas ações que podem ser intencionais ou não, e que, a partir delas, são desencadeados eventos que ocorreram porque alguém agiu de certa maneira. A estrutura, para Giddens, é uma “ordem virtual” de relações sociais com poder transformador e só existe como presença espaço-temporal, pois ela é “meio e resultado da conduta que ela recursivamente organiza” (2009, p.303). O esforço teórico de Giddens buscou desconstruir qualquer dualismo entre indivíduo e estrutura social, pois, ao mesmo tempo em que a estrutura dá as possibilidades de ação dos

¹⁰ Muitos dos relatos de jovens liberais referem-se às ideias compartilhadas entre eles e outros jovens através de blogs, sites e canais de conteúdo virtual nos Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, Holanda e Alemanha.

agentes, ela só existe por meio dessas ações. Assim, é possível considerar que a dinâmica de uma sociedade é configurada por uma realidade objetiva, externa aos indivíduos; entretanto, tal realidade é produzida e reproduzida nas ações individuais. Ao apoiarem o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, os jovens interlocutores da pesquisa não imaginavam que essa manifestação poderia ajudar no despertar de forças que estavam submersas na história do país, como o autoritarismo reacionário, que dois anos depois foi reincorporado pela extrema direita, vitoriosa nas urnas em 2018. Logo, ao mesmo tempo em que fazem uma escolha intencional, os efeitos dessa ação fogem ao controle deles próprios, seguindo o fluxo que é dado pelas forças que atuam dentro da estrutura. Giddens (2009) ressalta que, apesar do arbítrio dos agentes, a imprevisibilidade dos efeitos se dá pelas influências das instituições da sociedade, que guardam em si potências que dão o caráter imprevisível das ações humanas. Quanto mais a ação tomada se afasta dos agentes no tempo e no espaço, mais a imprevisibilidade de seus efeitos pode ser sentida (GIDDENS, 2009).

Nesse sentido, Giddens (2009) pode contribuir na interpretação das implicações das condutas humanas em uma sociedade, ressaltando o caráter virtual (e algumas vezes imprevisível) da estrutura social, que é alimentada pelas ações dos indivíduos e só existe por meio delas, não esquecendo que a atitude humana é carregada de poder e seu sentido é quase sempre transformador, pois a imprevisibilidade contida na própria estrutura virtual de ações individuais emprega o caráter de potência de uma ação e, quanto mais ela se distancia do seu agente no tempo e no espaço, mais os efeitos dessa atitude podem ser percebidos.

Além da contribuição teórica de Anthony Giddens, este estudo também se apoiou nos conceitos da socióloga Anne Muxel, uma vez que esta autora desenvolve pesquisas há pelo menos três décadas sobre como se conformam as identidades políticas dos indivíduos, suas convicções e sistema de valores, bem como seus modos de socialização, dois importantes eixos de análise deste trabalho.

Muxel (2014) parte do pressuposto de que a política define um espaço interessante para a troca e a alteridade dos indivíduos, defendendo que as posições políticas afetam as relações pessoais, fazendo com que as pessoas se comportem de maneira racional, mas também emocional. Essas relações sociais desenvolvidas ao longo da trajetória de cada indivíduo influenciam na concepção e no caráter de suas identidades políticas e nos sentimentos que projetam em relação à política.

Assim como Muxel (2014), acredito que é na intimidade dos agentes, ou seja, em suas relações com familiares e amigos, que as identidades políticas, os valores e as crenças tomam formas, em razão de que é nesses espaços que "a essência e os contornos da politização do

indivíduo são encarnados e negociados” (MUXEL, 2014, p. 2). Existe um processo sutil de transmissão de disposições políticas e/ou sociais que (quase sempre) não é percebido pelos agentes, devido às minúcias construídas, muitas vezes, a partir de elementos aparentemente insignificantes de seus cotidianos.

No caso da juventude, Anne Muxel, em entrevista concedida a Tomizaki e Daniliauskas (2018), relata que essa é uma época da vida que pode ser particularmente marcada pela tensão entre uma herança familiar e a influência de novos contatos adquiridos pelos jovens, seja em espaços como igrejas, colégios ou internet. Nesse sentido a juventude estaria marcada por um “tempo de negociação” de antigos valores, adquiridos em suas infâncias e adolescências, e novos, com os quais os jovens têm contato a partir de relações estabelecidas em espaços como a universidade, por exemplo. É importante destacar também que a transmissão de preferências políticas entre pais e filhos, como aponta Muxel (2014), não acontece de maneira mecânica, automática, mas sim de maneira quase imperceptível através dos sentimentos e das emoções vividas pelos jovens em suas casas, muito mais do que pelos ideais ou convicções defendidos por seus familiares. Na realidade, essa transmissão de convicções e sentimentos em relação à política ocorre de maneira sutil por meio de processos de negociação e renegociação, nos quais há identificações, negações, intercâmbios, mudanças.

Portanto, a partir dos estudos apresentados por Muxel (2014) e de seus relatos expostos em Tomizaki e Daniliauskas (2018), concebo que uma identidade política é construída a partir de elementos racionais e emocionais, adquiridos ao longo da trajetória de indivíduos jovens e/ou velhos. Esses elementos ajudam a formar um conjunto de crenças e de valores particular de cada indivíduo, mas que não deixa de ser revisitado e muitas vezes negociado através de relações pessoais estabelecidas ao longo de suas vidas (MUXEL, 2014; Tomizaki; Daniliauskas, 2018). A política pode ter um impacto profundo na identidade pessoal de cada indivíduo e essa convicção o marca e pertence somente a ele, mesmo que ela esteja direcionada para o coletivo, pois, suas convicções políticas abrangem valores que o ajudam a decodificar e a compreender o mundo exterior, tendo, portanto, poder sobre o seu coração e a sua alma (MUXEL, 2014).

Entretanto, ao trabalhar com socialização política, tive que considerar também o contexto social e cultural em que os interlocutores atuam. Com isso, as abordagens de Giddens (2002) sobre as formas modernas de os indivíduos se relacionarem, e o impacto que isso tem sobre as suas identidades, foi interessante, uma vez que ele destaca o papel que a mídia e as tecnologias da informação e do entretenimento desenvolvem, atualmente, nessas relações. Os indivíduos têm um potencial reflexivo sem precedentes na história da humanidade e assim eles

passam a orientar as suas condutas refletindo sobre a realidade em que vivem, construindo-a e experimentando-a, a partir de novos parâmetros que não são mais apenas locais, mas advindos de experiências e realidades de contextos sociais muitas vezes distantes deles, no tempo e no espaço, com contatos e influências possibilitados por uma configuração moderna e tecnológica da vida humana (GIDDENS, 2002). Portanto, ao adotarem certas práticas, opiniões ou condutas, os indivíduos contribuem e promovem influências sociais que passam a ser globais em suas consequências e implicações (GIDDENS, 2002).

Numa perspectiva sociológica, a globalização e seus efeitos levantam questões sobre o que é criação social e o que é reprodução social, ou seja, o que pode ser considerado original na prática dos indivíduos e o que é repetição de algo que viram. Então, o que poderia ser considerado original nas práticas de liberais como os jovens pesquisados? Giddens (1996) avalia que a estrutura social, por ser alimentada pelas práticas humanas através da história, tem um caráter de reconstituição, de modo que, em algum nível, as ações dos agentes são recombinações a partir do que está dado. Assim, é possível pensar que as ações desenvolvidas pelos jovens liberais de Campina Grande ocorrem a partir da atuação de indivíduos liberais avaliados por eles, ou seja, eles estão atuando a partir do que está posto no espaço político, e, nesse sentido, atuam (também) para se diferenciar de outros atores que se afirmam como liberais. Com isso, os jovens apresentados nesta tese carregam uma atitude liberal que no Brasil pode ser considerada original, como o leitor poderá perceber através deste estudo.

Jovens e liberais

Os sentidos do *ser jovem* são construídos socialmente sempre em relação à sociedade e ao poder de atuação dos agentes dispersos em contextos distintos. Os estudos contemporâneos sobre juventude pressupõem que a experiência juvenil não é única e exclusivamente um fenômeno simplesmente geracional, contudo, promove uma identificação e motiva o jovem a fazer parte de grupos sociais e culturais particulares. Os jovens, nesse ponto de vista, passam a ser percebidos através das suas experiências reais de vida e classificados de acordo com a posição que ocupam na sociedade. Assim, não se fala mais em juventude de forma genérica, abstrata, mas sim das múltiplas identidades que permeiam a *juventude*, ou seja, busca-se hoje falar de *juventudes*, todavia, sem perder de vista a ideia de uma linguagem geracional (CARDOSO; SAMPAIO, 1995).

De fato, há uma *condição* juvenil que é vivida de acordo com situações singulares (ABRAMO, 2005), sendo assim, marcadores sociais como gênero, classe, etnia e orientação

política, por exemplo, incidem no processo de construção da identidade de jovens, de maneira particular. Por isso, ao falar de juventude, essas categorias de análise participam do processo de definição desse jovem em relação aos outros indivíduos também jovens e em relação ao contexto social no qual se insere. Portanto, a pesquisa pretende dar conta de um tipo de jovem, um estudante universitário que define a si mesmo como "liberal", de certo que essa visão que ele tem de si também é construída socialmente.

Nesse sentido, a juventude não é um todo significativo, ela se manifesta de forma desigual e amplamente variável dentro de uma mesma sociedade. Pode acontecer em alguns estudos de a juventude ser avaliada como mero signo, uma construção cultural, em parte desvinculada da história e da política, é até mesmo frequente o enfoque no aspecto significativo da juventude (MARGULIS; URRESTI, 1996). Entretanto, a juventude como categoria socialmente constituída tem uma dimensão simbólica que deve ser analisada através de outras dimensões, como a material, histórica e política (MARGULIS; URRESTI, 1996). Em vista disso, a juventude aparece como meio de análise das transformações de uma sociedade, pois a perspectiva geracional se alia a essa categoria de análise e, assim, é possível observar o conjunto de valores e de significância que o tempo tem para um determinado grupo de indivíduos.

No percurso da história as juventudes se movem, contraditoriamente, por meio de processos de institucionalização e de autonomia dos jovens (GROPPO, 2016). Assim, as transições juvenis não são lineares, mas dialéticas, uma se contrapõe à outra e produz o tempo todo novas condutas juvenis (GROPPO, 2016). Desse modo, o indivíduo jovem na contemporaneidade é considerado como um agente com potencialidades de transformação do social, porém, a natureza qualitativa dessas ações varia conforme o contexto histórico e político, e principalmente de acordo com as especificidades às quais o jovem se conecta. Logo, o olhar sociológico de quem estuda as juventudes deve também estar atento a essas contradições que as compõem, sem que, com isso, se perca de vista o protagonismo dos indivíduos jovens em seus contextos.

Contemplar o jovem como ator social privilegia o falar e o agir desse tipo de indivíduo, por encará-lo como vetor de transformação, considerando-o como autônomo e capaz de tomar decisões. Para Groppo (2016), essa perspectiva é positiva, porém apresenta complicações se tomada de forma acrítica, como um paradigma, por aqueles que estudam as juventudes.

Ademais, é preciso levar em conta que, em sua fase jovem, o indivíduo pode se chocar com a disposição social do mundo em que vive, se contrapondo a ele e criando formas de contestação (MANNHEIM, 1982). Todavia é preciso perceber que, nas sociedades modernas, as juventudes são elementos de lutas políticas que contribuem para o domínio de determinados

grupos sociais, mas também são componentes de lutas contra esses domínios (GROPPO, 2016). Nesse sentido, as juventudes se contradizem e se complementam, pois há uma dialética entre elas, na qual, ao mesmo tempo em que é possível haver jovens que lutam para a consolidação de um determinado poder, há outros que se opõem e que lutam contra o fortalecimento desse controle. Essa dialética evidencia que a cultura juvenil é ambígua, podendo se revelar progressista ou regressiva, na tentativa de os jovens incorporarem o conjunto de valores da sociedade (GROPPO, 2016).

Na perspectiva sociológica desta tese, o processo de socialização política do jovem liberal de Campina Grande é bastante significativo e por isso mesmo considerado neste estudo para compreender a identidade política liberal, que em grande medida é construída a partir das relações sociais desenvolvidas por esses jovens. Desse modo, a família, as escolas e os colégios, a universidade e a internet, são espaços onde os jovens são incitados a interagir e a desenvolver atitudes e capacidades frente às situações que lhes ocorrem. Essas sociabilidades foram reativadas através da memória dos jovens interlocutores, o que permitiu a reflexão sobre as principais instituições que lhes proporcionaram oportunidades de aprendizagens, enfrentamentos e solidariedades que moldaram as suas identidades políticas.

Ao que tudo indica, os jovens que se afirmam como liberais estão hoje onde os liberais de antes não estavam: nas universidades públicas e privadas. Aliás, eles têm fortes recursos digitais e o poder de agregar e de multiplicar instantaneamente devido às ferramentas do tempo em que vivem. E o fato de estarem em situação de ensino superior denota a democratização desse tipo de educação no Brasil, uma significativa diferença da geração deles em relação às anteriores. E aqui estou falando de geração no sentido amplo do termo, para ser mais específica, de jovens urbanos que nasceram a partir dos anos 90 e que têm hoje condições mais favoráveis de cursar uma graduação, situação em que se enquadram os jovens liberais de Campina Grande.

Os jovens brasileiros que hoje podem ter acesso às universidades são resultado das políticas públicas empreendidas a partir de 2003, em que houve um esforço por parte do governo federal em democratizar o acesso ao ensino superior. É possível dizer que o país hoje colhe os frutos desse investimento. Como Marshall (1967) enfatizou em conferência proferida em Cambridge, em 1949, a educação é pré-requisito para a cidadania e liberdade civil, combinando um direito individual ao dever público, imprescindível para a construção das democracias e liberdades políticas.

As instituições de ensino superior são espaços de construção das identidades políticas apresentadas pelos jovens de Campina Grande e um espaço para eles socializarem e construir também as suas identidades juvenis. A chegada à universidade marca a percepção de todos os

jovens ouvidos na pesquisa, uma vez que foi a partir daí que eles puderam amadurecer as suas escolhas ideológicas no contato que estabeleceram com outros jovens e através das afetividades que construíram a partir destes encontros. Esse fato, associado ao uso das tecnologias da informação, emprega um caráter recente ao fenômeno do liberalismo no Brasil.

A pluralidade presente hoje nas universidades brasileiras reforça a percepção de Abramo (2005), que defende que o campo de experiências juvenil, além de motivar a formação de suas identidades, por se caracterizar como um espaço livre para expressão dos jovens, também estimula a articulação desses agentes, criando assim ações coletivas que podem vir a desencadear processos de mobilização política (ABRAMO, 2005). O que não é percebido, muitas vezes, é que os espaços de experiências juvenis são necessários para a concepção da identidade do jovem e até mesmo um meio para que ele assegure para si uma proteção às investidas socializantes a que estão submetidos em outros contextos sociais, como o de suas famílias, por exemplo (PAIS, 2003).

A comunicação entre os jovens liberais de Campina Grande acontece de um para o outro, sem hierarquia. Eles mesmos regulam as suas próprias mídias, bem como têm decidido que tipo de conteúdo acessar dentro do espaço virtual da internet. Inclusive, Lévy (1999) defende que o espaço virtual da internet se origina e se fundamenta através da dinâmica social liderada pela juventude urbana. Nessa ótica, o espaço social da internet configura-se como mais uma agência de socialização dos jovens (NOVAES, 2006). Na realidade, os jovens liberais de Campina Grande têm, nos dias atuais, outros tipos de recursos, pois, com o acesso à internet e ao ensino superior, eles podem ter contato com diferentes ideologias, autores e influenciadores, além de poder editar conteúdos e compartilhar com outros jovens. É, sem dúvida, um momento no Brasil sem precedentes e que necessita de muito esforço por parte dos cientistas sociais, na tentativa de dar conta dessa pluralidade presente hoje, tanto no espaço da internet, como também nas instituições de ensino superior do país.

Ao aliar o advento dos smartphones à democratização do ensino superior no Brasil, é possível observar um caldo cultural instigante de novas ações sociais e políticas e, com isso, o surgimento de novos enunciados políticos e de, inevitavelmente, uma ressignificação das práticas e dos discursos políticos. Contudo, o caráter qualitativo desses novos enunciados ainda está sendo devidamente analisado por pesquisadores, na tentativa de apreender o sentido desses discursos, ações, e as suas implicações na sociedade.

Mas afinal, o que é liberalismo?

É interessante deixar claro para o leitor que não é minha intenção fazer uma discussão sobre liberalismo enquanto teoria política, mas apenas apresentar, em linhas muito gerais, aspectos da história desta corrente política e de seu percurso no Brasil para que o leitor não familiarizado com ela possa ter uma noção aproximada do que seria liberalismo para os jovens desta pesquisa. A tese dará prioridade aos significados que os interlocutores atribuem ao liberalismo e ao lugar que essa filosofia política ocupa em suas trajetórias e identidade política¹¹.

Rosanvallon (2002) sinaliza que uma manifestação teórica sobre o liberalismo ainda permanece indefinida e opaca. Não há uma definição clara, que seja ao mesmo tempo comum, e que consiga determinar as evidências históricas que se tem sobre liberalismo. Além disso, encará-lo como uma manifestação apenas da liberdade sob os seus mais variados aspectos, não seria muito esclarecedor, já que deixa de fora o caráter ambíguo de suas implicações, uma vez que o termo "liberal", nos Estados Unidos, remete à esquerda, e em outros países, como a França e o Brasil, remete à direita (ROSANVALLON, 2002).

Merquior (2014, p. 36) comenta que o termo “liberal” no Brasil dos anos 90 para muitos soava como um “palavrão”, logo, assumir-se liberal não era a coisa mais comum naquela época. Hoje em dia, está até mais frequente ouvir alguém dizer que é liberal e há até mesmo alguns políticos que estão adequando os seus programas eleitorais a ideias mais liberais¹². Há também um partido recém criado que se declara alinhado ao liberalismo¹³, apesar de não ser visto como liberal por alguns liberais, que percebem-no como um partido de centro direita e, em alguns casos, de conotações conservadoras.

¹¹ Para quem deseja se informar mais sobre o histórico do liberalismo no Brasil, recomendo a leitura das seguintes obras: MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo antigo e moderno**. 3ed. São Paulo: É realizações Editora, 2014. Ou ainda: FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 5ed. São Paulo: Globo, 2012. Ou ainda: CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946**. (Tese). Instituto de Estudos Sociais e Políticos. Ciência Política. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015. E mais: PAIM, Antonio. **A História do liberalismo brasileiro**. 2ed. São Paulo: LVM, 2018. E também: PAIM, Antonio. **O liberalismo contemporâneo**. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2000. Para uma leitura sobre a atuação de grupos e ativistas do liberalismo no Brasil no começo do século 21, ver: BARBIERI, Alexia Oliveira. **A nova onda liberal: uma análise antropológica do protagonismo e engajamento pró-liberalismo no Brasil contemporâneo**. (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Antropologia Social. Porto Alegre, 2018.

¹² Apesar da negativa por parte dos jovens liberais que participam da pesquisa em reconhecer esses políticos como genuinamente liberais, eles aceitam que há uma ou outra proposta política formulada por eles que pode ser considerada liberal. Entretanto, entre os atores políticos que disputam cargos eletivos, Bolsonaro é considerado o mais distante do liberalismo. À frente dele, por exemplo, aparecem Fábio Ostermann (NOVO/RS) e Tiago Mitraud (NOVO/MG), esses poderiam ser considerados mais próximos dos liberais apresentados aqui.

¹³ Partido Novo (30), fundado em fevereiro de 2011. Para outros detalhes ver: <https://novo.org.br/>

Na realidade, se havia um mal estar em relação ao liberalismo, como se ressentido Merquior (2014), ele parece estar se dissipando com as recentes mudanças na ambiência política, bem como com o acesso à informação globalizada e à produção e disseminação de conteúdo liberal promovido pela internet. Assim, essa vertente política pode estar, aos poucos, engajando pessoas nos mais diferentes contextos sociais. O que sinaliza a emergência de se estudar no Brasil o liberalismo e suas variadas formas de expressão política.

O liberalismo tem como antepassado direto o *jusnaturalismo*, que surge por volta do século XVI e compreende que todos os indivíduos têm por natureza direitos fundamentais, como o direito à vida, à liberdade, à segurança e à felicidade, nos quais o Estado deveria respeitar, não invadir, e ao mesmo tempo proteger contra toda possível invasão por parte de outros (BOBBIO, 2000). Historicamente, o jusnaturalismo surge no absolutismo. Para se proteger de monarcas opressores, os súditos lutaram por sua própria *liberdade*, inspirados nas primeiras ideias do que depois viria a ser o direito natural da pessoa (ou jusnaturalismo). Nascia dessas revoltas a ideia de uma liberdade individual, direito de cada um, que nenhum rei ou ordem institucionalizada deveria invadir, mas sim proteger contra a invasão de terceiros. Desse modo, passa-se da concepção de soberano rei para indivíduo soberano (BOBBIO, 2000).

O estado democrático, a possibilidade de escolher seus próprios líderes políticos, as liberdades civis, surgem depois que se compreende o indivíduo como senhor de seu destino (BOBBIO, 2000).

Bobbio (2000) argumenta que liberalismo e democracia são duas coisas distintas, pois o liberalismo é entendido, de maneira geral, como um sistema político que tem como objetivo limitar as *funções* do Estado. Por outro lado, a democracia é o governo da maioria, o poder nas mãos da maior parte.

O liberalismo propriamente dito pode ser considerado como um Estado limitado em poderes e funções (BOBBIO, 2000; MERQUIOR, 2014) que nasce da vontade de se ter um governo que interferisse minimamente na vida das pessoas, já que regimes anteriores haviam sido marcados pelo despotismo de reinados de indivíduos que adquiriam poder simplesmente por herança (absolutismo). Os indivíduos, assim, passaram de súditos, subordinados e submissos, para indivíduos livres e com direitos justos e naturais (BOBBIO, 2000). Nesse sentido, o embrião do estado liberal nasce da contínua erosão do poder do rei (BOBBIO, 2000), por intermédio do acordo de indivíduos que passam a se julgar livres.

Na percepção de Bobbio (2000), o neoliberalismo incorporaria, em parte, a liberdade econômica, portanto se diferenciaria em grande medida do que seria liberalismo de fato, que prevê liberdade política e individual, e não apenas econômica. O autor indica que o

neoliberalismo não precisa da liberdade política, por ser um conjunto de medidas econômicas aplicado por determinados governos através de seus grupos de economistas. A liberdade política, nesses casos, muitas vezes não é requerida.

Queiroz (2016; 2018) adverte que o neoliberalismo “subverte” e, em alguns casos, assolapa a tradição liberal e os fundamentos e conceitos a ela associados, salientando que é preciso não confundir os termos, pois remetem a um conjunto de abordagens e teorias distintas que não se complementam e também não explicam uma à outra. A autora esclarece ainda que a ordem neoliberal se demonstra para a sociedade como uma “ordem mercado econômico”, na qual o bem estar dos indivíduos depende da intervenção de uma força não intencional, como a “mão invisível do mercado”. A implicação dessa força que, de maneira prática, se mostra interventora numa sociedade deve-se ao fato de os governos terem que impor os interesses privados de uns sobre os demais, essa concepção política e econômica transforma o “*laissez-faire* do mercado” em um “imperativo político”, de modo que as decisões políticas ficam restritas às necessidades do mercado econômico (QUEIROZ, 2016; 2018).

Queiroz (2016) explica a principal característica do neoliberalismo, que seria o argumento de que “não há alternativa” (a autora usa em seus estudos a sigla TINA: There Is No Alternative). Isso deve ser compreendido como uma “estratégia retórica persuasiva” que leva os cidadãos e cidadãs a acreditar e consentir um plano econômico fundamentado em um discurso de que ele é inevitável, renunciando de tal modo às suas liberdades políticas em nome da salvação da economia. Disso, resulta um contraste entre a TINA neoliberal e a teoria política liberal, pois, o liberalismo econômico e político, clássico e contemporâneo, não rejeitam a autonomia do povo e de modo algum concebem a existência da TINA (QUEIROZ, 2018).

Para Paim, os socialistas ajudaram a promover a perspectiva de que a riqueza material da sociedade advinha tão somente do trabalho dos operários, sendo a propriedade capitalista encarada como “roubo”. O discurso era de que, eliminando o capitalismo, a prosperidade transcorreria para as mãos de todos (PAIM, 2000). A aversão ao liberalismo, que também defende o livre mercado, seria consequência dessa noção de “capitalismo opressor e inimigo do povo”, como dirá mais à frente um interlocutor da pesquisa. Mas é limitada a noção que alinha o liberalismo a um sistema econômico, uma vez que há aproximações na cultura, na filosofia, na política e na economia, como percebeu Foucault (2008).

De fato, o liberalismo se manifestará na economia, certamente, mas, aqui, nesta tese, o leitor perceberá que o liberalismo pode ir além da visão econômica. Efetivamente, para um indivíduo ser reconhecido como liberal por um determinado grupo, será requerido que outras liberdades sejam garantidas por ele, além da liberdade econômica.

No programa do liberalismo, a propriedade privada e a liberdade ocupam lugar de destaque e fundamentam as bases da ideologia, são elas as provedoras do trabalho, que promovem a riqueza de uma sociedade livre e a autonomia dos indivíduos para que eles se libertem do poder opressor do Estado (MISES, 2010; HAYEK, 1983; FRIEDMAN; FRIEDMAN, 2015). O Estado serviria apenas como aparelho de compulsão e coerção, que faz com que os indivíduos obedeçam as regras da vida em sociedade (BOBBIO, 2000).

Todavia, deve ser feita aqui uma importante ressalva: apesar de admitirem um Estado democrático, os liberais temem a “tirania da maioria” (MILL, 1991; TOCQUEVILLE, 2014), no qual as minorias seriam oprimidas pela parte com maior poder de decisão política. No ensaio teórico *On liberty*, publicado originalmente em 1859, John Stuart Mill foi categórico em sinalizar que uma maioria com poderes eletivos poderia oprimir uma minoria, no que diz respeito às liberdades individuais. O que se entende como “vontade soberana do povo” seria entendido como a vontade da maioria, “[...] em consequência o povo pode desejar oprimir uma parte de sua totalidade” (MILL, 1991, p.6). O ensaio de Mill se posiciona historicamente entre os primeiros a colocar a liberdade individual como pilar de uma sociedade livre, sinalizando que a liberdade de expressão, de religião, bem como das minorias, devem ser preservadas, limitando, portanto, o poder da sociedade sobre o indivíduo. Mill tratou de pensar em uma forma de proteger o indivíduo contra a “tirania da opinião e dos sentimentos dominantes”, o objetivo seria frear a sociedade, que tem a tendência de impor como regras de conduta as suas próprias ideias e práticas (MILL, 1991). Logo, para liberais como Stuart Mill, o Estado seria uma espécie de mal necessário, no qual uma das funções seria controlar o poder de atuação da sociedade, garantindo, também, que os indivíduos possam exercer as suas escolhas de modo livre e individual, escapado do julgo moral de uma comunidade mais forte em quantidade.

Nessa perspectiva, no direito de ser livre está implícita a ideia de não ser submisso, ou seja, de não estar sujeito à aprovação de terceiros para exercer uma escolha de ordem privada. Hayek (1983) é um dos principais críticos ao uso dos termos “vontade geral” e “bem público”, pois eles esconderiam a vontade de controlar e ordenar as condutas individuais, sob a desculpa de promover o “bem do povo”, ocultando o que de fato interessaria, que é, na percepção dele, a dominação política do povo.

Bacharéis, lacerdistas e antifusionistas: um recorte do liberalismo no Brasil

Esse novo agente liberal, defendido nesta tese, é melhor percebido observando a forma com que o liberalismo se envolveu em situações políticas de determinados pontos da história

do Brasil. Semelhanças do jovem liberal da pesquisa com um liberal da década de 60, que brevemente tomarei como exemplo comparativo, são escassas, e as diferenças de um em relação ao outro não são poucas e denotam a presença de recursos distintos em cada um desses períodos. O jovem liberal de hoje está mais inclinado a defender um liberalismo por inteiro sob os termos de seus principais fundadores e autores, revisando, dessa maneira, as práticas e os discursos em torno do liberalismo no Brasil.

Quando Holanda (1995) analisou as características que se enraizaram na cultura nacional brasileira, percebeu que o país se acostumou com a ostentação dos títulos de nobreza concedidos pela coroa portuguesa, sem que para tê-los existisse antes o mérito ou contribuição às riquezas do país, mas apenas o interesse da coroa em dar títulos para aqueles que lhe prestavam algum tipo de serviço, que eram quase sempre de ordem particular da coroa, em detrimento dos interesses do povo. Os títulos de bacharéis, por exemplo, eram tidos como passaportes para esse secto, fazendo com que essa sociedade, e por consequência o povo, exaltassem a "inteligência", a riqueza e o ócio (HOLANDA, 1995).

O que se viu depois foi a derrubada da coroa portuguesa e a tomada desse centro de poder por uma aristocracia conservadora, acostumada com benesses e privilégios. Contudo, a posterior transformação da monarquia em república, em muito pouco ou quase nada, refletiu no Brasil ideais verdadeiramente republicanos, daí, então, ter-se como resultado os sucessivos golpes, a manutenção da desigualdade social e do patrimonialismo (HOLANDA, 1995).

O apreço no Brasil pelo título de bacharel em Direito fez com que a sociedade brasileira fosse construída sob o juridicismo, e, na exaltação dos agentes jurídicos, é possível encontrar um autoritarismo revestido de mérito. Como o liberalismo surge a partir das manifestações dos direitos justos e naturais, ele está intrinsecamente relacionado ao Direito. Todavia, no Brasil esses agentes se revestiram de autoridade e se sentem responsáveis por conduzir o social, porque este não teria condições de ordenar a própria vida (FAORO, 2012). Por isso, quase tudo nesse território depende de uma certidão, uma assinatura com firma reconhecida, uma burocracia criada pelo próprio Direito, e dessas necessidades litigiosas nascem os cartórios e tabelionatos, quase sempre pertencentes a alguma oligarquia ou família poderosa politicamente. Nesse sentido, o Direito foi um dos cúmplices da construção do Estado tal qual percebido pelos jovens da pesquisa: injusto, autoritário e ineficiente, porque demasiadamente burocrático. Certamente, um Estado mais forte do que a sociedade, cujo poder estatal desenvolveu um robusto aparelho de controle e de burocracia que se alimenta de um sentimento de fidelidade dos que dele se aproveitaram e aproveitam (FAORO, 2000).

A UDN (União Democrática Nacional) é um exemplo ainda recente de como as ideias liberais podem ser ambíguas e contraditórias. O surgimento da UDN, que se dizia liberal, se dá no contexto de lutas contra a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, a partir de 1945 até 1965. Esses atores políticos históricos passaram vinte anos amargando sucessivas derrotas eleitorais e, ao final, se rendem aos encantos do poder, envolvendo-se no golpe de 1964, apoiando às Forças Armadas e ajudando a instalar o regime militar que se mostraria ainda mais repressivo e autoritário do que os governos anteriores no Brasil.

Concorriam dentro da UDN teses liberais e progressistas, antidemocráticas, reacionárias e conservadoras, desse modo, o partido, ao mesmo tempo em que se coloca contra a intervenção do governo na economia, vota a favor do monopólio estatal do petróleo, repudiando o poder e ao mesmo tempo sendo atraído para ele, em um conflito constante entre o elitismo e o populismo brasileiros (BENEVIDES, 1981).

A identificação dos udenistas com o liberalismo se dá no contexto de oposição à ditadura de Vargas, ancorados no aspecto democrático e, portanto, abarcando muito pouco da lógica liberal, que, como foi exposto, vai muito além dos ideais da democracia. Chaloub (2015) aponta que essa resistência à ditadura de Vargas está nos limites do imaginário liberal udenista, assim como a expectativa que tinham de modernizar a sociedade brasileira aos moldes da norte americana, que para a UDN seria um expoente do liberalismo. Só que, como meio de conseguir seus objetivos de modernizar o Estado brasileiro, a UDN irá utilizar meios antiliberais e ainda aquilo que o liberalismo se propõe a limitar, que é a força policial e repressiva do Estado.

Chaloub (2015) expõe os variados tipos de udenistas que, ao mesmo tempo em que entravam em conflito, compunham a unidade do grupo, mas, em sua tese, Chaloub (2015) destaca dois deles: os bacharéis e os lacerdistas. O primeiro grupo é vinculado a grupos de poder influentes na vida política nacional desde o império. Os bacharéis eram filhos da elite tradicional brasileira, estudantes egressos dos cursos de Direito em Coimbra, Recife ou São Paulo, portanto, tendiam a querer conservar o *status quo* e eram refratários a reformas e mudanças. Os lacerdistas, por sua vez, eram mais abertos a uma modernização, devido à associação que faziam do liberalismo à economia norte americana, e também por verem no passado a causa do atraso e das mazelas sociais do Brasil, ao contrário dos bacharéis, que viam no passado muito para ser preservado (CHALOUB, 2015). Os lacerdistas tinham como expoente de ideias e de atuação o político carioca Carlos Lacerda.

Os bacharéis estavam presentes na política brasileira em geral, tanto que os principais rivais dos udenistas, Getúlio Vargas e João Goulart, também eram bacharéis. Na realidade, há uma forte presença do discurso jurídico na tradição política e liberal brasileira, contudo, não

pelo aspecto jurídico do liberalismo político e filosófico, que pede a garantia dos direitos naturais, mas sim pela natureza da sociedade brasileira, que, na percepção dos bacharéis, não tinha condições de ordenar seus próprios objetivos e interesses (CHALOUB, 2015; HOLANDA, 1995; FREYRE, 2004; FAORO, 2000).

Em outros termos, os bacharéis, de maneira geral, e não apenas os bacharéis udenistas, se viam com mais capacidade de julgar o que seria melhor para o povo brasileiro. Porém, eles muitas vezes não concordavam entre si e, em muitos momentos da história nacional, disputaram o poder e a chance de definir esses pontos, as reformas e a estrutura que teria o governo da sociedade brasileira.

A transformação por meio da autonomia do povo, com ele decidindo o que quer, poderia acabar com antigas relações de prestígio e de comando, além dos privilégios concedidos às elites tradicionais, e, assim, os bacharéis da UDN se colocam contra as reformas sociais, por temerem os rumos que grandes alterações poderiam perpetrar. No pano de fundo desse temor, também estava a incapacidade dos bacharéis liberais de compreender, mas principalmente de aceitar, as mudanças sociais que já se via na sociedade brasileira e que, inclusive, haviam causado sucessivas derrotas eleitorais à UDN (CHALOUB, 2015).

A aversão dos bacharéis liberais a reformas e mudanças, abordada por Faoro (2012), se choca também com as ideias que originaram o liberalismo. A contestação do poder absoluto do monarca e a revolução que tal determinação causaria no ocidente, são o ponto de partida para a trajetória liberal, que apoiou a formação de um Estado para preservar o direito de os súditos serem livres e autônomos. Contudo, os bacharéis liberais só se conectaram ao aspecto jurídico desse processo, atribuindo ao Direito e, portanto, a eles mesmos, o papel de decidir o que é melhor para o povo.

Assim, os liberais lacerditas, apesar de buscar romper com um passado que eles julgavam como causa do atraso no Brasil, não acreditavam que o povo fosse capaz de conduzir uma nova ordem social (CHALOUB, 2015), o que os leva a se aliarem aos militares no golpe de 64, com objetivo de perpetrar as reformas que gostariam. Por causa das implicações políticas e sociais dessas escolhas, os udenistas não aparecem nas narrativas dos jovens liberais apresentados neste estudo, de modo que, para esses jovens, eles não são uma referência de liberalismo.

Desse modo, ao final deste estudo o leitor compreenderá qual a relação do jovem liberal com este cenário, no qual é permitido ao Estado que distribua verbas, que administre empresas públicas, as aposentadorias dos trabalhadores, o meio ambiente, que proíba certas atividades e que regule setores da economia, da educação, da saúde, do lazer, da cultura e do turismo. Dessa

forma, como os jovens liberais estão usando o liberalismo para refletir sobre o poder de atuação do Estado brasileiro, e uma vez exposto isso, ficarão claras as diferenças entre eles e outros liberais históricos, como os udenistas e bacharéis liberais, sob o propósito de mostrar como esses jovens estão ressignificando antigas práticas consideradas liberais no Brasil.

Ainda que grande parte dos jovens pesquisados sejam futuros bacharéis de Direito, como o leitor irá conferir, eles carregam motivações distintas em comparação com bacharéis tidos como liberais no passado. Em vez de buscar reforçar uma posição de poder tão associada à área jurídica para ordenar a sociedade, os jovens se apropriam de ideias liberais e humanistas do direito para moldar sua própria visão de mundo. Não por acaso, a maioria desses estudantes em Direito não pretendem seguir na carreira depois de formados.

O liberalismo será o principal fio que conduzirá as narrativas dos jovens que participaram da pesquisa, de modo que se fez necessário introduzir rapidamente o que seria liberalismo para os liberais que terão voz neste texto. O entendimento que eles têm do papel do Estado, da economia ou das liberdades individuais, é a maneira pela qual muitas vezes eles se chocam com atores políticos de esquerda, de direita, socialistas ou conservadores. Assim, essa construção mental tem implicações práticas e os difere de outros jovens que vivem junto com eles um momento histórico, político e social, que é novo em características e recursos, e produz, desse modo, novos tipos de agentes políticos juvenis. Além do acesso ao ensino superior, que marca a chegada na universidade e promove também o debate de ideias, tem ainda o acesso à internet banda larga, que possibilita a circulação de artigos, livros, textos e vídeos dos principais autores liberais, que aqui foram expostos brevemente, produzindo, por consequência, um novo agente liberal no Brasil pós 2016, objeto de pesquisa desta tese de doutorado.

Estrutura da tese

Para fins de compreensão, o texto da tese está dividido em três capítulos, no primeiro são apresentados os jovens interlocutores liberais e expostos os caminhos que me levaram até eles, passando ainda pela construção empírica e apresentando a metodologia da tese, revelando como foi feita a pesquisa e os desafios, as dificuldades, as aprendizagens e também os dissabores encontrados neste percurso que se estendeu por pouco mais de dois anos.

Em seguida, no capítulo 2, serão discutidos os aspectos do processo de socialização política dos jovens interlocutores, desde as suas infâncias na década de 90, passando pelas adolescências, no começo dos anos 2000, até a chegada deles nas instituições de ensino superior, a partir de 2015/6, quando eles passam a se declarar como liberais.

No capítulo 3 da tese, o enfoque dado será na percepção da identidade política liberal pelos jovens interlocutores, o sentido do liberalismo para eles, quais os valores e as condutas exigidas, qual o sentido de não (mais) se fundir com os conservadores (antifusionismo) e o que significa para eles ser “liberal por inteiro” ou “liberal de verdade”. Expondo para o leitor o que eles imaginam que são, enquanto liberais, como eles pensam que deve ser um liberal nos termos deles. Também, no capítulo 3, serão apresentados três eventos promovidos em Campina Grande pelos jovens liberais: um "workshop de lideranças", uma Conferência Estadual e o Café Liberal. Juntos esses eventos são considerados na pesquisa como reveladores das práticas dos jovens liberais na defesa daquilo que eles imaginam que é ser liberal. E, no final do capítulo, será discutida a alma liberal dos jovens interlocutores e como a criação de um espaço afetivo, no qual pudessem falar abertamente sobre política e assim influenciar uns aos outros, foi capaz de moldar a percepção deles em relação às suas posições políticas, o sentido de estarem juntos no tempo e no espaço e, desse modo, constituírem uma comunidade de liberais “por inteiro”.

Por fim, na conclusão da tese, destaco os principais pontos identificados neste estudo, aponto os padrões percebidos nas narrativas dos jovens liberais de Campina Grande e arrisco hipóteses para as posições liberais desenvolvidas neste texto e que surgem a partir do impeachment de Dilma Rousseff, que resultou na eleição da extrema direita, dois anos depois.

CAPÍTULO 1: CAÇANDO OS MITOS: METODOLOGIA DA PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES

Acredito que o que proporciona uma boa pesquisa é a metodologia escolhida para a aproximação e compreensão do fenômeno social que um determinado pesquisador se propõe a estudar. Entretanto, essa escolha deve estar alinhada com as teorias sociais em que se baseiam o pesquisador. Particularmente, venho trabalhando com Antony Giddens desde a minha pesquisa de mestrado em Ciências Sociais, o que pode conferir ao presente trabalho um pouco mais de amadurecimento dessas teorias em relação à minha dissertação.

Conforme expus anteriormente, assim como Giddens (1997b), considero que os agentes são teóricos sociais práticos, em razão de que eles são capazes de atuar e de interpretar as próprias ações, bem como a partir dessa interpretação corrigir ou modificar o rumo de suas vidas. Numa perspectiva aproximada, Geertz (2008) aponta que as interpretações de um cientista social sobre determinados fenômenos são de segunda mão, em vista de que apenas os atores sociais são capazes de interpretá-las primeiro. Ou seja, os indivíduos não necessariamente precisam dos cientistas sociais para agir ou modificar as suas ações. Contudo, penso que os pesquisadores, munidos de teorias e métodos de pesquisa, têm mais capacidade de interpretar as relações sociais que sistematicamente envolvem o agente e outros indivíduos que, assim como ele, carregam interesses diversos e por vezes contraditórios. Com isso, por mais que o agente seja capaz de atuar, interpretar e alterar a própria conduta, o trabalho de conectar essa conduta, interpretando-a juntamente com o conjunto de ações e interesses que configuram uma sociedade, é do sociólogo, que trabalha reunindo conteúdo significativo a respeito daquelas relações e práticas sociais nas quais o agente está interligado. Na verdade, as práticas sociais ordenadas no tempo e no espaço são o domínio das Ciências Sociais, elas estão na raiz da constituição dos sujeitos e do objeto social (GIDDENS, 1997b).

Baseada neste entendimento, assumi então a perspectiva de Giddens (2009) a respeito da concepção da sociedade, para o qual a estrutura social e a ação do indivíduo constituem um ao outro. A agência humana alimenta a estrutura social e vice versa, elas estão posicionadas de forma dual, pois o que estrutura a vida humana são as práticas sociais, que por sua vez são constituídas por intermédio dessa mesma estrutura. Logo, a história de uma sociedade é sempre inspirada por conjunturas estruturais dessa própria sociedade. Na percepção de Giddens (2009), essas disposições históricas e sociais sob as quais atuam os agentes são restritivas e capacitadoras, tanto elas restringem como habilitam novas práticas sociais. Portanto, as transformações sociais têm suas raízes no passado, o que leva ao entendimento de que as ações

dos indivíduos são, em algum grau, uma reconstituição. Os agentes são formados a partir de práticas históricas constituídas e reconstituídas dentro de um processo infindo de dualidade da estrutura social, que é alimentada pelas ações humanas no tempo e no espaço.

Por conseguinte, ao estudar a identidade política dos jovens liberais de Campina Grande, precisei considerar, no mínimo, a trajetória deles até o liberalismo, buscando em suas relações sociais, estabelecidas desde as suas infâncias, elementos que proporcionaram a chegada e posteriormente a aceitação dos termos dessa identidade política. Logo, acredito que a identidade política liberal dos interlocutores foi construída dentro de um processo social a partir dos recursos históricos possibilitados através de suas famílias, escolas, vizinhanças e universidade. De certa maneira, a atuação e a identidade política dos jovens liberais de Campina Grande são, na verdade, reconstituições de um passado liberal no Brasil, o que norteou o campo da pesquisa e os estudos feitos a partir dele.

Por outro lado, a etnografia e a observação participante me colocariam no mesmo campo de atuação dos jovens liberais de Campina Grande a tal ponto de eu ser afetada por este domínio e por este tipo de vivência política. Sem essa experiência etnográfica, as entrevistas em profundidade não teriam a imersão que alcançaram, pois foi por intermédio dela que pude roteirizar as questões necessárias para a compreensão da identidade política liberal. Afinal, o papel da etnografia é validar ou não as considerações iniciais que um pesquisador tem a respeito de seu objeto de investigação, além, é claro, de fazer com que a aproximação com os agentes nulifique também as impressões deste pesquisador. Ambas situações ocorreram na pesquisa.

Aqui, neste capítulo, o leitor poderá conferir o percurso que fiz até chegar aos jovens liberais de Campina Grande, as primeiras impressões que tive desse encontro, as ferramentas metodológicas que escolhi trabalhar para compreender a identidade política liberal dos interlocutores, a minha inserção em seus grupos e o modo como fui afetada por esta dinâmica social. E, ao final deste capítulo, o leitor será apresentado aos protagonistas deste trabalho, os jovens liberais de Campina Grande.

Primeiros passos: formando uma rede de interlocutores liberais

Em junho de 2016, eu já havia passado na seleção do doutorado e estava à procura de interlocutores para dar início à pesquisa. Meu intuito era encontrar jovens que se declarassem politicamente liberais, mas era como achar uma agulha no palheiro (ou pelo menos eu pensava que seria). Embora na internet estivesse me familiarizando com páginas e postagens de

conteúdo liberal, eu realmente não conhecia pessoalmente ninguém que se declarasse liberal, muito menos pessoas jovens e/ou com esse perfil político.

Entretanto, lembrei de um colega jornalista, irei chamá-lo de Fiodor, que morava em Campina Grande e que, em 2014, havia se declarado de direita no *facebook* dele. Aquela foi uma situação difícil de esquecer, uma vez que Fiodor era notadamente de esquerda, militava na área artística e cultural havia, pelo menos, duas décadas, e todo o metiê dele se concentrava no âmbito esquerdo da política. A declaração à direita chocou toda sua *timeline* e lembro que na época me perguntava como ele tinha tanta energia (e tempo) para debater sobre política na internet com aqueles que criticavam (e alguns xingavam) seu novo posicionamento político. Algo me dizia que de alguma forma ele poderia me ajudar a dar o pontapé inicial na minha pesquisa, em razão de que jornalistas são pessoas que geralmente têm diversos tipos de contatos, além do posicionamento dele à direita, que poderia levá-lo a conhecer alguém que se declarasse liberal.

Marquei uma conversa com Fiodor e nos encontramos em um café no centro de Campina Grande. Falamos sobre as eleições de 2014, sobre os amigos de esquerda que deixaram de falar com ele e sobre o fato de ele ter se declarado de direita, depois de uma vida inteira de identificação com as ideias da esquerda. Quando revelei minha intenção de pesquisar jovens liberais para compreender esse momento político, ele, entusiasmado, me indicou um jovem que irei chamar aqui de Gabriel. Fiodor disse que esse jovem era "muito inteligente" e, para a sorte da pesquisa, ele morava em Campina Grande. Parecia mesmo perfeito. Fiodor ressaltou que havia "*muitos tipos de liberais por aí*", mas que Gabriel seria uma espécie de liberal "de verdade" e que ele deixaria muitos intelectuais de esquerda intrigados. Essa foi a primeira de muitas ocasiões em que escutaria a expressão "liberal de verdade" ao longo do meu percurso de pesquisa sobre o tema.

Com o nome do jovem liberal indicado por Fiodor em mente, fiz uma pesquisa no *facebook* e rapidamente me apareceu o perfil de Gabriel. De pele negra e semblante simpático, Gabriel escrevia textos que pareciam interessantes para a pesquisa, na verdade, se pareciam mais com resenhas políticas cotidianas, como se ele observasse os fatos em Brasília e emitisse uma crítica a respeito, apesar de escrever do interior da Paraíba.

Mandei uma mensagem para Gabriel falando da minha pesquisa e pedi por um momento oportuno para falar com ele sobre liberalismo e outros assuntos pertinentes à política. Não demorou muito e ele respondeu dizendo que cursava Direito e que as aulas estavam para

começar, sugerindo que nos encontrássemos no "CCJ"¹⁴, ideia que aceitei de imediato. Pode parecer casual, mas em pesquisa sociológica nada é sem sentido: o ambiente das universidades de Campina Grande será o cenário onde quase tudo acontece nesta pesquisa. Grande parte das conversas registradas foram nesses espaços, onde os interlocutores conheceram outros jovens, trocaram ideias sobre política e formaram grupos de estudos sobre liberalismo. E, durante praticamente dois anos de seus cursos, eu participei e anotei tudo o que pude dessas interações.

Passsei dias ansiosa à espera do encontro que possibilitaria a minha entrada no campo de pesquisa, já que queria estudar jovens liberais, porque via na internet pessoas se declarando dessa forma e era uma declaração curiosa para mim. Mas, até então, era tudo pela internet, pelo twitter ou facebook, nada contra pesquisas feitas através dessas mídias, contudo, eu necessitava de uma imersão física, em contraposição à virtual, uma vez que o meu interesse era compreender o processo de construção dessa identidade política e, desse modo, conhecer as trajetórias de adesão dos jovens liberais e o sentido que isso tudo teria para eles.

Para o encontro com Gabriel, levei apenas o gravador de voz, um caderno de anotações, uma caneta e duas perguntas que não me saíam da mente: a de como começou a identificação com o liberalismo e a relação com a direita e os conservadores. Essa última tinha pretensões de compreender de que modo o jovem liberal se relacionava com o seu principal aliado, que seria a direita, ou pelo menos era o que eu pensava naquele instante.

Era a primeira vez que eu visitava o centro de estudos jurídicos da Universidade Estadual da Paraíba, um prédio histórico para Campina Grande e separado do campus oficial da UEPB, que foi sede do colégio Anita Cabral na década de 60 e 70 – nome dado em homenagem à professora e esposa do antigo prefeito, Severino Cabral. Pesquisando na internet, descobri que, antes de se tornar o colégio da professora Anita, o terreno havia sido ocupado por dezenas de famílias que fugiam da seca e da fome no final dos anos 50; como era uma área central e, portanto, nobre à época, os vizinhos recorreram ao prefeito Severino Cabral, que tratou de transferir os pobres retirantes para uma área desabitada, que anos depois passou a ser conhecida pelos moradores da cidade como favela da Cachoeira (extinta em 2006), devido à proximidade com um riacho¹⁵. História que faz parte da memória da cidade e que só aparece para os curiosos ou para aqueles que procuram o sentido primeiro das coisas. Quando cheguei ao chamado "CCJ", encontrei Gabriel ao lado de um outro jovem, que irei chamar de Toni, era

¹⁴ Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba.

¹⁵ Com informações do site “Retalhos de Campina Grande”. Outros detalhes: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/10/favela-da-cachoeira.html#.XHfkbC3OpQI> Último acesso em 28 de fevereiro de 2019.

um amigo dele que havia se tornado liberal haviam poucas semanas, ele também gostaria de participar da pesquisa. Notei um certo ar de entusiasmo por parte deles quando nos apresentamos, eram nove horas da manhã de uma segunda feira e ambos disseram que teriam tempo à vontade para falar comigo e realmente conversamos por quase duas horas, sentados em um meio fio do estacionamento, amparados pela sombra de uma pequena e magrela árvore do então Centro de Ciências Jurídicas da Paraíba.

Ao contrário de Toni, que havia se visto como liberal há poucas semanas, Gabriel revelou que o relacionamento dele com o liberalismo aconteceu bem antes, quando tinha 15 anos, o que lhe conferia quatro anos de inserção nas ideias liberais, já que na época da entrevista ele estava com 19, ou seja, tempo suficiente para que ele pudesse apurar essas ideias e formar um posicionamento liberal mais consistente que o do amigo, por exemplo. Por esse motivo, naquele momento privilegiei a opinião de Toni, sempre direcionando as perguntas primeiro para ele, para em seguida ouvir a opinião de Gabriel, preservando-o de uma possível influência do amigo nas respostas que viesse dar. Essa foi uma decisão tomada de ultima hora, para que eu conseguisse informações mais próximas o possível dentro da originalidade de cada perfil que se apresentou no primeiro contato da pesquisa. Afinal, já era perceptível que Gabriel havia influenciado em alguma medida o amigo Toni, o interesse, então, passou a ser o que Toni formou diante desse contato, estimulando primeiro nele as possíveis respostas.

Porém, o mais importante de ser percebido agora não é exatamente qual seria o nível de liberalismo entre Toni e Gabriel, mas sim que a pesquisa passou a contar com dois tipos de interlocutores que tinham trajetórias distintas e, desse modo, um contato com o liberalismo de forma variada, o que será uma marca de todos os interlocutores, pois, cada um tem a sua particularidade e um meio de inserção política diferente. O que só melhora o qualitativo deste trabalho.

O ponto principal numa pesquisa sociológica é compreender o que as informações repassadas pelos agentes sociais querem dizer e como isso pode levar à compreensão de questões maiores. Com relação a este estudo, significa pensar quais recursos estão sendo mobilizados pelos indivíduos no processo de construção das novas identidades políticas no Brasil. É um movimento intelectual, cujo menor detalhe, no menor local, está para a mais global das estruturas globais (GEERTZ, 2008).

Naquele dia, Toni e Gabriel permitiram a minha entrada no universo social das novas ideias políticas, nas quais eles particularmente estavam conectados. E uma das primeiras questões que eu guardava era a de como eles percebiam os políticos daquele período pós-impeachment da presidente Dilma, que passaram a adotar, alguns de maneira repentina, o

discurso do liberalismo, como arrocho fiscal, carga tributária e abertura de mercado. Foi a partir daí que os jovens liberais de Campina Grande traçaram uma fronteira simbólica, na qual alguns seriam liberais “de verdade” e outros estariam apenas à procura de votos, como enfatizou Gabriel¹⁶:

Eu acredito muito no que Hayek¹⁷ falava: “Se vocês forem liberais, os políticos serão liberais, porque eles querem votos”. Então, eles vão começar a se declarar liberais, vão começar a ter propostas liberais e tudo mais. Mas eu acho que um político liberal de verdade hoje em dia tem a obrigação de ser radical, de ser um PSOL. Eu acho que ele não tem a obrigação de ser eleito, ele tem a obrigação de entrar em uma campanha eleitoral e passar discurso, puxar discurso pro lado liberal e só isso. Não precisa ser eleito, não precisa investir dinheiro nisso, deixa pros políticos profissionais e me dá o dinheiro que eu compro livros e trago muito mais gente pro liberalismo (sorriso aberto). (Entrevista realizada em junho de 2016)

“Me dá o dinheiro que eu compro livros e trago mais gente pro liberalismo”, essa frase é apropriada para evidenciar o papel que o liberalismo dos livros tem para os jovens interlocutores desta pesquisa. É através dos livros que as práticas cometidas por indivíduos que se afirmam como liberais podem ser criticadas, invalidadas. Os autores, principalmente os clássicos, emprestam essa aura crível que esses jovens querem para si, uma vez que há os que se afirmam como liberais, porém não o seriam “de verdade”, porque não conheceriam as ideias verdadeiras do liberalismo. Se esse entendimento for estendido, e na prática os jovens o estendem, até os conservadores, que se afirmam como “conservadores liberais”, será possível chegar ao novo posicionamento encontrado em campo: de afastamento de grupos historicamente aliados ou de um posicionamento “antifusionista”, como afirma Gabriel¹⁸, que seria, na realidade, uma reconstituição da identidade política liberal.

Entrar na política para “passar discurso liberal” e investir dinheiro em livros para “trazer gente para o liberalismo” implica duas demandas: a primeira, ser radical e não aceitar entrar na política para fazer o jogo político buscando apenas ser eleito; e a segunda é potencializar a qualidade do discurso liberal de agora, e dos que entrarão a partir desse contato, mediado pela

¹⁶ Todos os trechos de fala dos interlocutores apresentados nesta tese foram obtidos durante pesquisa de campo, por meio de entrevistas, observação participante e experiência etnográfica, realizadas a partir de junho de 2016, se estendendo até dezembro de 2018.

¹⁷ Friedrich Hayek, economista e filósofo austríaco, foi influenciado por Ludwig Von Mises, com quem trabalhou no Instituto Austríaco de Ciclos Econômicos em Viena, em 1922. “O caminho da servidão” é uma de suas obras mais proeminentes e foi escrita em 1944, livro no qual Michel Foucault (2008) se debruçou para compreender o liberalismo.

¹⁸ Detalhes sobre o antifusionismo dos jovens liberais desta pesquisa no capítulo 3.

intelectualidade e não pela política eleitoreira ou sem criticidade. Com isso, a impressão que eu trazia comigo, de que o movimento que pedia a saída da presidente Dilma era heterogêneo, difuso e contraditório em suas particularidades, estaria coerente, de modo que o interessante, a partir de então, foi também registrar os desdobramentos das relações entre aqueles que se uniram em torno da aprovação do *impeachment*. E o fenômeno dos jovens liberais de Campina Grande seria também um meio de estudar o desenrolar desse conjunto de grupos, que por ora reivindicavam a mesma coisa, mas que, superada essa pauta, logo mais surgiriam as diferenças e as incompatibilidades políticas e sociais. Uma maneira de observar o particular para chegar ao entendimento do geral, como observou Geertz (2008).

Surgiu ainda no primeiro contato com os dois jovens liberais em Campina Grande, de modo espontâneo por parte de Gabriel, uma queixa em relação ao posicionamento de liberais anteriores a eles. O fato de o liberalismo ter se atrelado ao conservadorismo era visto de forma negativa na percepção do jovem:

Antigamente os liberais se escondiam muito, o movimento liberal no mundo morreu, em 1910, por ali, morreu, se tinha pouquíssimos autores liberais. O movimento liberal por muito tempo foi apenas uma sombra do movimento conservador, eram os liberais que falavam de economia, porque sabiam falar melhor e todo o resto era ignorado e então os liberais acabaram se furtando de entrar em muitos debates. Década de 60, debate sobre questão racial, questão de minorias e tudo mais. Mas hoje em dia a gente percebe que isso foi um erro muito grave, porque, tem que se posicionar. Eu acho muito importante falar sobre migração, falar sobre fronteiras, que é o que as pessoas estão sofrendo, porque a pessoa tá lá na Syria, podendo morrer a qualquer momento de um tiro ou de uma bomba, quer se refugiar, quer fugir daquilo e não pode, por pura xenofobia, por puro medo, por pura desinformação, as pessoas não querem deixar. (Entrevista realizada em junho de 2016)

A insinuação de que existe um “liberalismo de verdade” diz muito sobre as fronteiras simbólicas da pesquisa, pois quem vê de perto o fenômeno do liberalismo no Brasil percebe que há uma disputa dessa identidade política. Há, como já exposto, os que se dizem “liberais por inteiro” e há também os que explicam que são liberais apenas na economia (liberais conservadores). O primeiro não vê o segundo como liberal de fato, mas sim como conservador e em algum nível se incomoda com a apropriação do termo. E em alguns casos o segundo vê o primeiro como “socialista” e até “esquerdista disfarçado”. Essa marcação simbólica permeará parte deste trabalho, uma vez que é a marca dos jovens liberais apresentados aqui. Ao falarem de si, inevitavelmente eles acionam o fator diferença em relação aos outros grupos ideológicos.

E como o liberalismo tem uma história no Brasil com o conservadorismo, quase sempre eles precisam explicar que tipo de liberalismo é esse que eles defendem, em razão de que eles têm um significado e uma construção própria do que seria liberalismo. Nesse sentido, os liberais por inteiro, liberais puro sangue, liberal raiz ou liberal de verdade é o grande enfoque desta tese.

Metodologia: as ferramentas da pesquisa

Tendo a metodologia como um movimento em direção ao fenômeno social, entendo que a abordagem qualitativa mune o pesquisador de uma porção de métodos, que tem a finalidade de compreender tanto a estrutura social na qual estão inseridos os agentes, como também os processos pelos quais eles atribuem significados para suas ações, através das interações sociais e das capacidades cognoscitivas que articulam esses processos.

A pesquisa acompanhou o desenvolvimento, ou melhor, a construção das identidades políticas de jovens que moram em Campina Grande e que se afirmam como liberais. A trajetória de adesão a essa identidade política é a mola propulsora do presente estudo. Contudo, ressalto que o indivíduo jovem e urbano transita entre estilos, e que, sem dúvida, é uma fase da vida em que os encontros sociais marcam a vivência deles, e, sendo assim, em certa medida as biografias dos jovens liberais interessam à pesquisa, por isso os relatos de vida desses jovens têm relevância neste estudo. De modo que essa problemática envolve uma metodologia, traduzida em conceitos e métodos de abordagem que deram conta da pesquisa. Nisso, o jovem liberal vai seguindo o caminho dele, as escolhas e os desinteresses irão compondo esse personagem, e o que pode ser passageiro para ele se tornará perene para a comunidade acadêmica, um relato científico que se integrará a outros estudos sobre as juventudes e assim sucessivamente. Desse modo, o propósito foi construir cientificamente esse relato, compreendendo a diversidade de sentidos, bem como a singularidade dos agentes da pesquisa, pois, como Weber (2004), acredito que as ações dos indivíduos têm um sentido para eles e é possível a compreensão desses fenômenos através do exercício da interpretação.

Para a compreensão dessa dinâmica social, além das teorias e dos autores que ajudaram a reconstruir a narrativa, adotei uma abordagem etnográfica, na qual a observação participante, aliada às entrevistas em profundidade, foram as técnicas que ajudaram na organização das informações que se apresentavam. Como já foi exposto tantas vezes, a tese tem a pretensão de dar conta das trajetórias de adesão dos jovens liberais de Campina Grande, apontando as dimensões dessa identidade política, compreendendo o tempo histórico e os recursos que marcam os seus caminhos.

Sob esse aspecto, interessa observar esse tipo de jovem a partir de um ângulo cultural, tendo a descrição densa de Geertz (2008) como princípio do exercício sociológico, objetivando tornar acessível o discurso social do jovem liberal. Logo, a cultura é encarada como um “documento de atuação”, possível de ser interpretado através de suas estruturas significantes e socialmente estabelecidas.

Dito de outra forma e baseada também nas interpretações de Giddens (1997b; 2009) sobre a capacidade de reflexividade do agente e de o indivíduo ser um teórico social prático, uma vez que atua e interpreta a própria ação, considero que a atuação do jovem liberal de Campina Grande tem sentido para ele e é possível interpretá-la, mesmo que de segunda mão (GIDDENS, 1997b; GEERTZ, 2008), ao me situar no tempo e no local onde ele está inserido, de modo que possa falar com ele, apreender o seu discurso, com o objetivo de alargá-lo, levá-lo até onde ele possa ser cientificamente expressivo, transformando, portanto, o discurso desse jovem em um relato que poderá ser consultado e/ou confrontado com outros saberes e dizeres.

Entretanto, é preciso admitir que, nesse caminho, não há garantias de análise. Lichterman (2011) já dizia que a descrição densa de Geertz (2008) é “enganosamente simples”, sendo uma síntese complexa entre a habilidade de um teórico e a de um “dramaturgo”. Por isso, o autor-pesquisador assume a postura de um compositor, pois, de fato ele é o responsável por uma narrativa que se apresenta, se desenrola. E nessa narrativa, os fatos são por ele analisados e transcritos, sempre sob uma perspectiva em “segunda mão”, uma vez que ele reporta o conteúdo que foi vivido por outros.

Para relatar em segunda mão uma prática, um discurso, é preciso resgatar o significado de ações particulares, com o intuito de reconstruir o cenário onde a ação social aconteceu (GEERTZ, 2008). Requer, portanto, criticidade para se encarar a cultura como um texto, um documento sobre o qual uma leitura minuciosa é necessária. Assim como Geertz (2008), acredito que a cultura não é uma manifestação subjetiva da mente humana; a essência da cultura é pública, os seus significados e comportamentos são compartilhados pelos indivíduos, que convivem em determinados cenários particulares, mas públicos em sua essência.

Logo, o principal desafio é conseguir compreender o social através de uma pequena parte dele, uma vez que a descrição etnográfica é microscópica e densa, em razão de que as culturas não são estudadas de longe, mas sim de dentro, partindo de casos concretos e elaborando teorias amplas, pois a descrição densa é um fio que pode levar tanto à pesquisa de campo, quanto às interpretações teóricas (GEERTZ, 2008). A antropologia e a sociologia têm esse poder: confrontar realidades com outras realidades, alargando a compreensão humana sobre as diferenças culturais. Qualquer generalidade alcançada na releitura de um contexto

social deve-se à delicadeza de suas distinções e não à amplidão de abstrações teóricas, pois, formulações teóricas não têm sentido ou não têm muito interesse se estão desconexas das interpretações (GEERTZ, 2008).

Uma das minhas principais preocupações iniciais era a de como eu iria dialogar com os jovens liberais que eu encontrasse, uma vez que o método de observação participante me permite uma aproximação não passiva, ou seja, ao mesmo tempo em que a observação acontece, a participação é desejável e requerida. Então, como eu participaria, como seria a minha integração foi uma questão para mim. A primeira coisa que me vi obrigada a fazer foi ler a literatura básica deles, pois ela me daria as condições necessárias para interagir, visto que eles têm necessidade de debater as ideias liberais, e, principalmente, com aqueles que demonstram ignorar os principais autores e conceitos da ideologia e eu me encaixava exatamente nesse perfil. O sujeito da pesquisa é jovem, gosta de política, lê sobre isso e se diz apto, ele se sente condutor de ideias novas e a política estaria sendo feita por velhos tipos com roupas novas ou ideias ultrapassadas. Para ele faz sentido levar esse projeto cultural adiante, formando coletivos, grupos de estudo e eventos nas universidades. Com isso, a minha participação deveria ter também alguma qualidade. Os jovens liberais de Campina Grande têm interesse nesta tese, uma vez que imaginam que ela irá ajudar no projeto deles. Como eles, de certa forma, se sentem coagidos pelos conservadores, este trabalho é uma forma de eles mostrarem o que eles pensam e no que se diferenciam. O movimento liberal vem na esteira do movimento conservador e esse é um fato reportado por todos os interlocutores da pesquisa.

A etnografia marca a minha inserção em um campo inusitado para mim, que se prolongou por dois anos, de modo que o envolvimento e o entendimento desses jovens a respeito do que eles fazem, e como fazem, se tornou parte de mim, fazendo com que, inclusive, desde o começo houvesse uma recusa de minha parte em classificar este estudo como sendo um trabalho sobre a “nova direita”. Muito disso, também, se deu pelo fato de eu estar afetada pelo campo da pesquisa. Na realidade, o rótulo de direita não traduzia a maneira como os interlocutores se viam e se afirmavam e era necessário que eu não perdesse isso de vista. De fato, em vários momentos na trajetória da pesquisa desta tese me vi como os jovens interlocutores, imbuída em defender o ponto de vista liberal que eles tinham, de que o liberalismo seria mais do que a defesa do livre mercado. Essa percepção foi incorporada a partir do contato com os jovens liberais de Campina Grande, a partir de suas reuniões e de suas discussões no grupo de WhatsApp, que eram definitivamente também o meu campo de trabalho.

Portanto, o ateliê da pesquisa foram as conversas nos grupos de WhatsApp, os encontros nas universidades, os cafés para discutir as eleições, além das tardes (e noites) na companhia

de Gabriel e Sofia. Há muito de todos eles neste trabalho, pois, de fato foi levada a sério a frase escrita por Geertz (2003, p.12): “O que nos importa conhecer são os tikopianos e os talensis e não as estratégias narrativas de Raymond Firth ou o aparato teórico de Meyer Fortes”.

Nesse caminho etnográfico, as mídias sociais exerceram um papel interessante, em razão de que, por intermédio delas, pude estar com os interlocutores da pesquisa a todo instante. O WhatsApp, particularmente, ocupava parte do meu dia, nele os jovens discutiam variados tipos de assuntos, desde gastronomia à segurança pública. Do mesmo modo que Miller & Slater (2004), acredito que uma pesquisa etnográfica pode ser realizada a partir de contextos virtuais e/ou presenciais, sem que com isso haja prejuízo da análise a ser desenvolvida, desde que sejam considerados os critérios básicos da etnografia, que são a observação participante e o tempo significativo de contato com o objeto da pesquisa. Ambos foram preservados na pesquisa.

O grupo de WhatsApp dos jovens interlocutores funcionava como um meio de inserção e também de doutrinação de outros jovens que, diferente deles, ainda não tinham uma ideologia política e desse modo estavam abertos a receberem conteúdo de várias formas de pensamento político; naquele caso, de liberalismo. Logo, em um primeiro momento, esses jovens neófitos eram adicionados ao grupo de WhatsApp apenas como meio de eles se informarem sobre liberalismo e de participarem do debate de algumas ideias, sem que houvesse um compromisso por parte deles em participar das reuniões presenciais ou de ajudar o grupo na disseminação das ideias liberais.

A plataforma de WhatsApp para os jovens interlocutores era o meio de eles inserirem indivíduos que não queriam compromisso direto com nenhuma ideologia, porém, topavam participar de discussões políticas e, principalmente, aceitavam conhecer as “ideias da liberdade”. Contudo, havia nele também jovens que aceitavam participar como forma de contrapor o que os jovens liberais defendiam, com isso, jovens conservadores ou de esquerda poderiam ser adicionados. Por conseguinte, o grupo de WhatsApp dos jovens liberais de Campina Grande se configurava como um meio de eles defenderem o que acreditavam e assim convencerem jovens que ainda não tinham uma ideologia política definida, mas também como forma de eles debaterem com jovens que deles discordavam, criando, portanto, um ambiente de discussões políticas ora informativo, ora polêmico.

Com isso, o grupo de WhatsApp dos jovens interlocutores, na prática, funcionava como um outro grupo de jovens liberais, mais robusto, porque nele haviam mais de cinquenta jovens, e talvez por isso mesmo mais polêmico, uma vez que eles inseriam jovens que aceitavam participar sem compromisso com o liberalismo que eles particularmente praticavam, portanto

poderia haver nele jovens conservadores, jovens de esquerda e jovens anarcocapitalistas¹⁹, além de jovens que não professavam nenhuma ideologia política. Porém, em todos os casos era esperado que as “ideias da liberdade” tivessem destaque, ou seja, em parte eles queriam convencer jovens sem preferência política a se tornarem liberais, e por outro lado esperavam também que os jovens de esquerda ou conservadores, que porventura aceitassem entrar no grupo, viessem a se tornar também liberais.

Pode se dizer que a minha participação no grupo de WhatsApp era mais figurativa, me limitando a comentários pontuais que apenas reforçavam algum comentário feito e com o qual eu me identificava. Contudo, eu costumava selecionar trechos de conversas que se mostravam interessantes para o estudo da identidade política desses jovens, frases que deixavam transparecer a forma de pensamento de um liberal nos termos que eles defendiam. Se o assunto era aborto, eles construíam ali uma narrativa que levava em consideração tanto situações concretas da vida real, como construções teóricas de escritores liberais que se debruçaram sobre o assunto de forma direta ou indireta. Tudo era registrado em meu diário de campo, tanto as impressões que eu tinha, como os trechos que eu selecionava e sobre os quais mais tarde me dedicava a compreender.

Se o grupo de WhatsApp dos jovens liberais de Campina Grande lhes proporcionava uma socialização de suas ideias e pensamentos sem que isso se transformasse em engajamento direto dos que lá estavam, as instituições de ensino superior proporcionavam encontros diários, potencialmente importantes na configuração de um grupo particular de jovens liberais e de um espaço afetivo para troca de opiniões políticas. Ou seja, as universidades forneciam diariamente o meio de eles se encontrarem e criarem laços afetivos e ideológicos suficientes para que se unissem em um grupo concreto, no qual partilhavam a mesma identidade política liberal.

Os encontros na universidade aconteciam diariamente entre eles, uma vez que mais da metade dos jovens interlocutores estuda no mesmo campus. Particularmente, não pude estar presente em muitos desses momentos, devido ao fato de eles estudarem juntos no mesmo horário e local e por assim aproveitarem o momento entre uma aula e outra, ficava difícil acompanhar a dinâmica de cada professor e cada sala de aula. Contudo, há um vasto registro feito a partir das conversas individuais que fiz com cada um dos jovens liberais. Nelas, eles relatam o papel que a universidade tem e teve na identidade política que eles construíram. Esses

¹⁹ Anarcocapitalismo seria uma versão mais radical de liberalismo, no qual a ausência total do Estado é defendida. Seu pensador proeminente é Murray Rothbard. Para outras informações ver: COELHO, Jóni. Os fundamentos filosóficos do anarcocapitalismo rothbardiano. Tese. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019.

encontros e a importância que tiveram em suas trajetórias de adesão ao liberalismo serão expostos com mais detalhes no capítulo dois da tese.

As entrevistas em profundidade foram possíveis graças ao contato profundo que foi construído através da etnografia e da observação participante, seguindo a sugestão de Howard Becker (2008), assumindo, em um primeiro momento, uma dimensão improvisada da pesquisa qualitativa, valorizando o contato e a aproximação dos jovens que vivem em primeira mão esse contato com as ideias liberais e que refletem e se posicionam em relação aos outros indivíduos que interagem com eles dentro desse contexto social. Os trinta meses de acompanhamento, o tempo de observação e participação foram necessários para que assim fosse construído, entre eu e os jovens liberais de Campina Grande, um sentimento mútuo baseado na confiança.

Ademais, as entrevistas em profundidade trazem à pesquisa uma riqueza de dados e informações que foram interpretados, uma vez que é impensável a compreensão total dessas informações, como salienta Kaufmann (2013). Com isso, o propósito foi interpretar e traduzir a partir das informações que foram registradas, chegando através delas a uma compreensão do social que envolve o processo de construção dessas identidades políticas juvenis e as suas trajetórias de adesão.

De forma prática, além da já citada imersão etnográfica, observação participante e descrição densa, foram realizadas 18 entrevistas em profundidade, sendo duas sessões de entrevistas para cada jovem liberal interlocutor da pesquisa. As sessões abordavam as trajetórias políticas dos jovens, precisando, para tanto, indagar os seus espaços de socialização primária e secundária. A elaboração dos roteiros de entrevista levou em consideração, por um lado, a questão da socialização política, e, por outro, a das identidades e práticas políticas. Em relação ao passado dos interlocutores, buscou-se ouvir como foi a infância e a adolescência de cada um deles, bairro onde cresceram, escolas e colégios onde estudaram, relação com a família, com a religião e os primeiros contatos com a política. Na segunda sessão, os esforços foram centrados na vida presente dos jovens liberais, como foi a chegada na universidade, como foi o contato com o liberalismo, com outros jovens politizados, o que significa ser liberal para cada um deles, valores, ideias e crenças de um jovem liberal, os meios que usam para se informar sobre política, manifestações que participaram e as eleições de 2018. Como foi dito, devido à minha inserção no contexto social e político desses jovens, nas entrevistas individuais eles se abriram e o tempo todo se mostraram solícitos com este trabalho, agradecendo cada oportunidade de fala e confidenciando como foi importante para eles revisitarem situações do passado, analisando o presente. Com isso, entregaram um material rico em detalhes, reflexões, angústias e desejos,

que serão traduzidos em cada página deste texto, abrindo um canal de interação não apenas comigo, mas agora, também, com os leitores deste trabalho.

Sendo afetada

A etnografia tomou grande parte do tempo dedicado à pesquisa, escrever sobre os jovens liberais me obrigava a conhecê-los de perto e ser como eles e tão somente isso foi foco e ocupação durante meses e meses. Estar perto e se ocupar de interpretar para em seguida transcrever, e, como dito anteriormente, a observação foi participante e por vezes engajada, de modo que eu me integrei ao grupo e em alguma medida adotei ideias e até comportamentos parecidos e esperados por eles. Houve até mesmo momentos em que, entre amigos ou familiares, me vi esclarecendo algo da particularidade da identidade liberal, mas nos termos do liberalismo defendido pelos jovens da pesquisa, "liberalismo por inteiro". Na verdade, eu aprendi o que é ser um liberal para esses jovens e a responsabilidade sempre foi devolver essa experiência para a comunidade acadêmica ou para aqueles que se interessassem pelo tema.

Agora, imagine, leitor, que o trabalho de uma tese em Sociologia precisa de um tempo para se tornar concreto. O sociólogo precisa sair em busca das informações, registrá-las, transcrevê-las, analisá-las, compartilhá-las, analisar mais uma vez e só então criar um documento que possa ser lido e compreendido e, enfim, apresentá-lo à sociedade. Não existem respostas dadas em Sociologia. Se houver o pressuposto de uma verdade absoluta como ponto de partida, a pesquisa perde o seu valor, porque uma pesquisa começa de uma grande ignorância e é interessante pensar que no começo só existem presságios, suspeitas.

Na realidade, a Sociologia é uma caçadora de mitos, conseqüentemente, ela é quase sempre desafiadora para o próprio sociólogo, porque ele faz parte daquilo que pretende conhecer e, dessa forma, as suas crenças e os seus sentimentos podem ser transferidos para o seu objeto de estudo sem que haja um refinamento desse conteúdo (ELIAS, 2005). Como todo indivíduo comum, o sociólogo está conectado à sociedade e por isso ele sofre influências inerentes dessa relação, elaborando involuntariamente diversos conceitos sobre elas e as atitudes delas. E vice-versa. Seu desafio se encontra no fato de ele ter que refinar esse conhecimento produzido, tornando esse conteúdo científico, para que ele possa ser acessado dentro de uma comunidade acadêmica, que acaba por devolver esse conteúdo para a sociedade. Então, o que eu quero dizer, é que esse desafio só se torna estimulador quando se tem o mínimo de curiosidade a respeito do trabalho que se está fazendo. O pesquisador só conhece o ponto de

partida, a chegada é quase sempre nebulosa e, até chegar lá, a pesquisa vai dando a possibilidade de testar aquelas verdades, desconfianças e suspeitas.

Todavia, o desafio que aceitei de estudar um objeto político por vezes se mostrou fatigante. Particularmente, não conheço uma pessoa que não tenha se envolvido de um jeito ou de outro na política desde o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Como disse, em pesquisa só se pode saber do ponto de partida, pois o caminho é de nevoeiros. Entretanto, não sei se por inocência ou deslumbre, não calculei que ao pesquisar um objeto político, em meio às turbulências do contexto, teria que conviver com os altos e baixos desse caminho. Os jovens interlocutores estavam no olho do furacão político e eu fui junto, tendo apenas como instrumento o gravador de voz, um caderno de anotações e a mente em rebuliço.

Não é nada fácil caçar mitos e manter-se inteiro, e, por vezes, eu me sentia em pedaços. Houve momentos no campo de pesquisa, de frente para os jovens liberais, em que eu não me lembrava das questões sociológicas e se por acaso nelas eu pensasse, eu não as compreenderia, de tão afetada que eu estava diante do conturbado momento político do país e das demandas políticas dos jovens que passei a conviver. Me sentia como Jeanne Favret-Saada (2005) em suas incursões em Bocage, na França, enfeitada pelos caminhos percorridos pelos nativos de sua pesquisa.

Sentia-me abalada pelo destino político tomado pelo Brasil desde 2016 até as eleições presidenciais, em 2018, e os jovens liberais de Campina Grande ajudaram a criar a realidade na qual estive inserida durante todo esse período político do Brasil, uma vez que marca também o período do trabalho empírico do presente estudo. Havia entre alguns jovens agentes da pesquisa um sentimento de desfortúnio, de que o esforço que haviam feito desde o *impeachment* da presidente Dilma em divulgar as “ideias da liberdade” em certo nível havia sido em vão, por causa da ascensão da extrema direita e de sua vitória nas urnas. De modo que esse cenário delicado de transformações políticas nos afetava em demasia, uma vez que para os jovens liberais existia a necessidade de afirmar que aquele projeto político de poder reacionário não era liberal, ainda que houvesse nele pessoas que se afirmassem como liberais. Assim, além de ter que lidar com um contexto sócio político que parecia querer passar por cima do que estavam criando, os jovens liberais precisavam afirmar que aquele projeto político “intolerante” que ascendia não os representava de maneira alguma, por isso, a necessidade de se criar um espaço original para eles próprios, que, em grande medida, preservava os seus princípios, convicções e identidade política.

“Eu mesma não sabia bem se ainda era etnógrafa”, confessa Favret-Saada (2005, p.13) no artigo escrito em que narra como foi a experiência de ter pesquisado feitiçeiros numa cidade

francesa e ter sido afetada pelo que encontrou no campo da pesquisa. Favret-Saada faz repensar o papel da pesquisa etnográfica e do pesquisador diante de seu objeto de investigação. O que ela propõe não é uma relação íntima com os pesquisados, nem de imaginar como seria estar no lugar deles, mas de fato estar no lugar deles, experimentando as intensidades, os sentimentos que os constituem, deixando-se, portanto, ser afetada pela experiência original vivida pelos agentes em campo de pesquisa. Um abandono da postura de pesquisadora, que leva a um mergulho profundo no campo da pesquisa e, posteriormente, abre uma possibilidade de conhecimento.

De fato, me vi envolvida nas demandas identitárias dos jovens de Campina Grande, também eu passei a dizer que Jair Bolsonaro não era liberal e que os conservadores não poderiam ser considerados liberais, dado que não defendem a liberdade política e social de forma ampla, mas apenas na liberdade econômica ou em coisas que sejam de seus interesses, como o porte de armas, por exemplo.

Do mesmo jeito que os jovens liberais de Campina Grande percebiam o cenário político e eleitoral, eu percebia e via sentido nessas afirmações que eles faziam. De fato me tornei liberal a ponto de assim ser reconhecida por eles. Afetada e integrada ao grupo de jovens liberais de Campina Grande, eu estava exatamente como eles, envolvida com as percepções e os sentimentos de quem enfrentava um cenário político delicado e inquieto, e nele tinha que se destacar dos que se diziam iguais ou melhores que "nós", pois, de fato, me sentia fazendo parte do grupo. Estabeleci, dessa forma, uma comunicação específica com os jovens liberais, compreendendo-os e sendo por eles compreendida em minhas angústias, medos e convicções.

Quando um etnógrafo aceita a afetação e embarca no sentimento nativo, estabelecendo uma comunicação específica, ele assume o risco de ver o seu projeto de pesquisa se desfazer, porém, se o projeto não se perde em meio à aventura, então uma etnografia é possível, pois, ele passa a querer compreender essa experiência, fazendo dela um objeto da ciência (Favret-Saada, 2005).

A vivência no campo de pesquisa em Campina Grande possibilitou um estudo apurado do processo de construção da identidade política dos jovens liberais, mediante um contexto intenso de ressignificação do liberalismo e de relação com outros indivíduos que se opõem a eles, mas que fornecem meios de eles construírem para si um espaço próprio e significativo de uma minoria, como eles dizem e de fato se sentem.

Passado o período de investigação no campo de pesquisa, quando recolhida para compreensão do material produzido em dois anos e meio de pesquisa, percebi o quanto afetada eu estive. Na escuta das gravações, além de ouvir os interlocutores, pude ouvir a mim mesma

e as minhas reações diante das respostas, nas quais, muitas vezes, se faz perceber ali uma conversa quase íntima entre duas pessoas que se conhecem, mais do que exatamente uma entrevista impessoal. Hoje, fica fácil perceber a riqueza desse material, visto que essas gravações são o registro de um período único e significativo, tanto da minha vida, como da dos jovens liberais que viveram junto comigo esse período tão delicado da história política do país, que, como já foi dito, marca o período de transição do poder entre a esquerda e a extrema direita.

Ter me afastado dos jovens liberais de Campina Grande pode ter sido uma atitude não compreendida por alguns deles, em razão de eu ter estado tão próxima e depois tão isolada. Entretanto, o isolamento foi necessário e era esperado para poder compreender a riqueza da experiência que eu tinha vivido junto deles.

Na realidade, a dimensão do que eu tinha vivido no campo da pesquisa etnográfica só surgiu durante meu isolamento, quando passei a ler e reler meu diário de campo e a ouvir as gravações das reuniões e entrevistas realizadas. Foi nesse momento, no gabinete da pesquisa, no exame do material empírico, que emergiu a pesquisadora, porque naquele momento passei a me avaliar no campo, avaliar a minha afetação e a maneira com que a relação que desenvolvi com os agentes através da etnografia impactou profundamente a minha experiência política durante o período histórico em que ela ocorreu. De modo que pareceu evidente o poder das amizades e dos sentimentos na construção das percepções políticas. As afinidades ajudam a dar sentido aos mecanismos presentes nesse tipo de relação social, com isso, a experiência etnográfica mostrava também o impacto que a política pode ter sobre as relações pessoais.

A partir disso, percebi quão significativo foi a imersão etnográfica, entretanto, em parte, havia o constrangimento de ter que me afastar daqueles que me acolheram e que me proporcionaram uma experiência política tão íntima e original quanto sociológica. Curioso como a distância e de certo modo uma ruptura com o papel da etnógrafa proporcionaram meios de compreensão da experiência de campo. Percebo também que, para a interpretação das informações, a incorporação dos termos e a identificação com os jovens pesquisados se mostrou indispensável, uma vez que as impressões narradas em diário de campo expõem as angústias e os anseios presentes no campo da pesquisa de um modo sensivelmente particular porque partiam de dentro, do que era vivido cotidianamente pelos jovens da pesquisa e por mim. Contudo o posterior exame dos dados me deu um panorama amplo porque visto de fora, a partir dele pude visualizar um retrato etnográfico e sociológico sobre o que eu tinha vivenciado com os jovens da pesquisa e por causa deles e do tipo de relação que desenvolvemos.

Com isso, destaco a capacidade metodológica da etnografia para compreender grupos de militância política e os mecanismos que empregam sentido às relações desenvolvidas pelos

agentes. O estudo que se seguirá advém desse aprendizado que tive em Campina Grande junto aos jovens liberais, e o conhecimento produzido desse experimento tornou possível todo este trabalho.

Os protagonistas da tese: os jovens liberais de Campina Grande

Para Becker (2009), os indivíduos são agentes em contínuo processo, produzindo estilos de vida e visões de mundo, que usualmente são chamadas de construções sociais, desse modo, os indivíduos constroem realidades que os definem. Nessa perspectiva, os jovens liberais de Campina Grande produzem uma realidade que os define enquanto jovens e cidadãos, pois a maneira de pensar a política e de enxergar o cenário político e social é a maneira de eles se projetarem no mundo e conceberem a vida em sociedade.

É importante ressaltar que, mesmo projetando essa sociedade livre, porque os interlocutores da pesquisa esperam que ela venha a se tornar uma sociedade mais liberalizada, e nesse sentido mais livre e mais propensa a proteger as liberdades individuais, eles não são um todo homogêneo. Para fins de análise, mas também de compreensão e transcrição do campo de pesquisa, tive que selecionar dentre aqueles jovens que compunham o grupo os que fariam parte deste estudo. Usei como critério, para tanto, a indicação dos jovens que fui ouvindo e a partir da observação que fazia do campo, pude ver aqueles que mais se empenhavam na divulgação das ideias liberais e também na realização dos eventos do grupo. Com isso, participam da pesquisa nove jovens liberais de Campina Grande, sendo três do sexo feminino e seis do sexo masculino. Aqui, apresentarei brevemente alguns apontamentos biográficos que servirão para situar melhor os agentes da pesquisa, destaco que as suas famílias, escolas e universidade, serão discutidos no capítulo dois, no qual abordarei a socialização política dos interlocutores e a influência exercida por cada uma dessas instâncias na trajetória deles até o liberalismo.

Gabriel

Como o leitor já deve ter percebido, Gabriel é um personagem importante deste estudo, além de ele ter sido o primeiro a ser indicado como jovem liberal, dentre os jovens pesquisados ele é precursor das ideias liberais em Campina Grande nos termos apresentados aqui.

Gabriel foi o que mais cedo ingressou no movimento liberal paraibano e, de Campina Grande, o que mais cedo ingressou no movimento liberal brasileiro atual. Ele se associou ao

EPL (Estudantes pela Liberdade - hoje Students for Liberty)²⁰ em 2012, e participou de discussões liberais pela primeira vez naquele ano. Gabriel chegou a ser o caçula do grupo da época na Paraíba, que se chamava Caturité e conseguia reunir de quatro a cinco pessoas na UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). Por esse motivo, Gabriel costuma dizer que antes o movimento liberal paraibano cabia dentro de um carro, se referindo a uma viagem que ele fez com quatro colegas liberais a Recife, para participar de um evento promovido pelo movimento de Pernambuco. “Nesse dia a gente brincou dizendo que se rolasse um acidente fatal o movimento liberal da Paraíba morria também” (rindo).

Gabriel nasceu em 1996, em Campina Grande. É negro, fato que evidencia sempre que sente necessidade, pois é perceptível que há uma certa satisfação por parte dele em se dizer negro e liberal, como se estivesse contrariando uma ideia que preveria que ele, por ser negro e intelectualizado, só poderia ser de esquerda.

Os pais de Gabriel vivem juntos em uma casa grande no bairro Malvinas, que já foi visto como periferia, mas hoje tem comércio considerado pujante e recebeu diversas melhorias em sua infraestrutura, condomínios e redes de supermercado se instalaram por lá nos últimos anos. “[...] uma das minhas memórias é a gente se mudando pra rua de trás pra poder reformar a casa, porque, meio que desconstruiu e construiu de novo”, recordou Gabriel.

O bairro Malvinas teve o seu início como um bairro de conjunto da CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular), e os pais dele foram sorteados em um programa de habitação do governo e pagaram a casa em parcelas. “Era o ‘minha casa minha vida’ dos anos 90”, descreveu em sua primeira sessão de entrevista em profundidade. Sobre a origem social de sua família, Gabriel acredita que seja “trabalhadora”, seu pai trabalhou como carteiro dos Correios, hoje é aposentado, e sua mãe é autônoma e atua na área contábil. “Na minha primeira infância, minha mãe trabalhava na Candy²¹ e meu pai conseguiu um emprego na Coteminas. Eu não tive contato com ele nesses primeiros dois anos, porque ele trabalhava de madrugada e quando chegava dormia”.

Durante a infância, Gabriel estudou em escolas privadas do bairro onde morava, mas na quarta série ele passou a estudar numa escola privada tradicional, no centro de Campina Grande. O ensino médio ele cursou no IFPB (Instituto Federal da Paraíba), junto com outros dois interlocutores da tese, que logo mais serão apresentados.

²⁰ No capítulo 2, a rede Students for Liberty (SFL) será apresentada ao leitor, expondo dessa maneira o papel que ela exerceu na socialização das ideias liberais entre os jovens interlocutores.

²¹ Antiga indústria de canos da Tigre em Campina Grande, foi desativada no começo dos anos 2000.

Fiodor via Gabriel como um jovem promissor dentro do movimento liberal, talvez por esse jovem ter entrado nesse contexto muito cedo, desde 2012, quando ele tinha quinze anos, e por ter uma predisposição a se interessar por política, devido ao ambiente politizado de sua casa²². Assim, Gabriel parece ter uma certa vantagem sobre os jovens colegas liberais de Campina Grande, uma vez que adquiriu um capital social e intelectual dentro do movimento liberal em todo o país.

No grupo de jovens liberais de Campina Grande, Gabriel exerce uma espécie de liderança intelectual, assim como em outros espaços onde ele circula, pois sempre tem uma opinião para dar e ela sempre traz dados e remete a outras fontes que ele mesmo buscou, denotando que ele estuda sobre liberalismo, mas também sobre os problemas que afetam a sociedade brasileira. Um de seus temas de estudo atualmente é a segurança pública do Brasil e a ligação com o tráfico de drogas, que ele diz que afeta diretamente a percepção das pessoas em relação aos Direitos Humanos.

Gabriel namora Sofia, uma jovem liberal paraibana que também participou da pesquisa. Eles dividem um apartamento no centro de Campina Grande, intitulado por Sofia como o principal local de encontros liberais no estado. Juntos, eles formam o casal liberal mais popular de Campina Grande. Gabriel gosta de dançar e frequenta raves junto com Sofia e outro amigo de infância dele. Ele está sempre disposto a falar sobre liberalismo, segurança pública, política ou economia, menos nas raves, onde gosta de se concentrar nas batidas da música eletrônica.

Gabriel é o responsável por inserir no movimento liberal de Campina Grande uma dezena de jovens e pelo menos seis participantes deste trabalho. Lembro que, no final de nosso primeiro encontro no CCJ, perguntei se ele teria algo para me dizer, antes que eu desligasse o gravador de voz, prontamente Gabriel olhou para mim e disse: “Você precisa conhecer a esquerda liberal”.

Toni

Toni surgiu na pesquisa como uma surpresa boa, afinal, eu havia marcado com Gabriel e não imaginava que ele traria junto dele um outro jovem liberal que havia se integrado ao grupo de maneira distinta, fato que enriquecia qualitativamente a pesquisa. A verdade é que a presença de Toni equilibrou o enfoque daquela primeira conversa e trouxe um tom de realidade

²² Detalhes serão expostos no capítulo 2

às minhas aspirações, pois não se tratava apenas de um interlocutor liberal, mas de dois, e eles faziam parte de um grupo.

Com o passar do tempo, Toni foi influenciado pelas ideias liberais de Gabriel. Desde as primeiras semanas de aula, eles se tornaram companheiros, devido ao fato de terem um amigo em comum, entretanto, no começo era frequente que os dois divergissem nas ideias e opiniões políticas. Ele lembra que achava as ideias de Gabriel “ingênuas”, encarando o recente amigo como “louco”, porque ele não via como aquelas ideias poderiam dar certo, já que elas criticavam o governo e os políticos, e rompiam com a ideia de esquerda ou direita. A solução para Toni, nessa época, estaria à esquerda e Ciro Gomes era o político preferido. Gabriel era o crítico, que costumava apontar a proibição das drogas como causa de homicídios e da violência, da ineficiência dos transportes públicos por causa do monopólio por parte do governo e do fato de pessoas comuns serem empurradas para a clandestinidade, devido à intervenção estatal em áreas de interesse privado. No começo, Toni disse que nada do que Gabriel dizia fazia sentido.

Toni nasceu em 1998, em Campina Grande, e, durante a sua primeira sessão de entrevista em profundidade, o jovem fez questão de enfatizar que cresceu em um “ambiente agradável” e que não teria nenhum trauma de infância – certamente, o fato de eu questionar o ambiente familiar fez com que Toni pensasse que eu estaria a procura de traumas ou outras coisas do tipo.

Toni disse que na infância estudou em escolas particulares no Monte Santo, bairro onde mora “desde sempre”. “[...] não é um bairro considerado nobre e eu sempre tive contato com pessoas bem pobres”. Na percepção de Toni, isso fez com que ele não crescesse dentro de uma “bolha”, uma vez que, para ele, o bairro e a escola trouxeram variados tipos de interações sociais. A partir da adolescência, Toni passa a estudar no mesmo colégio que Gabriel estudou, no centro de Campina Grande. Esse fato em comum fará com que eles se aproximem quando se encontram na universidade. Toni estuda Direito na UEPB, juntamente com Gabriel, Julio, Nanda, Tiago e Felipe, que serão apresentados logo mais.

Sofia

Sofia entrou no movimento liberal de Campina Grande depois que conheceu Gabriel no IFPB, onde estudaram juntos em 2015, o namoro com Gabriel mudou completamente a vida da jovem nascida no interior da Paraíba.

Sofia nasceu em 1997, em uma pequena cidade paraibana chamada Areial, localizada nas redondezas de Campina Grande, semiárido brasileiro. A infância de Sofia foi toda nessa

cidade e ela diz ter sido “complicada”, porque lamenta a ausência da mãe, que trabalhava muito para suprir a ausência financeira do pai. Sofia passou a infância e a adolescência sem conhecê-lo e disse que na escola os colegas comentavam sobre isso e ela se sentia triste e reprimida. “Minha infância foi muito solitária mas não foi pior do que as outras de lá. As vezes acho que até tive um pouco de sorte”. A mãe, a avó e a tia eram as responsáveis pelo sustento da casa, todas trabalhavam na agricultura local durante sua infância.

Sofia herdou dos pais aquilo que ela mais preserva: a herança negra que lhe confere os longos cabelos encaracolados, a pele morena e toda a ancestralidade que ela cultiva com carinho e orgulho.

Sofia sempre estudou em escolas públicas em Areial, e a vida corria dentro da normalidade do que era possível numa cidade pequena no interior da Paraíba. Mas, em 2013, aos dezesseis anos, ela passou na seleção para o IFPB e a vida dela mudou completamente. Em suas entrevistas em profundidade, Sofia relatou que a “mentalidade” das pessoas que encontrou no IFPB foi o grande impacto que ela sofreu de imediato, referindo-se ao modo de ela perceber os indivíduos com quem dividiu uma interação social, fazendo com que ela os definisse como mais “livres”, mais “inteligentes”, “mais abertos” que os da pequena cidade onde morava.

O acesso ao liberalismo veio a partir de Gabriel. Sofia lembra que eles se viam nos corredores do IFPB e se adicionaram no Facebook. Ela lembra, também, que Gabriel publicou um texto: “Era muito simples o texto, muito fácil de entender”. Como de hábito, o texto escrito por Gabriel era sobre liberalismo e política cotidiana brasileira, Sofia leu e tudo lhe pareceu fácil de entender, o que pode significar que ela concordou com os termos liberais logo de primeira. Empolgada com a leitura “inteligente”, ela mandou uma mensagem privada para Gabriel dizendo que havia curtido o que ele escreveu. Ele de imediato respondeu e perguntou se ela seria liberal também, mas Sofia não tinha ainda a menor ideia do que se tratava e respondeu que só havia gostado “muito mesmo” do que ele escreveu. Logo depois eles começaram a namorar e ela não desgrudou mais do liberalismo.

A mudança para Campina Grande e o acesso ao universo de Gabriel mudaram completamente a vida de Sofia. Os amigos em Areial passaram a não ter mais afinidade alguma com ela e não demorou muito para os amigos de Gabriel passarem a ser os amigos dela também. Por consequência, os amigos de Areial foram ficando para trás. “Eu comecei a não ter mais assunto com eles e comecei a perceber que o mundo em que eles viviam não tinha mais interesse para mim”.

Sofia se esforçou para conquistar o próprio espaço dentro do movimento liberal em Campina Grande. Para isso, foi preciso ela ler um pouco sobre liberalismo, se associar ao SFL

e buscar uma identidade própria para si, além da “namorada de Gabriel”, como poderia ser associada em um primeiro momento. A nossa primeira conversa foi em agosto de 2016 e Sofia tinha 19 anos. Falamos sobre “feminismo libertário²³”, e ela foi a primeira pessoa que falou sobre isso comigo. Se posicionou em relação às feministas de esquerda, dizendo que o liberalismo não as exclui, mas teria uma forma diferente de atuar, mais “livre” e menos ligado às instituições como partidos. Para Sofia, o movimento feminista teria se dividido, no que ela definiu como uma “partidarização do movimento”, ignorando que as ideias devem, em alguns momentos, se tornar pautas partidárias, devido à necessidade de se discuti-las no âmbito do Legislativo: “Partidarizou (o feminismo) e acaba atingindo o movimento e as pautas se abafam, se dividem, porque nem toda mulher tem um partido ou uma preferência. Isso enfraquece o feminismo”.

Apesar de as mulheres da família dela serem todas de “esquerda”, como ela definiu, Sofia relata uma variedade de motivos que a teriam levado a não adotar essa preferência política, porém não é razoável afirmar que ela é de direita ou que tem aproximações com a direita, muito pelo contrário. Das garotas que participam da pesquisa, talvez Sofia seja a que mais se engaja na defesa dos direitos LGBTQI+ e das mulheres como um todo, pautas que são associadas à esquerda.

Felipe

Felipe nasceu em Campina Grande, em 1996, e estuda Direito na UEPB junto com Lucas, Gabriel e outros interlocutores que aparecerão logo mais. A identificação com uma ideologia política surge depois que ele entra na universidade e a partir do contato com Gabriel e com os demais jovens interlocutores.

Os pais de Felipe se mudaram para Lagoa Seca, uma pequena cidade na região metropolitana de Campina Grande, quando ele tinha dez anos de idade e lá abriram uma farmácia que sustenta a família, composta por Felipe e a irmã mais nova. Os pais de Felipe são farmacêuticos e decidiram morar em uma cidade pequena para dar mais qualidade de vida aos

²³ Algumas vezes o termo “libertário” é usado por jovens que defendem a liberdade econômica e individual quando eles querem falar de si mesmos. Ou seja, em alguns momentos, os jovens liberais de que trata essa pesquisa podem se autointitular “libertários”. Desse modo, não são confundidos com jovens liberais conservadores, porém, quando questionei como eles se definem, se liberais ou libertários, todos se definiram como “liberais”. O que pode ser uma estratégia para que o termo “liberal” venha a ter a conotação que eles defendem (liberal por inteiro). Não é incomum que o trabalho de um sociólogo seja visto pelo interlocutor como uma forma de ele ter voz. E a pesquisa para os jovens que participam dela tem essa função, de dar voz a eles e ao que eles defendem. Com isso, a escolha do termo “liberal” na pesquisa tem também a ideia de apropriação (ou reapropriação) do termo por parte desse grupo.

filhos. Felipe sempre estudou em escolas privadas, na adolescência ele estudou junto com Lucas na mesma escola, no centro de Campina Grande, onde Gabriel também estudou, entretanto, em turmas diferentes. Mas esse fato fez com que os três se aproximassem na universidade, lembranças em comum da ambientação na escola, eventos, professores etc. criaram uma atmosfera na qual puderam compartilhar inicialmente fragmentos de suas adolescências até a chegada na universidade.

Felipe lembrou, em uma de suas sessões de entrevista, que o primeiro contato com as ideias liberais proferidas por Gabriel lhe causou estranheza. Felipe conhecia Lucas de um colégio onde estudaram juntos e imediatamente se reaproximou dele quando se reencontraram na UEPB. Com isso, a aproximação com Gabriel veio através de Lucas. Felipe lembra que, no começo, os dois colegas discutiam política e ele ficava observando. No começo desse reencontro, Lucas tinha um posicionamento mais à esquerda, desse modo, as discussões com Gabriel eram intensas. “Acho que esse era o maior motivo das discussões da gente, porque, a gente tinha Gabriel extremamente liberal e tinha Lucas bastante esquerda e eu ali no meio dos dois (risos)”.

A inclinação para as ideias liberais, Felipe diz que aconteceu de forma gradativa, a partir do momento em que ele foi percebendo que a defesa das liberdades individuais não seria um “monopólio da esquerda”, como ele mesmo disse. Ao ver Gabriel defendendo bandeiras como casamento homoafetivo e descriminalização do aborto e das drogas, Felipe foi cedendo aos argumentos liberais.

Júlio

Júlio nasceu em 1997, em Campina Grande, e ele também estuda Direito na UEPB, junto com outros cinco interlocutores da pesquisa. Em conversa registrada em gravador de voz, ele diz que, quando chegou à universidade, já conhecia as ideias liberais defendidas por Gabriel, mas que elas foram refinadas no convívio com seus colegas de curso e os demais jovens liberais que também participam da pesquisa.

Antes de decidir pelo curso de Direito, Júlio lembra que queria cursar História, por ser ela a sua disciplina favorita, porém a família dele interrompeu essa decisão e o jovem optou por Direito, que tinha mais a simpatia de seus familiares. Inclusive, Júlio revelou que a identificação com as aulas de História irão despertar o interesse dele por política durante o ensino médio.

Contudo a relação de Júlio com a política parece ser difícil e por vezes controversa, devido ao engajamento político de seus familiares com o Partido dos Trabalhadores (PT) ²⁴.

Na percepção de Júlio, seus pais têm origem social trabalhadora, por eles terem conseguido ascender materialmente por meio do trabalho, “[...] minha mãe é professora de Biologia, meu pai trabalhou a vida inteira como motorista de carro forte, agora ele tem um pequeno comércio de bebidas na frente da nossa casa”. Júlio mora com os pais numa casa própria, no bairro Santa Cruz. Ele conta que estudou em escolas privadas “do bairro”, contudo, no primeiro ano do ensino médio, ele estudou na escola pública Raul Cordola, por ter sido reprovado, e ele diz que como forma de punir a si mesmo, apesar de seus pais não terem imposto o que ele chamou de “castigo”. “Eu quis me punir por ter sido reprovado”. Decerto que a percepção negativa que alguns têm do ensino público foi o que fez com que Júlio saísse de uma escola privada para estudar numa pública como uma punição, ser punido então com a precariedade do ensino e da estrutura física da escola.

Tiago

Tiago nasceu em 1997, em Curitiba, e morou durante quinze anos em São José dos Pinhais, no Paraná. Ele chega em Campina Grande em 2015 para estudar Direito na UEPB. A irmã, nove anos mais velha que Tiago, foi a primeira da família a vir para a Paraíba, ela veio cursar Medicina na UFCG. Tiago seguiu os passos da irmã nesse sentido, só que, diferentemente dela, ele trouxe junto com ele os pais. Hoje eles moram em um apartamento no centro da cidade, perto do CCJ. Os pais de Tiago têm ensino superior completo, o pai graduou-se em Engenharia Agrônoma e a mãe em Odontologia. O pai não exerceu a profissão, passou em um concurso para auditor da Receita Federal ainda em Curitiba e pediu transferência para Campina Grande com o propósito de acompanhar os filhos.

Ainda criança, Tiago disse que desenvolveu o hábito da leitura, porque a mãe dele proibiu televisão em casa até os seus dez anos de idade. Hoje, ele se vê grato e pensa que isso o ajudou a crescer intelectualmente, principalmente porque desenvolveu o senso crítico que ele diz cultivar. Tiago também disse em sessão de entrevista em profundidade que tem um “grande apreço” pela Filosofia, pois, com ela, teria adquirido a capacidade de “questionar” o “sentido da vida”. Na percepção dele, o contato com a literatura filosófica o tornou “uma pessoa melhor”.

²⁴ Detalhes serão expostos no capítulo dois.

A identificação com a ideologia liberal acontece na universidade a partir do contato com Gabriel e os demais amigos que participam junto com ele da pesquisa, amigos que Tiago chama de “família”. “[...] eu tenho neles confiança total. Isso faz a pessoa se questionar, ter um pouco de paz, uma trégua disso tudo”.

O grupo, que ele diz dar uma trégua “disso tudo”, cria uma conexão necessária para ele, de dar sentido às próprias práticas e discursos, afastando-o de um cenário que traduz tudo que ele aprendeu a questionar e se opor, um cenário onde ele vê jovens fomentando um “mito”, como de fato Bolsonaro ficou conhecido pela juventude que o elegeu. E mitos, para Tiago, existem para serem desmitificados.

Nanda

Nanda nasceu em 1998, em Campina Grande, e estuda Direito na UEPB, junto com Gabriel, Felipe, Lucas, Júlio e Tiago, juntos eles formam o grupo de liberais do CCJ e são responsáveis por ações que foram desenvolvidas e que serão apresentadas no capítulo 3 da tese.

Os pais de Nanda sempre incentivaram que a filha estudasse e tirasse boas notas, o que para ela se traduz em amor e cuidado com o próprio futuro. “[...] como eles não tiveram tanto acesso à educação, eles sempre me incentivaram pra essa parte, pra que eu estudasse muito desde nova. Meus pais sempre trabalharam muito”. Nanda conta que a mãe dela estudava Economia antes de ficar grávida, quando precisou parar o curso e trabalhar no comércio de Campina Grande. Seu pai também era comerciário e trabalhava numa loja de equipamentos automotivos. “[...] minha mãe deu duro pra conseguir trabalhar e estudar, mas era preciso pra que a gente pudesse melhorar de vida”. Anos depois de seu nascimento, a mãe de Nanda graduou-se em Enfermagem e desde então é concursada pela prefeitura em uma unidade básica de saúde. Seu pai conseguiu montar seu próprio negócio e tem uma pequena loja de som automotivo.

Nanda conta que inicialmente estudou em escolas privadas do bairro onde sempre morou, Alto Branco, mas como a formação intelectual era importante para a família, seus pais pleitearam uma bolsa de estudos no colégio Damas, tradicional e de classe A em Campina Grande. “Estudei sete anos lá com bolsa integral, só no último ano que fiquei pagando 50 por cento do valor da mensalidade, porque minha mãe começou a trabalhar como enfermeira”.

A aproximação com as ideias liberais só aconteceu na universidade, no contato com Gabriel, que ela diz ter se tornado um de seus amigos mais próximos. Nanda disse que passou toda adolescência sem conseguir se conectar com nenhum dos lados políticos, esquerda e

direita, e que, por isso, ela se sentia isenta do debate político e eleitoral. Mas a amizade com Gabriel mudou essa perspectiva de si. “[...] no ensino médio, quando eu ainda via tudo polarizado, eu concordava com algumas coisas da direita e outras da esquerda. Mas eu nunca me identifiquei cem por cento com nenhum dos lados”.

Beto

Beto nasceu em Campina Grande, em 1997. Diferentemente da maioria dos colegas liberais que estudam Direito, ele é estudante de História, na UFCG.

Os pais de Beto são separados desde que ele nasceu. O pai era policial federal e hoje está aposentado, a mãe era *designer*, mas, com o nascimento de Beto, ela passou a cuidar da casa e da criança. “Ela trabalhou muito tempo como dona de casa e eu vivia com minha pensão, teve época que ela trabalhou pra fora como designer, teve época que ela fez sabonete em casa pra vender. Mas ela tem o curso técnico de Desenho Industrial”. Beto avaliou que a situação financeira de sua pequena família é boa. “[...] mas sem excessos, temos o necessário”.

Nos primeiros anos de sua vida, Beto estudou em escolas privadas, no bairro Dinamérica, onde ele mora com a sua mãe. No ensino médio, Beto passou na seleção do IFPB e, aos catorze anos, teve a sua inserção em uma instituição federal de ensino público. No IFPB, conheceu Gabriel e se tornaram amigos. Ele lembra que desde essa época, 2011, Gabriel já apresentava um discurso diferente da maioria, na percepção dele à época, com convicções mais à direita da política, fato que causava discordância entre eles. Beto achava as ideias do amigo “reacionárias”.

No IFPB, Beto lembra que adorava a disciplina Programação e chegou a pensar que seria com isso que ele iria trabalhar pelo resto da vida. “Só que no fim do curso, quando a gente foi tendo um direcionamento mais pro mercado de trabalho, pra entender como funcionaria o nosso emprego de fato, eu percebi que não gostaria”. A cobrança do mercado de trabalho por resultados rápidos fez com que Beto recuasse da ideia, em razão de que ele queria trabalhar com algo que desenvolvesse o seu intelecto e o lado humano. “Eu iria me sentir um peão se tivesse optado por continuar na programação”. Desse modo, Beto pensou que o curso de História seria capaz de promover o que ele esperava: crescimento intelectual e relações humanas.

Bia

Bia nasceu em 1996, em Campina Grande, e estuda Direito na faculdade Maurício de Nassau, na mesma cidade. Os pais de Bia são proprietários de um engenho de produção de cachaça há mais de 30 anos, em Pocinhos, semiárido paraibano. O pai de Bia é engenheiro químico e se especializou na produção desse tipo de bebida artesanal, a mãe dela terminou o ensino médio e auxilia o pai na administração do negócio. Os irmãos de Bia seguiram a carreira do pai e são engenheiros químicos, contudo optaram por não trabalhar na empresa da família.

Bia diz que sofreu pressão de seus familiares para seguir a mesma carreira como engenheira química, mas a predileção pela área de Humanas fez com que ela seguisse carreira jurídica. “É uma forma de se integrar do sistema e assim poder modificá-lo de alguma forma”.

De todos os jovens interlocutores, Bia é a que apresenta uma situação financeira mais privilegiada, além de seus pais serem empresários, a mãe dela é herdeira de capital político na cidade de Massaranduba, interior paraibano, onde sua família tem participação política a partir de seu avô materno. Os irmãos de sua mãe usufruem desse capital e, na época de sua entrevista, 2018, dois deles atuavam como vereadores pelo PSDB.

Bia sempre estudou em colégios privados e se considera uma boa aluna. A leitura é um de seus hábitos preferidos, que ela diz ter adquirido ainda na infância a partir do contato com seus avós paternos, que moravam na mesma casa com seus pais.

A identificação política com o liberalismo só ocorre em 2016, quando Bia já estava na universidade, aos 20 anos de idade. De todos os interlocutores, Bia é a única que teve uma proximidade com o MBL. Ela chegou, inclusive, a acampar com o movimento em Brasília para forçar o presidente da Câmara²⁵ a abrir o processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff. A ida até Brasília, ela lembra que foi encorajada pelos seus familiares que promoveram condições materiais de deslocamento e alimentação.

²⁵ Na época, a câmara federal era presidida pelo deputado federal Eduardo Cunha (PMDB), preso em seguida pela polícia federal durante a operação Lavajato.

CAPÍTULO 2: SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS LIBERAIS: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA, RELIGIÃO, ESCOLA, UNIVERSIDADE E INTERNET

Castro (2009) sinaliza que o estudo da socialização política dos indivíduos contribui para o entendimento dos mecanismos que regem as democracias, em razão de que esse campo de pesquisa analisa os processos que proporcionam o funcionamento e a reprodução dos sistemas sociais. As discussões a respeito da socialização política, em parte, se preocupam em compreender como o individualismo, o consumismo, as mídias sociais, a globalização, as famílias, as escolas e universidades influem nos processos democráticos, desse modo analisar o potencial e as disposições disponíveis para as crianças e os jovens permite ter uma noção de como uma sociedade está se preparando para a consolidação ou não dos valores da democracia (CASTRO, 2009).

Parto do pressuposto de que a socialização política acontece em primeiro lugar no âmbito do privado, uma vez que é tão somente no espaço da convivência comum e no cotidiano que os indivíduos podem se expressar e agir politicamente (MUXEL, 2014). Essa situação é notavelmente particular no caso das crianças e dos jovens, que são habilitados a participar da política através do convívio com seus familiares (MUXEL, 2014; CASTRO, 2009). Além disso, é por intermédio do potencial e das predisposições juvenis para a vida política, associação e cooperação, que se pode dimensionar a consolidação dos valores democráticos e da confiança nas instituições que uma sociedade concentra (CASTRO, 2009).

Para Dubar (2005), a principal questão para o sociólogo que estuda as interações sociais é a maneira pela qual os atores se identificam uns com os outros, ademais, essa identificação é “indissociável” do contexto onde ocorre a ação, em razão de que a definição dele é também contexto de definição dos indivíduos. Entretanto, o autor salienta que a definição de si não está estritamente determinada pelos ambientes de interação, pois cada indivíduo carrega consigo uma história particular, um percurso de vida que tem significado para a sua identidade, logo a identidade é produto de sucessivas socializações a que foram submetidos os indivíduos (DUBAR 2005). Por conseguinte, ao se relacionar com os outros, o indivíduo internaliza símbolos, ideias e convicções que se refletirão em sua identidade, sendo assim, ela é produto da socialização.

Desse modo, têm-se que uma identidade política é formada a partir de valores, crenças e convicções adquiridas nos processos de socialização política que perpassaram as vidas dos indivíduos (MUXEL, 2014; TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018). Consequentemente, essas

convicções, crenças e valores fundamentam e dão sentido à identificação usada por indivíduos distintos em suas particularidades, mas que assumem juntos uma determinada forma de pensar politicamente.

Logo, a identidade política dos jovens liberais de Campina Grande está sedimentada em um conjunto de valores e convicções que é compartilhado pelo grupo, porém as predisposições individuais foram forjadas em processos sociais anteriores, em suas famílias, escolas e universidade, que, em certo sentido, criaram as condições para que esses jovens se conectassem e passassem a compartilhar e a defender ideias liberais.

Pensando o processo de socialização contemporâneo, Setton (2005) ressalta que os indivíduos têm à disposição um universo cultural “diversificado e plural” que, inevitavelmente, influencia as tradicionais instâncias de socialização, dando novos arranjos à sociabilidade nas escolas e famílias, por exemplo. Também inspirada na percepção de Giddens (1991; 2002; 2009) sobre o que constitui a sociedade moderna, Setton (2005) aponta que as reflexões deste autor indicam um conjunto de conceitos para analisar as formas de interação e sociabilidades modernas, por ele apresentar, como pano de fundo de suas interpretações sociológicas, uma outra “ordem social” que interfere “profundamente” na composição de um “novo” ator social, em razão de que o contexto moderno afeta a forma de o agente perceber o mundo, a si mesmo e as relações sociais que desenvolve. Nesse sentido, é necessário considerar a presença de um fluxo de experiências sociais e identidades individuais que caracterizam a heterogeneidade dos espaços de socialização em que se produzem conteúdos, saberes e competências (SETTON, 2005).

O panorama teórico de Giddens (1997a; 2002; 2009) aponta que a vida humana e as relações sociais têm um caráter de fluxo contínuo e, em alguma medida, são reconstituições de ações sociais anteriores, devido ao fato de a agência humana e a estrutura social constituírem uma à outra. Do mesmo jeito, é preciso levar em conta, nas análises sociológicas, o movimento da globalização, pois ela incide sobre processos de socialização dos indivíduos de uma maneira nunca antes experimentada por eles. Giddens (1996) defende que a globalização seja compreendida como uma “ação à distância”, que provoca a alteração dos contextos locais e das experiências privadas e públicas, uma vez que novos hábitos e estilos de vida passaram a se tornar globalmente e localmente determinantes. Globalização não é, portanto, um movimento único, mas uma mistura complexa de movimentos frequentemente atuando de maneira controversa, produzindo tensões, riscos, disjunções e “novas formas de estratificação” (GIDDENS, 1996).

Outro ponto que se destaca na análise da socialização dos indivíduos, dentro dos parâmetros de Giddens (1991; 1997a; 2002), é que a vida moderna fez com que as tradições passassem a ser fonte de reflexões, revisitações e questionamentos, por elas não servirem mais como base disciplinar e regulatória das práticas sociais entre as gerações e, principalmente, por essas não mais aceitarem os termos das tradições sem antes refletirem sobre eles, e até mesmo questioná-los. Nessa mesma perspectiva, Muxel (2014) reconhece que há uma “nova estrutura normativa” que faz com que os indivíduos sejam incitados a fazer as suas próprias escolhas e isso tem implicações na posição política que irão escolher. Na verdade, a construção da identidade moderna seria “ontologicamente política”, em razão de que ela afirma uma posição e define uma visão de mundo (MUXEL, 2014), desse modo a escolha do indivíduo é tomada como “ponto de significância”, que em grande medida traz uma confiança na vida e nas relações que ele estabelece.

É nessa ótica que a individualização é entendida por Muxel (2014) como resultado do processo democrático, em meio às diferenças e controvérsias da vida em sociedade, que desempenham um “papel regulatório” da obrigação que o indivíduo sente de se definir (e redefinir). Logo, o campo de estudos da socialização política permite uma aproximação dos ideais e das convicções políticas dos atores sociais, mas, também, permite uma interpretação das suas visões de mundo e dos lugares que eles acreditam ocupar na sociedade, conforme indica Anne Muxel (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018).

A família tem um papel na transmissão de convicções, sejam essas políticas ou religiosas, por ela funcionar como uma primeira comunidade de experiência democrática dos indivíduos, colocando em jogo individualidades, oposições e diferenças, segundo Muxel (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018). Entretanto, é necessário ponderar tal perspectiva desta autora, em razão de que, em alguns casos, a família pode ser marcadamente opressora, devido à tradição patriarcal e/ou autoritária que se encontra no Brasil, impedindo, portanto, a possibilidade de uma atmosfera democrática, na qual o debate de ideias e de posições é impedido, uma vez que não há espaço para o diálogo e, conseqüentemente, para a negociação entre os membros da família, caracterizando-se, nesse caso, como uma experiência antidemocrática. Desse modo, quando não há oportunidade para a negociação dentro do ambiente familiar, o indivíduo discordante tende a reprimir a própria opinião, para assim preservar o laço afetivo, evitando o confronto e o rompimento da relação (MUXEL, 2014).

Ainda assim, a família tem potencial para cumprir um papel ativo na construção das identidades políticas, pois, além dos valores e convicções, os sentimentos e as emoções políticas dos pais são transmitidos sutilmente para os filhos, funcionando, assim, como um primeiro

laboratório das identidades políticas. Dessa maneira, Muxel explica (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018) que essas primeiras identificações têm capacidade de criar raízes sobre um terreno afetivo conectado à formação da criança e de sua vida em família, contudo ressalto que essa transmissão não é automática, uma vez que os mecanismos que a compõem são sutis; além disso, essa transmissão acontece por meio de processos de socialização em que ocorrem negociações de valores, crenças e opiniões.

Sem dúvida, a socióloga Anne Muxel tem uma rica contribuição para o estudo da socialização política, em particular a dos jovens, campo de estudos ao qual ela se dedica há pelo menos trinta anos, desde que começou a querer entender de que forma os valores políticos dos pais são transmitidos para os seus filhos, e como estes lidam com essa influência durante as suas juventudes e vidas adultas. Para ela, a juventude é particularmente relevante no estudo da socialização política, por definir um espaço de transição entre uma socialização primária (infância) e outra secundária, marcada pelas fases posteriores da vida desses indivíduos. Ambas as etapas da socialização política levam gradualmente a um processo de afirmação da autonomia e legitimam as escolhas que serão feitas. Na concepção de Muxel (2008), estudar a socialização política dos jovens é vê-la como um processo de operações simultâneas (ou sucessivas) de construções, formalizações, interpretações e aplicações de códigos e práticas sociais que o indivíduo jovem assimilou do cenário social.

Muxel (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018) observa ainda que a juventude é um tempo de negociação entre as heranças oriundas da socialização primária e aquelas que foram experimentadas através da autonomia, uma vez que a juventude marca um período de tensão entre a herança familiar, a escolar e as influências dos novos contatos, amigos, colegas de trabalho, relações amorosas, etc. Por isso, a juventude é um período da vida interessante para se observar a construção de uma identidade política.

Os estudos de Muxel (2014; 2008), nesse sentido, lançaram uma luz na análise da relação dos jovens liberais com a política, juntamente com as implicações das influências advindas de suas famílias, instituições de ensino e amigos. Na já referida entrevista concedida à Tomizaki e Daniliauskas (2018), Anne Muxel explica que há uma “moratória política dos anos de juventude” (2018, p.352), na qual a sua identidade política está se construindo, se fixando, porém, ainda há algo que não está pronto e por isso o jovem tende a se engajar e desengajar de associações e de coletivos políticos que se filiou, devido a esse caráter transitório dessa época da vida. Todavia, não é correto supor que na fase adulta ocorre uma fixidez dos posicionamentos e identidades políticas, uma vez que é possível observar que nesse momento da vida também ocorrem mudanças de opinião política.

No que tange à relação da juventude com a política, percebe-se que ela pode ser marcada por paradoxos, ambivalências e contradições, por colocar em jogo questões individuais e coletivas e por se dar em um momento de transição na vida desses indivíduos, no qual uma identidade política está em formação, empregando um caráter fluído e flexível a esse processo.

É fato que, no mundo contemporâneo, o indivíduo jovem encontra na internet e nas mídias sociais um universo capaz de socializá-lo de diferentes maneiras, e algumas delas podem rivalizar com o conteúdo afetivo e disciplinador repassado por suas famílias. Tanto o acesso a conteúdo informacional na internet, como a intensidade de interação nas mídias sociais, configuram um novo espaço de socialização do jovem (SETTON, 2005; NOVAES, 2006) e, portanto, de influência na construção de suas identidades políticas. Contudo, Muxel (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018) acredita que a família continua a ter um papel importante devido aos afetos, através do lugar que ela ocupa dentro de um contexto social globalizado, complexo e de difícil compreensão, marcado por crises institucionais, democráticas, financeiras e climáticas. Para ela, na contemporaneidade, a família tem o papel de filtrar, decodificar um mundo incerto e instável, em muitos momentos, por ela ser, na maioria das vezes, uma referência de afeto e de confiança; como será possível acompanhar no caso de Nanda, no qual a maneira de a família lidar com o assunto político será incorporada pela jovem, norteando a forma de ela expor as suas convicções e ideais diante de um tema que, na percepção dela e de seus familiares, causa constrangimentos e gera inseguranças.

Ao analisar a socialização política dos jovens liberais de Campina Grande, trarei à baila suas experiências quando crianças, traduzidas obviamente à luz do momento presente, mas enquanto um momento da vida dos jovens que contribuiu para sua formação política atual. Quanto à posição outrora de infância dos jovens interlocutores, acredito que Sarmiento (2005) coopera com o pressuposto aqui adotado, um vez que ele recusa uma interpretação da criança como um ser incapaz e dependente dos adultos para elaborar um senso crítico a respeito do que se apresenta para ela. A criança possui uma forma diferenciada de interpretação do mundo e de “simbolização do real”, tendo, portanto, a competência de formular interpretações da sociedade, da natureza, dos sentimentos e de si própria, usando, inclusive, essa sua capacidade de interagir com o mundo como uma forma de lidar com tudo que a envolve (SARMENTO, 2005). Desse modo, considero que a infância dos jovens liberais de Campina Grande é significativa para eles e para esse trabalho, sendo possível acessar esse passado através da pesquisa, como o leitor poderá conferir.

Por tudo que foi exposto, tornou-se necessário para esta pesquisa desvendar como foi a infância, a adolescência, a relação familiar, a passagem por instituições formais de ensino e

também o uso da internet por cada um dos jovens interlocutores, despertando também neles o interesse de buscar compreender de que modo se deu essa identificação com o liberalismo do tipo que eles defendem. Assim como entender quais foram os afetos, os valores e os sentimentos que foram repassados pelos seus pais, mas também pelos professores, colegas e amigos que possibilitaram essa identificação política. As respostas o leitor poderá conferir no presente capítulo. Na primeira parte dele, será discutido o papel da família no processo de socialização dos jovens liberais de Campina Grande, posteriormente será apresentada a influência da religião nos valores de suas famílias. Na segunda parte deste capítulo, o leitor encontrará o papel da escola, da universidade e da internet, nas trajetórias de adesão dos jovens até o liberalismo. E, na terceira e última parte, será apresentada ao leitor a importância da rede SFL na trajetória dos jovens liberais de Campina Grande.

Parte 1: Política e Família

Talvez a parte mais emotiva desta pesquisa tenha sido ouvir dos jovens liberais de Campina Grande as suas histórias de família, as suas lembranças de infância, primeiro, porque eu sentia como se estivesse lendo um livro repleto de novos personagens e ricos significados, e, segundo, porque eu percebia como a vida de uma única pessoa pode ser tão significativa para o todo. Aquelas lembranças eram a novidade da pesquisa, mas, em algum nível, eram uma excepcionalidade também para os interlocutores, em razão de que parte deles visitava essas lembranças pela primeira vez e algumas eram carregadas de valor sentimental e emotivo²⁶.

Do ponto de vista sociológico, a caracterização socioeconômica das famílias dos jovens interlocutores demonstra uma diversidade de origens sociais, desde família de pequenos ex-agricultores rurais, até família de oligarquia política, entretanto, há entre todas elas um ponto em comum: a valorização da cultura letrada ou do ensino formalizado. Desse modo, a busca por conceitos políticos nos livros e artigos, no tempo presente, advém de uma assimilação que fizeram ainda quando eram crianças, de que é preciso estudar para ter autoridade sobre determinado assunto, para se exercer um domínio de determinada área, e isso se estende para as suas práticas políticas. Há uma valorização da atividade intelectual por parte dos jovens interlocutores e, por conseguinte, uma valorização dos intelectuais do liberalismo. De acordo com a narrativa dos jovens interlocutores, a cultura letrada é concebida como uma autoridade

²⁶ Para aprofundamento dessa discussão, ver: MUXEL, Anne. **Individu et mémoire familiale**. Paris: Nathan, 2000.

informativa capaz de dizer o que é bom ou não, através da imersão na leitura de textos, podendo ser livros ou artigos, mas também no consumo de vídeos gravados e publicados no *Youtube*, nos quais as ideias desses intelectuais são propagadas.

Para Bourdieu e Passeron (2018), existem estruturas simbólicas pelas quais um grupo exerce o seu domínio, desse modo, a cultura letrada, por exemplo, pode ser considerada um poder simbólico exercido por uma elite intelectual, que através dele obtém uma distinção e legitimação de seu domínio. Na percepção desses autores, seria a classe média a que mais se engajaria numa vida escolarizada, sob o intuito de adquirir este tipo de domínio, por avaliar que, por intermédio dele, ela pode adquirir prestígio, podendo com isso ascender socialmente, e, desse modo, se esforça para ser apreciada do ponto de vista do “ethos” da elite cultural.

Entretanto, Setton (2005) ressalta que Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron não desconsideravam a disputa das classes populares diante deste domínio e sinaliza que o capital cultural, atualmente, pode ser adquirido de diversas maneiras, o que faz com que as classes populares também possam disputar esse campo. Para esta autora, a leitura de jornais, revistas especializadas, entrevistas assistidas com especialistas em canais como o *Youtube* e até mesmo incursões pela internet, possibilitam o acesso a variados tipos de conhecimento e saberes da cultura intelectualizada. Por mais que essas instâncias possam ainda não ser consideradas legítimas, devido à ausência de uma diplomação, é notável uma abertura do aprendizado informal/formal (SETTON, 2005), situação que será percebida nas narrativas dos jovens interlocutores.

Como irei expando ao longo deste capítulo, na assimilação de conteúdo liberal houve um esforço por parte desses jovens em adquirir conhecimento suficiente para se considerarem participantes de um debate intelectual e político, contudo, como o leitor irá perceber, essa prática foi iniciada pelas suas famílias, ou seja, durante o processo de socialização que experimentaram. Ocorre em todas as famílias dos jovens interlocutores uma valorização da educação formal, do estudo, e, em alguns casos, do hábito da leitura.

Os elementos que compõem a socialização política dessas famílias, isto é, os valores, as emoções, as atitudes em relação à política, manifestam-se de forma variada. Há famílias que têm uma aproximação política ou ideológica com o PT, contudo, aparecem também na pesquisa uma predileção pelo PSDB e MDB; além disso, o engajamento político dessas famílias também acontece em diversos níveis de intensidade, demonstrando uma multiplicidade de experiências ou práticas de socialização política que ajudaram a tornar este trabalho relevante e significativo. Então, a partir de agora, o leitor irá conhecer um pouco da trajetória familiar dos jovens liberais

de Campina Grande, histórias que tornaram possível o engajamento político que eles têm e que criaram as condições para que eles viessem a se afirmar um dia como “liberais por inteiro”.

O pai de Gabriel começou a trabalhar como carteiro nos Correios quando ele ainda era “muito criança”, o que faz com que ele não consiga lembrar ao certo as datas e as principais dificuldades do pai na estatal. Entretanto, Gabriel lembra um pouco da atuação do pai à frente do sindicato dos trabalhadores dos Correios em Campina Grande. Em casa, ele disse, havia periódicos “Causa Operária”, panfletos com reivindicações trabalhistas e material de greve que o pai distribuía na porta dos Correios. Como esse material era levado para a casa de Gabriel, ele diz que lia tudo, mas que não conseguia compreender a dimensão política que havia naquilo. “Eu lia como se fosse uma notícia fria de algo que aconteceu. Eu não tinha uma opinião sobre isso. Só lia e via o que estava acontecendo”. Esse distanciamento diante da atuação política do pai dele transparece em outros momentos de suas entrevistas. Curiosamente, Gabriel tende a minimizar a questão e diz acreditar não ter tido influência alguma do pai sobre o seu gosto e atuação política, pelo fato de eles terem opiniões e convicções distintas.

Na percepção de Gabriel, essas coisas contribuíram “apenas” para criar uma “atmosfera” política dentro de casa, mas ele se apressa em dizer que esse não era o assunto principal de sua família: “[...] não era que a gente conversava sobre política na hora do jantar. Não era algo na mesa de cozinha, nunca falamos sobre isso em mesa de cozinha. Não era nesse nível”. Gabriel afirma que não tem lembrança de nenhuma conversa marcante sobre política no ambiente familiar, porém, ele recorda que o pai “parou” para ver a posse do presidente Lula em janeiro de 2003. “A gente estava na casa de minha vó e ele parou pra ver esse negócio”. Na ocasião, Gabriel tinha seis anos de idade. Como dito anteriormente, os mecanismos presentes no processo de socialização política são sutis, e, de fato, os sentimentos em relação à política têm mais capacidade de marcar os agentes do que uma conversa séria sobre política ou ideologia. De modo que, o fato de o pai ter parado o almoço para ver a posse de Lula marcou Gabriel e a maneira com que o país se relacionava com este líder político.

Apesar do interesse na posse de Lula, Gabriel disse que o pai não se engajou na eleição dele em 2002, apenas nas anteriores, nos anos de 1989 e 1994. Na percepção de Gabriel, em 2002 Lula teria adotado um discurso político ameno, afinado com o liberalismo econômico, isso seria a causa de ele ter sido eleito pela maioria da população e ter se mantido no cargo por dois mandatos em que obteve altos índices de popularidade²⁷. O pai de Gabriel, ele diz, tem

²⁷ Para análise dos governos de Lula, ver: SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Ou ainda, SINGER, André. **Razões sociais e ideologias do lulismo**. In *Novos estudos*, n.85, 2009.

preferências políticas marcadamente de esquerda, por conta disso, o pai não se sentiu motivado a trabalhar pela eleição de Lula versão “paz e amor”, apesar de ter votado nele e de ter parado para assistir a sua posse.

Gabriel acredita que o interesse do pai dele por política aconteceu ainda na juventude, depois que ele soube das condições vividas pelo povo negro na África do Sul, durante o regime de segregação racial Apartheid, que se estendeu de 1948 até 1994. Gabriel contou que a situação provocava tanta revolta em seu pai, que ele pensou em viver no país africano para que assim pudesse lutar pela liberdade daquele povo: “[...] Era algo que chocava ele, incomodava, e ele lia a respeito e queria fazer algo. Ele me falou uma vez que quando jovem, com 15 anos, pensou em pegar em armas e ir pra África do Sul derrubar o governo.”.

Gabriel diz que o fato de o pai ser negro teria agravado a revolta com o apartheid e incentivado o gosto por política, pois, conta Gabriel, na família do pai todos são "apolíticos" e até hoje não se interessam pelo assunto como o pai dele. A mãe de Gabriel também não tem o gosto por política acentuado como o pai. “Ela prefere falar sobre outras coisas e gastar o tempo dela com outras motivações”, sentenciou Gabriel.

O envolvimento do pai dele com o sindicato foi intenso a ponto de ele se tornar diretor da instituição, era ele quem organizava as greves, os piquetes na porta do Correios e que fazia discursos políticos por melhorias das condições salariais e de trabalho. Apesar do envolvimento do pai e da influência que isso pode ter tido em sua vida, Gabriel tende a minimizar o fato por acreditar que ele era “muito pequeno” quando tudo acontecia:

Eu achava importante, mas não era algo (pausa) eu tinha sete, oito anos, era algo muito estranho a mim (pausa) não era algo que fazia parte da minha vivência. Não era como se eu tivesse a mente de hoje e estivesse analisando. Aquela época, eu era uma criança e tinha uma mente de criança, então, eu não tinha preocupação com aquilo. Não era algo que importava pra mim. Eu lembro que ele fez a maior greve do Correios, foram 21 dias de greve, a maior da história do Correios. Eu achava legal, interessante “Pow greve grande, legal, painho tá cansado com isso”. E era um feito histórico para o sindicato, mas, para mim era tanto faz, sabe? Não importava muito. (Entrevista realizada em outubro de 2018).

A atmosfera política em casa se intensifica com a assinatura das revistas *Veja* e *Época*, às quais Gabriel tinha acesso e lia costumeiramente. Apesar de não ser um ambiente ativamente político, a casa de Gabriel era um ambiente politizado, onde ele tinha acesso a revistas, jornais, panfletos com conteúdo sindicalizado e, portanto, político, além da atuação política do pai dele.

Tudo isso faz com que a política seja uma força crescente; ela cresce para Gabriel na medida em que ele vai crescendo e com o passar dos anos vai despertando nele uma vontade de se posicionar e de afirmar as suas próprias convicções, coisa que ele faz cedo, aos 14, 15 anos. “Eu acho que a minha relação com a política foi uma coisa holística, foi uma crescente.”

Com muita folga, Gabriel pôde escolher com o que se identificaria, em razão de que, em sua casa, havia revistas que não eram de esquerda e também materiais políticos próprios da esquerda, como o jornal da Causa Operária. Além de uma atmosfera política, Gabriel cresceu em um ambiente que lhe proporcionou uma primeira experiência democrática nos termos propostos por Muxel (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018), já que tanto o seu pai quanto a sua mãe deixaram que seus filhos pudessem ter acesso a conteúdos diversos e que, desse modo, pudessem formar uma opinião própria sobre política e economia. Apesar de o pai ser uma liderança sindical importante na cidade, ele não pressionou o filho para que ele seguisse os mesmos passos ideológicos.

Giddens (1996) acredita haver uma relação entre a democracia e os relacionamentos pessoais dos indivíduos, por serem meios de eles adquirirem confiança uns nos outros, desenvolvendo o diálogo aberto, livre de coerções, estimulando não apenas a capacidade de lidar com o conflito, mas também de criar uma atmosfera de tolerância mútua. O relacionamento entre pais e filhos, nesse sentido, é estabelecido por meio de uma “autoridade negociada”, onde o diálogo prevalece e não a imposição coercitiva. Na realidade, Giddens (1996) propõe uma “democracia das emoções” que teria implicações significantes para a promoção de uma democracia formal e pública, nela as habilidades de se comunicar podem ser desenvolvidas através do âmbito pessoal. Giddens (1996) ressalta ainda que o indivíduo moderno precisa de autonomia concreta e psicológica, uma vez que é incitado a tomar decisões, para que ele possa desenvolver a confiança em si mesmo e na capacidade de se relacionar com o diferente. Nesse sentido, a família, frequentemente o primeiro espaço social com o qual o agente precisa lidar, passa a exercer um papel significativo na construção de uma “democracia das emoções”. Não obstante ser impossível afirmar que toda família é um espaço democrático, a narrativa de Gabriel sobre seu grupo familiar aponta nesta direção.

O caráter democrático da família de Gabriel se faz perceber em outros momentos das entrevistas, quando ele diz que sempre teve abertura para falar sobre “qualquer assunto” com os seus pais e foi incentivado por eles, desde cedo, a ser responsável por si mesmo.

Nunca teve tabu lá em casa, nunca teve assunto proibido. Eles me criaram muito solto. Eles sempre confiaram em mim e sempre me deram liberdade com responsabilidade.

Sempre conversaram muito. Eu nunca apanhei na minha vida. Toda reclamação, todo castigo, era conversado. Não é a toa que até hoje eu tenho horror à violência física real, eu acho um negócio muito incivilizado. Gritar e bater em alguém é um negócio muito horrível pra mim, eu nunca tive contato com isso. Nunca convivi com isso. Minha infância não teve isso. Eu acho que é um círculo virtuoso, eu nunca precisei quebrar as regras dos meus pais, porque, primeiro, eram regras amplas e eram regras racionais “não roube” “não mate” “me diga onde você está”, não era uma regra retardada, “não saia com fulano”. E como eu sabia que eles confiavam em mim, eu sempre tentei fazer jus a essa confiança. Era uma relação de troca, eles confiavam em mim e me davam essa liberdade e eu respeitava as coisas. Eu sempre fui muito independente. Nunca chamei meus pais para resolver os meus problemas. Mas também nunca dei problema. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Muxel (2014) acredita que a transmissão sutil de valores políticos para os filhos se dá muito mais pelas emoções e afetos despertados pelos pais nas crianças, do que pelas ideias e convicções que eles defendem. As impressões que ficam são aquelas trazidas pelas emoções despertadas, muito mais do que os ideais defendidos, que podem passar despercebidos devido à possibilidade de essas convicções não serem assimiladas pela criança de maneira concreta. Com isso, o sentimento que a política desperta nos pais é muito mais marcante para os seus filhos do que necessariamente uma ideia defendida por eles.

Gabriel não consegue lembrar de nenhuma conversa marcante entre ele e o pai que remeta ao trabalho no sindicato. Com esforço, tentou lembrar, sem sucesso, de algum trecho de discurso que o pai criou durante os anos em que esteve à frente dos piquetes. Contudo, Gabriel lembra que o pai sentia revolta com a situação vivida pelo povo negro durante o regime do apartheid, sentimentos de empatia, justiça, liberdade e igualdade certamente invadiram seu pai e foram assimilados pelo filho Gabriel.

Assim, é possível dizer que esses sentimentos em relação à política são incorporados por Gabriel na forma que ele enxerga e defende o liberalismo, amplo no social, na economia e na política. “Liberdade ampla para todos”, como Gabriel costuma dizer. Essa liberdade com que diz ter sido criado foi um valor cultivado pela família de Gabriel, esse valor parece ter se estendido até o entendimento político que o jovem concebeu para si. Um dos valores do liberalismo, acredita Gabriel, é defender a liberdade para que os indivíduos possam viver a vida que eles desejam, sem a interferência da sociedade através do Estado, respeitando os limites da liberdade do outro. Uma espécie de “liberdade com responsabilidade”, conforme Gabriel descreveu a maneira com que foi socializado pelos seus pais. A defesa da liberdade como um ideal, certamente, na prática, poderia ter sido aplicado a outra ideologia política que Gabriel

escolhesse. Entretanto, é importante perceber a seleção feita pela memória dele de eventos de seu passado que, de certo modo, dão sentido para a narrativa que ele estava expondo para mim.

Rosenthal (2014), que tem uma extensa contribuição sociológica nas abordagens biográficas, indica que o passado é vivenciado no presente durante a narração de um fato pelo entrevistado. Essa vivência selecionada, que passa a existir tanto no passado como agora no presente, representa um “tema”, que, por sua vez, está conectado a um campo temático da narrativa que o entrevistado desenvolve. Rosenthal (2014) aponta ainda que o campo temático de uma narrativa de vida é definido pela perspectiva do presente e pela maneira com que o entrevistado interpreta o seu passado; além disso, ela afirma, o desenvolvimento da lembrança sempre possibilita um novo significado para essa experiência.

Nesse sentido, a lembrança selecionada pela memória de Gabriel, de que seu pai sentia revolta com a situação do povo negro durante o regime de apartheid na África do Sul, estaria dentro de um campo temático que, suponho, estaria conectado ao ideal de liberdade, e, ainda, à recordação que fez de suas saídas noturnas, de sua independência e “liberdade com responsabilidade”, essas também estariam dentro desse mesmo campo temático de sua narrativa. A perspectiva que ele tem para o seu presente conseguiu reunir lembranças significativas para a vida dele hoje, a revolta de seu pai com um regime de segregação, portanto, de privação do povo negro, de exercer a sua liberdade plena dentro de seu próprio país, foi narrada como o evento que, Gabriel acredita, teria sido emblemático para que o pai tomasse gosto por política, diferente de seus familiares, que Gabriel diz serem “apolíticos”. Então, será mesmo esse o evento decisivo para que o pai dele passe a gostar de política? Ou será que Gabriel lembrou e deu um novo significado para essa memória, agora conectada às perspectivas políticas que ele mesmo carrega? O fato é que as memórias por ele narradas criaram o sentido que ele buscou dar para a possível motivação dos valores políticos que ele carrega. A memória certamente não foi inventada, porém Gabriel pode ter dado um novo significado a ela a partir do momento em que a narra em seu presente, uma vez que ela passa a existir também nesse tempo atual de sua vida.

Em um processo mais orgânico do que mecânico, Gabriel incorporou o ideal de liberdade com que foi socializado por sua família para as convicções políticas dele e assim defende para os amigos e para aqueles que procuram saber o que ele pensa sobre política e sobre a vida em sociedade. É importante ressaltar que o principal lema dos jovens liberais de

Campina Grande é defender a “liberdade por inteiro”²⁸. Como é possível perceber, a primeira experiência democrática de Gabriel, através de sua família, despertou nele sentimentos de liberdade, igualdade e responsabilidade, os mesmos sentimentos que eram cotidianamente cultivados por sua família na maneira de eles viverem juntos. O processo de socialização pelo qual passou Gabriel durante toda sua infância e adolescência foi capaz de sedimentar nele meios de se identificar com o liberalismo nos termos que ele acredita. É perceptível que de maneira orgânica ele transfere esses mesmos sentimentos para a sua experiência política, em razão de que, para Gabriel, existe a percepção de que é preciso ter liberdade para crescer, desenvolver, conquistar uma autonomia. E isso ele assimilou do convívio com seus pais.

Assim como Gabriel, Toni teve contato com a política ainda criança, através da família e dos vizinhos e colegas do bairro Monte Santo, em Campina Grande, onde mora desde que nasceu. Toni é filho de pais separados e desde a infância tem contato com o pai esporadicamente, apenas nos finais de semana. Na pesquisa, ele disse ter crescido em um ambiente “majoritariamente feminino”, devido ao convívio com a avó e as tias, irmãs da mãe dele. O contato com a política se deu cedo, ele lembra que desde muito novo ouvia a mãe discutindo política com parentes e vizinhos. “Para os padrões da sociedade, eu posso considerar a minha mãe uma pessoa bem informada.” A mãe é graduada em Administração de Empresas e trabalhava no comércio antes de ele nascer, mas depois passou a se dedicar totalmente à criação dele, sendo atualmente dona de casa. Toni revelou que o sustento da casa é garantido pela rede familiar de sua mãe, com isso, a sua avó, tios e tias, possibilitaram os meios materiais para que a mãe dele pudesse se dedicar totalmente à sua criação. Toni disse ainda que a família de sua mãe tem um pequeno negócio no comércio de Campina Grande de onde eles tiravam o sustento dele.

A preferência política da família era pelo PSDB, Toni disse que “nunca viu” a mãe torcer pelo PT, apenas a avó tinha uma “simpatia” por Lula. O ambiente político Toni descreveu como “clima de torcida de futebol”, não havia discussão de proposta política ou de ideais, eram apenas comentários sobre aspectos pessoais dos candidatos, se eram feios, gordos, se pareciam com alguém ou algum bicho. Ele acompanhava a tudo achando graça e se divertindo. A política era uma diversão e um espaço para enaltecer um determinado grupo político poderoso e zombar do opositor a ele. Nesse contexto, as crianças eram as que mais se divertiam:

²⁸ No capítulo 3, será discutido com mais profundidade o posicionamento liberal por inteiro dos jovens interlocutores.

[...] eu achava legal. Eu colocava adesivo na roupa, colecionava santinho. Mas minha mãe não ligava muito pra isso não. As vezes passava uma carreta lá na rua e a gente ia olhar. Mas nada assim que ela valorizasse demais. Eu gostava porque eu era criança e os guris todos iam. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

As preferências eleitorais dos pais eram transferidas para os filhos, eles torciam para os candidatos que os pais torciam e zombavam dos candidatos que eram oponentes às escolhas dos pais. E, na opinião de Toni, tudo se passava como uma “copa do mundo”, onde cada um tinha seu time preferido e as casas se enfeitavam com as cores, bandeiras e adesivos de suas preferências políticas.

Palmeira e Heredia (1995; 2006) desenvolveram uma pesquisa na zona da mata pernambucana com o propósito de compreender o comportamento político de brasileiros e brasileiras que moram no interior do país; uma mesma pesquisa foi desenvolvida por eles no sul do Brasil, em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Foi observado pelos autores que a política marca um tempo sazonal na vida dessas pessoas durante as eleições, tanto municipais, como estaduais e federais. Desse modo, a cada dois anos essas pequenas cidades se preparam para viver de modo específico o momento eleitoral, denotando que há uma particularidade no modo como elas lidam com a política. Palmeira e Heredia (1995) apontam que o voto nessas localidades tem o significado de adesão, em razão de que, para o eleitor da cidade pequena, trata-se de ele se situar em um lado da sociedade em que vive. Os autores perceberam ainda que, tanto quanto o voto, pesa na comunidade a antecipação pública do voto, ou seja, um cartaz, uma faixa ou bandeirolas na porta de casa representam a declaração do voto, sinalizando antecipadamente para a comunidade que o dono daquela casa acompanha determinado candidato e isso tem implicações na força com que essa candidatura é percebida pelos moradores (PALMEIRA, HEREDIA, 1995).

Esse é um movimento que afasta a possibilidade de candidaturas menores chegarem ao poder, nessas não há extensa e volumosa quantidade de material publicitário para ser distribuído, fazendo com que elas fiquem para trás na corrida eleitoral, pois, salientam Palmeira e Heredia (1995; 2006), os eleitores aderem à campanhas que demonstrem força na comunidade. Nesse sentido, a publicização antecipada do voto cria a percepção que determinado candidato está forte na disputa, pois, ele tem a adesão pública de determinados moradores, logo, há de certa maneira um clima de batalha entre candidaturas, e as armas são os cartazes, faixas, bandeirolas e carretas, quem tiver mais artilharia tem a preferência dos eleitores. Desse modo, os pesquisadores indicam (PALMEIRA; HEREDIA, 1995; 2006) que

não se trata de uma escolha para eleger seus representantes, mas de uma adesão a determinadas “facções” políticas.

Além disso, as pesquisas de Palmeira e Heredia (1995; 2006) explicam que as eleições marcam uma temporalidade na vida dos moradores de cidades como Campina Grande, devido ao fato de elas se inserirem, mesmo que de maneira informal, no calendário de festas da comunidade, denotando que existe um “tempo da política” para os moradores dessas localidades. Essas observações confirmam a percepção de Toni com relação ao clima político que essas eleições tinham para ele, de que se tratavam mais de um momento de festa, algazarra, “copa do mundo”, essa particularmente coincide com as eleições majoritárias para eleger os representantes da esfera nacional. Além disso, Toni alega que os eleitores se comportavam como se estivessem torcendo para times de futebol, em razão de que duas candidaturas disputavam o controle do poder público e os moradores escolhiam um lado da sociedade em que vivem.

Toni, ao lembrar desse seu primeiro contato com a política, ainda na infância, fez uma avaliação de seu passado, reinterpretando-o e, desse modo, dando um novo significado para ele, ao declarar que se tratava de uma “relação eleitoral”, carente de um envolvimento “ideológico”. Nesse sentido, o jovem liberal tematiza essa lembrança e reforça seus argumentos atuais sobre ela, revelando que seu tio, irmão de sua mãe, foi candidato a vereador, e na época ele ainda garoto saiu em campanha pelo bairro junto com a mãe:

[...] eu via gente recebendo dinheiro. Vi como era que funcionava a política nos bairros. Na véspera de eleição vinha um carro e distribuía feira pra todo mundo. Pagava coisa pra todo mundo. Eu via como funcionava a política, aquela coisa bem coronelista. Com dez, doze anos, eu já via isso. Eu lembro de uma vez que eu tava com minha mãe e eles foram em uma casa dar dinheiro pra uma galera. Aí eu escutei quando a gente tava indo embora, um cara comentando que era o quinto vereador que ele recebia dinheiro. Aí eu falei pra minha mãe e minha mãe pegou e não deu dinheiro pro cara. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A distribuição de feira e de dinheiro em época de campanha eleitoral era visto pela mãe, pelos familiares, vizinhos e até mesmo, na época, por Toni, como algo “normal”, uma vez que fazia parte do jogo político eleitoral. A possibilidade de distribuir dinheiro e feira daria alguma chance na eleição e sem essas coisas poderia ser impossível entrar na disputa com chances de ganhá-la. Durante a sua narrativa, Toni ressaltou a normalidade da conduta de sua mãe na promoção da campanha a vereador do irmão dela, com isso, o jovem liberal, mesmo no crivo

dessa ação em seu presente, pontuou que se tratava de uma “situação normal”, praticada por “quase todo mundo”. Salientou também que, “se fosse hoje”, não apoiaria essa conduta, por acreditar que ela diminui a possibilidade de um debate político propositivo, fazendo com que os eleitores pensem que “política é isso”, ignorando as propostas ou o trabalho já desenvolvido por esses candidatos dentro das esferas da república. “Acho que eles acabam se acostumando a isso, aí se esquecem de olhar o histórico e as propostas desses candidatos. Muitas vezes nem propostas eles têm, mas eles vão lá e votam”, avaliou Toni.

Bezerra (1995) chama a atenção para as relações e os mecanismos sociais que foram concebidos historicamente e que estruturam certas práticas vistas pelo senso comum como corruptas ou corruptoras, evidenciando o caráter, mas também a dimensão coletiva desse fenômeno social, que tem uma multiplicidade de participações e de cumplicidades de indivíduos situados em posições diversas da sociedade brasileira. As pesquisas de Bezerra (1995; 2012) questionam a percepção daqueles que pensam que a corrupção é o “grande mal” do Brasil, havendo uma recusa por parte deste autor em classificá-la sob uma perspectiva moralizante. Logo, a avaliação de práticas consideradas corruptas ou corruptoras não deve ser considerada sob um ponto de vista moralizante da vida pública e política, pois essas ações estão estruturadas em realidades que denotam a sua natureza histórica, havendo nelas uma complexidade de motivações, razões e finalidades que variam em grau e consequência. Quando Toni avisa à mãe dele que aquele eleitor já havia recebido dinheiro de outros candidatos, ele indica que há naquela prática um código de conduta a ser respeitado, receber dinheiro de vários candidatos mostraria a ausência de compromisso do eleitor, além de configurar uma espécie de abuso, uma infração das normas que regem o acordo.

Assim como Toni, Sofia disse que o contato dela com a política foi ainda na infância em Areial. A mãe, a tia e a avó de Sofia trabalhavam na lavoura e tinham preferências políticas sempre pelo PT, fato que se estendeu a ela durante toda a sua infância e adolescência, até o momento em que conhece Gabriel. Em sua descrição do ambiente político em casa, Sofia contou que ela poderia ser vista como um “comitê do PT”.

Minha infância inteira foi convivendo com isso e era só isso. Há um tempo até se acreditava que era o bem contra o mal, o bem era Lula e o mal era quem estivesse contra ele. Isso era certo lá em casa e era uma verdade absoluta. Isso foi durante muito tempo, acho que até os meus 14, 15 anos eu acreditava nisso, não é à toa que na primeira vez que eu votei em Dilma eu fiz campanha. Era Dilma e Dilma. Ainda é muito recente isso tudo. (Entrevista realizada em setembro de 2018)

Em época de eleição para prefeito da cidade, Sofia, assim como Toni, se recorda que o clima era de diversão, pois as crianças costumavam se enfeitar com as cores dos candidatos, copiando o estilo das casas onde moravam, que também se enfeitavam com as cores dos grupos políticos. Com uma certa tristeza, Sofia também avaliou esse momento político como “baixaria”, devido à forma difamatória com que as crianças e os adultos se referiam aos adversários de seu grupo político de preferência. “Hoje eu gostaria de não ter feito o que fiz”, disse ao recordar a maneira com que ela se relacionava com a política durante a sua infância e adolescência. Nesse sentido, Sofia avalia a sua participação política nessa época como se fosse “um sentimento de manada”, no qual ela não buscava discutir as propostas dos candidatos, aderindo a campanhas eleitorais a partir da posição de sua família, estabelecendo nisso uma maneira conflitante de lidar com a candidatura oponente. Um tipo de relação política de que ela hoje se envergonha, certamente por fazer um juízo de valor de sua participação a partir de sua vida presente, como jovem liberal.

Os antropólogos Palmeira e Heredia (2006) ressaltam que o voto de adesão indica um gesto de identificação com uma determinada facção política e que a decisão do voto constitui na verdade um processo, denota disso uma “importância central” para a continuidade dessas relações sociais e a sua conexão com a temporalidade local. O tempo da política de que falam Palmeira e Heredia (2006) caracteriza o período em que a população identifica os políticos e a política como parte de suas vidas, isso acontece devido ao fato de que, para a comunidade, a política traz divisão e conflitos que muitas vezes se inserem de maneira decisiva na vida dela. Esse tipo de sociedade carrega, como valores, a família, a união e a estabilidade, assim, as pesquisas no âmbito da Antropologia apontam para a política tal como ela é vivida em um contexto cultural e histórico específico, dando concretude aos eleitores, que por vezes são vistos por teóricos da Ciência Política como “seres abstratos” (KUSCHMIR, CARNEIRO, 1999).

Apesar de Sofia hoje encarar seu engajamento político no passado de forma negativa, ele se caracteriza por ser um modo de os moradores de Areial viverem e pensarem a política. Na realidade, o olhar que Sofia lançou sobre esse período de sua vida diz mais sobre ela hoje do que sobre os moradores de Areial e suas práticas políticas. Resulta dessa avaliação uma nova perspectiva, agora alinhada com a percepção que ela e os amigos liberais têm, de que uma escolha política deve passar pelo crivo de um senso crítico, pela avaliação das propostas dos candidatos. Além disso, o comportamento político engajado é visto por eles como uma insensatez, em razão de que, acreditam eles, a política seria o espaço do racional, do concreto, e não das emoções, da “baixaria”.

A política deles é só aquela de cidadezinha pequena, para conseguir coisas com a prefeitura. Minha mãe também se envolvia com o PT para conseguir coisas lá pra casa. Minha tia era filiada e minha mãe ajudava nas campanhas. Mas sempre as pessoas que estão engajadas nessas campanhas do PT ganham coisas. Aí você se empolga mais. Eles pagam trezentos reais para você fazer campanha na rua, você vai e cada vez você vai ficando mais engajado. É sempre assim. (Entrevista realizada em setembro de 2018).

Tanto a mãe como a tia de Sofia são politizadas e sempre estiveram alinhadas com os valores e os ideais do PT, de igualdade e justiça social, apesar de Sofia hoje acreditar que a relação delas com o Partido dos Trabalhadores seria baseada no interesse material. A tia de Sofia é tesoureira em um sindicato de agricultores de Areial, a jovem disse que não tem proximidade alguma com o sindicato e que pouco ou quase nada sabe falar sobre ele, apenas que a tia exerce uma função administrativa “cuidando do dinheiro”. Nesse sentido, Sofia tende a minimizar a participação política de sua tia dentro do sindicato, como se ela não reconhecesse essa atividade como política, uma vez que, na sua percepção, a tia cuida do “dinheiro” da instituição. A impressão que tive de nossa conversa, registrada em diário de campo, é que existe uma profunda interferência das ideias liberais na avaliação atual de Sofia, em razão de que o liberalismo valoriza ações individuais em detrimento de organizações coletivas, como sindicatos, por exemplo. Sindicatos são vistos pelos jovens liberais de Campina Grande como um organismo potencialmente danoso para a sociedade, por reunir indivíduos que buscam "privilégios de classe" (no sentido de categoria trabalhista), promovendo, portanto, uma espécie de desigualdade entre os indivíduos, pois os sindicalizados somam uma força que quer se sobrepor à sociedade.

Sem dúvida, o impacto das ideias liberais na vida de Sofia alterou a percepção dela em relação à maneira com que a comunidade de Areial vivencia a política, incluindo nisso o jeito de a sua própria família praticá-la. Em suas entrevistas em profundidade Sofia costumava reiterar que o encontro com o liberalismo fez com que ela mudasse “completamente”.

Tomizaki (2006; 2013) tem contribuições interessantes no tocante à continuidade de projetos de trabalho ou políticos que passam de pais para filhos, uma vez que esta autora estudou as implicações e a tensão que resulta da relação de metalúrgicos sindicalizados e seus filhos, portanto, entre uma geração e outra que lhe sucederá. Desse modo, Tomizaki (2006) aponta que no geral as sucessões são vividas de forma contraditória, tanto pelos indivíduos que transmitem, como para os que estão na iminência de dar prosseguimento a esses projetos. No estudo desenvolvido por esta autora com os metalúrgicos do ABC paulista (2006), foi percebido

que a ascensão de seus filhos, através da entrada em universidades ou por meio de cursos técnicos, proporciona a possibilidade de avanço social da família, contudo, essa melhoria significa também abandonar o nível operário e sindicalizado de seus pais, portanto, uma ruptura com o passado político e familiar. Acontece que essa escalada social pode distanciar pais e filhos, em razão de que os herdeiros, agora estudantes em processo de formação intelectual, sentem-se mais qualificados que seus pais e podem passar a questionar seus saberes e sua autoridade (TOMIZAKI, 2006).

Tomando emprestado as considerações feitas por Tomizaki (2006) a partir de seu campo de pesquisa e aplicando-as à situação de Sofia, percebe-se que o acesso ao IFPB e posteriormente o namoro com Gabriel fez com que a jovem rompesse completamente com os padrões sociais com os quais estava habituada no convívio com seus familiares e seus amigos em Areial. Sofia, ao ingressar no estudo federalizado, passa a contemplar a vida simples dos habitantes de Areial, e de sua própria família, de um outro ponto de vista. Como relata Tomizaki (2006), a progressão nos estudos faz com que os herdeiros passem para “o outro lado da barreira” existente no Brasil, dividida entre aqueles que conseguem dar andamento à escolarização e os que ficam para trás, portanto à margem da possibilidade de ter acesso a um ensino superior ou técnico. A ascensão de Sofia fez com que ela superasse as condições que a sua mãe, a sua tia e a avó tiveram em suas juventudes, ou seja, saísse de uma situação de vida rural, de inserção no trabalho do campo e de precariedade do ensino, para uma vida urbana, de oportunidades variáveis, com expectativa de inserção econômica junto aos chamados, não por acaso, profissionais liberais.

Devido a uma melhoria financeira conquistada por sua família no contexto dos governos do PT, Sofia avalia que sua família e alguns vizinhos dela desenvolveram um sentimento de “gratidão” e também de fidelidade ao partido e ao presidente Lula. Contudo, Sofia hoje acredita que a melhoria de sua comunidade de origem se deu devido aos “esforços” das pessoas e não por causa das políticas públicas de amparo ao agricultor nordestino que foram implementadas a partir do governo Lula.

As pessoas sempre acham que tudo que acontece na vida delas está ligada ao governo, está ligada a quem está controlando a vida delas. Mas nem sempre é isso. As vezes você trabalha bastante pra você conseguir o que quer. Acho que as pessoas mais velhas, principalmente, têm esse pensamento, aí passam para as mais novas. É como se fosse uma herança. (Entrevista realizada em setembro de 2018)

Percebam que nesse ponto de sua entrevista Sofia deixa claro a recusa da “herança” que lhe foi passada por sua mãe, tia e avó, duas gerações de sua família. Com isso, Sofia tem outra opinião a respeito da conquista histórica de sua família, como ter, por exemplo, uma integrante cursando o ensino médio em uma instituição pública federal. Inclusive, Sofia parece ignorar que o seu ingresso no IFPB acontece no contexto de uma política implementada pelo Partido dos Trabalhadores, a partir do primeiro governo do presidente Lula, no qual um novo formato de ensino foi dado aos centros de educação técnica, com novos equipamentos e modernização de sua estrutura, além de sua expansão por diversos estados brasileiros e que, só na Paraíba, atualmente são 22 campi²⁹.

Bourdieu (1983) sinaliza que um dos efeitos do ensino escolarizado é a “manipulação das aspirações”, uma vez que não se trata apenas de adquirir novos saberes e técnicas, mas, também, a aquisição de títulos, direitos e ambições, só que essas aspirações são possíveis a partir da distribuição de bens e de oportunidades de acesso a elas. Com isso, Bourdieu destaca (1983) que aquilo que, para os pais, se tratava de um privilégio inesperado, tornou-se “banal” para os seus filhos, por lhes ter sido dado imediatamente. Sofia tinha seis anos no momento da inovação e expansão dos institutos federais de ensino pelo Brasil. Nesse sentido, as políticas educativas se incorporaram à sua compreensão de mundo enquanto fato consumado, e não como resultado de embates e conquistas de qualquer tipo.

Além disso, as ideias de Sofia denotam seu alinhamento com o ideário meritocrático, aspecto que pertence ao ideário liberal, que vê nos esforços pessoais do indivíduo o mérito de seu sucesso e o encoraja na realização individual de suas metas e objetivos. De modo que, na perspectiva de Sofia, as pessoas que ascenderam economicamente na comunidade de Areial o fizeram por meio de seus esforços e não devido ao apoio do governo.

A transmissão das preferências políticas de sua mãe e de sua tia tiveram efeito sobre Sofia até o momento em que ela conheceu Gabriel no IFPB. Antes disso, Sofia se sentia petista como elas e compreendia que os governos do PT tinham sido melhores para ela e para a comunidade onde vivia, sem que nesse julgamento houvesse espaço para a defesa dos opositores políticos, pois, como ela descreveu no começo, era a luta do “bem contra o mal”.

No entanto, em um dado momento de sua entrevista, Sofia traça um paralelo entre ela, a sua mãe e avó. Tendo sido estimulada a refletir se havia na relação dela com o liberalismo alguma semelhança com seu passado petista, Sofia disse acreditar que ainda carrega a “mesma paixão” que tinha quando defendia o Partido dos Trabalhadores durante sua infância e

²⁹ Para outras informações, consultar página do IFPB: <https://www.ifpb.edu.br>

adolescência. Essa forma de defender as suas convicções políticas, Sofia diz que “herdou” de sua família:

Quando eu penso tanto no que elas acreditam, eu vejo como é parecido comigo, no que eu acredito. Quando elas pensam numa coisa é muito difícil alguém barrar elas. É como eu quando acredito no liberalismo, eu sinto muito amor e força, assim como elas acreditam na esquerda e no PT com amor e força. (Entrevista realizada em setembro de 2018)

No caso de Gabriel e Sofia, transparece que o processo de transmissão dos valores de suas famílias teve efeito sobre eles através dos sentimentos e atitudes transmitidos pelos seus familiares com relação à política. Sofia, apesar de ter mudado de opinião política a partir de sua juventude, quando tem acesso a novos conteúdos políticos e a outros elementos socializadores, conservou o sentimento e a forma de expressar as suas convicções, na opinião dela, uma maneira apaixonada de se identificar com a política herdada de sua mãe, tia e avó. Por outro lado, Gabriel tinha dentro de casa um contato intelectual com a política, ainda que através de periódicos políticos e de revistas jornalísticas que seu pai consumia, ou seja, a maneira de lidar com a política era buscando fontes de informação diversas e atuando como liderança intelectual diante dos grupos em que se associava, no caso de seu pai, no sindicato dos Correios de Campina Grande, e, no caso de Gabriel, a partir de seus 15 anos, na *Students for Liberty*, e posteriormente no grupo de jovens liberais de Campina Grande.

Tanto Sofia como Toni tiveram experiências políticas mais diretas a partir de seu círculo familiar, numa primeira identificação política. Em ambos os casos, quando ainda eram crianças e adolescentes, a maneira de seus familiares se relacionarem através do voto de adesão era estendida aos filhos. Gabriel, pelo contrário, passa toda a infância sem assumir concretamente uma postura política, certamente devido ao ambiente familiar em que foi socializado, no qual o voto de adesão era inexistente e havia, por parte de seus pais, um envolvimento político menos voltado para as eleições e mais focado na política do dia a dia, mais sutil, e, talvez por isso mesmo, mais dissolvido e menos perceptível para uma criança.

Como foi visto, a identidade política é um processo que se inicia desde os primeiros contatos políticos e a família é considerada a primeira instância socializadora, exercendo uma função primária sobre os indivíduos. É importante destacar, contudo, que essa linha de continuidade foi mais percebida por mim, através de análise, do que pelos agentes da pesquisa, o que tem relação direta com a forma de eles se entenderem enquanto atores, independentes e empreendedores de si. Ressalto ainda que a identidade política do jovem está em contínuo

processo de formação, com isso, ambos, Toni e Sofia, irão sofrer influências de outros níveis, em seus colégios e universidades. Além disso, o processo de transmissão de preferências, convicções e sentimentos em relação à política acontece de maneira sutil, passando quase despercebido pela maioria dos indivíduos. É um aprendizado que se estende no tempo e nos espaços por onde eles interagem.

O caso de Beto é um pouco parecido, ele também foi criado por duas mulheres, a mãe e a avó materna. O contato com a política veio pela vizinhança e por uma aproximação “superficial” através de sua família. “Como era de praxe, há dez anos atrás todo mundo era petista e a favor de Lula (risos)”. Todavia, Beto diz que política não era um assunto comum em sua casa, tanto que ele afirma não trazer recordações desse tipo. Na memória dele, a maioria era petista e havia um certo consenso político sobre isso, nesse sentido não havia discussões em torno do assunto, uma vez que, basicamente, todos pareciam concordar.

Teve uma vez que um adesivo de Lula foi colado na porta do meu quarto, mas só isso mesmo. Não me lembro quem colou, se foi minha mãe ou se foi eu (risos). Se foi eu, foi por intermédio dela, provavelmente. Eu lembro que visitava a casa dos meus amigos e tinha também adesivo de Lula. Acho que era comum, até porque a aprovação dele era coisa de 80%. (Entrevista realizada em novembro de 2018)

Na narrativa de Beto, percebe-se a sutileza com que os mecanismos de socialização política se desenvolve. O adesivo na porta de seu quarto, que ele não sabe quem colou, representava um conjunto de ideias políticas que aparentemente não eram verbalizadas em sua casa, contudo, elas foram assimiladas e registradas em memória a partir de um simples adesivo, que, colado a porta de um quarto, representa um afeto em relação às ideias e performance de um partido.

O dissenso na vizinhança aparecia durante as eleições para prefeito de Campina Grande, onde geralmente dois grupos políticos disputavam o comando da prefeitura e fazia com que os moradores aderissem a um lado da disputa, caracterizando-se também, no caso dele, como um envolvimento pelo voto de adesão, no qual a publicidade antecipada do voto faz parte da maneira de as pessoas lidarem com o tempo da política, conforme aponta os estudos de Palmeira e Heredia (2006). Beto lembra que chegou a colecionar santinhos dos candidatos, costume que era comum entre as crianças, porém, como a família dele não se engajava como as outras, ele disse que só juntou por alguns dias e depois abandonou esse costume. A eleição de 2004

particularmente marcou mais Beto do que as outras, devido às anedotas que circularam pela cidade envolvendo os dois candidatos.

Essa ficou bem marcada, porque teve muita baixaria e isso marcou de verdade. Eu lembro que a gente comprou um cd, não lembro se era de Veneziano (PMDB) ou de Rômulo (PSDB). Era uns cds que eles faziam zoando um do outro, mas a gente comprou só porque era engraçado, não era porque apoiava nenhum candidato não. (Entrevista realizada em novembro de 2018)

Apesar de não se engajar nas campanhas para prefeito de Campina Grande como as outras famílias, Beto disse que a mãe dele sempre teve ideias e comportamentos de esquerda. Ele credita à mãe um “alto grau” de respeito às diferenças e às minorias políticas, valores que ele diz terem sido transmitidos para ele. Neste relato abaixo, Beto aponta a percepção que ele tem do posicionamento político de sua mãe, apesar de política não ser um assunto rotineiro na relação deles, o jovem liberal indica o corte de cabelo dela como um símbolo político, que ele assimilou como sendo de rebeldia e de ideias progressistas.

Ela sempre foi de esquerda, desde jovem, acho que quando ela era mais jovem mesmo ela participou de assembleia estudantil, essas coisas. Ela sempre foi uma pessoa mais rebelde. Por exemplo, quando ela tinha dezessete anos, ela cortava o cabelo super curto. Ela sempre foi uma pessoa menos convencional. Acho que até por isso ela tem uma formação anti conservadora por parte dela mesma e não por parte da casa dela. Ela mesma se descobriu mais progressista. (Entrevista realizada em novembro de 2018).

Muxel (2014) indica em seu trabalho que pesquisas que abordaram a socialização política de famílias na França mostraram que noções de esquerda e direita são identificadas e apreendidas já nos primeiros anos da infância, denotando o importante papel que a família tem, por oferecer uma “cartografia original” antecipada dos marcadores políticos. Todavia, no Brasil, pesquisas desenvolvidas por cientistas políticos mostram que essas identidades políticas não estão claras para a maioria dos brasileiros e brasileiras, a população conheceria muito pouco dos elementos que definem esquerda e direita. Na presente pesquisa, algumas famílias terão uma definição política mais clara, mesmo assim, não é possível afirmar que elas identificariam seus posicionamentos políticos como sendo de esquerda ou de direita. Entretanto, Beto, em sua narrativa, sinaliza que sua mãe seria de esquerda, pela associação que ele faz dos sentimentos que ela tem em relação à política e pelo corte de cabelo dela. Desse modo, noções como justiça

social, igualdade, respeito, podem ser expressos em situações do cotidiano de modo sutil, como o jeito de uma pessoa arrumar o cabelo ou um adesivo colado no quarto. Como no caso de Beto, que recorda o fato de desde muito criança sua mãe orientar que todos tinham o direito de ter a sua individualidade respeitada.

Os sentimentos progressistas da mãe, na opinião de Beto, impediram que ele se tornasse um jovem conservador, pois teriam sido assimilados por ele desde “muito cedo”. E assim como os pais de Gabriel, a mãe de Beto deixou que o filho fizesse as suas próprias escolhas políticas, sem exigir ou reivindicar que a esquerda viesse a ter a preferência do filho. Entretanto, a primeira identificação política do jovem liberal foi com a esquerda e com o Partido dos Trabalhadores, preferência política que foi sutilmente repassada por sua mãe, sem uma conversa clara sobre a trajetória política do PT ou de Lula, essa preferência lhe foi transmitida de maneira holística. Posteriormente, na universidade, a identificação com o liberalismo irá acontecer, só que os valores identificados com a esquerda, transmitidos pela mãe dele, irão permanecer.

A minha mãe sempre me ensinou a respeitar, eu sempre tive uma criação que não era conservadora. Eu sempre tive a educação de que devemos respeitar as mulheres, os homossexuais. Eu acabei me tornando um liberal por sempre ter respeitado as escolhas das pessoas. Eu percebi que não necessariamente se precisava ser de esquerda para se respeitar as diferenças. (Entrevista realizada em novembro de 2018)

Ao contrário de seus colegas liberais, os pais de Felipe não gostam de política, não se envolvem em campanhas eleitorais, não votam em nenhum partido ou candidato e se dizem descrentes de representação política. A influência para que ele viesse a gostar de política, Felipe avalia que “veio de fora”. “Eu nunca tive esse tipo de interesse por política ou Filosofia ou História dentro de casa não”.

Felipe mora com os pais em Lagoa Seca, cidade pequena que fica a dez quilômetros de Campina Grande. Os pais dele não se envolvem nas manifestações políticas para a escolha do prefeito da cidade, ou seja, não aderem a nenhum dos grupos políticos que se enfrentam para conseguir o controle da cidade. “*Não existe essa paixão política lá em casa*”. A família de seus pais, porém, de acordo com Felipe, é mais engajada que os pais dele, como apontou o jovem em uma de suas entrevistas: “Meus tios são mais ativos, digamos assim. E eles pendem mais pro lado do PT, meus tios por parte de mãe. O meu tio por parte de pai eu não tenho muito contato com ele, mas eu sei que ele é pró Bolsonaro.”

Apesar de seus familiares apresentarem uma posição política e eleitoral, os pais de Felipe têm resistência em fazer uma escolha e não chegam sequer a acompanhar a preferência de sua rede parental. Pelo fato de a legislação eleitoral no Brasil obrigar o cidadão a exercer o voto, os pais de Felipe comparecem às urnas em épocas de eleição. “Mas eles vão lá e anulam. O ambiente político lá de casa é bem contrário a políticos”.

Muxel (2014) alerta que a objeção à política quase sempre depende da forma como a palavra “política” é compreendida, pelo fato de que as pessoas se envolvem na política sem perceber, uma vez que muitas aflições do dia a dia estão conectadas à política, como o preço da gasolina, a valorização do real, etc., logo, as opiniões políticas podem ser expressas de maneira informal.

No caso de Felipe, apesar de seus pais anularem o voto e de não demonstrarem preferência eleitoral ou partidária, eles fazem avaliações a respeito do trabalho dos políticos e chegam a comentar com o filho em “raros momentos”. Felipe lembra que o teor dessas conversas traz sempre uma clara “descrença” nos representantes políticos nacionais e locais, denotando que, na verdade, seus pais têm opiniões políticas no tocante ao desempenho dos próprios políticos, principalmente os locais, no âmbito estadual e municipal, uma vez que, de acordo com Felipe, seus pais “reconhecem” como “positivo” os governos do presidente Lula. Essa foi uma ressalva feita pelo jovem liberal em relação à posição política de seus pais. Felipe diz que tanto seu pai como a sua mãe concordam que foi no governo do presidente Lula que a classe popular pôde ter acesso a produtos e bens de consumo por meio de créditos e incentivos fiscais. Esse fato, ele diz, também foi benéfico para seus pais, que conseguiram ter acesso a uma melhoria material.

Eles sentem essa melhora (econômica) mas não atribuem ao PT, mas sim a Lula. Eles não veem o PT como uma coisa boa, mas sim Lula, a pessoa Lula. Eles reconhecem. Eles fazem uma relação de causalidade na melhora de vida que tiveram e o governo de Lula. Eles reconhecem isso, mas não chega a ser uma simpatia. Eles não defendem Lula, nem nada do tipo. Só um reconhecimento mesmo. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A melhora econômica percebida por eles durante o governo Lula se deu a partir de 2006, quando o pai pede demissão de uma farmácia, em Campina Grande, onde trabalhava como balconista, e se muda para Lagoa Seca, com o propósito de abrir seu próprio negócio e trabalhar nele junto com a esposa. Como o empreendimento acontece durante o governo Lula, seus pais

têm essa percepção de que o negócio da família foi possível devido ao bom momento econômico pelo qual passava o país.

Porém, a ideia de Felipe em relação à atuação do presidente Lula é mais crítica do que a concebida pelos seus pais. O processo de socialização política, no âmbito familiar, teve seus limites e foi bem sucedido até a chegada nas instituições de ensino, a partir daí Felipe sofre influências de outros espaços sociais que frequentou, como o leitor irá conferir no segundo capítulo, que discute a socialização política pós-família, conhecida na literatura sociológica como socialização política secundária. Em entrevista, Felipe disse que os pontos positivos do governo Lula não superaríamos os “pontos negativos” e que, na verdade, o governo poderia ter sido “muito melhor” do que realmente foi.

O país por algum breve momento apresentou um bom poder econômico, o poder de compra aumentou, só que se a gente compara o Brasil com outros países que estavam em situações semelhantes, como Chile, Índia, China, Rússia, a gente vê que nós perdemos o bonde, foi um crescimento baixo. E se a gente compara com outros países aqui da América Latina, vai ver que esse crescimento não foi nada como a propaganda faz parecer. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Em relação às opiniões políticas do filho, os pais de Felipe não se opõem “[...] a gente sempre teve um ambiente bem de liberdade de ideias lá em casa, então, não existe nenhum tipo de represália e nem de incentivo”. Há, inclusive, algum nível de concordância entre ele e os pais, principalmente no que diz respeito à tributação das pequenas empresas e o controle do mercado de farmácias. Conversando com o pai, o jovem liberal diz que conseguiu que ele “compreendesse” a dimensão do “controle estatal” na economia.

[...] farmácias têm obrigatoriedade de contratar um farmacêutico, as vezes a gente fala sobre isso, sobre como isso fere a liberdade do empreendedor, de como isso facilita apenas para empresas grandes e complica a vida das empresas pequenas e que talvez isso seja algo pensado pelo lobby, pra poder frear a concorrência. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Já a jovem Nanda diz que tem poucas lembranças de conversas sobre política entre os pais, mas lembra que nas eleições eles saíam para votar e a levavam junto, e, na volta, eles gostavam de ir para a casa de amigos esperar pelo resultado final. Os votos, ela diz que a maioria foram para o PSDB. “Que eu me lembre, minha mãe votou em Lula uma única vez, na segunda eleição dele (2006), mas, eu lembro que ela votou porque trabalhava no PSF e ela achou que

seria o melhor pra garantir o emprego dela”. Nanda revelou que geralmente apenas a mãe dela costuma compartilhar com outras pessoas a escolha eleitoral. “Meu pai nunca declara o voto dele, ele sempre prefere se manter neutro, só a gente que sabe”. Por ser comerciante, o pai de Nanda evita publicizar as suas escolhas eleitorais, por receio de que isso possa comprometer as vendas de seu pequeno negócio, uma loja de acessórios automotivos.

As lembranças dela a respeito da relação da família com a política são escassas, em parte devido à pouca importância que a política tinha (e tem) na vida de seus pais. “De criança eu não me lembro de nada, praticamente nada. Eu lembro que fui uma vez numa carreata da vitória, mas não sei nem de quem foi (risos)”.

Entretanto, Nanda recordou que, durante as eleições de 2014, as conversas sobre política começaram a surgir dentro de casa, em razão de que o clima eleitoral entre PT e PSDB se intensificou, com o aumento do acesso às mídias sociais, fazendo com que a família rompesse o silêncio sobre o assunto e viesse a comentar sobre o cenário eleitoral no âmbito nacional. Nessa eleição, os votos dos pais dela também foram para o PSDB, mas o pai, como era comum, não comentava a escolha dele com mais ninguém, além de seus familiares. Ainda assim, Nanda diz que as conversas em casa são sempre sobre coisas do dia a dia que envolvem a família, situações do trabalho, dos estudos, da rede familiar. “Acho que sempre foi assim, a gente compartilha muito do que acontece no dia a dia mesmo”.

O comportamento discreto e reservado de sua família em relação às suas posições políticas será transmitido para Nanda como um valor a ser mantido durante a sua juventude e vida adulta, e a sua privacidade se sobreporá às forças externas neste sentido, fazendo com que a jovem liberal, de todos os interlocutores, seja a que menos participa de debates políticos, a que menos expõe opiniões políticas, assumindo uma postura reservada, contudo, participante na organização dos eventos do grupo.

A discrição em torno do voto é importante para Nanda, ela não gosta de falar de suas preferências políticas com pessoas que ela não tem intimidade, uma atitude política que tem influência e o apoio da sua família. Ela afirma que faz isso mirando em sua "carreira profissional", seguindo, desse modo, o exemplo e os conselhos do pai. Como ela pretende advogar e, portanto, lidar com diferentes tipos de pessoas, a divulgação do voto poderia comprometer uma negociação ou até mesmo a prospecção de clientes. Na realidade, falar de política pode levar o indivíduo a desenvolver uma determinada linha de pensamento, que terá como atributo um determinado conjunto de ideias e valores, permitindo ao público ter acesso a um conjunto de opiniões que se pode preferir manter em sigilo (MUXEL, 2014).

Tanto Nanda quanto a família dela percebem que o voto e a política podem causar dissenso e afastar pessoas, causando constrangimentos sociais. Então, Nanda argumenta que prefere se manter discreta, evitando, portanto, o embate direto de ideias e de convicções políticas. “Nem sempre as pessoas estão dispostas a aceitar numa boa uma opinião divergente”. Logo, a opção por esconder as preferências eleitorais e as convicções políticas advém da necessidade de não ser rotulado por essas escolhas e, como efeito disso, perder oportunidades de negócio ou de trabalho e ainda afastar amigos, clientes ou colegas de profissão. Um modo de não ser imediatamente identificado pelos outros através do posicionamento político.

Pode-se pensar que a recusa de Nanda em compartilhar as preferências eleitorais e políticas é fruto de uma percepção de que o voto e a política em si despertam emoções e impressões a respeito da conduta e dos valores de quem os carrega. Em suas investigações, Muxel (2014) observou que a esquerda e a direita têm abordagens distintas e representam visões de mundo divergentes, resultando disso, “modos de ser muito diferentes”, pois as convicções políticas são uma forma de se identificar no mundo e com o mundo, uma vez que elas são formadas em parte pelas crenças e esperanças dos agentes (MUXEL, 2014).

Em sua pesquisa sobre como a política impacta as relações pessoais e afetivas, Muxel (2014) identificou, por exemplo, que o convívio pode ser difícil para casais que têm opiniões políticas contrárias, fazendo com que os parceiros de intimidade adotem medidas estratégicas para contornar o constrangimento de viver com alguém que tem convicções políticas distintas, como, por exemplo, não falar sobre o assunto. Entretanto, a socióloga alerta que, em alguns casos, essas medidas não são suficientes, levando à decepções e/ou separações, devido à dificuldade de ter que lidar com alguém que pensa completamente diferente. O mesmo pode ocorrer entre familiares ou grupos de amigos. Com isso, o trabalho de Muxel (2014) é significativo para pensar o impacto da política nas relações pessoais, em razão de ela mostrar que as convicções desempenham um papel importante dentro de relações em que há presença de sentimentos, como amizades, relacionamentos conjugais ou familiares.

[...] porque tem um impacto na identidade pessoal e profunda de cada indivíduo. Essas convicções pessoais marcam cada indivíduo e pertencem apenas a ele ou a ela. Elas abrangem os valores através dos quais o mundo exterior é decodificado e compreendido, e elas têm um tremendo poder sobre o coração e a alma. Algumas pessoas arriscarão suas vidas para defendê-las. Esta parte do eu não pode, portanto, estar completamente ausente dos relacionamentos baseados no sentimento. No entanto, na maioria dos casos, não é afirmado nem facilmente expresso. Tornar as

convicções políticas explícitas muitas vezes causa tanto constrangimento e reserva quanto mostrar-se nu. (Muxel, 2014, p.12 e 13)

É importante ponderar que as pesquisas de Anne Muxel foram desenvolvidas no contexto da França, uma realidade bem diferente do Brasil, no qual a dificuldade parece ser, justamente, manter as opiniões políticas no âmbito do privado. Nesse sentido, Nanda é mais exceção do que regra.

Apesar de Nanda não ter expressado claramente o mal estar que pode resultar da exposição do voto e das preferências políticas, ficou implícito que tanto o pai, quanto ela adotam uma postura neutra no meio público, para que não tenham que lidar com as divergências que podem surgir desse encontro, através de sentenças emitidas por ela em suas entrevistas, tais como, “isso pode atrapalhar o comércio dele” ou ainda “é complicado falar de política”. Adotar publicamente uma postura política neutralizada pode querer dizer, também, não se deixar ver através de suas escolhas políticas, não deixar transparecer para o outro uma determinada visão de mundo ou ainda um jeito de ser, como nos termos de Muxel (2014). Nesse sentido, para evitar um mal-estar com um cliente, portanto, um desconhecido, é melhor ser “neutro”, não demonstrando nenhum traço de sua individualidade que possa vir a desencadear uma impressão a respeito.

Nanda passa a infância e a adolescência sem necessariamente se envolver em campanhas eleitorais locais ou nacionais. A entrada dela na universidade e o encontro com os jovens liberais protagonistas desta pesquisa farão com que ela assuma uma identidade política, contudo, essa identidade não será publicizada, pois Nanda seguirá o perfil discreto de seu pai e de sua família quando o assunto é política.

O caso de Bia é bem diferente, na família dela praticamente todos têm uma preferência e/ou trabalham diretamente com política, inclusive, política chega a ser um assunto cotidiano entre eles.

A família da mãe de Bia é de Massaranduba, interior da Paraíba, e ela conta que todos gostam ou atuam na política e, quando se reúnem, é o principal assunto das conversas. Bia cresceu em um ambiente político agitado, com o avô materno e os tios envolvidos diretamente nas eleições da pequena cidade, o que demandava a atenção de todos da família. O pai dela, que é produtor de cachaça, é filho único e transformou a família da esposa em uma extensão da sua própria família. Bia diz que ele chega a se envolver mais nos assuntos políticos de seus cunhados do que a esposa. Ela ressaltou que o gosto do pai dela por política é tão intenso que todos os finais de semana ele viaja para Massaranduba só para conversar sobre as demandas da

cidade. Todavia não é só uma questão de gosto, como Bia enfatizou em sua narrativa, a posição social de sua mãe e seu pai os situam no centro das elites locais, tendo, com isso, portanto, maior penetração nos círculos de poder.

O passatempo principal da minha família é falar sobre política e dentro disso cada um tem seu posicionamento. Mas nunca gera briga não, rola conflito de opiniões, mas todo mundo consegue levar numa boa. Tem uns tios que são mais conservadores, outros mais liberais. Ninguém pende muito para a esquerda não, mas tem uns primos que são de centro esquerda. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Esse ambiente político, onde cada um tem uma preferência mas consegue se entender, é a primeira referência política e democrática de Bia. Desde criança, ela assiste os pais, tios, irmãos e amigos da família discutirem política sem que o assunto gere um mal-estar generalizado entre eles, até porque a família materna empreende politicamente, tendo participação e capital político em Massaranduba. A principal referência política da família é o avô materno de Bia, que era filiado ao PMDB e chegou a ser vice-prefeito de Massaranduba no começo dos anos 80. Bia falou sobre ele com admiração, denotando, ao mesmo tempo, a posição social privilegiada e influente de sua família de origem:

Meu avô era uma pessoa maravilhosa que contribuiu bastante para o crescimento da cidade. Ele que doou parte do cemitério, doou parte da fazenda dele para pessoas da cidade construírem suas casas e lá viverem sem problemas. Ele foi loteando essas terras da zona rural e foi doando. Em Massaranduba quando se fala dele todo mundo tem uma visão muito boa. Uma pessoa que deixou bons frutos. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Apesar de todo o envolvimento da família materna com política, Bia diz que só passou a gostar do assunto quando era adolescente. “[...] fui tendo mais curiosidade quando fui crescendo, a partir dos treze, quatorze anos, comecei a ler mais, a discutir mais e a entrar nas rodas de conversa.” Os livros que ela lia eram dados ou emprestados por seu outro avô, o avô paterno. Foi através dele que Bia chegou na leitura de seu primeiro livro liberal *A riqueza das nações*, de Adam Smith, que ele havia lido e emprestou para a neta ler. Nesse caso, além da transmissão de valores e atitudes políticas, Bia recebe através de sua família uma espécie de iniciação aos princípios e leituras liberais.

Bia diz que seu avô paterno era um “liberal na essência”, mas que ele não se afirmava como tal, apenas era “curioso” e gostava de ler sobre política e filosofia. Quando ela diz que seu

avô era essencialmente um liberal, Bia quer dizer que ele carregava os valores que ela imagina que um liberal deve ter, de tolerância e respeito às liberdades alheias. O adorado gosto por filosofia também foi despertado por esse avô na adolescência, quando ela diz ter descoberto que a relação com a filosofia seria “eterna”.

Na realidade, os avôs paternos de Bia terão uma importância essencial na construção da personalidade e da identidade política da neta.

Quando era criança, Bia lembra que sofria de asma e teve pneumonia, situação que fez com que a família adiasse a entrada dela na escola. Foi a avó paterna quem antes cuidou de ensiná-la a ler e a escrever, mais que isso, a gostar de ler, e tudo começa com a avó lhe comprando livrinhos de literatura infanto-juvenil quase toda semana. “Isso fez com que a leitura fosse uma das minhas brincadeiras preferidas”.

Já o avô paterno introduz os primeiros livros de filosofia e de política, que marcarão “para sempre” a personalidade intelectual de Bia.

O primeiro livro que ele me deu foi um de Nietzsche, “O crepúsculo dos ídolos”, eu tenho até hoje, é uma versão muito, muito antiga, está até se esfarelando, mas eu guardo ele com muito carinho. Foi meu avô quem me fez amar Nietzsche, é meu autor preferido (olhos marejados). Bukowski também, ele ama. Dostoiévski também. Ele é assim, uma pessoa fenomenal (claramente emocionada). (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O avô por parte de pai contribuiu trazendo um outro olhar sobre a política, eu diria que foi definidor o tipo de influência que ele exerceu sobre a neta. Importante lembrar que Bia também sofria as pressões do envolvimento político da família de sua mãe, contudo, foi a identificação com o avô paterno e a história de vida dele que fez com que Bia desenvolvesse uma inclinação política mais filosófica e crítica, diferente da atuação política de sua família materna.

É relevante expor que o avô paterno também sugeria, e às vezes até dava livros para os outros irmãos de Bia. Mas ela diz que “apenas” ela atendeu ao chamado do avô e isso desenvolveu entre eles uma relação muito particular de parceria e de conversas sobre filosofia e liberalismo. Perguntei a Bia quem da família havia lhe influenciado mais, ela imediatamente respondeu dizendo “meu avô por parte de pai”, os livros, as conversas e uma profunda admiração são afirmadas por ela. Além disso, há no relato de Bia sobre a trajetória de vida de seu avô paterno uma correspondência ao retrato do self-made-man, desse modo, transparece

um ideário meritocrático que celebra a capacidade individual de vencer por meio do esforço e da virtude.

[...] ele é assim a pessoa mais brilhante que eu conheci na vida. Uma pessoa altamente inteligente, culta e eu me espelho muito nele. Ele é uma pessoa que eu gostaria de ser no futuro. Ele é o ideal de pessoa que eu tenho para me tornar um dia. Ele é de Teixeira e tinha um pai abusivo que batia nele, na mãe e nos irmãos. Quando ele tinha treze anos, ele saiu de lá com a ajuda de um senhor. Nesse tempo ele trabalhava na cidade como sapateiro, ajudando esse senhor que acabou trazendo ele pra Campina Grande. Aí aqui ele começou a trabalhar em uma oficina, começou a juntar dinheiro e foi buscar a mãe e os irmãos. Ele que trabalhava pra sustentar a família de cinco irmãos e a mãe. Ele era ajudante numa oficina e começou a ver como funcionava, ele só estudou até a quarta série, mal sabia assinar o nome, mas ele começou a observar como funcionava aquilo e aprendeu a consertar os carros. Ele aprendeu a mexer no sistema elétrico, a montar, desmontar e ainda inventou um tipo de motor sozinho. Na época ele colocava música nas buzinas, música de Roberto Carlos ele conseguia colocar nas buzinas dos carros (risos). Isso na década de 40, 50. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Devido a esse universo apresentado pelo avô paterno, quando Bia estava vivendo as primeiras impressões de sua formação política, a partir dos treze anos, ele se tornou a principal referência de valores e influenciou diretamente na identidade política que ela passaria a afirmar anos depois na universidade. De fato, o acesso aos livros de filosofia e política encorajou Bia a entrar nas rodas de conversa da família de sua mãe, porém isso parece ter criado em Bia uma percepção política diferenciada, ao ponto de ela não se sentir motivada a dar continuidade a essa aproximação. Ela acaba recuando por sentir que não havia espaço para debater ideias e teorias políticas, em razão de que o engajamento político de sua família em Massaranduba era do tipo voto de adesão e, nesse caso, a família dela era um dos grupos políticos que disputavam o controle da cidade. Essa maneira de sua família atuar politicamente em algum nível irá afastar Bia. “[...] eu nunca tive uma participação mais ativa não, eu sempre acompanho eles de longe. Eu fico à margem disso tudo”.

O que Bia deseja é um espaço para debater ideias e se aprofundar em conteúdos políticos e também filosóficos, para poder sintonizar naquilo que ela aprendeu a valorizar junto com o seu avô paterno. Essa mesma frequência ela busca nos grupos liberais dos quais participava e, quando eles deixaram de ter espaço para o debate amplo, pois se tornaram terreno fértil para a

intolerância, devido à entrada de pessoas que não eram “exatamente liberais”, ela os abandonou. Voltarei a este fato mais adiante.

É possível perceber que, de todos os jovens entrevistados, Bia é, de longe, a mais privilegiada e que teve acesso a meios de cultivar seu capital cultural. Um aspecto que chama a atenção na pesquisa é a diversidade das trajetórias dos jovens liberais de Campina Grande, marcada por maneiras variadas de viver o primeiro contato com a política, além da origem social diversa de suas famílias, tudo isso emprega um caráter relevante para este trabalho.

Da mesma maneira que Bia, Tiago também parece buscar na política um espaço para debater ideias e assim poder se aprofundar no assunto. Ele lembra que quando criança a mãe dele proibia o acesso dele à televisão e os livros acabaram por se tornar um meio de refúgio, já que não havia imagens de TV para assistir, elas foram acionadas meio que pela imaginação dele, através dos livros e das coisas que aprendeu neles. Para Tiago, os livros foram responsáveis por estimular a capacidade de ele “questionar” as coisas, por querer aprender o significado que as coisas têm e principalmente aprender quem teria dado esse significado às coisas.

Eles (seus pais) tinham livrinhos de infância guardados que eles deram pra minha irmã e meu pai sempre gostou muito de sebo. A primeira vez que eu fui ao sebo com ele eu devia ter uns nove anos, ele me deu um original do Julio Verne “A volta ao mundo em oitenta dias”. Eu comecei a ler e o engraçado é que eu não tinha ideia do que estava sendo dito ali, eu pegava o livro e falava em cruzar o canal de Suez e eu pensava: “Mas o que é o canal de Suez?”. Aí eu ia lá e buscava “canal de Suez”, aí eu achei o conflito do canal de Suez e acho que foi isso que fez com que eu me interessasse por História, que é uma das coisas que eu mais me interesse hoje, junto com Geopolítica. Mas criança eu lia muito histórias de Julio Verne e eu gostava muito de ficção, sempre gostei muito de ficção, tanto é que até hoje distopias são meu gênero favorito, “Fahrenheit 451”, “1984”. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A preferência de Tiago por distopias tem um significado. Hilário (2013) acredita que esse gênero literário fornece elementos para pensar criticamente a sociedade contemporânea, sendo uma experiência individual e subjetiva diante de situações que envolvem os indivíduos, a ética e o poder. Nesse sentido, os livros e a distopia fornecem meios de Tiago questionar a realidade da vida em sociedade e a sua própria realidade. “[...] isso foi uma base muito boa pra mim, pra pesquisar, pra aprender e a leitura faz a pessoa crescer realmente”.

Um dos traços de sua personalidade, que Tiago destacou para mim durante a sua primeira sessão de entrevista em profundidade, foi a inclinação em “questionar as coisas”, dito

de outra forma, ser capaz de refletir sem se dar por satisfeito diante das primeiras respostas. O hábito de ler, estimulado na infância pelos seus pais, desenvolveu em Tiago uma personalidade questionadora e inquieta. A família foi o primeiro lugar onde ele desenvolveu essa predisposição.

A percepção que Tiago tem do ambiente político em casa é marcadamente emocional, devido aos valores cristãos de seus familiares que são constantemente revisados e questionados por ele. Tiago diz que o pai exerceu uma forte influência sobre ele e é a pessoa com quem mais se identifica na família. Na visão de Tiago, os valores cristãos da família acabam por induzir a preferência política de sua mãe e de outros familiares, o pai seria o único que adotaria uma postura “racional”.

[...] meu pai sempre foi um cara muito racional, politicamente falando. Ele sempre foi progressista, por mais que ele seja da igreja. Quem sempre foi centro-direita foi a minha mãe. Minha mãe tem esse discurso fortemente machista, em parte porque, quando ela começou a ter tempo livre, ela gastou ouvindo palestra de pastores e pastoras e isso é uma lavagem cerebral muito forte. Eu vejo a mudança no discurso dela. Agora, meu pai não discute política. Ele tem dois irmãos e meu tio mais novo é metido a intelectual político e no fim ele sempre vota PSDB, ele sempre faz uma análise crítica e meu pai não suporta isso. Ele adora desmascarar gente assim (risos). Ele é niilista, ele sabe que a pessoa estuda uma área e fica boa nela, mas não em tudo. Então, sempre se discutiu política, mas sempre foi uma síndrome de Estocolmo muito grande. O PSDB está lá no Paraná há mais ou menos vinte e cinco anos. E meu avô, mesmo assim, não consegue criticar o PSDB. Meu avô diz que na ditadura não houve tortura e que era um negócio lindo e minha vó concorda, porque é tão machista quanto ele. Isso são os pais do meu pai. Então, com essa parte da minha família a gente não consegue discutir política e por parte de mãe é que é engraçado, porque, eles são esquerda com força. É uma divisão de forças muito grande. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O envolvimento político de sua família sempre foi no “debate de ideias” e menos no envolvimento de rua, portanto, a política é um assunto privado, que se discute entre eles, um fazendo pressão sobre o outro. “Eu só tenho um tio por parte de mãe que se envolve assim, com bandeira, indo pra rua, e ele é Lula até hoje. Mas o envolvimento político deles era sempre no debate de ideias”. As discussões não giravam em torno de um partido ou líder político, mas sim sobre pautas sociais, sobre costumes, inclusive esse será o principal assunto político de Tiago nas rodas de conversa sobre política. Logo, essa primeira experiência política socializadora, de

discutir valores e pautas sociais, Tiago irá levar para a sua juventude e será uma marca dele em relação aos demais interlocutores. Essa atitude política de Tiago, na opinião dele, será traduzida de maneira ambivalente pelos seus colegas liberais. Portanto, Tiago manterá a mesma tendência em discutir costumes, porém, divergindo totalmente do ponto defendido por seus familiares. A exceção seria apenas o pai dele, e, em seu relato, o comportamento do pai diante da família se sobressai.

Quando eu questionava as coisas pro meu pai eu via o que ele pensava da vida. Ele foi um experimento grande pra mim em muitos aspectos. Eu me surpreendo que ele seja uma pessoa que segue uma religião como a dele, porque, sei lá. Eu sei que ele não concorda lá com as ideias, ele não é radical como a minha mãe. Almoço de domingo era sempre a mesma coisa, meu tio dono de um puteiro falando que os homossexuais iriam destruir a família, meu avô lembrando dos tempos gloriosos em que não se levantava o dedo para professor, meu pai calado, porque ele teve amigo que teve a barba raspada porque era coisa de comunista. Ele conhecia gente de diretório acadêmico que sumiu e nunca mais voltou. Ele ficava calado pra não brigar com ninguém no almoço de domingo. E meu tio mais novo tentando acalmar como pretensão intelectual que ele é. E eu ainda sentava nas mesas das crianças. Quando eu cresci, eu comecei a discordar. A vontade era de rasgar a hipocrisia ali na mesa, mas eu nunca fiz. E nem vou fazer. Eu sou a favor do debate, mas, com minha família eu não sinto mais necessidade. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Tiago lembra que, quando criança, não se sentia bem ao ouvir as conversas sobre política e costumes entre seus familiares; mesmo sentado na mesa das crianças, ele recorda da sensação que sentia ao ouvir comentários que “diminuíam os homossexuais”, por exemplo. E ele perguntava aos pais “mãe, me explica, Deus não ama todo mundo?”, esse seria um dos seus questionamentos mais recorrente. Por ter sido criado dentro da igreja evangélica e de algum modo ter assimilado o valor de “amor ao próximo”, Tiago recorda que sentia que havia uma divergência entre aqueles comentários feitos pelos seus familiares e o que era repassado no evangelho atribuído a Jesus Cristo. “Mesmo muito moleque, eu sacava a hipocrisia, muito embora eu não identificasse de imediato que eles eram hipócritas, mas eu sabia que havia algo de errado”.

Muxel (2014) acredita que a essência da politização está na vida privada do indivíduo, onde os valores e as escolhas dele são revisitados e até mesmo negociados. Um indivíduo que fala sobre política está falando de suas crenças e esperanças, as convicções são parte do eu e impactam no relacionamento dele com os outros (MUXEL, 2014).

As convicções políticas de Tiago foram fortemente influenciadas pelo que ele percebeu da convivência de seus pais na igreja evangélica, do que leu nos evangelhos atribuídos a Jesus, mas também pelo que ele aprendeu dos almoços de domingo com a família de seu pai e de sua mãe. Apesar de ter crescido com vontade de questionar a família “e rasgar a hipocrisia”, Tiago confessa que não tem mais vontade de debater com seus familiares, certamente o mal-estar que isso geraria faz com que ele recue. Para Muxel (2014), o desacordo é “engolido” ao invés de ser expresso, para não permitir uma cena de conflito que ficaria para sempre na memória ou um rompimento drástico entre o indivíduo e as pessoas íntimas que não têm as mesmas convicções políticas. Por isso, diante desse cenário, Tiago prefere calar, uma vez que falar de seus princípios seria se opor radicalmente à sua família. “É um negócio que nunca vai chegar em um consenso. Mas foi muito importante pra mim. Esse background foi fazendo crescer a vontade de que cada um faça o que quiser da sua vida e que a gente não intervenha”.

Apesar de ser um ambiente emocional e intenso para Tiago, a socialização familiar foi seu primeiro experimento político, pois foi em sua família que ele pôde desenvolver os seus valores e convicções, diante da alteridade, assim, foi na diferença entre o que a família defendia e o que ele acredita que Tiago pôde desenvolver um caminho independente. Apesar de ele não ter rasgado a hipocrisia como gostaria de ter feito, Tiago afirma que seus familiares estão cientes de suas convicções políticas contrárias às deles. A busca pela coerência não é mais uma necessidade dentro dos relacionamentos, a “alteridade se tornou plural” e o desacordo pode ser visto como virtuoso dentro de uma relação (MUXEL, 2014). É isso que Tiago quer dizer quando afirma que o “background” que a sua família lhe proporcionou fez crescer nele a convicção de que cada um faça e pense como quiser.

Giddens (1997a; 2002) defende que a vida moderna fez com que as tradições passassem a ser fonte de reflexões, revisitações e questionamentos, nesse mesmo sentido, Muxel (2014) percebe que há uma “nova estrutura normativa”, fazendo com que os indivíduos sejam motivados a tomarem as suas próprias decisões sem que antes seja consultada alguma instância tradicional, e isso tem implicações na posição política que irão escolher. Na verdade, a construção da identidade moderna seria “ontologicamente política”, em razão de que ela afirma uma posição e define uma visão de mundo (MUXEL, 2014), desse modo a escolha do indivíduo é tomada como “ponto de significância”. É nessa ótica que a individualização é entendida por Muxel (2014) como resultado do processo democrático, em meio às diferenças e controvérsias da vida em sociedade, que desempenham um “papel regulatório” da obrigação que o indivíduo sente de se definir (e redefinir). Esse entendimento vale para todos os jovens interlocutores liberais, todos irão passar por um processo socializador dentro de suas famílias, porém a

definição do que virão a ser politicamente foi tomada unicamente por eles, a partir de seus envolvimento em outros espaços sociais e de suas capacidades reflexivas sobre qual caminho seguir.

Portanto, adotar hoje uma postura política divergente de seus pais ou familiares é possível, devido a essa “nova estrutura normativa” da concepção das identidades modernas, que é entendida aqui como resultado de um processo democrático vivido pelos indivíduos desde a sua socialização familiar. Os valores e as crenças de um indivíduo são construídos ao longo de um processo de socialização que se inicia dentro do contexto social em que ele cresceu e fez as primeiras assimilações da vida em sociedade.

Assim como Tiago, Júlio desenvolveu uma postura política que diverge de seus familiares e, no caso dele, isso lhe trouxe conflitos e cenas dolorosas de serem recordadas, devido ao caráter emocional que a política assume na intimidade dos indivíduos.

A família materna de Júlio é composta por professores do ensino médio e ele diz que todos são "radicalmente de esquerda". Apenas o pai teria uma postura “neutra”. Tanto ele como Júlio sofrem as pressões de um contexto político marcadamente de esquerda, onde todos têm alguma ligação com o sindicato ou com o Partido dos Trabalhadores.

[...] eu sempre tive um ambiente de política bem forte, tentaram me influenciar bastante. Apenas meu pai não é muito envolvido, é bem na dele com relação a isso (pausa) eu tive uma proximidade muito grande com movimentos sindicais, ia para muitas reuniões, muitos eventos. Até porque, eu não tinha com quem ficar, minha mãe tinha que ir, meu pai tava trabalhando, então, eu tinha que ir para os eventos. Também já cheguei a viajar para sedes de sindicatos e tudo. Tive uma proximidade grande com os movimentos sindicais até a minha adolescência. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O envolvimento de perto com as preferências políticas de sua mãe e de seus familiares maternos, em certo sentido, causou aversão em Júlio, ele se recorda que não gostava de política quando era criança. “Eu sempre tive um bloqueio com isso, porque, eu achava que o ambiente não era verdadeiro (pausa), eu percebia uma certa trairagem no olhar das pessoas, uma falsidade, não me inspirava confiança”. O que se observa é que filhos de pais militantes podem, em algum nível, sentir a falta de disponibilidade de seus pais e, desse modo, eles podem criar uma rejeição à política, como sinaliza Muxel (TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018). Júlio lembra que o avô materno, por ser filiado ao PT, trazia material de campanha para casa e era comum a visita de políticos e apoiadores à casa dele. “[...] eu sentava na mesa e ficava com

raiva, com um certo nojo”. Júlio percebia como uma invasão à sua residência, de pessoas que eram estranhas para ele, e, dessa forma, ele pode ter passado a rejeitar a motivação que os trazia ali.

Essa percepção negativa da política durou até a sua adolescência, quando ele passa a gostar do tema devido à influência das aulas de História. Ainda nesse capítulo, será feita a exposição e análise do processo socializador vivido pelos interlocutores nos colégios e universidades.

A influência da política na vida de sua mãe e de seus familiares maternos deixava Júlio impressionado: “[...] eu ficava 'caramba, como isso mexe com as pessoas, como isso mexe com a minha família’”. Na percepção de Júlio, a maneira “apaixonada” com que sua família lida com a política fez com que eles entrassem em conflito direto, a partir do momento em que ele passou a afirmar posições políticas contrárias às deles: “[...] eu vejo que eles são muito convictos nas opiniões deles em relação à política e eu respeito muito. Infelizmente eles não me respeitam tanto”.

Júlio recorda que o apoio que ele deu ao impeachment da presidente Dilma decepcionou a sua mãe, o seu avô materno e os seus tios, a ponto de ele se sentir ferido, devido ao que ele passou a ouvir de seus familiares. “[...] meu avô ia lá em casa só para soltar indireta pra mim: 'Tem gente que nasceu pobre e tá achando que é burguês de direita'. De certa forma eu fiquei bastante magoado com isso”. Apoiar o impeachment significava ir contra praticamente tudo o que seus familiares defendiam e isso abriu uma lacuna entre eles, um espaço onde de um lado estão seus familiares e do outro está Júlio, sozinho. Relatos como esse de Júlio expõem o impacto profundo que a política pode ter nas relações pessoais e afetivas de determinados indivíduos.

Júlio afirma com nítida tristeza que seus familiares não conseguem compreender a sua posição política, apesar de ele dizer que respeita as convicções deles, porém o que transparece é que o fato de Júlio ter seguido um caminho contrário, fez com que seus familiares encarassem a escolha dele como uma afronta ou até mesmo uma ingratidão por parte dele.

[...] tudo eles acham que é egoísmo da minha parte. Se eu não concordo com eles, é egoísmo da minha parte. Essa semana mesmo eu saí do grupo da família no WhatsApp, porque eles passaram um dia inteiro postando vários artigos de como o voto nulo ajudaria Bolsonaro. Fizeram isso para me atingir. Minha família agora está muito apegada a votar em Haddad, dizendo que está com apego à democracia, aí eu disse "se vocês estão com apego à democracia, vocês deveriam entender a minha

escolha democrática de simplesmente me eximir, não querer compactuar com nenhum dos lados”. Eles não conseguem me entender. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A pouca compreensão por parte de seus familiares fez com que Júlio passasse a não mais falar sobre política com eles. O assunto político em casa passou a ser um tabu, em razão de que ele não se sente confortável em expor as suas opiniões e elas geralmente são “mal interpretadas” pela sua família. Para que a sua convicção política não viesse a provocar um rompimento definitivo entre ele e seus familiares, Júlio passou a não mais falar sobre o assunto, engolindo, desse modo, o desacordo político, não deixando que ele atrapalhe a relação com a sua família.

[...] nesse final de semana eu viajei com eles e teve um amigo da família, que vai se candidatar a vereador pelo PT, ele sentou comigo para conversar e perguntou em quem eu ia votar, e foi, de longe, a conversa mais respeitosa que eu tive no ambiente familiar e ele não é da minha família, ele é só amigo da família. E eu vi minha família assistindo a conversa e ficando com raiva de tudo que eu falava. E ele mesmo dizia "vocês têm que aprender a respeitar Júlio" (pausa) como eu disse, isso tudo acabou me chateando muito, então, eu criei um bloqueio com minha família. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Júlio e Tiago são exemplos de como o desacordo político pode causar mal-estar entre os indivíduos e as pessoas com quem eles mantêm uma relação íntima, sejam elas familiares, entre amigos ou conjugais.

Tiago cresceu em um ambiente político de direita, de pouca tolerância às pautas sociais, que geralmente são compreendidas à esquerda do campo político. Curiosamente, isso fez com que Tiago desenvolvesse uma postura contrária à de seus familiares. “Hoje eu tenho quase uma aversão à direita, não sei se eles fossem de esquerda, se eu teria aversão à esquerda”, refletiu Tiago. Por sua vez, Júlio cresceu em um ambiente de esquerda e ele acabou desenvolvendo uma afinidade à direita, chocando-se diretamente com as convicções políticas de seus familiares. Ambos, Júlio e Tiago, tiveram que calar sobre as suas convicções políticas quando estão com seus familiares, devido à pouca tolerância para que o diálogo político aconteça.

Em sua pesquisa sobre o impacto que a política tem na vida privada dos indivíduos, Muxel (2014) observou que só é possível superar as diferenças nas convicções quando há espaço para o respeito, a tolerância e a compreensão mútua; para esta socióloga, esses três

valores seriam os “ingredientes” indispensáveis para que houvesse um “encontro de mentes” que pensam diferente, mas que são capazes de dialogar. Quando não há espaço para o diálogo, os indivíduos tendem a calar sobre suas convicções, para que o desacordo político não gere um rompimento dessa relação. Portanto, todos os indivíduos em uma discussão política têm um papel a desempenhar, baseados em sua própria individualidade, estimulados pela democracia (MUXEL, 2014).

A família é potencialmente a primeira referência política dos indivíduos. No caso da pesquisa, todos os jovens liberais tiveram em suas famílias um espaço para desenvolverem um papel político, e, em menor ou maior grau, a politização de seus familiares exerceu algum tipo de influência, fazendo com que eles adotassem uma postura igual ou divergente. O papel da política na vida em família muitas vezes é o de criar um ambiente no qual a criança irá experimentar as suas primeiras impressões, e, como foi observado, a identificação, ou não, depende menos do resultado de uma aprendizagem organizada, de normas e comportamentos, do que uma trajetória em que o rumo pode ser negociado ou até mesmo renegociado inúmeras vezes (MUXEL, 2014). Além da vida em família, o indivíduo experimenta uma variedade de posições onde ele poderá desenvolver as motivações e tendências que adquiriu, abrindo mão de algumas e obtendo outras, a partir das relações sociais que desenvolve em sua vida privada.

Política e Religião

O filósofo Antonio Gramsci foi um dos que viram na relação entre a religião e a política a capacidade de explicação das transformações históricas e até mesmo das revoluções pelas quais a humanidade é submetida há séculos. Gramsci (2001) acreditava que o poder das igrejas era “subversivo” e “subterrâneo”, tendo ele a capacidade de “minar” uma sociedade a partir de seus fundamentos. Na América Latina, particularmente, Gramsci (2001) apontou que seus países ainda têm no clero das igrejas e na casta militar forças que se cristalizaram e resistem às transformações sofridas ao longo do tempo. Nesse sentido, Gramsci (2001) sinaliza para a função que a religião adquiriu no desenvolvimento histórico e intelectual da humanidade, e, assim como as ideologias, a religião se coloca como uma potência concreta de implicações culturais, políticas e sociais, logo, é preciso levá-la em conta, pois não fazê-lo seria “tolice”.

Na sociologia clássica, Durkheim (1996) destaca que os interesses religiosos são a forma simbólica de interesses sociais e morais, pois o objeto da religião é a transfiguração da sociedade. Nesse sentido, a ideia de sagrado, de se acreditar em algo superior, deriva do fato de os indivíduos viverem em grupos, ou seja, de viverem em sociedade, e, a partir dela,

aprenderem a idealizar e a fazer uso dos símbolos para se comunicarem (DURKHEIM, 1996). Assim como são criadas linguagens para integração e atribuição de sentido ao convívio social, cria-se a religião como forma de converter a vida social em vida religiosa, atribuindo-lhe significados e valores comuns que transcendem a vida concreta.

Para Weber (2004), a religião deve ser compreendida como uma prática social carregada de sentido dialético, no qual o material e o simbólico participam, pois os indivíduos, ao empregarem às suas ações motivos religiosos, sistematizam um conjunto de práticas humanas que orientarão a condução de suas vidas. Logo, a religião influencia na condução da vida, pois o fim e o sentido dessas condutas se dirigem em parte ao sagrado e em parte ao mundo social concreto (WEBER, 2004).

A partir dessas duas concepções clássicas da sociologia, Setton (2008) argumenta que as crenças religiosas participam da constituição dos seres humanos enquanto agentes, indivíduos e cidadãos, junto com os valores da família, da escola, do trabalho e até mesmo das mídias. Logo, considerar as religiões como matrizes de cultura é tê-las em mente como um conjunto de símbolos, com linguagens próprias, e que, na prática, funcionam como um sistema educativo dos grupos, com métodos e práticas de socialização que lhes ajudam a expressar uma ideologia no sentido de visão de mundo (SETTON, 2008). Por conseguinte, a religião, por seu caráter socializador, tem implicações em diversos espaços de construção da realidade e em vários domínios, dentre eles, o domínio da política.

No Brasil, pesquisadores (FREESTON, 1993; NOVAES, 1997; CARNEIRO, 1997; PIERUCCI; PRANDI, 1995; AZEVEDO, 2004; SANTOS, 2008; CARREIRO, 2017; ANTONIAZZI ET ALL, 1996) tentam dar conta da complexidade existente na relação das religiões cristãs com a política brasileira em suas mais diversas instâncias, desde a relação com partidos e movimentos sociais, até as consequências de seus valores e crenças sobre o comportamento político, ideológico e/ou eleitoral de brasileiros e brasileiras. Na realidade, a interação entre política e religião é extremamente presente no Brasil, superando diversos períodos históricos e contextos sociais, passando por adequações e mudanças contínuas, devido ao fato de os atores sociais mostrarem “grande habilidade” de relacioná-la e vivenciá-la de maneira particular (OLIVEIRA, 2011).

Novaes (2018) sugere que, atualmente, no Brasil, tem-se assistido a uma escalada dos templos evangélicos pentecostais e uma diminuição do percentual de católicos (fenômeno que ocorre desde o começo dos anos 2000), porém ela observa que desfiliações religiosas por parte dos jovens também têm ocorrido com frequência, denotando que existe uma fluidez entre as juventudes quanto às suas conexões religiosas. Com isso, as experiências com outras religiões,

como budismo, kardecismo, gnose, cabala etc., além dos “sem religião que têm fé”, reforçam esses fluxos e deslocamentos com os quais o jovem, particularmente, estaria mais acostumado, por viver o presencial e o virtual constituídos em uma mesma realidade, por ter também a possibilidade de conviver com famílias “multireligiosas” (NOVAES, 2018), situações que ampliam a possibilidade de ele se engajar e desengajar, de ter acesso a diversas maneiras de praticar uma religião e de poder decidir com qual delas ele irá ou não viver uma experiência religiosa. Contudo, Novaes (2018) alerta que existem outros recortes sociais, como a classe social, o gênero, a etnia etc., que devem ser levados em conta quando se pretende compreender os significados das experiências religiosas das juventudes.

O ponto da análise de Novaes (2018) reside no fato de que as pregações religiosas podem não ser absorvidas de forma “monolítica” pelos jovens, em razão de que as vivências individuais e até mesmo a convivência com seus amigos e familiares funcionam como um “filtro cognitivo”, através do qual o jovem seleciona e interpreta as mensagens que recebe da igreja/religião. Não se pode desconsiderar que o jovem circula por vários espaços sociais ao estudar, trabalhar ou desfrutar de seu tempo livre, e isso lhe confere variadas maneiras de pertencimento, desse modo, além de suas vivências anteriores, o jovem pode desenvolver diferentes formas de viver a sua própria religião. Com isso, tem-se diversos tipos de jovens crentes, católicos, kardecistas e “sem religião que tem fé” (NOVAES, 2018). Estar atrelado a uma determinada doutrina religiosa não faz com que o jovem siga sem questionar ou reinterpretar o que lhe é repassado dentro dos templos e das igrejas, logo, é necessário ver de perto, e, para isso, existem os instrumentos de análise da Sociologia e Antropologia.

Com relação aos jovens liberais de Campina Grande, foi percebido que existe um padrão de relacionamento com a religião por parte deles. A experiência com o liberalismo certamente irá acentuar algumas escolhas, pois existe uma complexidade no vínculo da religião com a política e ele foi, de certo modo, avaliado por esses jovens, que assumirão uma postura de afastamento de uma e aproximação da outra, como se juntas, religião e política, não pudessem conviver, como o leitor irá conferir.

Não obstante, parto do pressuposto de que a religião é uma instância socializadora que exerce forte influência também nas convicções políticas dos indivíduos e aqui será analisada a posição que a religião ocupou na vida familiar dos jovens liberais de Campina Grande, e qual teria sido a incidência dela nas convicções políticas deles.

Na família de Gabriel, a religião exerce o papel de espiritualizar a vida, não exercendo uma função disciplinadora ou moralista, fato apontado por ele na primeira sessão de sua entrevista em profundidade. Nela, Gabriel revelou que seus pais se consideram católicos “mas

não praticam”, porém, o jovem liberal sinalizou que o catolicismo deles tem um “pé” no espiritismo de Allan Kardec, seus pais acreditam em reencarnação e admitem uma identificação também com essa doutrina religiosa.

Gabriel ainda avaliou que a religião não é algo “basilar” para a família dele, querendo dizer que religião não é algo presente no cotidiano da família, não há um ritual a ser seguido, nem visitas semanais às igrejas ou centro espíritas. “Dia de domingo é para ficar em casa e descansar, não é para ir pra igreja, nem rezar (risos)”. Desse modo, a religião não exerce nenhum tipo de função na rotina de seus pais e irmãs, e cumpre com um papel de espiritualizar a vida, uma vez que eles acreditam na possibilidade de contato com os mortos e até mesmo a possibilidade de a alma reencarnar; contudo, essa crença é discreta e a família não chega a ritualiza-la e não há conexão entre eles e uma comunidade espírita ou católica.

Na família de Júlio, todos são de esquerda e católicos “[...] mas são aqueles católicos que acreditam em Jesus, seguem Maria, mas não sabem muito bem o que acontece dentro da igreja, eles não vão”. Júlio disse em entrevista que ele é a pessoa da família mais envolvida com religião.

Desde criança, Júlio optou por fazer eucaristia, crisma e logo depois ele se envolveu com as demandas do Encontro de Jovens com Cristo (EJC), da igreja do bairro. “[...] foi tudo escolha minha, meus pais nem sequer deram a ideia”. A identificação com a igreja foi tão intensa que Júlio chegou a ser catequista. Na época de sua entrevista, outubro de 2018, ele havia se afastado devido à universidade. Quando questionado de onde teria vindo a vontade de estar integrado às atividades da igreja, Júlio respondeu dizendo que sentia “falta” de uma crença, de algo para acreditar.

[...] ironicamente eu fiz o crisma sendo ateu. Eu me considerava ateu e terminei o crisma sendo ateu. Mas, eu acho que eu sentia falta de uma fé. Eu sentia falta de acreditar em algo. Então, eu resolvi fazer o EJC como a última tentativa para minha fé. Eu acho que durante o EJC eu tive muitas dúvidas em relação à minha religião, eu conheci pessoas mais relevantes dentro da igreja, que eram mais abertas para conversar comigo, tiravam minhas dúvidas, entendiam meus questionamentos. Mas hoje ainda sou muito convicto ao evolucionismo, nunca neguei isso em nenhum momento. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O ambiente politizado de sua família, com a mãe envolvida nas demandas do sindicato e os avós e tios envolvidos politicamente com o PT, de certa forma afastaram o jovem, mas, ao

mesmo tempo, pode ter feito com que ele saísse em busca de alguma coisa para se identificar e se integrar. A igreja, desse modo, cumpriu o papel de integrá-lo a uma comunidade, mesmo ele na época sendo ateu e trazendo consigo uma variedade de dúvidas e questionamentos. E isso transparece em sua entrevista “[...] quando você aceita fazer o EJC, você se dispõe a aceitar uma nova família, lá você forma uma nova família, com pais e filhos que se transformam em seus irmãos”.

A relação de Júlio com a igreja católica é muito particular, ela é um espaço onde ele tem algum nível de identificação, no qual ele se sente à vontade para expor as suas opiniões, mesmo que elas sejam contrárias ao que a igreja defende, ou seja, eles o aceitam da forma que ele é, com as convicções liberais que ele tem. Não obstante Júlio ter essa aproximação com a igreja católica, ela não serviu de base para que ele formasse as opiniões dele no que tange às pautas sociais, como aborto e consumo de drogas. Em ambas, Júlio é favorável, tanto à descriminalização do aborto quanto à legalização das drogas. Em contrapartida, a família dele também não pode ser compreendida como a responsável por ele ter desenvolvido esse entendimento, pois Júlio diz que, apesar de eles serem de esquerda, ambas as pautas, drogas e aborto, seus familiares são contra, por terem uma base moral cristã e católica “eu acho que é a questão do cristianismo enraizado”, sentenciou para mim.

A religião também parece não ter influenciado as convicções políticas de Nanda, que foi educada em uma escola católica e tem os pais católicos, embora ela diga que apenas a mãe seria uma católica “mais praticante”, ressaltando que seu pai é mais “afastado”. “[...] minha mãe sempre procurava estar na igreja, me colocou pra fazer eucaristia e crisma. Eu ainda entrei no EJC, mas não me identifiquei e saí”.

Nanda afirmou em entrevista que a religião católica sempre esteve presente nos primeiros anos de sua vida, até o momento em que ela diz ter conquistado uma “independência intelectual”, referindo-se ao fato de ela ter ingressado na universidade e, a partir disso, ser percebida pelos seus pais como um indivíduo que pensa e é capaz de decidir por si só no que acreditar: “[...] eu comecei a pensar se aquilo era realmente onde eu me encaixava”.

Atualmente, Nanda afirma ser atea, não acredita mais em Deus, e isso não é um problema para seus pais, eles a “respeitam”.

No colégio Damas, tradicional em Campina Grande e administrado por freiras, Nanda disse que fazia “críticas” em sala de aula, porque, nas aulas de religião, apenas a crença cristã e católica era ensinada e as demais eram excluídas do programa de ensino. A doutrinação incomodava Nanda e ela chegou a comentar diretamente com a professora, e, devido à insistência dela no assunto, foi promovido um pequeno “debate” em sala de aula com uma breve

exposição feita pelos próprios alunos “[...] durou bem pouco tempo. Na verdade, nem foi um debate, foi só durante uma aula”.

Em suas reflexões sociológicas sobre a relação entre a religião e a vida pós moderna, Mardones (1996) concluiu que a globalização afetou a forma com que a tradição religiosa, em especial a cristã católica, é experimentada pelos seus adeptos. Nesse sentido, ele se aproxima das concepções teóricas de Giddens (1997a, 2002), quando afirma que os indivíduos modernos estabeleceram uma outra forma de lidar com as tradições, revisando os termos dessas crenças, e, em alguns casos, expondo críticas ou propondo adaptações ao que prega uma determinada religião.

Contudo, feita essa ressalva de que as tradições, mesmo as religiosas, têm passado pelo crivo da reflexão individual das pessoas, é válido pontuar, também, que Nanda, além de criticar o ambiente dogmático da sala de aula, abandonou a prática cristã por perceber que ela não se “encaixava” na vida dela, a partir do instante em que, nas palavras dela, conquistou uma “independência intelectual”.

Para a jovem Nanda, o ambiente do colégio Damas era muito “fechado” e as pessoas de lá seguiam um “padrão” de pensamento e de comportamento. Quando questionada sobre essa percepção, Nanda diz que, mesmo quando ainda estudava nas Damas, ela sentia “algo estranho” em relação ao colégio, todavia, ela afirma que foi só na chegada à universidade que esse entendimento ficou mais claro para ela. “Pra tu ter noção, eu não sabia nem o que era IFPB, quando eu cheguei na universidade, aqui com Gabriel, foi que eu soube o que era”.

A opinião de que o aborto deveria ser descriminalizado, Nanda diz que a tem desde o ensino médio, quando estudava no colégio Damas e já era a favor do argumento da “ciência”, explicando que, até os meses indicados por estudos científicos, o procedimento pode ser feito com segurança para a mulher e para o embrião: “[...] é melhor ser evitado desde o começo porque pode se transformar em sofrimento para a mulher e para aquele indivíduo que vai chegar na sociedade”.

Felipe diz que desde a sua infância seus pais são “tranquilos” em relação à religião, querendo dizer que a prática religiosa não foi imposta a ele, tanto que atualmente ele se diz agnóstico. Ele afirmou em entrevista que seu pai “é mais católico” e sua mãe é “mais protestante”, contudo Felipe também sinalizou que eles não seriam “praticantes”, eles não frequentam a igreja e mantêm uma relação distante e discreta com a religião que escolheram. “Não existe nenhum tipo de imposição quanto a isso, nem nada do tipo”.

Beto também se diz agnóstico, revelando que “nunca” acreditou em nada sobrenatural, porém não descarta a possibilidade de que Deus possa de fato existir. “Mas ainda não me

convenceram”. Ele lembra que quando era criança a mãe dele tentou ensiná-lo a rezar: "Mas sem nenhuma religião envolvida. Ela nunca foi religiosa, teve um tempo que até ela virou atea". Contudo, ele diz que hoje a mãe dele é “espírita kardecista”, assim como outras pessoas de sua família, entretanto se apressa em afirmar que “ninguém da minha família é muito religioso não.”

Toni disse que também não teve nenhuma formação religiosa quando era criança. Ele foi criado pela mãe e a avó materna e ambas teriam sido católicas “não praticantes” durante toda a sua infância e adolescência. “Eu não tenho nem lembrança delas indo à missa”. Todavia, Toni revelou que, desde 2014, a mãe dele se converteu ao protestantismo. Antes da conversão, Toni disse que a mãe tinha convicções mais à esquerda da política “ela já chegou a votar no PSOL”, porém, desde que passou a ser evangélica, a mãe dele adotou uma postura política mais “conservadora”. “[...] mas eu já estava com minha cabeça bem formada”. Essa conversão, que tornou a prática religiosa mais frequente, não teria influenciado Toni, ele acredita que ela se deu em um momento de sua vida no qual não havia mais “chance” de ele se tornar “conservador”. “Eu escapei”, disse rindo.

Toni avalia que não houve na sua formação familiar nenhum tipo de “influência direta” da religião cristã e que “exatamente” por isso ele não acredita em Deus, sendo, portanto, ateu. “Religião não me influenciou em nada, nem politicamente, nem ideologicamente, nem nos princípios que eu sigo ao longo da minha vida”.

Quando criança, Bia costumava ir à igreja evangélica com a sua avó paterna “ela era a única religiosa lá de casa”, mas Bia revelou que, desde o falecimento dela, não esteve mais em nenhuma igreja, com exceção de quando é convidada para casamentos. “Eu não gostava de ir. Na verdade, eu não gosto de igreja, dessa ideia da galera gritando, rezando, eu não gosto”. Bia ainda afirmou que essa recusa e falta de identificação com uma religião é seguida pelos outros membros de sua família “só minha mãe que vai de vez em quando”.

Na realidade, a relação de Bia com a filosofia, desde a sua adolescência, fez crescer nela uma afinidade com o deísmo. Essa doutrina é baseada em um posicionamento filosófico que procura entender a criação do universo e a sua relação com a natureza através da razão e da lógica, sendo o livre pensamento e a experiência pessoal de cada deísta uma máxima, assim, não há regras de como pensar, nem de o que seguir (DIMAS, 2014). A busca dessas respostas fica por conta de cada um através da filosofia. No presente caso, a própria Bia fundamenta as ideias dela através dos livros de filosofia e de sua razão. “É uma experiência bem filosófica e individual também”.

Para Sofia, a relação dela com a religião também é “bem íntima”. Criada pela mãe e a tia-avó, ambas católicas praticantes, Sofia lembrou em entrevista que ultimamente tem ido pouco à igreja, desde que saiu de Areial para morar em Campina Grande, em 2016. “Mas, eu também não acho tão necessário ir”. A jovem liberal ressaltou que gosta do catolicismo, porém, admite que tem “curiosidade” sobre outras religiões.

A minha mãe já foi espírita, teve um tempão que ela era, até hoje ela comenta que tem vontade de voltar. Só que ela foi pra igreja católica, eu acho que ela é meio essa mistura dos dois. A minha tia é cem por cento católica. Meu pai é católico, mas um católico distante. Ele só vai com a minha mãe e vai forçado. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Sofia revelou ainda que teve uma formação religiosa e católica, tendo feito a eucaristia e a crisma, rituais de iniciação cristã da criança e do jovem respectivamente. Ela lembra que gostava de ir pra igreja e tem carinho por essa fase de sua vida, que marca o período em que viveu em Areial e comungava com o estilo de vida de sua mãe e sua tia.

Contudo, na percepção de Sofia, esse período marca uma outra fase de sua vida, uma vez que ela se sente vivendo um momento totalmente distinto agora, morando em Campina Grande e tendo acesso a outros tipos de sociabilidades. A convivência com Gabriel, que não segue nenhuma religião, e com outros colegas liberais ateus e agnósticos, tem despertado outros interesses em Sofia e ela até mesmo admite ter curiosidade sobre outros tipos de religião. O que se percebe é que essa formação religiosa na sua infância e adolescência não foi suficiente para que Sofia viesse a defender pautas, como aborto e drogas, baseadas em uma moralidade católica. Em ambos os temas tomados aqui como exemplo, Sofia se diz favorável, favorável à descriminalização do aborto e à legalização e livre comércio de drogas ilícitas. De acordo com Sofia, esse entendimento surgiu antes de ela ter contato com os jovens liberais em Campina Grande. Ainda em Areial ela destoaria de seus amigos, por não se sentir intimidada pelos preceitos da igreja. Sofia então coloca como uma tendência que ela já trazia consigo e o contato com Gabriel e os demais jovens liberais só fez com que isso viesse a tona de uma maneira mais política e, portanto, mais argumentativa.

Por sua vez, Tiago cresceu em um lar religioso, seus pais sempre foram evangélicos e imaginavam para o filho uma vida distinta da que ele optou quando começou a decidir por quais caminhos seguiria. “Quando eu comecei a questionar, começou a ter atritos entre a gente”. No começo, as questões que ele trazia eram encaradas com normalidade, pois Tiago diz que ainda

era muito criança quando começou a perceber a radicalidade da religião que foi escolhida por seus pais.

Meus pais adotaram uma doutrina que é um tanto radical para mim, que é a Congregação Cristã, é um negócio assim: mulher senta separado de homem, mulher usa véu. É muito radical. E eles cumprem. Minha mãe usa saia, ela nunca usa calça, que é uma das regras da igreja, minha mãe ouve palestra religiosa o dia inteiro. E ela está feliz com isso. E meu pai cumpre também, mas gosta de dar umas escapadas dessa pressão religiosa. Minha mãe nunca ligou, ela sempre gostou muito disso. Ela sempre deixa o cabelo crescer, ela não corta o cabelo por nada nesse mundo, ela só corta dois dedos e o cabelo dela bate na lombar. Então, é um ambiente muito louco. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Tiago revela que desde criança achava o ambiente religioso “estranho” e, diante disso, costumava “questionar” seus pais sobre as práticas religiosas da congregação que eles frequentavam. Ele acredita que a aptidão que ele tem, de buscar respostas variadas para uma mesma coisa, começou com as suas observações na igreja.

Quando eu chegava em casa, eu perguntava coisas como “mãe, por que você usa saia e não usa calça? Todas as mulheres usam calça, por que você não?”. Ela dizia que era Deus e tal, mas, eu me perguntava, por que Deus quer que as mulheres usem saia e não calça? E aí eu ia ler a bíblia pra ver se eu conseguia entender. Só que os questionamentos começaram a ir além, muito mais além. Ela tentava me explicar, mas, como eu questionava demais, ela ficava com raiva. Eu aceitava porque não tinha escolha, só que eu ficava achando que não fazia o menor sentido. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O menino Tiago ficava ainda mais intrigado diante das explicações de sua mãe para as perguntas que ele trazia, em razão de que ela só sugeriu que as respostas estariam apenas na bíblia. Ávido para encontrá-las, Tiago diz que passou a ler a bíblia com frequência e levava até mesmo para a escola, na esperança de encontrar as explicações dadas por sua mãe. Todavia, ele disse que nunca encontrou respostas que servissem de base para as explicações dadas por ela e, aos poucos, a religião praticada pela congregação e pelos seus pais foi perdendo sentido para ele. “Não me leve a mal, mas eu comecei a me questionar muito, se eu acredito ou não em Deus. Mas até hoje eu tenho o costume de orar a noite, eu fui criado assim. Só que, em dado momento, a lavagem cerebral não deu certo.”

Na família de Tiago, todos são cristãos e fazem parte de alguma comunidade cristã. “Minha família por parte de mãe é italiana e católica. E por parte de pai eles sempre foram muito malandros, mas, depois de um tempo, parece que começaram a ter medo de queimar no fogo do inferno e viraram todos evangélicos”. A família materna e católica, ele diz que é mais tolerante e todos são de esquerda, com exceção da mãe dele, que é de direita e evangélica. “Você falar alguma coisa é pegar briga com a família inteira”. Triste pela forma com que seus familiares lidam com opiniões contrárias a que eles acreditam, Tiago passou a não mais fazer perguntas e a não mais debater com a sua família. “Eu vi uma aceitação muito cega das coisas. A aceitação do status quo. E você aceitar tudo cegamente sem questionar, pra mim é uma coisa que não cabe”.

Certamente o leitor já percebeu que Tiago gosta de enfatizar a importância do questionamento “das coisas”, desse modo, o jovem liberal acredita que a sua família e a religião adotada por ela formaram uma espécie de primeiro laboratório, onde ele pôde dar vazão a essa aptidão, que tem reflexos na sua identidade política.

Porém, Tiago acredita que foi mesmo a sua viagem até a Alemanha que marcou um antes e um depois em seus ideais e crenças. Foi nesse país que, isolado de sua família, ele pôde procurar as respostas que ansiava, no contato com pessoas diferentes, de culturas e crenças distintas. “A Alemanha me ajudou bastante a entender o meu pensamento, Direito, filosofia alemã, filosofia em geral”. Ele ainda diz que foi depois de sua viagem que ele passou a perceber claramente a “aceitação cega”, por parte da sua família, de todas as regras e ditames da congregação cristã. Ao lembrar dos efeitos que essa nova percepção fez na sua vida e na relação com seus familiares, Tiago confessou:

[...] eu e meus pais tentamos chegar numa trégua, porque, meus pais queriam que eu fosse da igreja, que eu fizesse parte da banda da igreja, que eu fosse pastor. Deus sabe o que eles queriam pra mim. Mas é uma coisa que eu não consigo aceitar. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Weber (2004; 2013) acredita que a religião funciona como uma estruturação das condutas humanas que emprega sentido nas experiências sociais a partir de um sistema simbólico sagrado e indiscutível. Desse modo, a religião seria um espaço socializador de construção de sentidos e de estruturas mentais e comportamentais. Por outro lado, Durkheim (1996) defende que a religião, ao longo da história humana, ofereceu princípios à construção de ideias, pensamentos e representações sociais, ressaltando, desse modo, o caráter social da

religião, no qual o sentimento coletivo exerce uma “força social” sobre os indivíduos, dando origem a uma moral e à categorias próprias de pensamento.

Diante desses termos sociológicos do papel da religião, pode-se chegar ao entendimento de que os jovens estudados nesse trabalho apresentaram um modo particular de envolvimento com uma doutrina religiosa. No caso de Toni, Felipe, Gabriel e Beto, esse vínculo chegou a existir em um dado momento de suas vidas, mas, de maneira superficial, não cumpria um papel disciplinador em suas famílias e não se fortaleceu ao longo dos anos, levando esses jovens a um distanciamento de uma tradição ou comunidade religiosa. O caso de Nanda é diferente, o vínculo dela com a religião se deu na escola e em sua família, contudo a postura de Nanda diante desse conjunto de símbolos e modos de pensamento foi reativa, ao ponto de ela atualmente se afirmar como atea, ela não acredita mais em Deus. Assim como Nanda, Sofia também teve uma formação religiosa a partir de sua família, entretanto esse vínculo sofreu a interferência de novos grupos sociais com os quais ela passou a interagir desde seu ingresso no IFPB e quando começou a namorar Gabriel. Sofia hoje admite uma “relação íntima” com Deus, sem que ela esteja ligada a uma comunidade religiosa e, portanto, livre de pressões que possam influenciar as suas convicções políticas. Suponho, então, que todos sofrem uma influência, mas não de uma doutrina religiosa e sim de uma doutrina política, no caso, o liberalismo “por inteiro”.

Bia não teve formação religiosa e desde a adolescência ela encontrou na filosofia um caminho para responder as suas dúvidas a respeito da vida, da natureza e do universo. Por isso Bia se afirma como deísta. Assim como ela, Tiago diz ter encontrado na filosofia um meio de conseguir se conectar ao divino, apesar de ele ter sido criado em uma família evangélica “um tanto radical”. Tiago não deixou de acreditar em Deus. Em entrevista, ele revelou que ainda reza todas as noites, mas isso não evitou que ele percebesse falhas e incongruências na religião escolhida por seus pais. De todos, Júlio é o único que sai em busca de uma comunidade religiosa, mesmo sendo ateu, para poder se conectar com algum grupo e, desse modo, desenvolver alguma crença. Ainda assim, ele diz que não aceitou o conjunto de normas e pensamentos do cristianismo, denotando que a igreja católica para ele funciona como um espaço onde se sente acolhido para falar e questionar, situação que não se aplica à casa dele, de acordo com a sua entrevista.

Portanto, os jovens liberais apresentados nesse estudo apresentam um modo particular de se relacionar ou não com uma religião, todavia, em todos os casos, foi percebido uma predisposição em afirmar que a religião não tem ou já teve importância para eles, sob o propósito de ressaltar para a pesquisa o caráter independente de suas convicções políticas.

Uma das motivações dos jovens liberais de Campina Grande e da rede SFL (que eles tiveram ou têm conexão) é se destacar dos conservadores, descolar no Brasil a imagem do liberalismo da do conservadorismo. Esses jovens afirmam essa diferença e ressaltam-na na defesa de pautas como a legalização das drogas, por exemplo. Nesse sentido, os jovens liberais de Campina Grande aceitaram os termos do grupo liberal que se conectam por uma afinidade voluntária e por não terem vínculos fortes com nenhuma comunidade ou doutrina religiosa pelas quais dogmas podem ser defendidos, o que poderia conflitar com a defesa ampla da liberdade individual. Os que tinham um vínculo religioso foi necessário que antes abandonassem, para que fossem livres para aderir ao conjunto de ideias e pensamentos do liberalismo que eles defendem, que será exposto no capítulo 3. Para eles, funciona como Tiago expôs em entrevista “[...] que cada um faça o que quiser da sua vida e que a gente não intervenha”.

É interessante e significativo perceber que os jovens liberais de Campina Grande possuem uma relação com a religião/religiosidade que passa por uma independência em termos de pensamento. Essa é uma atitude que pode ser considerada religiosa, que é necessária para ser um liberal de verdade, pois é raro ser “liberal de verdade” e, ao mesmo tempo, por exemplo, ser seguidor entusiasmado de uma igreja evangélica. Então, no caso específico dos jovens liberais apresentados nesta tese, que praticam um liberalismo “por inteiro”, é imperativo que eles tenham um certo nível de desprendimento de dogmas religiosos ou que, os tendo, não atrapalhe a maneira com que eles concebem a política e a vida em sociedade, em vista de que há uma emergência por parte deles de que as “pautas sociais” sejam defendidas por liberais, por ser esse um espaço que, na percepção deles, foi abandonado por liberais anteriores, sendo isso um “erro”, como afirmou Gabriel. Destarte, se percebe nessa atitude uma capacidade reflexiva desses jovens a partir de seus interesses políticos de reposicionamento do liberalismo no Brasil. Em certo sentido, eles sentem uma responsabilidade em adotar condutas e discursos que afirmem a máxima liberal que pregam, de que o liberalismo só é verdadeiro quando praticado “por inteiro”, nisso, uma religião/ideologia que concorra com esse entendimento não terá sentido para eles.

Parte 2: Política nas escolas e universidades

A escola como é conhecida hoje, como um espaço para a educação de crianças e jovens, só passou a existir a partir do século 16, quando se deu início a uma percepção de que a infância necessitava de cuidados especializados devido à sua “fraqueza”, e, desse modo, surge um “sentimento de responsabilidade moral” da sociedade em relação à infância (ARIÈS, 1986).

Nesse sentido, a noção de infância e juventude separada da vida adulta nasce de forma atrelada à criação da escola. Ariès (1986) destaca que, no mundo medieval, a infância não era separada da vida adulta e tampouco ela exercia nos pais uma preocupação. Antes disso, Ariès (1986) aponta que a criança era misturada aos adultos com o propósito de aprender junto com eles, assim sendo, a escola substituiu esse tipo de aprendizagem por meio de um ensino formal, repassado por mestres especializados e comprometidos com a educação e a inserção desses indivíduos na sociedade.

No que tange o comportamento político dos jovens, Fuks (2012) destaca que o tipo de escola e o interesse do jovem por política são fatores que geralmente exercem papel ativo, aliado às tendências individuais de cada jovem em desenvolver, ou não, um tipo de conduta política. Além disso, Brenner (2018) acrescenta que a rede escolar e universitária parece auxiliar e encorajar os jovens estudantes a participarem de debates ou projetos que ocorrem dentro das instituições ou por intermédio delas, através de outros alunos ou professores. Contudo, Brenner (2018) pondera que essas relações sociais só produzirão efeito, ou seja, só conduzirão os jovens ao engajamento político se eles já tiverem disposições para tal. Com isso, reforça-se o entendimento de que as experiências políticas dos pais e a origem social de suas famílias são relevantes na composição da cultura política e visões de mundo que foram transmitidas para os jovens, que mais tarde irão viver as suas próprias experiências, que os conduzirão ou não a uma prática política militante (BRENNER, 2018).

Outrossim, Brenner (2014; 2018) acredita que a escola é o “espaço-tempo” de socialização de crianças e jovens, e representa uma novidade em comparação com a socialização que acontece no seio de suas famílias. Por isso, a rede escolar, assim como a universitária, são fontes de novas vivências sociais onde o convívio com a diversidade e a pluralidade entregam novas maneiras de os jovens perceberem o mundo e a si mesmos. Nesse sentido, além de ser um espaço de socialização de novos encontros e saberes, a escola pode vir a ser um lugar de concretização ou de iniciação de uma militância política (BRENNER, 2014; 2018).

Em pesquisa desenvolvida com jovens estudantes militantes de partidos políticos, no Rio de Janeiro, Brenner (2018) percebeu que aqueles em que havia pouca influência política de seus pais, devido ao baixo envolvimento político de suas famílias, obtiveram, no ambiente das escolas, acesso a conteúdos e pessoas que possibilitaram esse engajamento a posteriori. Desse modo, em casos como esse, a escola passa a exercer papel mais significativo na construção de disposições e identidades políticas.

No caso dos jovens liberais de Campina Grande, o leitor perceberá que, naqueles em que a família exerceu pouca influência política, em razão de seu baixo envolvimento com partidos ou lideranças políticas, situação em que se enquadram Felipe, Beto e Nanda, as escolas e professores exerceram papel fundamental na socialização política. Já em casos como o de Gabriel, Tiago, Toni, Sofia e Bia, jovens que foram socializados politicamente desde as suas infâncias, devido ao alto envolvimento de suas famílias com a política, as escolas atuaram como uma continuidade de seus processos de socialização, nas quais eles puderam exercer com maior autonomia os impulsos que já carregavam.

Uma outra questão interessante para se pensar é se a influência da escola na socialização política tem a ver com a própria instituição de ensino e o fato de umas serem mais ativas do que outras no estímulo à formação do pensamento crítico de seus alunos e alunas, ou com a socialização familiar, ou seja, com a disposição trazida de casa que faria com que alguns alunos estivessem dispostos a debater sobre política e, assim, influenciar outros, independente de um fomento por parte das escolas. No que diz respeito aos resultados obtidos na pesquisa, percebeu-se que algumas escolas exerceram um papel significativo na construção do pensamento voltado para a convivência com o outro e para o exercício da política cidadã, em situações nas quais as famílias não exerceram essa função. Ou seja, quando o jovem não encontra essa disposição dentro da casa onde mora, a escola é capaz de produzir nele uma abertura a questões de ordem política, cultural e social, desde que ela também esteja voltada para essa função. Há, entretanto, registro de um caso específico em que no colégio não havia uma política educacional que privilegiasse a concepção do pensamento humanista e também a família não buscava formar nele a capacidade de se relacionar com diferentes pessoas e visões de mundo. Nessa situação especificamente, Tiago encontrará na família e nos colégios onde estudou a negação de tudo o que ele queria para si e do que esperava encontrar num ambiente escolar, tanto que ele não terá lembrança alguma de debates políticos, filosóficos ou humanitários no ambiente das salas de aula. Com isso, têm-se a sugestão de que a socialização política nas instituições de ensino dependem também da decisão de elas proporcionarem às crianças e aos jovens um ambiente propício para o debate de ideias e convicções.

As instituições de ensino terão um papel importante no desenvolvimento da identidade política de Gabriel. Ele lembra que começou seus estudos em uma escola do bairro Malvinas, onde morava, e disse ter um sentimento de “gratidão” pelos professores dessa escola, por ter sido lá que ele aprendeu a ler e a escrever. A partir da quarta série, Gabriel passa a estudar no Colégio Alfredo Dantas (CAD), fundada em 1919, em Campina Grande, sendo a mais antiga em funcionamento. No site da instituição, encontra-se a afirmação de que o objetivo é “formar

cidadãos críticos” e, assim, contribuir na “construção de uma sociedade mais justa”³⁰. No CAD também estudaram Toni, Bia, e Felipe.

Foi no CAD que Gabriel começou a se interessar mais diretamente sobre política e a expressar um comportamento político para seus professores e colegas.

Na oitava série eu já estava começando a me interessar mais pelas coisas e eu li o “Guia politicamente incorreto da história do Brasil”³¹, daí começaram a falar sobre ditadura e tal, aí eu ficava questionando umas coisas, perguntando “ah mas não teve a marcha da família pelas liberdades também?” (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Gabriel esclareceu que a indagação não teria sido para confrontar o professor, mas para “complementar” o conteúdo que estava sendo transmitido. “Você não pode analisar o que aconteceu no golpe sem lembrar que teve uma marcha com cem mil pessoas pedindo um golpe”.

Também foi no CAD que Gabriel ficou conhecido por gostar de passar o intervalo na sala lendo algum livro: “Mas eu faço isso até hoje. Se eu realmente estiver envolvido com um livro e tem um intervalo, eu deixo de falar com as pessoas pra ficar lendo”. O hábito de ler no intervalo se estendeu até a sua vida universitária, para Gabriel, esse hábito será um diferencial dele em seu comportamento político, em razão de que motivará seu aprofundamento nas ideias liberais.

Felipe também estudou no CAD, ele avalia que sofreu influência do clima politizado da escola, pois, se “falava muito” sobre política, com professores e alunos declarando abertamente as suas convicções. “Discussão política era uma coisa bem presente, mas eu não me via como liberal naquela época. Na verdade, eu era mais pendente pro lado do PT do que pro livre mercado, talvez por influência dos professores ou de alguns colegas”. Nesse sentido, a ausência de debate político dentro de sua casa foi compensada pela escola, que passa a proporcionar uma socialização na qual a política aparece e ganha sentido através das relações sociais.

Entretanto, o interesse de Felipe por política acontece um pouco antes de ele estudar no CAD, ainda em uma escola de Lagoa Seca, por volta de seus 12 anos de idade. As disciplinas da área de Humanas, como História e Geografia, exerceram um profundo fascínio nele,

³⁰ Confira: <https://alfredodantas.com.br/site/nossa-historia/>

³¹ Livro escrito pelo jornalista Leandro Narloch, publicado em 2009, pela editora Leya. Considerado um livro que traz uma abordagem pseudo-histórica do Brasil, historiadores criticaram a publicação desta obra que tende a minimizar a escravização dos africanos pelos portugueses, dentre outras distorções do processo de colonização do país. Para outras informações, ver: **O incorreto no guia politicamente incorreto da história do Brasil:** <https://hmagazine.com.br/o-incorreto-no-guia-politicamente-incorreto-da-historia-do-brasil/>. Último acesso em junho de 2020.

inclusive a decisão de cursar uma graduação na área de Humanas surge nesse período. Ele narrou seu primeiro contato com detalhes:

A primeira vez que eu me vi realmente interessado por uma doutrina política foi quando eu comecei a estudar os iluministas lá na quinta ou sexta série. Eu sempre tive essa defesa, assim, vamos dizer, de ideias racionais, era uma coisa que eu ouvia bastante. Mas foi uma coisa que se desenvolveu bem aos poucos, eu só vim me identificar como liberal mesmo na universidade. Mas, questão de interesse de defesa dos direitos individuais, foi uma coisa que sempre esteve na minha mente desde esse tempo da escola. Eu tenho muita lembrança de política lá, de professor falando sobre política, professor de Geografia, História, essas disciplinas mais da área de Humanas. Eu acho que meu interesse começou daí, começou a partir desses professores e dos iluministas. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Na pesquisa com estudantes militantes do Rio de Janeiro, Brenner (2018) observou que as aulas de História e Geografia eram referenciadas por alguns estudantes como fator desencadeador de uma disposição política, uma vez que seus professores tornavam essas aulas um espaço de diálogo e desenvolvimento de opiniões críticas sobre acontecimentos históricos e sociais determinantes da vida em sociedade. Felipe apontou que o seu interesse por política foi despertado a partir das aulas de História e de Geografia e também dos debates em sala de aula sobre o Iluminismo. Apesar de em casa Felipe não ter contato com nenhuma discussão política e de seus pais adotarem uma posição política “descrente” ou “neutra”, Felipe foi estimulado por seus professores a refletir sobre política e liberdade individual ainda criança, o que faz com que ele venha a desenvolver uma posição à esquerda, praticamente independente de sua socialização familiar. Foi a escola e o contato com os livros de História que despertaram nele o interesse no assunto. A partir disso, estaria sedimentada uma tendência nele em se tornar liberal, anos mais tarde, em seu contato com Gabriel e os demais jovens da pesquisa na universidade.

E por falar em Gabriel, se no CAD ele percebe que uma predisposição para política começa a surgir nele, foi no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) que essa tendência se consolidará. “Eu já me enxergava até como centro direita. Quando teve as eleições em 2010 eu já torci pelo José Serra. Eu tinha 14 anos, não votava, mas torcia”. De certo modo, o IFPB passa a ser o cenário onde a transformação política de Gabriel acontece, devido ao fato de ele estar amadurecendo as suas próprias ideias políticas, formadas por intermédio do ambiente politizado de sua casa, onde ele tinha acesso a variados tipos de materiais políticos e econômicos, mas

também pelas circunstâncias de o IFPB ser um ambiente onde o debate político é estimulado e acontece com frequência, de acordo com os depoimentos de Gabriel, Sofia e Beto, ex-estudantes do IFPB. Para Gabriel, o IFPB é como “uma universidade”:

Porque é um ambiente mais solto, então, você tem mais acesso à leitura e tem mais projeto de pesquisa. Eu acho que isso acaba criando um círculo virtuoso para as pessoas se politizarem. Não é incomum você ver um grupo de adolescentes discutindo política lá. Não é algo anormal. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Também foi no IFPB, em 2012, que Gabriel oficialmente passa a ser um estudante voluntário da causa liberal no Brasil. Através da internet, ele conhece o EPL (Estudantes pela liberdade, hoje conhecido como SFL Students for Liberty) e se conecta à rede que estava começando a funcionar. “A ideia era fazer capítulos em cada escola, universidade, aí você tinha o representante da EPL para organizar as coisas lá. Hoje é outro modelo, não funciona mais assim. Então eu era embaixador do EPL dentro do IFPB”. O objetivo de Gabriel seria debater as ideias liberais, expondo problemas de ordem comum e apresentando soluções liberais para eles. “Eram sempre coisas que estavam acontecendo”. Os debates se estendiam para as aulas e Gabriel lembra que era comum a participação dele quando algum assunto político surgia.

Eu lembro de um professor que dava aula de Documentação, uma coisa bem técnica, eu passei mais de uma aula com ele discutindo isso. Ele parava a aula, não tinha aula, era só eu e ele conversando sobre política, PSDB, PT. Era respeitoso, um debate mesmo. Eu nunca fui desrespeitado por expressar a minha opinião. Isso nunca aconteceu. Não sei se é comum, não sei se é incomum, mas comigo nunca rolou. Em parte eu acho que é porque eu tinha bagagem, eu tinha leitura, eu sabia do que estava falando. Eu não estava gritando, eu estava discutindo sério. Estava indo além do chavão e eu acho que isso meio que me protegia. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Gabriel acredita que a predisposição dele para o debate político foi sendo construída ao longo do tempo. Ele reconhece que o fato de ter um pai politizado e que se informa sobre política fez “alguma diferença” nesse atributo de sua personalidade. Mas, na realidade, o comportamento político do pai e o acesso ao conteúdo político em casa são fatores determinantes no tipo de comportamento político que o jovem desenvolverá, na opinião de Fuks (2012), obtida através de pesquisa desenvolvida com jovens estudantes do ensino médio, em Belo Horizonte (MG); contudo, ele não descarta a dimensão individual de cada jovem.

Em concordância com o que encontrei em campo, as pesquisas de Brenner (2018) indicam também que jovens que cresceram em famílias com alguma prática política encontram na escola a continuidade de sua socialização. Deveras, nesse caminho de construção da identidade política do jovem, o ambiente de ensino frequentado por ele pode ser desencadeador de uma tendência que ele já traz consigo, já que essa nova sequência de relações sociais tende a fazer com que o jovem assuma uma postura política pública e, portanto, fora de sua casa, ativando nesse jovem uma autonomia em relação à sua família, a partir do momento em que ele é incitado a formular as suas próprias ideias, estimulado então a debater sobre política, mesmo que essas ideias possam ser reinterpretações de outras a que ele teve acesso anteriormente. Gabriel, por exemplo, ao chegar no IFPB, sentiu-se livre para falar de suas convicções e os professores da instituição de certo modo ofereceram esse espaço para que ele pudesse desenvolver essa característica.

[...] naquela época eu já era mais liberal e os meus trabalhos do colégio acabavam sendo libertários. Exemplo, trabalho de Química, eu pedi pra ficar com a parte de aplicações práticas sobre o álcool, aí a gente falou sobre dependência química do álcool. Eu fui e trouxe a proibição dos Estados Unidos e expliquei que deu errado e fiz um paralelo com a guerra às drogas. Não era estratégico, era que ia ter um trabalho e eu me sentia a vontade falando sobre isso. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Beto lembra que antes de estudar no IFPB a política tinha outra conotação para ele, era menos ideológica, devido ao ambiente de sua vizinhança no bairro Dinamérica, onde o voto de adesão caracterizava a maneira com que a comunidade lidava com a política: “Acho que era tipo time de futebol, cada um torcia por um, não faço ideia do motivo e era basicamente isso, uma torcida, sem debates e discussões em torno de algo”. A discussão ideológica sobre os problemas econômicos e sociais do país irão acontecer no IFPB, e, em muitos desses debates, Beto recorda da participação do amigo Gabriel:

Tinha um professor, acho que era de Sociologia, ele sempre trazia alguma discussão sobre essas questões polêmicas, drogas, armamento, LGBT, sobre o papel do Estado. Acho que eu tive aula por dois anos com ele e Gabriel já era liberal e ele discutia bastante com o professor. O professor era muito inteligente, mas ao meu ver Gabriel conseguia vencer nos argumentos. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Mesmo com o amigo sendo declaradamente liberal, Beto não concordava com os argumentos dele e lembra que achava tudo “radical”. Nesse período, Beto se via como um

jovem de esquerda: “Aquela coisa do senso comum de achar que quem é da esquerda é quem defende os pobres, o bonzinho é de esquerda. Por isso eu me enquadrava no lado da esquerda. Mas eu não tinha muito conhecimento profundo”. Beto lembra que, apesar de o IFPB ser um ambiente que proporcionava muitas discussões políticas, ele não se interessava pelo assunto tanto quanto ele passou a se interessar a partir de seu ingresso na universidade.

Tinha muito essa questão de movimento sindical e às vezes o professor subia na mesa e dava um discurso. Mas eu não prestava muita atenção. Quem prestava atenção era Gabriel (risos). Eu nunca me interessei tanto, meu interesse por economia e política surgiu na universidade. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Sofia também estudou no IFPB e, assim como Beto, na época ela não tinha interesse em debater sobre política e os amigos dela também não: “Mas eu percebia que tinha outros grupos que eram mais engajados e conversavam mais. Mas o grupo que eu estava era mais retido em outros assuntos relacionados a séries, música, filmes, essas coisas”. Entretanto, Sofia lembra que, no colégio em Areial, era comum o envolvimento dela em campanhas eleitorais, seguindo o padrão de envolvimento de sua família e de seus vizinhos:

Geralmente a gente falava sobre política quando estava nas eleições pra prefeito, por causa dos empregos e tal. Uma coisa que acontecia era que tinha muita provocação. Era baixaria mesmo. E na escola do mesmo jeito. Os alunos viam os pais fazendo e faziam do mesmo jeito. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

É recorrente a percepção dos jovens liberais de Campina Grande de que, quando eram crianças, costumavam repetir nas escolas o comportamento político de seus familiares ou até mesmo vizinhos, ou seja, a partir de uma socialização política familiar, as crianças e jovens acionarão essa disposição no ambiente das escolas.

Esse comportamento é interpretado por Beto, Toni e Sofia como uma fase primária de suas vidas, quando ainda não havia por parte deles nenhum conhecimento teórico sobre política. Desse modo, eles afirmam que era uma política “não ideológica”, baseada no “senso comum”. “Esse negócio de ir pra escola de chupeta com a cor do outro partido, de ficar na rua gritando com a bandeira, hoje eu não faria mais. Mas eu sei que fui no embalo, minhas amigas faziam e eu ia junto com elas”, avaliou Sofia.

Nanda, que estudou no Colégio Imaculada Conceição, conhecido popularmente como Colégio das Damas, um tradicional colégio católico administrado por freiras, lembra que isso

não impedia que na instituição houvesse exposição de ideias políticas por parte dos professores. Ela descreveu a atuação de alguns deles:

[...] no terceiro ano teve a eleição de Aécio e Dilma e teve um professor que criticava pesado os dois. Ele não gostava de nenhum dos dois, mas, ele também não se declarava como nada, até hoje ele não se declara. Eu tive um professor de História que era doente pelo capitalismo, apaixonado mesmo, eu lembro que ele deu uma aula e escreveu a palavra “neoliberalismo” no quadro, bem grande, todo estilizado. E meu outro professor, de História, Filosofia e Sociologia, era bem de esquerda, ele falava muito o que achava, mas não era pra doutrinar. Apesar da posição dele, ele sempre foi muito tranquilo. Eu adorava as aulas deles. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O que depoimentos como o de Nanda mostra é que a escola é um lugar profícuo para o desenvolvimento de um pensamento crítico, este, por sua vez, é necessário para um posicionamento plenamente cidadão (e político), baseado na interpretação de ideias, projetos e visões de uma sociedade possível. Em suas falas, os professores e outros colegas exercem seu direito à liberdade de expressão manifestando, inclusive, ideias que não são convergentes, mas que contribuem para que os alunos conheçam diversos pontos de vista a respeito da sociedade onde vivem. Em alguns casos, como foi dito, esta é uma socialização que complementa a familiar; em outros, ela inaugura uma forma de perceber o mundo e a sociedade, apontando para as possibilidades de um diálogo tolerante e democrático, que cumpre com o desenvolvimento de uma socialização política e com as necessidades de os indivíduos exercerem seus papéis como cidadãos e eleitores.

Foi também na escola que Nanda descobriu que queria fazer Direito, durante debates “polêmicos” que eram promovidos pelo seu professor de Redação: “Ele ficou muito famoso, porque, nesses debates sempre tinha muita polêmica, era um ambiente mais de freira e na aula dele a gente discutia muito sobre tudo”. Desde esse período, Nanda lembra que tinha uma predisposição a discutir em sala ou no intervalo com colegas “pautas sociais”. Ela revelou que seus amigos nas Damas eram “outsiders”, e, com isso Nanda quer dizer que ela e os amigos destoavam dos outros estudantes do colégio, conceituado por ela, em entrevista, como um lugar onde as pessoas seguem um “padrão” de comportamento, portanto, ela e os amigos não seguiriam esse “padrão”.

Em 2013, durante as manifestações que tomaram o país durante a Copa das Confederações, Nanda disse que ela e seus amigos *outsiders* do Colégio das Damas saíram juntos para uma manifestação no centro de Campina Grande: “Eu lembro que era muito sobre

questão de mudança da consciência política, eu esperava que o Brasil adquirisse mais”, revelou com um certo ar de desapontamento.

É válido expor que os pais de Nanda decidem colocar a filha numa escola religiosa e tradicional não por motivos religiosos e sim pelo rigor e qualidade do ensino, mas eles não podiam pagar, por serem, tanto a mãe como o pai, vendedores em lojas do comércio na cidade. Nanda lembra que a situação material da família melhora quando ela já era adolescente, a partir de 2005, 2006, quando a mãe consegue concluir o curso de Enfermagem e passa a trabalhar na rede municipal de saúde pública e o pai consegue abrir um "pequeno comércio". Além disso, Nanda afirma que a família “jamais” teria conseguido colocá-la nas Damas se não fosse a bolsa de estudos concedida: “Eles tinham que cuidar também da minha irmã mais nova, não era só eu. Eles não podiam pagar e o colégio fazia isso, eles davam bolsas para algumas famílias que pediam”. Nanda revelou, em entrevista, ter estudado no Colégio das Damas através de bolsa de estudos, por intermédio de uma carta escrita a punho, por sua mãe, na qual pedia às freiras uma oportunidade de sua filha estudar naquela escola e assim desenvolver o intelecto dela. A valorização do estudo formal aparece como um valor nas famílias de todos os jovens liberais ouvidos na pesquisa. A percepção de seus pais é que, através da leitura e “dos estudos”, seus filhos poderiam ascender econômica e socialmente.

Assim como Nanda, Tiago também estudou em uma escola religiosa e tradicional, porém, não apenas porque essa escola seria boa o bastante para desenvolver seu intelecto, em seu caso havia também uma identificação religiosa, seus pais queriam uma escola que fosse alinhada com a doutrina cristã da família, o que, para Tiago, seria uma escola “religiosa com força” :

Eu comecei meus estudos no Adventista, religiosa com força. Eu não gostava. Eu nunca gostei muito de ir pra escola, com seis, sete anos de idade eu me escondia para ir para escola. Aí ficava meu pai meia hora batendo nos armários. E isso se reflete até hoje, eu ainda não gosto de ir pra aula (risos). Mas tinha muito evento, capela, oração, era melhor do que aula. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O estudo no Adventista se prolongou até a sexta série, quando seus pais o transferem para um colégio preparatório para entrar na universidade ou ensino técnico federal:

[...] me colocaram em um colégio que o nome é muito engraçado “Top Gun”, por causa do filme, era um colégio que pegava da sétima série e trabalhava a pessoa pra fazer prova. Sabe esses cursinhos pra passar no Enem? Era um colégio nesses moldes.

Era uma coisa nada a ver comigo, mas meus pais queriam. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Na percepção de Tiago, seus pais, desde cedo, pressionaram para que ele desenvolvesse uma carreira com maestria, sendo o melhor aluno, tendo as melhores notas, gabaritando provas de vestibular e entrando numa instituição federal já na primeira tentativa, só que na prática não será exatamente assim. Tiago irá desenvolver uma atitude inquieta frente aos seus estudos e a sua própria carreira, desde criança, denotando que ele teria consigo mesmo uma disposição interna de não seguir o caminho que lhe foi anteriormente traçado, uma certa predisposição em fazer as suas próprias escolhas e viver as suas próprias experiências, ter as suas próprias opiniões e crenças e, assim, viver o seu próprio caminho e os erros e acertos advindos desse arbítrio.

A “lógica da produtividade” que Tiago atribuiu aos seus pais, o jovem acredita que eles pegaram da convivência com a sociedade curitibana: “[...] o povo é extremamente arrogante, infelizmente. Tal como é nos colégios, se repete em todos os âmbitos. Não é um negócio saudável”. Essa reinterpretação que Tiago faz da sua passagem por escolas e colégios durante a sua infância, na região metropolitana de Curitiba, não trouxe à tona aspectos políticos. Por mais que eu induzisse, redirecionando a questão para o aspecto político, Tiago trazia de volta a pressão que sentia e ainda sente, uma vez que ele volta a viver o sentimento de imposição da infância, de que era necessário estudar muito para ingressar numa carreira exitosa do ponto de vista material. Nesse sentido, Tiago concluiu que não havia espaço para discussões políticas na rede escolar frequentada por ele, em razão de que o foco era a profissão, a vida material futura daquelas crianças e adolescentes. Desse modo, Tiago volta a enfatizar em sua narrativa do passado o caráter “produtivo” que lhe era imposto:

[...] porque, a gente era criança, a gente não tinha essa lógica de vestibular e toda essa produtividade, todo esse sei lá (pausa) toda essa coisa voltada pra produção de resultados. Depois, no primeiro ano, eu fui pra um colégio chamado Acesso, aí sim, a pauleira começou, porque, esse era de um antigo professor da federal. Ele fez um sistema de alavanca com os alunos, tipo, onde cabem trinta alunos, cabem cento e vinte. Com esses trinta alunos você paga todas as suas despesas de professores e do prédio e o resto é lucro. O problema é que era um ambiente extremamente estressante. Você tem 120 moleques de primeiro ano em uma sala, todo dia dava cacete com professor, todo dia era professor gritando. Todos os professores tinham microfone pra não ter indenização depois, por eles terem perdido a voz. E todo dia era uma treta. Eu fiz o ensino médio todo lá, a não ser pelo período que eu fiquei fora. Eu fiquei metade

do terceiro ano na Alemanha e lá foi muito engraçado, porque, eu tive contato com um modelo totalmente diferente de educação. Foi um choque em todos os sentidos, mas também me permitiu decidir o que eu queria na vida, que era fazer Direito. (entrevista realizada em outubro de 2018)

Vale dizer que seus pais queriam que o intercâmbio dele fosse nos Estados Unidos. A opção pela Alemanha partiu de Tiago, devido à sua conexão com a Filosofia e os filósofos alemães. Apesar de ele não dominar a língua alemã, ele diz ter se preparado em um curso do idioma durante pouco mais de um ano, aprendendo o básico para se aprofundar durante o intercâmbio. Percebe-se que a busca de sentido que Tiago enfrentou, uma vez que não via “lógica” no estímulo produtivo dado pelos seus pais e pela rede escolar, conseguiu dar ao jovem instrumentos para que ele formasse as suas convicções e esperanças da vida, mesmo que o método achado por ele tenha sido o de negar praticamente tudo o que lhe foi colocado, a opção de conhecer e estudar nos Estados Unidos, a recusa de praticar uma religião cristã “um tanto radical”, a não identificação com a função “produtiva” das escolas e colégios, uma vez que Tiago conta que ia para a escola apenas para “fazer amizade” e se relacionar com outras pessoas, a recusa em adotar as crenças políticas de sua família, e ainda a recusa de fazer do seu trabalho uma forma de apenas ganhar dinheiro. Esse, inclusive, parece ser um dilema ainda enfrentado por Tiago, uma vez que ele diz se negar a fazer Direito apenas para “obter lucro”. “Eu não me vejo como um juiz, um procurador, um advogado bem sucedido. Eu não entrei pra Direito por isso e nesse sentido eu me sinto meio isolado das outras pessoas da minha turma”.

Foi mesmo Weber (2013) quem tentou mostrar as implicações de uma conduta religiosa na relação com o trabalho e o dinheiro. Partindo das posições do calvinista Benjamin Franklin e seu aforismo “tempo é dinheiro”, o sociólogo alemão relacionou a vocação ascética dos protestantes à constituição do capitalismo em seu clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (2013). Riesebrodt (2012) vê, nesse estudo paradigmático e também controverso de Weber (2013), sinais das “origens” de uma nova visão do trabalho humano que parece ter colaborado na construção do sistema capitalista moderno e empresarial, alcançando um “efeito de massa”, representando com isso uma “quebra da visão tradicional” do trabalho e das práticas econômicas. “[...] se trata pura e simplesmente do isolamento de motivos religiosos determinados com a finalidade de elucidar sua influência sobre a cultura material moderna” (RIESEBRODT, 2012, p.168). Com isso, a contribuição de Weber (2013) teria sido a de observar a ética de um protestantismo ascético como um elemento na composição de uma cultura capitalista moderna. Nesta perspectiva, Riesebrodt (2012) indica que o calvinismo e os

grupos ascéticos desenvolveram um “chamamento” para os cristãos, que deveriam conduzir as suas energias religiosas para um “agir no mundo”, no qual o trabalho passa a ser relevante para a “salvação”.

O entendimento principal apontado pelo estudo de Weber sobre a relação da ética protestante e a ética moderna do trabalho é que a primeira cria um ímpeto interior para o labor, ao mesmo tempo em que produz um sentimento de culpa quando não se está trabalhando, por se acreditar que uma vida sem trabalho seria desperdício de tempo, portanto, uma espécie de pecado (RIESEBRODT, 2012). “Tal concepção não se encontra em nenhuma forma anterior de capitalismo e não é compreensível sem as raízes religiosas”, (RIESEBRODT, 2012, p.169).

Os pais de Tiago, de moral cristã protestante, desde a infância do filho prepararam-no para competir na vida adulta. As escolas escolhidas pelos seus pais tinham um propósito de preparar o filho para uma carreira profissional, para que estudando ele viesse a se destacar de seus pares, como se não houvesse tempo a perder. Desde o começo de sua vida, Tiago sofre a pressão de conseguir, através do trabalho e de uma carreira profissional, se não uma melhoria econômica, pelo menos a manutenção do padrão classe média dado por sua família, ou seja, o contrário disso pode ser entendido como uma perdição. Em suas entrevistas em profundidade, Tiago ressalta a “falta de liberdade” que ele tinha enquanto estudante, mas percebe que era uma situação enfrentada por outros colegas, que, para ele, ocorria devido ao formato do ensino e da preparação das crianças e adolescentes. “Nossa sociedade é muito pautada na performance, então, você tem que ter uma boa performance pra ser considerado bom pela sociedade e as escolas e os professores sentem essa pressão”, avaliou Tiago com certa tristeza visível.

Essa cobrança de seus pais, estendida para os colégios que frequentou, se parece bastante com uma doutrinação para o trabalho, para uma carreira profissional, desse modo o filho deveria ter uma conduta ascética, rigorosa e laboriosa para com os estudos, se quisesse obter êxito em seu trabalho. O que para seus pais poderia ser visto como uma libertação, estar salvo portanto dos perigos de uma vida material sem êxito, é visto por Tiago como uma prisão, uma penitência antecipada de escolhas que não foram feitas por ele mesmo. Nessa medida, estar a salvo é dedicar-se a uma carreira de trabalho, o contrário disso é a perdição, não apenas da posição social, mas dos bens e capitais que foram dados a ele. Talvez o dilema sentido por Tiago e expresso em suas sessões de entrevista em profundidade tenha a ver com o fato de ele, em algum nível, se sentir culpado por não ter se dedicado tanto ou achar que ainda não se dedica tanto ao trabalho.

Essa situação marcante para Tiago retira do ambiente escolar e da experiência dele o aspecto político, de debater com professores e colegas questões históricas que foram

importantes para a formação do Brasil e do mundo, fato que ele irá encontrar na Alemanha e posteriormente na universidade. Tiago diz não ter memórias relacionadas a isso nas suas primeiras escolas e colégios, de modo que centrou toda a sua narrativa de experiências escolares nessa pressão que sofreu desde “muito cedo” em se tornar alguém competente profissionalmente, apesar de seus interesses individuais estarem centrados no aspecto social, político e por isso transformador da vida. A escolha de ir para a Alemanha aos dezesseis anos, seguindo uma rota contrária a de seus pais e colegas, que geralmente escolhem os Estados Unidos, referência em capitalismo moderno, indica que Tiago buscava se isolar um pouco desse quadro e se aproximar de outro que pudesse lhe chocar, por ser muito diferente do que estava acostumado, como ele diz que foi a sua experiência na rede de ensino na Alemanha, e chocante porque seria “totalmente diferente”. A partir desse encontro, Tiago diz que assumiu novas posturas, tanto nas suas relações sociais, como nas suas convicções políticas. “[...] foi um divisor de águas pra mim em todos os aspectos. Eu aprendi inglês, aprendi alemão e, com a comunidade que eu saía, eu aprendi espanhol também”.

Já Bia pensava que encontraria nas escolas em que estudaria a oportunidade de expor as suas convicções político-filosóficas. Só que, na prática, ela preferiu manter uma postura tímida e isolada, por não ter percebido que o ambiente escolar poderia fazer com que ela aprofundasse seus conhecimentos políticos adquiridos através da Filosofia e das conversas com seu avô paterno. Assim como Felipe, Gabriel e Toni, Bia também estudou no CAD. Ela lembra que lá se discutia política com frequência, porém ela avaliou essas discussões como “rasas”, sem o aprofundamento que ela gostaria. Nisso, percebe-se que a mesma instituição de ensino proporcionou situações diferenciadas na relação com a política, em razão de o CAD aparecer em um dado momento como um ambiente onde houve abertura para a construção de um pensamento crítico e, em outro, como ausente de espaço para a criticidade. A sugestão, no caso, é a de que a socialização política familiar parece ser definidora do modo com que o jovem irá se relacionar com as escolas e colégios que estuda. No caso de Bia, ela já vinha de um ambiente onde o voto de adesão e as discussões em torno de um candidato ou partido aconteciam exaustivamente e ela buscava um outro tipo de conexão, mais filosófica.

Era tipo, "meu candidato é melhor do que o seu", "meu candidato é mais forte", nada muito aprofundado não. A escola em si não promovia debate, isso tudo era mais entre os alunos e os professores dentro da sala de aula. E eu me abstinha de discutir. Se for pra ser assim, de forma rasa, eu prefiro ficar longe. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Toni lembra que, quando era criança, em época de eleição, a escola se transformava em um cenário de disputa entre as “torcidas” dos candidatos. “Era mais por influência dos pais e no outro dia quem ganhava ficava tirando onda. Coisa de criança. Mas já era coisa de criança inserida no meio político”. Toni estudou em escolas do bairro Monte Santo, onde sempre morou, o que contribuía para que houvesse um maior entrosamento entre ele e seus colegas. Eles se conheciam e frequentavam as casas uns dos outros, brincavam na rua e, quando haviam eleições, as casas se enfeitavam com as cores dos candidatos. As crianças sofriam influência política de seus pais e repetiam esse comportamento nas instituições de ensino. Toni também disse que seus professores não exerciam influência sob as crianças: “Eu nunca vi um professor, eu pelo menos nunca tive ao longo da minha formação, professores que tivessem o mau caráter de tentar ideologizar os seus alunos”, defendeu.

Toni avaliou que, a partir dos seus dezesseis anos, a percepção política dele mudou, pois sentiu necessidade de se informar sobre os candidatos e as suas respectivas propostas. Toda a família de Toni era PSDB e, por conta disso, ele sempre “torcia” para o PSDB, todavia a chegada dele no CAD marca o início de um outro interesse. O ambiente politizado de discussão das propostas e condutas dos candidatos fez com que Toni percebesse que ele ainda não havia construído a sua própria opinião, ele torcia para um partido porque a sua família torcia. No CAD, em contato com colegas e professores, Toni diz que formou uma “opinião embasada” sobre os candidatos e isso fez com que ele passasse a torcer pelo PT, justamente o partido oponente da preferência de sua família.

Na eleição de 2010, de Dilma, eu tinha treze anos, mas, eu torcia pro PSDB, porque, era aquela coisa, a família toda era Cassio (PSDB) e tinha que votar no PSDB. Era o time. Aí eu ia na onda. Quando eu fui ter posição política na escola, algo bem pensado, com ideologia por trás, foi só na eleição de 2014. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O CAD proporcionou para Toni um outro tipo de contato com a política, ele poderia ter prosseguido com a preferência de sua família, mas, na sua entrevista, ficou perceptível que ele próprio passou a querer se informar, independentemente da influência familiar. Portanto a escola executa de maneira quase inesquecível para alguns alunos o papel de socializa-los com a política, ela é um espaço em potencial no qual o jovem ampliará seu contato com o mundo, fazendo com que ele consiga se identificar com outras opiniões políticas, a partir do contato com pessoas de opiniões diferentes, tanto professores como alunos.

Importante ressaltar que, para Toni, a família dele não tinha uma opinião política “embasada”. Eles torciam para o PSDB porque gostavam de Cássio Cunha Lima, com isso, ele acredita que era uma preferência mais “emocional” e menos “racional”. Por isso ele classifica, hoje, o envolvimento político dele na infância como “torcida de futebol”. Ele torcia, mas não havia crítica, exposição de propostas, reflexão. O CAD foi o lugar onde ele pôde, na opinião dele, refinar o conhecimento político, buscar informação, ler sobre política e, através da reflexão, chegar em um entendimento. E, nesse processo de sua transformação política, seus professores foram “importantes”, uma vez que também foi através deles que ele pôde ter acesso a sugestão de leituras, artigos e, de certo modo, ele pôde acessar um outro tipo de referência política.

Eu lembro que tinha um professor que gostava muito que a gente lesse Carta Capital, esse professor era politizado. Ele era professor de Sociologia. Aí eu buscava nas fontes que ele sugeria. Eu lembro que adorava ver Ciro Gomes dando entrevista. Eu gostava de coisa que falava mal do capitalismo. No grupo do WhatsApp, em 2014, eu passava a noite toda discutindo com quem gostava de Aécio. Discutindo muito, todos os dias. Os professores não deixavam muito a gente ficar com adesivo. Eu lembro que eu colava no casaco e os professores mandavam tirar, já pra evitar confusão na sala de aula. Mas nunca perdi amizade por isso. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Sobre a influência exercida por seus colegas e professores na formação de sua opinião política, Toni disse acreditar que “faz parte” do processo de construção de uma identidade e comportamento políticos. Para ele, todos sofreriam algum nível de influência e isso não seria ruim.

Porque nessa idade a gente tá se politizando. Aí tudo influencia um pouco. Eles (professores) influenciam sem perceber. Exemplo, um professor de História que já tem uma formação, ele já tem um lado. Ele traz isso pra sala, entende? Mas eles não fazem por mau caráter. Eles não pensam: "vou doutrinar esse aluno". (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Na época de sua entrevista, 2018, um dos assuntos que se discutia era a viabilidade do projeto “Escola sem partido”³², sugerido pelos “conservadores”, com o propósito de inibir a

³² Para uma discussão do impacto do projeto na formação do pensamento crítico, ver: FREITAS, Nivaldo Alexandre de. **Escola sem partido como instrumento da falsa formação**. In Fênix Revista de História e Estudos

opinião política dos professores em sala de aula. Por isso, Toni ressalta que seus professores não doutrinavam os alunos e que, na realidade, os alunos estão procurando informações, estão em processo de construção de uma identidade política e, desse modo, “tudo influencia um pouco”.

Júlio, que cresceu em um ambiente politizado devido à atuação de sua família materna com o PT e o sindicato dos professores, diz não ter se envolvido com política durante a sua infância e também não se recorda de nada político nas escolas onde estudou quando era criança.

No ensino médio, ele recorda que, no colégio Panorama, onde estudava, que pertence a seu avô materno, havia debates sobre temas de interesse social como forma de preparar os alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e também como proposta pedagógica do colégio de “formar” alunos preparados para serem “cidadãos”.

A gente fazia debates sobre legalização de algumas coisas, sobre porte de armas ou até sobre drogas. Eram temas que poderiam cair em Redação ou em provas. A gente até discutiu a situação dos imigrantes, acho que em 2013 foi tema de redação. A gente falava sobre violência contra a mulher, que foi tema em 2015. Então, a gente falava sobre pautas que, entre aspas, são comuns, mas que envolviam de certa forma o ENEM. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Júlio também revelou que foi no ensino médio, em 2014, que ele se “descobriu” de direita. Como já foi discutido, ele foi criado em um lar de pessoas de esquerda, passou a infância rejeitando a política e os políticos, porém, quando chegou ao segundo ano do ensino médio, estudando o socialismo, a segunda guerra mundial e os regimes comunistas, ele descobriu que tem afinidades com a direita. A escolha do verbo usado por ele “descobrir” explica um pouco esse momento que ele viveu, de descoberta de uma outra vertente política, oposta à esquerda e ao comunismo. “Eu não gostava do autoritarismo da esquerda, não me sentia à vontade em defender nenhum desses regimes. Aí eu comecei a me considerar mais de direita, a querer que o Estado fosse menor, só que não tinha nenhum aprofundamento”. Esta fala de Júlio sugere que a pressão exercida por sua família, para ele se engajar em suas demandas políticas de esquerda,

culturais. v.14, n.1, jan-jun, 2017. Disponível em http://www.revistafenix.pro.br/PDF39/dossie_2_escola_sem_partido_Nivaldo_A_Freitas_fenix_jan_jun_2017.pdf. Último acesso em junho de 2020. Ou ainda, RAMOS, Moacy Salles. SANTORO, Ana Cecília dos Santos. **Pensamento freiriano em tempos de escola sem partido**. In: Inter Ação Revista da Faculdade de Educação da UFG, v.42, n.1, p.140-158, 2017. E mais, GUILHERME, Alexandre Anselmo. PICOLI, Bruno Antonio. **Escola sem Partido - elementos totalitários em uma democracia moderna**: uma reflexão a partir de Arendt. In: Revista Brasileira de Educação, v.23, 2018.

fez com que o jovem formasse uma ideia de que toda a esquerda era “autoritária”, talvez porquê as convicções familiares soassem para ele como uma coerção, uma intimidação de sua vida. Logo, o jovem parece ter formado a impressão de que o autoritarismo seria uma particularidade da esquerda.

Todavia, Júlio confessa que o seu estudo sobre os regimes de esquerda foi superficial naquele primeiro momento, entretanto teria sido suficiente para que ele passasse a assumir uma identidade de direita, contrária à de seus familiares. Em 2015, nessa época estudando em um cursinho preparatório para o ENEM, Júlio disse que seu interesse por História o leva a descobrir que a direita também tinha um passado autoritário. “Eu comecei a estudar outros regimes, estudei, por exemplo, o regime chileno, até o regime militar. E eu via que eram ditaduras também. Pinochet era uma ditadura de direita”. Ao se deparar com a realidade de que ambos os lados, esquerda e direita, tinham em seu passado regimes totalitários, Júlio começa a se distanciar deles e a se aproximar do liberalismo. As aulas de História do cursinho fizeram com que Júlio fosse à internet em busca de outros conteúdos para refinar o conhecimento que ele adquiriu em sala, foi nessa situação que ele diz lembrar de ter tido o primeiro contato com artigos liberais, que, dentre outras coisas, explicavam que o regime chileno de Pinochet não era liberal, para sua surpresa.

Na realidade, em suas entrevistas em profundidade, Júlio avaliou que as “pautas sociais” foram decisivas para ele se afastar da direita. Creio que os debates promovidos pelo colégio do avô, o Panorama, onde ele fez o ensino médio, de algum modo surtiram efeito no jovem, pois ele disse que o “pensamento social” que ele começou a ter foi “muito importante” na decisão de abandonar a direita e, de certo modo, o conservadorismo da direita.

Tenho uma reflexão bem maior sobre determinados assuntos e por isso não me considero também de direita, porque, eu vejo que eles negligenciam realmente problemas estruturais da sociedade, como a situação de negros, a situação das mulheres, da comunidade LGBT. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Em sua pesquisa sobre os padrões de influência dos ambientes de socialização no perfil político dos jovens brasileiros, Fuks (2012) percebeu que a escola é o local onde o jovem mais apreende política, mais do que em sua família. Um dado relevante é que a predisposição individual em se interessar por política leva o jovem a buscar informações sobre o assunto dentro do ambiente escolar (FUKS, 2012). Mesmo os jovens liberais que já chegam às escolas com uma certa bagagem política, adquirida através de suas famílias, têm, no ambiente escolar,

um marcador singular de suas experiências de socialização, acredito que em razão do nível das relações sociais estabelecidas na escola. O caráter de educação formal, portanto intelectualizada, parece exercer uma influência em jovens como Júlio, Gabriel, Toni, Felipe, que afirmam ter adotado uma postura política mais sofisticada, com acesso a textos e livros, seja na escola ou na extensão de seus estudos, dentro da internet. Desse modo, o ambiente escolar e o interesse particular por política são dois fatores importantes na formação do comportamento político que o jovem virá a desenvolver.

Isso também se mostra na pesquisa desenvolvida com os jovens liberais de Campina Grande, em que, tanto o CAD, como o Panorama, o IFPB e até mesmo as Damas, promoviam debates políticos ou sócio-culturais sobre determinados temas, e, de maneiras diferentes, criavam um ambiente propício para que esses jovens pudessem amadurecer tendências que traziam consigo, como Gabriel, Júlio e Toni, ou ainda estimulavam um interesse através das aulas de História, como no caso de Felipe, que tem pais que não gostam de política. Além de amadurecer as suas tendências, o ambiente escolar promovia a atuação pública desses jovens para os seus pares e também díspares, na figura de pessoas adultas como seus professores.

Com exceção de Bia e Tiago, o ambiente dessas instituições de ensino ajudou esses jovens a refletirem sobre a posição política de seus pais e promoveu o contato com outro jeito de consumir política. Em alguns casos, inaugurou a vontade de saber mais sobre a história política e social do mundo; em outros, estimulou a ler mais e a estudar mais sobre política; ou, ainda, houve a possibilidade de perceber o que não se queria para a vida, caso que se aplica a Tiago. De modo geral, o ambiente escolar promoveu, também, a discussão de temas importantes para a sociedade brasileira. Temas de interesse social, como no Panorama, ou ainda temas polêmicos como nas Damas, mas todos certamente voltados para o desenvolvimento, no jovem, de uma conduta tolerante e equilibrada.

Para Panasiewicz et al. (2012) e Silveira e Amorim (2005), a escola se caracteriza como um dos momentos fundamentais da socialização e, por isso, ela deve e tem condições de fornecer elementos que no futuro atenderão às expectativas da sociedade brasileira na construção de um ambiente comum e de paz para os indivíduos, de ter, portanto, um país com baixos índices de violência e de intolerância social, política ou religiosa (PANASIEWICZ et al., 2012). Nesse sentido, no entendimento de Panasiewicz et al. (2012), existiria uma “multiplicidade” de causas que convergiriam para o estímulo de uma sociedade violenta. Dentre elas, os autores destacam o “hiperindividualismo”, que, baseado apenas em desenvolver a sociedade numa perspectiva técnica e econômica, produziria indivíduos “hiper individualistas”, por conseguinte, menos inclinados a demonstrar interesse pelo outro e pelas dificuldades

enfrentadas pelo outro, já que, em alguns casos, essa dificuldade pode ser encarada como uma vantagem desse indivíduo sobre o outro.

Desse modo, Panasiewicz et al. (2012) alertam para o fato de que algumas escolas entram “nesse ritmo” e centram seus esforços na formação de indivíduos competentes para o mercado e não para a vida em sociedade, distanciando-se do que seria o papel “fundamental” das escolas de formar cidadãos e cidadãs capazes de lidar com as diferenças que, inevitavelmente, serão encontradas por essas crianças e adolescentes em suas vidas futuras, seja no trabalho ou nos mais diversos espaços sociais que elas passarão ao longo de suas vidas. O entendimento de Kassar (2016) também alerta para a situação no Brasil das propostas educacionais introduzidas pelas escolas sob uma perspectiva de “eficiência”, cujos efeitos são contrários ao que se propõem, uma vez que a escola submetida a esse prisma compreende o desenvolvimento de seus alunos de maneira “limitada”.

Além disso, Silveira e Amorim (2005) destacam que a escola é o espaço de socialização política das crianças e jovens que consegue transmitir o conhecimento aliado à informação política, sendo ela capaz de realizar esta socialização de maneira bilateral, podendo ser “formal ou intencional”, por meio do conteúdo vinculado ao mundo político exposto em sala de aula, mas também de maneira “informal ou não intencional”, por meio das relações sociais estabelecidas entre colegas e professores. Em vista disso, a escola é capaz de construir e transmitir uma educação cidadã que inspire a participação política, a convivência democrática e a autonomia das crianças e jovens (SILVEIRA; AMORIM, 2005).

Como foi visto, dentre todos os jovens liberais que foram ouvidos neste trabalho, apenas Tiago se ressentia de um ambiente escolar voltado para a formação técnica dos alunos, em detrimento de uma formação humanista nos termos propostos por Panasiewicz et al. (2012). Esse clima escolar perpassou toda a adolescência de Tiago e, na percepção dele, era estimulado pelos pais, mas também pela própria “sociedade”, e aceito pelas escolas e professores, já que a “sociedade” julgaria as pessoas pela “performance” profissional delas e não pelo caráter de suas ações e o impacto que elas têm nessa mesma sociedade a médio e longo prazo.

Porém, as demais narrativas dos interlocutores da pesquisa apontam para um ambiente escolar profícuo para o debate de ideias, “mesmo polêmicas”, e para abertura de convicções políticas, sendo ele um espaço para que esses jovens pudessem refinar uma socialização política adquirida em suas famílias ou de até mesmo inaugurarem essa predisposição. Nesse sentido, as aulas de História aparecem como meio de esses jovens adquirirem novos conhecimentos sobre a formação do mundo onde vivem, mas também foram referenciadas as aulas de Geografia, Redação e Sociologia. Por isso tudo, as escolas e colégios por onde passaram os jovens liberais

de Campina Grande têm participação na construção de suas identidades políticas. Mesmo no caso isolado de Tiago, percebe-se dali uma socialização, compreendida por ele como tudo o que não gostaria de ser ou de levar como fundamento de sua existência. Assim, em grande medida, as escolas e colégios criaram meios de identificação ou de rejeição com ideias, professores e colegas que fazem parte da vida dos jovens liberais de Campina Grande e de suas trajetórias de adesão até o liberalismo.

Política e universidade

Os jovens liberais de Campina Grande ingressaram na universidade a partir de 2015, com exceção de Sofia, que, por motivos pessoais, adiou a sua entrada em uma instituição de ensino superior. Em 2018, época da realização das entrevistas em profundidade, Sofia havia passado no curso de Estatística e aguardava “ansiosamente” o início das aulas, previsto para o primeiro semestre de 2019. O importante a ser destacado é que todos irão ingressar na universidade com algum tipo de conhecimento político e, em alguns casos, com participação pública e política, situação em que se enquadram Gabriel, Sofia e Toni. Contudo, de todos os jovens, apenas Gabriel e Júlio chegam à universidade se declarando “liberais”. Júlio conhecia alguma coisa sobre liberalismo devido às suas navegações na internet, porém será na universidade que ele se aprofundará, no contato com os colegas participantes deste trabalho. E Bia, que, apesar de ter lido seu primeiro livro liberal aos 14 anos, não se via como liberal e não se declarava como tal. No caso dela, será também na universidade que essa identificação se consolidará.

O ano de 2016 marca o início de um momento político no Brasil no mínimo delicado, com o impeachment da presidente Dilma Rousseff consolidado e o fortalecimento da operação LavaJato perante à opinião pública. Além de ser um clima de “caça às bruxas”, era também um momento de ebulição política, com novos enunciados políticos e disputa de narrativas, de modo que esse é o pano de fundo da passagem desses jovens pela universidade. Nesse espaço que se seguirá agora, o leitor poderá conferir qual foi o impacto desse ingresso nos jovens e como aconteceu a identificação com o liberalismo.

A socialização política dentro das universidades brasileiras tem sido ao longo dos anos um interessante laboratório de análise social sobre a construção de uma identidade política e o engajamento político de jovens, de modo que a universidade, em certo sentido, tem se mostrado como uma fase significativa na vida dos indivíduos que dentro dela apreendem e expõem suas

convicções políticas. Sem dúvidas, a universidade é meio e instrumento do exercício de uma cidadania para aqueles que decidem adquirir conhecimento político e social, tão presente nela, por se configurar como um espaço público e diverso. Em algum nível, um reflexo da sociedade onde esses jovens estão inseridos.

O estudo histórico realizado por Cunha (2007) mostra que os estudantes universitários se engajaram em outros momentos da história política nacional e ajudaram a pensar o ensino superior no Brasil e a promover reformas dentro dele, enfrentando governos e discursos que acreditavam que a universidade deveria ser espaço da técnica e da formação de novos profissionais, e não um ambiente de construção do conhecimento científico, social e político. Nesse sentido, Cunha (2007) sugere que os mais jovens podem se surpreender com a “intensidade” e a “densidade” do movimento estudantil dos anos 60, sem que nesse tempo tivesse sido registrado o movimento de professores ou de técnicos-administrativos, uma vez que eram os estudantes que encabeçavam as demandas em favor da universidade. Cunha (2007) faz um recorte histórico interessante, de 1945 até 1964, abrangendo a república populista, com foco nas transformações que impactaram não apenas o ensino superior no Brasil, mas tiveram efeitos também sobre a sociedade e o governo, nas quais os estudantes universitários participaram ativamente. Na sua descrição e levantamento histórico, ganham destaque as atuações da UNE (União Nacional dos Estudantes), criada em 1938, e a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), criada em 1948, ambas surgidas a partir das estruturas internas da universidade. A UNE, em particular, participou intensamente das lutas para a derrubada do Estado Novo de Getúlio Vargas e contribuiu também na resistência aos órgãos de censura, nos protestos contra os aumentos das taxas escolares e de transporte público, e ainda no apoio aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, empenhando-se internamente na propaganda contra o nazi-fascismo que brotava dentro do governo e em alguns setores da sociedade (CUNHA, 2007).

A pesquisa desenvolvida pela socióloga Marialice Foracchi (1977) é notável para se conhecer as particularidades e as contradições do movimento estudantil que marcou as universidades na década de 1960. Foracchi (1977) inaugurou um olhar sociológico sobre a juventude dentro de uma perspectiva geracional e de classe, sendo a sua principal obra “O estudante e a transformação da sociedade brasileira” (1965), um marco da sociologia da juventude no Brasil. A autora baseou as suas análises sobre o movimento estudantil a partir das condições estruturais sócio-econômicas de seu tempo, identificando os vínculos de classe do estudante universitário e, a partir disso, as possibilidades e limitações de sua ascensão social, localizando-o dentro de uma situação geracional, e destacando o estudante e o movimento

estudantil como categorias sociais de análise. Foracchi (1977) exemplificou, de maneira original, a proposta de Mannheim (1982) sobre as condições que fazem indivíduos de uma mesma geração se conscientizarem de sua situação comum, produzindo, assim, um tipo de solidariedade grupal, transformando-se em um grupo geracional concreto e se expressando através de movimentos sociais, como foi o movimento estudantil brasileiro.

Nos dias de hoje, a universidade se mostra ainda como cenário de aspirações sociais e políticas de jovens. Estudando a dinâmica entre a política e os jovens universitários de uma instituição federal no interior de Minas Gerais, Groppo (2016) observou que havia processos educativos informais estimulando o cultivo de valores e ideais nos estudantes, caracterizando para ele uma “vibrante cultura juvenil estudantil”, na qual é possível perceber novas tendências de participação política e cultural. Nesse sentido, a universidade é percebida como um espaço que pode contribuir para a (auto) formação política dos jovens (GROPPO, 2016).

Em outro estudo realizado com vinte jovens universitários de São Paulo, Sposito e Tarábola (2016) perceberam que a relação com a esfera pública, a atuação coletiva e as atitudes políticas foram apontadas espontaneamente pelos interlocutores, sendo percebido pelas autoras “diversos tipos de engajamentos” como associações, coletivos, movimentos e “outras formas de ação coletivas”. As autoras acrescentam ainda que o engajamento pessoal do jovem ocorre quando é resguardada a sua autonomia e identidade.

Ainda de acordo com a pesquisa (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016), os jovens encontram nessas experiências políticas dentro da universidade uma maneira de expor e afirmar disposições identitárias que podem ter sido evitadas ou dificultadas no espaço de suas famílias ou vizinhanças, elas apontam que essas experiências apareceram tanto na fala de jovens das camadas populares, como das classes médias. Com isso, ressalta-se o caráter da universidade, assim como das escolas, de serem um espaço onde os jovens são incitados a desenvolverem opiniões e convicções políticas de maneira autônoma, distante da sua comunidade de origem, ou ainda de iniciar uma conduta política que antes era algo muito raro, devido ao controle de seus familiares ou comunidades religiosas, por exemplo. Nesse sentido, destaca-se a relevância das relações sociais no caminho da “construção de si” que esses jovens enfrentam e que irão identifica-los como pessoa e como estudantes no espaço da universidade. Com isso, eles podem buscar uma atividade que possa conectá-los a algum grupo, associação ou coletivo (que pode ser esportivo, acadêmico ou político), sob o propósito de se inserir na “lógica universitária” e de superar as indefinições do caminho universitário, marcado por incertezas e transições (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016).

No presente trabalho, observou-se que a chegada à universidade proporcionou meios de esses jovens se identificarem com uma vertente política. Em seus relatos, destacou-se a “liberdade” que a universidade tem, quando comparada às instituições de ensino escolar de onde vieram. “Você não podia ir ao banheiro sem pedir ao professor. Aí a pessoa entra na universidade e é um mundo totalmente diferente”, avaliou Toni.

Essa ausência de controle, tanto dos professores quanto da própria administração, motivou, por exemplo, a reunião desses jovens para discutir o cenário político. Nesse caso, o horário livre, em que não havia aula por motivos variados, fazia com que eles se reunissem em algum espaço da universidade para conversarem sobre qualquer um dos assuntos que estavam em voga; além disso, também era comum os jovens “matarem” uma determinada aula e isso também motivava uma pequena reunião improvisada para se discutir política. “Se não fosse esse tempo livre eu não teria me identificado dessa forma como foi”, sentenciou Felipe. Nesse sentido, o contexto político fez com que eles buscassem construir uma opinião própria e, com isso, uma identidade política. Todavia a necessidade de se enquadrar em uma conduta ideológica nasce, em grande medida, dentro da universidade.

Na opinião de Felipe, na universidade há uma “distância” entre o aluno e a administração que acaba por ser benéfica na construção de relações sociais e na aquisição de novos conhecimentos: “Enquanto eu não estava tendo aula, eu estava aqui fora, conversando sobre política, sobre alguma coisa que provavelmente eu não teria acesso dentro da sala de aula”. Até mesmo Tiago, que havia experimentado um pouco de “liberdade” durante o intercâmbio que fez na Alemanha, disse que se surpreendeu quando chegou à universidade:

Esse tipo de liberdade eu não sonhava. É uma coisa muito impactante e não só para mim. Você sente na galera que passou uma vida inteira, assim como eu, dentro de uma escola privada. É muito engraçado como você fica perdido, porque, você nunca aprendeu pra aprender de fato. Você aprendeu pra chegar até a universidade, depois, você não sabe mais o que vai ser. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Para Nanda, o principal impacto foi a pluralidade existente dentro de uma universidade pública: “Eu saí da bolhinha que era o Damas e vi pessoas com realidades sociais diferentes, com pensamentos diferentes, classes sociais diferentes”.

De todos os jovens que falaram sobre as primeiras impressões que tiveram ao chegar até a universidade, apenas Beto e Gabriel disseram que “foi normal”, pois já haviam experimentado a mesma “liberdade” e “pluralidade” mencionada por seus colegas dentro do

IFPB. “Eu até fico brincando, porque eles ficavam chocados porque o professor faltava, e como eu já vinha do IFPB, eu já sabia que isso ocorria, tem aula vaga mesmo”, lembrou Gabriel. As aulas vagas são percebidas pelos jovens liberais de maneira ambígua, pois eles reconhecem que o contato entre eles foi maior devido a esses horários livres, mas conseguem ver nisso uma fragilidade da administração pública.

Franch e Souza (2015) desenvolveram um estudo com alunos do ensino médio, elas indicam que a vida acadêmica é um momento em que outras temporalidades são construídas a partir das lacunas temporais das próprias instituições de ensino, com isso, o tempo numa instituição de ensino não simboliza apenas a dimensão regulatória de uma prática acadêmica, pois, através dele, se constitui também um contexto onde atividades de ensino e sociabilidades ocorrem. Desse modo, as autoras defendem que o tempo acadêmico se manifesta simultaneamente como “constrangimento” e “oportunidade”, nisso, as aulas vagas estão dentro da “socialização paradoxal do tempo” a que estão submetidos os estudantes. É preciso distinguir o tempo estrutural (da programação das atividades de ensino) e o tempo vivido, no qual os estudantes adquirem experiências concretas em que o tempo ganha um significado. Então, é relevante compreender a escola, assim como a universidade, como um espaço onde as temporalidades são significativas, aprendidas e vivenciadas (FRANCH; SOUZA, 2015).

Nanda e Felipe acreditam que os horários livres foram “essenciais” para que eles viessem a se identificar com o liberalismo. Nas Damas, Nanda disse que ouvia as conversas sobre política, mas praticamente não participava, uma vez que ela não se identificava nem com a esquerda e nem com a direita no conjunto, só “alguma coisa ou outra”, porém nada que viesse a fazer com que ela se identificasse inteiramente com as ideias de um lado ou de outro. “Eu achava que eu era isentona”, lembrou Nanda.

Foi no contato com Gabriel e com os demais colegas liberais, que participam desse trabalho e que estudam Direito na UEPB junto com ela, que Nanda diz que pôde compreender que “sempre foi liberal”, mas não sabia.

[...] eu sempre tive pensamentos mais diferentes e eu não sabia o que era, sabia só que eu não pensava do mesmo jeito. Eu não concordava com nada, não me encaixava. Quando eu entrei na universidade comecei a conversar, foi aí que eu percebi que eram tendências mais liberais. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

É preciso perceber o caminho que os jovens liberais irão percorrer dentro da universidade, que certamente foi um espaço onde eles puderam exercer uma autonomia,

apreendendo novos conteúdos e incorporando ideias e convicções; entretanto, destaca-se a função que as relações sociais exerceram nas adesões ao liberalismo. Gabriel aparece na pesquisa como um elemento aglutinador dessas sociabilidades liberais, e seus amigos, interlocutores desse trabalho, ressaltam o papel exercido por ele na construção de seus entendimentos sobre liberalismo. Em um primeiro momento, houve um estranhamento das ideias proferidas por Gabriel, que pareciam radicais, utópicas e até mesmo “ingênuas”, contudo, apesar dessa repulsa ideológica, laços afetivos foram sendo estabelecidos e amizades foram sendo construídas, até o momento em que finalmente alguns se convencem das ideias do amigo e decidem formar um grupo de estudos liberais na universidade para que outros jovens tivessem acesso a esse conhecimento, que, na opinião deles, é julgado de forma inverídica, uma vez que eles acreditam estarem defendendo um liberalismo “de verdade”.

Muxel (2014) destaca o papel que os afetos e as afinidades irão exercer na socialização política dos indivíduos, apontando que, tanto na esfera pública como na privada, maneiras de se experimentar a democracia podem se renovar pelo dever que alguns indivíduos sentem de coexistir com o diferente e de, em alguns momentos, unirem-se a ele. Entretanto, Muxel (2014) também sugere que em alguns casos pode ser “mais fácil” se afastar da política do que lidar com as divergências e contrastes com amigos ou familiares, denotando, “claramente”, que, em algum nível, a política e a vida íntima inter-relacionam-se. Logo, a constatação da diferença e a autonomia do indivíduo são importantes para uma socialização política, em razão de que uma conformidade política ou um desacordo com os amigos e familiares é uma equação própria da vida moderna. O desafio é dar sentido a esse controle político que se dá dentro do indivíduo e que monitora tanto o desejo de semelhança e a demanda por diferença, como o sonho de harmonia e o respeito pelas alteridades (MUXEL, 2014).

Tanto Nanda, como Felipe, Tiago e Toni, se tornam liberais dentro da universidade, no contato e nas discussões com Gabriel sobre política e economia em horário livre. Essas conversas foram aos poucos sedimentando os laços da amizade. Nisso, a diferença foi um elemento socializador, pois, apesar de não haver concordâncias, havia, como aponta Muxel (2014), o sonho da harmonia e o respeito pelas alteridades. Essa vontade de deixar o outro afirmar a sua identidade política foi decisiva no fortalecimento do vínculo entre eles e Gabriel.

Toni, Tiago e Felipe tinham posições à esquerda. Felipe lembra que isso era motivo de dissenso entre eles e Gabriel, devido ao entrave econômico das ideias liberais que ele emitia. De início, Gabriel fica isolado em suas ideias, porém, isso não foi suficiente para distanciá-lo dos demais interlocutores. Eles aceitam Gabriel devido à sua “simpatia” e “bom humor”, e principalmente por gostarem do assunto política e gostarem de debater. Desse modo, havia

entre eles um sentimento mútuo de respeito e tolerância, apesar das discordâncias, e isso possibilitou a formação dos laços de amizade.

Toni, lembra Felipe, era o que mais se opunha veementemente às ideias liberais de Gabriel e era comum que os dois debatessem, pois havia muitas “divergências”. Felipe diz que ouvia a tudo e, no começo, a tendência era que ele concordasse mais com o amigo de esquerda do que com Gabriel. “Eu pensava: 'esse cara só tá defendendo as empresas, ele não tá preocupado com as pessoas’”. Esse entendimento de que Gabriel defendia o capitalismo e os interesses dos empresários era comum entre os jovens interlocutores. A percepção mudou com o tempo e o desenrolar dos debates políticos; o convencimento propriamente dito veio no momento em que eles começaram a estudar sobre economia, através da internet.

Apesar de eles discordarem “bastante”, Felipe lembra que as discussões eram sempre “respeitosas”, o que fazia com que eles continuassem a debater sempre que houvesse oportunidade. “Acho que isso contribuiu, foi o principal fator pra que a gente continuasse a andar junto”. Uma das observações apontadas por Muxel (2014) a partir das suas pesquisas sobre o impacto da política nas relações afetivas, é que o debate político entre pessoas que pensam diferente é possível quando, na relação, existem os “ingredientes democráticos”, e a tolerância e o respeito possibilitam a convivência, fazendo com que a discordância política não rompa o laço afetivo.

Além da tolerância e do respeito que eles cultivavam, havia também a defesa das liberdades individuais, que era comum entre todos eles. Liberação das drogas, descriminalização do aborto, livre imigração, eram pautas que, de certo modo, diminuía as distâncias entre eles e Gabriel. Ou seja, o background de esquerda que os interlocutores de certo modo já traziam consigo fazia com que eles se identificassem um pouco com Gabriel e, de maneira gradativa, fossem cedendo às ideias liberais dele. “Eu virei liberal muito mais pelo lado social do que pelo lado econômico. O lado econômico foi uma decorrência do que eu entendo de valores de uma sociedade, digamos assim”, avaliou Felipe.

A partir do momento em que eles incorporam a pauta de liberdade econômica do liberalismo, a transformação ocorre e eles passam a defender ambas, tanto a liberdade individual, como a liberdade econômica. Como se percebe no trecho da narrativa de Felipe: “Não tem como dissociar liberdade do indivíduo de empreender, da liberdade do indivíduo de fazer escolhas pessoais. Eu não vejo mais essa dicotomia entre o liberalismo social e o liberalismo econômico. Liberalismo são os dois”.

Os debates em sala de aula também aparecem como fator de importância para os jovens liberais de Campina Grande, quando refletem sobre o papel da universidade em suas trajetórias até o liberalismo.

O impeachment da presidente Dilma foi tema de debate durante as aulas no curso de Direito da UEPB. Nanda lembra com particularidade das aulas de “Direito Constitucional”, ela afirma que essas aulas ajudaram a construir um entendimento próprio sobre o assunto. Ela revelou que o método de ensino “socrático” do professor, onde não há explanação de conteúdo, mas debate de questões pertinentes à disciplina, estimulou nos alunos à busca por respostas que levassem à compreensão do processo. Nesse momento, ela diz, percebeu quanta pluralidade política pode existir dentro de uma instituição pública, em razão de que era perceptível que não existia na turma uma opinião majoritária sobre o impeachment: “[...] algumas pessoas ficaram com a posição de que realmente foi golpe e outras viam que era constitucional. No geral, na universidade era muito plural essa história, tem muito liberal, mas, também tem gente de esquerda e gente de direita.”

Essa mesma pluralidade política é percebida por Tiago, ao afirmar que a universidade pública “tem muitos lados” e que isso possibilita o debate e a troca de ideias. Ele ainda afirmou que é “intenso” o fato de os alunos questionarem os professores e a própria instituição. “Mas, questionamos porque a universidade nos permite fazer isso. A universidade é pública. É um ambiente político em que você tem uma certa liberdade pra formar a sua opinião, acho que poderia ser diferente se fosse uma universidade privada”. A percepção de que o espaço é público fortalece a ideia de que nele se pode falar abertamente sobre o que quiser, se pode questionar, defender um ponto de vista e até mesmo mudar de opinião. Para Tiago, o contrário pode acontecer em uma faculdade privada, onde os interesses seriam mais focados na formação do aluno para o mercado de trabalho e não necessariamente para a formação de ideias, valores ou crenças políticas.

Para Felipe, Nanda, Toni e Tiago, o espaço da universidade pública foi definitivo na identificação deles com o liberalismo, pois criou diversas possibilidades de esses jovens adquirirem conhecimento político e, desse modo, construírem para si uma identidade política. Com essa influência, por exemplo, Felipe segue um caminho diferente de seus pais e do lar no qual foi criado, onde todos têm uma postura “apolítica” e não costumam se envolver publicamente com demandas políticas. “[...] eu acho que isso tudo fez com que eu desenvolvesse bastante o meu senso crítico e eventualmente viesse a me identificar como liberal”, analisou Felipe.

O fato de numa universidade pública existirem pessoas de variadas opiniões políticas incentivou o debate aberto de ideias e, de certo modo, criou nos jovens liberais de Campina Grande a percepção de que um liberal deve saber expor as suas ideias de maneira respeitosa, sem ferir ou diminuir os que têm opiniões contrárias.

Nesse sentido, Beto se ressentiu do ambiente político do curso de História na UFCG, onde, de acordo com ele, sofreu pressão de seus colegas e professores por causa de sua posição liberal.

Beto lembra que depois que saiu do IFPB ingressou no curso cheio de expectativas quanto à possibilidade de aprofundar seus conhecimentos e de ter acesso a leituras e discussões acadêmicas. Ele chega à UFCG se identificando como uma pessoa de “esquerda”, mas, confessa, trazia inúmeras dúvidas sobre o funcionamento do Estado e até mesmo dos posicionamentos da esquerda. “Porque tem coisas da esquerda que eu não conhecia e não podia me posicionar sem saber que existiam.”

Foi mesmo no curso de História que Beto se descobriu liberal, para ele, uma transformação “complicada”. O jovem tinha tido o primeiro contato com as ideias liberais ainda no IFPB, com o amigo Gabriel, mas não tinha sido suficiente para ele se convencer de que essas ideias eram boas, então ele se satisfazia em criticá-las. “Eu tinha aquela ideia bem do senso comum que ser legal é ser de esquerda e tudo que está contra ela não é do bem”. Desse modo, o amigo Gabriel, que passava parte da aula e dos horários livres falando sobre política e liberalismo ainda no IFPB, era visto por Beto como alguém que não defendia o lado bom da política. Contudo, Beto admite que as coisas que Gabriel falava sobre economia, principalmente, de certo modo ficaram na mente dele, tanto que terão reflexo em sua passagem pela universidade.

Antes de ingressar na universidade, Beto decide, na internet, entrar em um grupo liberal para “questionar” os posicionamentos das pessoas que lá estavam. Na próxima sessão do presente capítulo, o leitor poderá conferir o papel da internet na trajetória dos jovens liberais de Campina Grande. Dessa maneira, Beto chega ao curso de História com uma noção do que era liberalismo, de tanto ouvir o amigo Gabriel falar sobre, e também devido às discussões que ele travou com pessoas dentro do grupo liberal na internet. Ele diz que isso tudo fez com que ele soubesse “mais ou menos” o que era liberalismo, contudo, ainda assim, ele não se achava liberal.

No segundo período do curso, havia a disciplina “Introdução à economia política”. Quando se deparou com essa possibilidade, Beto lembra que ficou entusiasmado, pois, teria a oportunidade de se aprofundar em economia e capitalismo, mas, dessa vez, com alguém

preparado para repassar um conteúdo relevante e principalmente com alguém que não seria liberal. Porém, de acordo com Beto, a professora da disciplina só programou textos de Karl Marx, frustrando, em grande medida, as expectativas do jovem aluno. Beto lembra que mesmo assim ele passou a fazer questionamentos dentro da sala de aula, até para confrontar as coisas que ele tinha ouvido de Gabriel, mas a professora não teria, de acordo com ele, gostado das intervenções. “Mas eu questionava sem maldade alguma, só querendo realmente aprender. E eu recebi respostas hostis, tanto da professora, quanto da turma, só por tentar aprender e até mesmo me encontrar como marxista”. Beto afirma que as questões que ele trazia tinham apenas o intuito de ele aprender mais, confrontando o que ele havia escutado sobre economia com os liberais, com o que a professora apresentava.

Como ele não conseguia espaço dentro da sala de aula para expor as suas dúvidas e assim conseguir elaborar um pensamento próprio sobre economia e capitalismo, Beto revelou que começou a estudar sozinho em casa, navegando na internet. Sem se dar conta, a professora de Economia Política despertou o interesse particular de Beto e o que Gabriel ainda não tinha conseguido, de fazer com que o amigo acessasse as leituras liberais, a professora conseguiu. De acordo com o que Beto recorda, ele começou a ler artigos na internet sobre economia e trazia as dúvidas para a sala de aula, mas as questões continuavam não sendo bem recebidas, tanto pela professora, quanto pelos colegas de turma.

Desse modo, o pouco espaço para o debate dentro da sala de aula motivou um mal estar entre Beto e seus colegas da universidade. “[...] eu não estava fazendo nada demais, estava só expondo a minha opinião e respeitando todo mundo”. Na avaliação de Beto, o liberalismo tem muitas ideias que são “antipopulares” e isso teria motivado a percepção de que ele não seria uma pessoa “boa”. “Se eu não compreender o mundo através da luta de classes, eu serei considerado uma pessoa totalmente sem coração”, disse.

Beto lembra que foi ficando cada vez mais isolado na turma e isso fez com que ele mudasse totalmente de postura. Ao sentir que a sua participação não era bem quista por seus colegas, Beto passou a calar suas opiniões políticas. “Não posso mais falar, porque, se eu falar, eu serei rechaçado, rotulado como uma pessoa má, simplesmente porque eu não sou marxista e nem mais de esquerda”. Como o leitor pode perceber, o desacordo político é engolido como forma de não causar uma cena que venha a ser marcante para o indivíduo e para que o laço social não seja rompido, e, desse modo, seja mantida a possibilidade do afeto (MUXEL, 2014).

O curioso é que Beto passa a ser liberal a partir da inserção dele em um ambiente onde todos, de acordo com ele, eram de esquerda e não simpatizavam com as ideias liberais que ele apresentava. Ele poderia ter se tornado um marxista e aprofundado as tendências que ele mesmo

trazia consigo, de que o liberalismo e o capitalismo não eram bons para a sociedade. Perguntei, então, quais motivos ele imagina que o teriam levado a definitivamente se assumir como liberal:

Por mais que eu questionasse o liberalismo, eu via que aquilo se validava. E via também que as pessoas que se opunham a ele tinham muito medo de serem questionadas. Minha professora de esquerda odiava quando eu perguntava alguma coisa a ela, mesmo na inocência, mesmo eu querendo aprender mais sobre a doutrina dela. Ela sempre ficava na defensiva. E agora o capitalismo pra mim é a expressão econômica do liberalismo social. Muitas coisas que foram feitas pela iniciativa privada acabam servindo a todos. A geladeira, por exemplo, ela deve ter sido pensada para gerar lucro, mas, quantas facilidades são feitas pensando em gerar lucro? Hoje eu penso dessa forma. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A transformação de Beto surpreendeu até mesmo Gabriel, que não chegou a imaginar que a inserção do amigo em um curso de História pudesse promovê-lo a um liberal “de verdade”.

Na época de sua entrevista, já havia se passado pelo menos um ano da cisão entre Beto e seus colegas da universidade. Ele disse que o fato de ter parado de fazer perguntas e de “questionar” melhorou o “clima”, mas não apagou o que houve antes. “Antes de eu me declarar liberal todo mundo me adorava na sala. Aí quando começaram a perceber que eu tinha um posicionamento que não condizia com o deles, todo mundo parou de falar comigo”.

Na realidade, as posições políticas afetam as relações pessoais, uma vez que os indivíduos, ao falarem de política, se comportam de maneira racional, mas também emocional (MUXEL, 2014). Mesmo que, a julgar pela suas palavras, Beto tenha agido de maneira natural, sem agredir ninguém, como ele afirma, o seu novo posicionamento político foi visto pelos seus colegas de universidade como uma espécie de afronta aos valores e às crenças que eles tinham. Isso, somado ao contexto político nacional delicado, com o impeachment da presidente Dilma e a operação LavaJato, que criava um cerco ao presidente Lula, certamente fez com que as emoções a respeito das preferências políticas ficassem mais afloradas, ascendendo, portanto, a intolerância. Com isso, o desconforto em relação à opinião política contrária do outro ganha uma dimensão que se sobrepõe ao diálogo aberto de ideias.

De todos os jovens liberais de Campina Grande ouvidos na pesquisa, Bia é a única que estuda em uma faculdade privada. Estudante do curso de Direito, ela revelou que a liberdade existe para os alunos, mas o mesmo não pode ser dito dos professores: “Os professores são proibidos de se pronunciar, alguns mais rebeldes falam o que eles acham, mas nunca em horário

de aula”. Esse depoimento de Bia confirma a percepção de Tiago com relação à universidade pública, onde os professores e estudantes têm mais liberdade para afirmar as suas convicções políticas e assim promovem um debate de ideias dentro da sala de aula.

O debate político entre os alunos costumava ser intenso. Bia diz que a sala ficava dividida entre dois grupos, esquerda e direita: “Eles se digladiam bastante, normalmente são ofensas mútuas. Quando eles estão brigando, tanto no grupo da sala, quanto na universidade, eu procuro ficar longe”.

Apesar de ter crescido em um ambiente politizado, com o pai e a família materna envolvidos nas demandas políticas de Massaranduba, Bia confessa que foi só na faculdade que o interesse dela por política aconteceu de fato. “[...] eu comecei a conviver com pessoas do meio e isso foi despertando o meu interesse”. Bia disse que foram as aulas de Teoria Política que despertaram a atenção dela, em razão de que ela pôde estudar os sistemas políticos, o socialista, o comunista e o liberal, vindo a se identificar com o último.

Entretanto, Bia também afirmou que essa identificação com o liberalismo só teria acontecido com ela. Na sala de aula, todos costumam criticar as ideias liberais que ela defende, alegando que essas ideias não teriam aplicabilidade no Brasil. “Muitos tentam me convencer que eu estou errada. Sempre isso, raramente alguém concorda comigo”. Nesse caso, irá prevalecer a socialização a que foi submetida através do avô paterno que lhe emprestou o primeiro livro liberal aos quatorze anos, essa predisposição político-ideológica será acionada no convívio com outros estudantes no ambiente da faculdade.

Para Bia, apesar de em alguns momentos o ambiente da sala de aula ou do grupo do WhatsApp da turma ficar “indigesto”, devido às trocas de ofensas, é positivo o fato de haver pessoas falando sobre política dentro da faculdade, pois isso facilitaria a “troca de ideias”: “Quando são debates mais civilizados, mais ideológicos, normalmente eu participo. Cada um tem suas ideias, é muito interessante quando cada um coloca seu ponto de vista na mesa e vão discuti-los. Isso é enriquecedor, inclusive, pro próprio curso”. Bia diz compreender que em “algumas pessoas” o debate político pode despertar muitas emoções, contudo, isso não anularia a importância de debater, o que ficaria em evidência, na opinião dela, seria a pluralidade política presente também dentro de uma instituição privada. “O que faz a política acontecer é o debate, debate civilizado e consciente acerca dos problemas e possíveis soluções”, disse Bia.

Apesar de ser a única liberal da turma e de as suas ideias serem desacreditadas, Bia afirma que convive com todos “muito bem”, principalmente com os colegas que têm orientação política de esquerda: “Eu vou as vezes pro comitê do PT, quando tem alguma reunião eu participo também. Eu gosto de ouvir o que eles pensam”.

Júlio, que estuda Direito na UEPB, também diz que seu amigo mais próximo na universidade é de esquerda: “Ele é comunista, filiado ao PCdoB, e eu nunca tive problemas com ele, debato com ele, vou pra mesa de bar e converso com ele sobre todos os assuntos do mundo”. Em todo o CCJ, Júlio acredita que tem poucos desafetos e que há um clima de tolerância de ideias: “Eles (seus colegas) me respeitam muito, alguns nem falam sobre o assunto e só são meus amigos mesmo, de maneira geral, as pessoas não me tratam mal, nem tem olhos errados pelo que eu defendo”.

Quando estimulados a refletirem sobre o papel da universidade em suas trajetórias políticas, os jovens liberais argumentam que o ambiente “livre” permitiu que eles se identificassem com uma ideologia. Eles estendem esse entendimento para outros jovens estudantes que, assim como eles, sentiram a necessidade de construir uma opinião própria sobre política e, com isso, assumir uma postura, uma identidade política. As conversas entre os alunos aparecem como fator principal, seguido dos debates em sala de aula e pela identificação com os professores.

Tiago acredita que os professores exercem uma influência indireta sobre os alunos, a afinidade de ideias e identificação com o que o professor defende dentro da sala de aula faria com que os jovens criassem uma sintonia entre o que o professor diz e o que eles particularmente pensam. “Você ouve, vê o que ele pensa e se espelha a depender da sua ideia própria, porém, não são todos (os professores), só alguns poucos conseguem manter um pensamento crítico”.

O que se percebe é que os professores podem, em certa medida, validar o que o aluno pensa ou tende a pensar sobre política, em parte devido à atividade que ele exerce, de ser intermediador de conteúdo, entretanto, a escolha por determinada conduta ou opinião fica, quase sempre, ao critério do aluno. Na presente pesquisa não há interferência direta de nenhum professor na trajetória dos jovens liberais de Campina Grande e eles tendem a afirmar isso em suas argumentações.

Em suma, o ambiente da universidade é visto como propício para que o jovem desenvolva uma determinada conduta política que será construída a partir de suas afinidades pessoais. Na visão de Tiago, a universidade cria nos jovens a percepção de que, nesse ambiente, se pode e se deve falar sobre política e, por isso, ele diz que todo estudante universitário teria uma posição política: “Até mesmo o jovem que não quer pensar sobre política está tendo uma posição que é política”.

O fato de ter na pesquisa a participação de sete jovens liberais estudantes de Direito traz a este trabalho um paralelo interessante com os bacharéis liberais que participaram da política

nacional e da gênese do Estado Brasileiro, expostos brevemente na introdução da tese. Para Gabriel e Toni, a natureza do curso de Direito no Brasil seria intervencionista e os alunos seriam preparados para legislar sobre a vida das pessoas, retirando dessas a autonomia, vendo-as como incapazes de decidir sobre quais riscos querem se submeter, restando aos bacharéis proteger essas pessoas e intervir no modo como elas vivem, trabalham, estudam, consomem, etc. Fora isso, toda a estrutura do Estado brasileiro teria sido montada para dar aos bacharéis a exclusiva atividade de intermediar a relação do cidadão com o Estado, e, assim, advogados, procuradores e juristas, funcionariam como uma espécie de braço do Estado brasileiro. Toni estava no primeiro ano do curso quando definiu assim:

O estudante de Direito muitas vezes se acha melhor do que as pessoas, se acha na missão de cuidar, proteger, legislar. A mentalidade é intervencionista ao extremo, de alunos a professores, juristas, advogados, é simplesmente uma raridade alguém com uma mentalidade mais liberal. Até que agora tá melhorando, mas, ainda é uma minoria e com a estrutura que isso tudo tem, pode não dar em nada. (Entrevista realizada em junho de 2016)

A defesa das “ideias da liberdade” produzem no jovem liberal apresentado nesta tese o efeito contrário ao que produziu nos bacharéis e liberais de décadas passadas. Nascidos em tempos distintos, as diferenças entre os bacharéis liberais e os jovens liberais que aqui se apresentam são abissais, pois jovens como Gabriel, Toni, Felipe, Nanda e Tiago não são filhos de aristocratas, seus pais não têm título de nobreza e as suas famílias não fazem parte da oligarquia nacional. A origem trabalhadora de seus pais faz com que eles percebam no liberalismo uma forma de mudarem não apenas a vida de suas famílias e a deles, mas a de outros jovens também.

É relevante ressaltar que os bacharéis liberais trabalhavam para perpetuar o *status quo*, indo contra as reformas que pudessem mexer na estrutura de onde vieram. Por outro lado, os liberais de Campina Grande têm como meta mexer nessa estrutura e derrubar as benesses e os privilégios que o Estado colocou e coloca nas mãos de determinados grupos de seu interesse. Jovens como Gabriel e Toni estão usando o liberalismo para proteger a liberdade individual, na busca de devolver a autonomia que eles advogam ter sido retirada, na tentativa de devolver o poder para as mãos dos indivíduos, diminuindo assim a intervenção da sociedade através do Estado. Percebe-se que é um projeto complicado, que precisa enfrentar uma estrutura que atua contra o liberalismo que eles defendem.

Na realidade, a socialização das ideias liberais entre esses jovens no espaço da universidade produziu uma outra percepção do Direito e isso parece ter sido um forte elemento no abandono da carreira jurídica por parte de alguns deles. O encontro com as ideias liberais fez com que estes jovens refletissem sobre as práticas jurídicas e a natureza do curso de Direito no Brasil. Essas reflexões, feitas muitas vezes nos corredores do Centro de Ciências Jurídicas da UEPB, parecem ter motivado o descontentamento em relação ao curso que escolheram. Desse modo, Toni, Gabriel, Tiago e Júlio afirmam que não se veem atuando na área jurídica futuramente. “Eu acho que perdi a minha identificação com o Direito”, disse Toni com um aparente desânimo. Isso sugere que a socialização destas ideias promoveu transformações não apenas na preferência política que estes jovens carregavam, ou seja, não apenas na maneira de eles se identificarem politicamente, mas também na forma com que se veem no mundo, na vida adulta que pretendem levar.

Deveras, os jovens liberais de Campina Grande, em sua maioria, mudaram radicalmente de opinião em relação ao liberalismo quando chegam à universidade, e, para compreender essa mudança, deve-se levar em conta o fato de ter se criado uma relação de amizade com Gabriel, em parte devido às afinidades políticas relacionadas às liberdades individuais e também por eles sentirem que a divergência política é estimulante. Com exceção de Bia, Júlio e Gabriel, que tinham um conhecimento anterior e, portanto, não tinham “preconceito com o capitalismo”, os demais, Beto, Nanda, Felipe, Tiago e Toni, percebiam o liberalismo como uma conduta política “egoísta”, logo, percorreram um caminho até mudarem de opinião.

Nesse sentido, a internet servirá para eles como meio de pesquisa sobre economia e capitalismo, e, adquirindo esse tipo de conhecimento, eles irão, gradativamente, testá-lo em suas conversas na universidade. Logo, se a universidade é percebida como um espaço para se discutir política, a internet seria o local onde se buscaria refinar esse conhecimento. As dúvidas que surgiam no confronto de ideias nos corredores e espaços da universidade serão esclarecidas por meio da internet, no caso dos jovens liberais de Campina Grande, deixando claro que cada jovem desenvolve uma maneira particular de lidar com a internet, não é, portanto, objeto desse estudo refletir sobre o uso que eles fazem dela, mas, sim, sobre o papel que a internet desenvolveu nas trajetórias políticas dos jovens estudados nesse trabalho.

Desse modo, os jovens liberais de Campina Grande reconhecem a influência de Gabriel, por exemplo, todavia não deixam de trazer para si o entendimento que adquiriram, de que a liberdade não pode ser apenas individual, mas precisa também ser econômica, pois ambas devem andar juntas, elas se complementam. E esse entendimento também será construído durante as imersões individuais que fizeram na internet.

Política e Internet

Em se tratando de internet, Lemos e Felice (2014) a percebem como um ecossistema de construção de informações, no qual toda a sociedade estaria sendo afetada por uma nova “arquitetura da informação”, que permite uma agregação imediata e instantânea de “saberes distantes e separados”, munindo essa sociedade de um “novo tipo” de inteligência e de conhecimento. Dessa forma, a internet e as mídias sociais não são vistas apenas como potencializadoras da ação humana, capazes, como veículos externos, de intervir e até mesmo impelir transformações, elas passam, assim, a serem vistas como parte *integrante* do social e da sua arquitetura (FELICE, 2013).

Para Castels (2007), a sociedade moderna está conectada em rede, ela “manipula” as tecnologias da informação para se articular socialmente, configurando uma rede de “muitos com muitos”. A principal característica é poder se comunicar com muitas pessoas de forma auto-regulada, sem intermediários, bastando, para isso, uma conexão à internet. Na opinião deste autor, essa dinâmica potencializaria o poder de engajamento de movimentos sociais. “[...] ocorre no ciberespaço uma transformação das regras do jogo político-social que acaba por afetar o próprio jogo” (CASTELLS, 2003, p.114). Com a internet e o ativismo dentro desta mídia, o poder é horizontalizado e tem a possibilidade de passar para as mãos dos cidadãos, que podem contestar e se organizar dentro e fora da rede mundial de computadores (SCHMIDT; COHEN, 2013).

De fato, a internet põe os indivíduos em contato instantâneo, numa assembléia pública, onde eles se sentem imbuídos em expressar as suas inquietações, desejos, preferências e esperanças (CASTELLS, 2003). Todavia, o caráter dessas aspirações humanas é ambivalente e as implicações do uso das mídias sociais têm sido analisadas à luz dos acontecimentos, que se avolumam e desafiam a produção do conhecimento humano a respeito do impacto da internet, da tecnologia da informação e do entretenimento na vida social e política das sociedades. Na realidade, há evidências de que o uso das mídias sociais afeta a saúde mental dos indivíduos devido à frequência de seu uso e do tipo de conteúdo consumido (ABJAUDE et al, 2020).

Com o advento da internet, havia um entusiasmo por parte de pesquisadores, como o sociólogo Manuel Castells, em virtude da possibilidade de as pessoas acessarem e produzirem conteúdo de maneira auto-regulada. Vislumbrava-se, no começo dos anos 2000, a democratização do conhecimento e das informações, que ampliaria as formas de participação e de interação entre os seres humanos, embora houvesse a ameaça da exclusão digital. Entretanto, fatos mais recentes têm jogado uma sombra sobre essas possibilidades, deste modo, é válido

atentar para os efeitos variados que essa “nova arquitetura da informação” tem causado na sociedade brasileira e a qualidade dessas consequências para o convívio social e o equilíbrio das instituições democráticas.

É fato que, atualmente, nas campanhas eleitorais, os candidatos têm enfrentado as repercussões, muitas vezes decisivas para o resultado das eleições, da produção e disseminação das chamadas “fake news”. Deveras, a forma com que as instituições reguladoras da democracia têm lidado com esse problema ainda é incipiente, por se tratar de um fenômeno recente e ainda de difícil controle e até mesmo compreensão. A sociedade ainda está no caminho de compreender o que leva as pessoas a compartilharem notícias falsas, quais são os mecanismos de engajamento e como elas podem se proteger da ação nociva desse tipo de conteúdo.

Albright (2017) percebe que as interações sociais estão no centro das discussões sobre as fake news, com isso, ele acredita que há um componente emocional no compartilhamento de conteúdo através dos indivíduos em suas mídias sociais, pois, em algum nível, eles estão sendo engajados por informações que os emocionam e desse modo impulsionam a prática de compartilhar material de forma gratuita entre seus amigos e familiares. Logo, a análise do “ecossistema” das fake news implica reconstruir o que está envolvido no compartilhamento, e requer, portanto, compreender de que forma o público interage e se afeta com as notícias (ALBRIGHT, 2017).

Somando esforços para compreender essa dinâmica presente na comunicação digital, Silveira (2019) alerta para o fato de que as informações privadas, estilos, gostos e preferências culturais, comerciais e políticas, são monitoradas por códigos lidos por uma inteligência artificial, entretanto, os cidadãos e cidadãs não fazem ideia de que códigos são esses e muito menos como eles agem, contudo, são eles os responsáveis pelas suas interações dentro da internet. Esse conteúdo que o usuário da internet recebe e é modulado por uma inteligência artificial não deve influenciar apenas a sua decisão de compra, mas, possivelmente, tudo o que ele enxerga dentro da rede e isso tem implicações nas suas escolhas, sejam elas econômicas ou políticas (SILVEIRA, 2019). Diante disso, numa democracia, onde os indivíduos em sua maioria estão conectados à internet, abre-se a questão a respeito de como está sendo formada essa maioria que elege candidatos, como ela está sendo estabelecida diante desse cenário de comunicação digital controlado por algoritmos e permeado por dúvidas e incertezas para os humanos (SILVEIRA, 2019).

Assim, as implicações entre a política e a internet e seus efeitos sobre a socialização dos indivíduos é um campo aberto de pesquisa. É de suma importância analisar esse cenário com

cautela, mas, ao mesmo tempo, com sagacidade, em razão de que as consequências têm se mostrado ágeis e as reparações podem ser muito lentas e, em alguns casos, até impossíveis.

A presente pesquisa pretende dar uma pequena e limitada contribuição, valendo-se da maneira com que os jovens liberais de Campina Grande utilizaram a internet em seus movimentos de conversão ao liberalismo. Todavia, é apropriado frisar para o leitor que, nesse caso, a relação desses jovens, no início, foi de buscar refinar um conhecimento sobre economia e posteriormente usar a internet para engajar outros jovens, e que essa prática de engajamento é restrita a alguns deles, pois nem todos irão se sentir motivados para isso. O que mais se destaca na pesquisa é o fato de a internet ter conectado esses jovens a outros jovens que, assim como eles, defendem o liberalismo “por inteiro”; com isso, eles têm a percepção de que existiria um “movimento liberal”, apesar de, em suas entrevistas em profundidade, se ressentirem de uma ausência de ações liberais enfáticas, concretas e de, por isso, reclamarem desse mesmo “movimento” que concretamente não teria produzido nada que tivesse o impacto que eles almejam. De fato, a internet contribuiu na construção de uma identidade política liberal “por inteiro” e ajuda na disseminação dessa identidade e na desconstrução do estereótipo que eles pretendem combater, de que ser liberal tem conotações com ser conservador ou de direita.

Na avaliação de Baquero, Baquero e Morais (2016) a internet serviria como um agente sedimentando as bases para a interação humana, nas quais ocorrem intensos processos de socialização que possibilitam o desenvolvimento de identidades individuais e também coletivas.

Em pesquisa desenvolvida para compreender o processo de socialização de jovens no contexto da internet, Anderson e McCabe (2012) observaram que, nesse espaço social, os jovens ganham mais independência e controlam a sua própria socialização, no que as autoras denominaram de “auto-socialização dos jovens”, construindo, desse modo, ambientes virtuais próprios, socializando sem “os freios e contrapesos” de gerações anteriores. Ao invés de um mundo estruturado socialmente, com pais, professores e indivíduos adultos, os jovens encontram na internet um “mundo co-construído”, no qual há participação de outros jovens, que junto com eles constroem um espaço autônomo de identificação juvenil, onde eles criam as suas próprias regras (ANDERSON; McCABE, 2012). Além disso, as autoras apontam (2012, p.5) que os jovens pesquisados enfatizaram que na internet eles se sentem mais “soltos” e menos “julgados” por suas opiniões e comportamentos.

Estudando a relação do conceito de juventude com a internet, Feixa (2014) resgata a implicação dos recursos trazidos pelo tempo nas biografias, salientando que a juventude é uma construção social de um dado momento e de uma condição de vida específica. Preocupado em

refletir sobre a “geração digital”, Feixa empresta a essa tese uma reflexão sobre os indivíduos nascidos depois dos anos 90, que ele designou como “geração #” (hashtag). O autor concluiu que o símbolo # guarda particularidades de uma juventude que vive essa fase da vida de modo particular e sem precedentes, onde a intensificação do uso da internet faz com que esses indivíduos experimentem novas formas de socialização, que têm implicações nos seus modos de se divertir, estudar, namorar, trabalhar e de fazer política, devido ao uso intensificado de mídias como Facebook, Instagram e WhatsApp.

Para Feixa (2014), esses indivíduos têm a predisposição de desenvolver um modo de entender o mundo e de atuar nele distinto de indivíduos que nasceram uma década antes, nos anos 80, devido a essas novas possibilidades de socializar e de estabelecer conexões através das mídias sociais. O autor ainda alerta para o fato de que é possível que os indivíduos tenham a sensação de estar vivenciando essa época de comunicação digital de modo semelhante, porém ele enfatiza que há diferentes estilos de identidade *versus* diferentes sensibilidades geracionais. Entretanto, Feixa (2014) não deixa de considerar o fato de que nem todos os jovens têm a mesma relação com a internet e que se deve considerar a classe social, o nível de educação formal e o gênero, além da relação desses indivíduos com o consumo das mídias sociais, ou seja, o modo como usam a internet, a intensidade desse consumo, o tipo de aparelho móvel, etc.

Os jovens interlocutores do presente estudo nasceram no final dos anos 90 e, dessa forma, eles podem ser caracterizados como que fazendo parte dessa juventude construída nas reflexões de Feixa (2014), como um grupo de indivíduos que sofreria mais intensamente os reflexos de uma vida digital, que lhes afetaria o modo de existir no mundo e de lidar com o social, o privado, o público e a política. Portanto, são elementos interessantes para aqui serem refletidos a partir dos jovens liberais de Campina Grande, percebendo de que maneira esses recursos digitais podem ter potencializado a forma com que estes lidam com o liberalismo e com o contexto político em si, refletindo como esse tempo contemporâneo teria trazido para esses indivíduos novas formas de convívio e de aprendizagem.

Dessa maneira, percebo que as mídias sociais se tornaram uma nova forma de agência de socialização, uma vez que elas instituíram novas práticas sociais em áreas da vida, interferindo diretamente na forma com que a política, por exemplo, está sendo feita atualmente. Inclusive, estudando os movimentos sociais e sua atuação no Facebook, Ramirez (2016) ressalta que os instrumentos da internet podem ser utilizados de maneiras muito distintas, logo, as formas específicas que a internet se apresenta têm ligação com a maneira com que ela é apropriada.

No que tange à presente pesquisa, a internet também é percebida pelos jovens liberais como um ambiente livre, onde eles podem se conectar com jovens de outras cidades e regiões brasileiras, criando, desse modo, uma rede virtual informal e autônoma de jovens com quem eles compartilham uma afinidade política.

Na percepção de Gabriel, o liberalismo “de verdade” só conseguiu proeminência devido ao uso da internet e mídias sociais por parte de jovens que, ele revela, já em 2012 frequentavam o Orkut e compartilhavam conteúdo liberal.

Aos quatorze anos, meados de 2011, Gabriel lembra que viu no Orkut uma comunidade que chamou a atenção dele “Eu sou de direita e daí?”, nela haviam discussões políticas e, de acordo com o que ele narrou, jovens que se identificavam como “conservadores” e/ou “liberais” já disputavam o cenário das ideias dentro de uma comunidade de “direita”. É relevante expor que a direita tem uma forte ligação com o passado político brasileiro e com a formação do Estado (KAYSEL, 2015), então, não é de se espantar que atuações de indivíduos de direita sejam registradas desde antes das manifestações que pediam o impeachment de Dilma Rousseff em 2015. Kaysel (2015) sinaliza para o fato de que, na realidade, se tratam de “direitas” e elas têm uma trajetória que se inicia desde os tempos do império português no Brasil, desse modo, o autor ressalta que são forças heterogêneas e pertencem a diferentes tradições políticas, “frequentemente contrapostas”.

Em suas entrevistas em profundidade, Gabriel lembra que foi só no acesso à internet que ele pôde entender do que se tratava ser liberal. Com as postagens e discussões que observava, ele foi construindo para si uma identidade política, de acordo com as afinidades e tendências que ele já trazia, referências progressistas do ambiente de sua família. A tendência progressista será a responsável por descolá-lo um pouco do campo da direita, colocando-o mais “ao centro”, como ele costuma dizer. Em sua entrevista, Gabriel enfatizou o fato de a internet ter mediado essa identificação dele com o liberalismo: “[...] eu não falava muito, eu ficava observando e a partir disso eu fui vendo que eu era mais liberal do que conservador, porque tinham algumas coisas que me incomodavam que as pessoas de direita conservadoras falavam.”

Prevaleceu a socialização política adquirida no seio de sua família, sentimentos sutilmente transmitidos por ela em seu cotidiano, de liberdade, tolerância e respeito, foram decisivos no caminho de identificação política que o jovem Gabriel trilhou; apesar de haver outras influências, os valores da família mediaram essa identificação. Gabriel foi socializado politicamente também pela internet e, devido a essa inserção prematura, se comparada aos outros jovens liberais de Campina Grande, ele pôde desenvolver habilidades, não apenas teóricas, do que significa ser liberal, mas também habilidades retóricas, de como debater

política, de como fazer com que o outro compreenda o que ele está defendendo. Isso tudo é dito por Gabriel de maneira muito clara. Na internet, ele diz, aprendeu que do outro lado do computador, embora não se veja claramente, existe uma pessoa que pode ser convencida, a depender da maneira como você expõe os seus argumentos. “Eu acho que de todos que você vai ouvir aqui em Campina, eu acho que fui o mais intensamente influenciado pela internet”, diz, alegando que não teve influência de ninguém perto dele, que tudo ocorreu via internet, com usuários que estavam distantes dele fisicamente.

Gabriel recorda que, no começo de suas navegações, ele se limitava a observar as discussões para aprender os argumentos, mas também porque sentia que precisava pesquisar o que estava sendo dito. Ele queria participar, mas sentia que precisava ter embasamento, com isso, ele diz, começou a ler artigos do Instituto Mises Brasil³³. Contudo, o processo de identificação com determinados usuários da internet vem antes e foi definitivo para o jovem compreender qual era a identidade política dele:

Eu lembro de duas figuras, uma mulher que me marcou muito, ela era olavista ao extremo. Naquele tempo já tinha Olavo de Carvalho³⁴, já se falava sobre ele e ela tinha a foto de um leão no avatar dela. Ela era a pessoa dentro da direita que eu não gostava, por causa do olavismo dela, me incomodava. E tinha um cara que era o mais liberal e ele indicava muito livro de Mises e eu lia tudo que ele indicava (Entrevista realizada outubro 2018)

Gabriel diz que lia e voltava pra debater “com argumento”. De certo modo, esse tempo que ele investiu na internet, lendo e discutindo política nos grupos da direita, lhe rendeu o que ele percebe como uma habilidade para argumentar. Como ele tinha que “ler muito”, acabou adquirindo conhecimento suficiente para se oferecer como voluntário para trabalhar em um site liberal, chamado “Portal Libertarianismo”. Ele explica:

A ideia do site era competir com o (instituto) Mises, publicar coisas que o Mises normalmente não publicava. Por exemplo, drogas, imigração, política externa, porque o Mises é muito econômico. Até hoje ele é. Na época o fundador do site sentiu que

³³ Gabriel se refere à plataforma na internet do Instituto Mises Brasil (IMB). Além dele, outros jovens da pesquisa irão referenciar este site como um meio onde eles encontraram algum tipo de informação sobre liberalismo. Na plataforma, o IMB alega ser “uma associação voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre”. Para outras informações, ver: <https://www.mises.org.br/Default.aspx>.

³⁴ Olavo de Carvalho é considerado o “guru” da direita, contudo esse título pode ser contestado por indivíduos de direita. Na pesquisa, ele aparece como uma referência do que não ler, do que não levar a sério. Na percepção dos jovens liberais de Campina Grande, Olavo de Carvalho é conservador reacionário.

havia essa necessidade, aí ele criou e pediu voluntários naquele grupo do facebook chamado “Liberalismo”. Eu me voluntariei, porque, não tinha nada pra fazer, estava com 15 anos. O trabalho era traduzir vídeo, artigo e gerar conteúdo pra página. Foi nessa época que eu comecei a trabalhar no Facebook como voluntário. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Casimiro (2016) desenvolveu uma pesquisa de doutorado na qual apresenta os veículos de disseminação ideológica do liberalismo e da “nova direita” no Brasil. Ele aponta que o Instituto Mises Brasil (IMB) atua como “intelectual coletivo das frações mais ortodoxas” do pensamento “ultraliberal” e, ainda, de grupos conservadores que percebem no Estado e nos direitos garantidos por ele o “grande entrave” no crescimento material do país (e deles). De acordo com Casimiro (2016), a atuação do Instituto Mises Brasil é no campo da cultura, tendo como objetivo reforçar a ideia de “estado mínimo” e de supremacia do mercado como o único capaz de promover a felicidade dos indivíduos; desse modo, ele desenvolve uma rede de ações que visam a “produção do consenso”, dentre eles o de que os direitos conquistados pelos trabalhadores prejudicam a sua própria empregabilidade. Com isso, o IMB produz seminários, palestras e outros eventos, contudo é o site o seu principal meio de disseminação desse tipo de conteúdo, no qual disponibiliza gratuitamente livros, artigos e vídeos (CASIMIRO, 2016).

Em sua entrevista em profundidade, Gabriel afirma que o extinto Portal Libertarianismo tinha como pretensão disponibilizar para os usuários da internet conteúdos relacionados a uma agenda progressista, como drogas, aborto, imigração, informações que o Mises Brasil não publicava, mas que alguns liberais tinham a necessidade de veicular. Logo, denota-se que existem variados tipos de liberais. Gabriel, por sua aproximação com a esquerda através da criação recebida pelos seus pais, acaba se vinculando a um liberalismo de tendências progressistas, que, para alguns, pode ser percebida como esquerda liberal ou liberal left.

Por estar inserido há mais tempo no meio liberal, como ele mesmo chama, Gabriel cumpria, de certo modo, o papel de iniciar os colegas liberais de Campina Grande, indicando artigos e vídeos na internet. Nanda foi uma das pessoas que tiveram acesso a essas indicações. Ela chega à universidade sem se identificar com nenhum dos lados da política, nem esquerda e nem direita, porém, no contato com Gabriel, diz que “descobriu” que era liberal e “não sabia”. “Eu lembro que eu ia lendo os artigos e pensando 'isso aqui faz sentido', eram coisas que eu concordava”, disse em entrevista.

Passado o primeiro momento de identificação com as ideias liberais, Nanda confessou que conquistou uma certa autonomia com relação aos sites e artigos liberais que ela acessa:

“Hoje eu vou mais pelo que me atrai, eu vejo o título e penso ‘deve ser legal’”. Nanda afirmou que a internet ainda é o principal meio onde ela busca informação sobre liberalismo, sempre dando preferência a vídeos e artigos, confessando que nunca leu um livro liberal. “Eu gosto muito do Ideias Radicais (Youtube), acho legal. Eu também acesso muita coisa do Spotniks, é um canal que eu tenho muito contato”. Quando questionada a respeito da veracidade das informações dentro da internet, Nanda disse: “Eu vou vendo, recebendo e tentando filtrar de acordo com o que eu gosto, com o que eu concordo. Eu filtro vendo se tem sentido, se tem embasamento”.

Na pesquisa, aparecem diversos níveis de aprofundamento das ideias liberais entre os jovens interlocutores, alguns sentirão que têm mais propriedade para falar devido ao investimento feito em pesquisa sobre determinados assuntos. Gabriel, Toni, Júlio e Beto irão expor mais a opinião política deles e tenderão a debater com mais frequência. Sofia, Nanda, Bia e Beto usarão de estratégias, não debaterão sobre todos os assuntos, apenas sobre os que mais dominam ou se identificam, e também não irão conversar sobre política com qualquer pessoa ou em qualquer lugar. Outros detalhes o leitor poderá conferir no capítulo 3.

Toni acredita que o fato de ele estar inserido dentro de uma rede liberal “muito unida”, como a SFL, faz com que ele tenha acesso a conteúdo “inteligente” e “relevante” dentro da internet. “Quando você se insere no movimento, as pessoas se ajudam pra saber quem é bom ou não, mas você também tem que ter um feeling, tem que ter um radar”, analisou Toni. Nesse sentido, Toni foi questionado em como ele avalia quem é de fato inteligente ou não:

Não é algo explicável, não é algo que dá pra explicar. Tem até um grupo no Facebook que eu tô e tem pessoas muito inteligentes e nem todas são liberais. É um grupo fechado e tem gente inteligente que é de esquerda e dá opinião sensata e tal. Acho que descobrir se uma pessoa é inteligente ou não é mais feeling mesmo, não consigo dizer o método. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Se na percepção de Toni uma pessoa pode ser inteligente sem necessariamente ser liberal, logo, ele quer dizer que o crivo não é ter exatamente a mesma identidade política, até porque os jovens liberais apresentados neste trabalho têm identificação com a esquerda e com a direita. Sendo assim, para Toni, o contato com pessoas “inteligentes” e “sensatas”, tanto da direita quanto da esquerda, é, em algum nível, uma necessidade, uma forma de adquirir conhecimento. Não ficou claro em sua entrevista, mas o crivo para distinguir se há sensatez ou não em um determinado conteúdo devem ser os valores do liberalismo que eles defendem, de

tolerância e liberdade ampla, se eles estão sendo violados, então esse conteúdo pode ser combatido, mas não incorporado.

Toni disse que “sempre” usou a internet para se informar sobre política, antes mesmo de ele se dizer de “esquerda” e apoiar Ciro Gomes. “Eu comecei a usar eu tinha uns doze anos. Mas eu assistia muito televisão, assistia ao Jornal Nacional. Mas depois dos doze anos eu comecei a usar a internet também”.

A identificação com o liberalismo, como dito anteriormente, só aconteceu na universidade, depois de passados alguns meses e de muitas discussões com Gabriel sobre política nos horários livres do CCJ. Gabriel tem um forte posicionamento progressista, aliado à defesa do livre mercado, que o torna um liberal nos moldes apresentados nessa pesquisa. Com isso, as conversas com Gabriel deixavam Toni intrigado, porque, ao mesmo tempo em que havia uma profunda identificação, havia o entrave econômico. Toni recorda que, conversando com Gabriel sobre economia, sentia “sempre” que não entendia parte do que ouvia, apesar de Gabriel explicar de maneira quase convincente. A forma como Gabriel falava sobre o livre mercado fez com que Toni, sozinho em casa, decidisse acessar os conteúdos que Gabriel trazia para a universidade, para examinar ele mesmo o conteúdo trazido pelo amigo. Sobre isso, ele diz que lembra “claramente” do dia em que “virou a chave” para o liberalismo.

Eu nunca procurei estudar sobre economia liberal, mas, eu vi um vídeo sobre a crise de 29 que falava da teoria dos ciclos econômicos (de Friedrich Hayeck). Aí eu pensei, "Caramba, isso faz muito sentido. Caramba, eu concordo com isso agora". Aí depois comecei a ver um monte de vídeo sobre economia na internet, parece que fez a minha mente abrir. Uma lâmpada se acendeu na minha mente. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Carrano (2017) chama atenção para o fato de que atualmente a escola, e aqui estendo esse entendimento também para a universidade, não está sozinha no processo educativo dos estudantes, no sentido de que a internet é uma plataforma de conhecimento relativamente de fácil acesso e, por meio dela, o jovem tem adquirido competências e habilidades que o ajudam a construir uma identidade, seja ela juvenil e/ou política, e essa busca do jovem não necessariamente está ligada a alguma atividade indicada pela rede formal de ensino. O jovem pode entender sozinho que precisa adquirir mais conhecimento sobre determinado assunto ou até mesmo que ele precisa adquirir por completo essa temática através da internet (CARRANO, 2017), devido à ausência da exposição/discussão do tema no meio formal de aprendizagem. Um dos pontos ressaltados nas entrevistas dos jovens liberais de Campina Grande é que a

internet teria suprido a ausência da oferta de livros liberais dentro da universidade. De acordo com eles, não há nas bibliotecas livros ou coletâneas de textos liberais para que eles pudessem se aprofundar sobre o assunto, por isso a percepção deles de que a internet teria sido “essencial” no conhecimento que eles adquiriram sobre o que seria liberalismo “de verdade”.

Felipe também usou a internet para saber mais sobre as ideias políticas liberais de Gabriel e “aos poucos”, de acordo com o que ele pesquisava, ele se convencia de que liberalismo não era exatamente o que ele pensava antes, uma ideologia voltada para os “interesses das empresas”. “Eu fui vendo que não era essa coisa, esse demônio que pintavam e isso foi se desmistificando na minha mente”. Como Toni e Felipe tinham posições firmes à esquerda, no primeiro momento que tiveram contato com as ideias liberais de Gabriel, eles dizem que tiveram uma repulsa e isso teria ocorrido por causa dos “mitos” e “preconceitos” baseados no “senso comum”. A imersão na internet, lendo e assistindo vídeos liberais, eles dizem, promoveu a abertura de suas “mentes” para ouvir uma outra versão do liberalismo, dita agora por liberais “de verdade”. Assim como seus colegas, o entrave era a questão econômica, como expôs Felipe em entrevista:

Eu acho que eu me abri estudando temas básicos como concorrência, geração de renda, oferta e demanda. Eu penso que se a concorrência funciona em um caso, provavelmente ela irá funcionar em vários outros e eu fui aplicando isso a diferentes situações. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Na opinião de Tiago, a internet faz com que uma determinada pesquisa seja mais “completa”, devido à imensa quantidade de informações que se pode acessar por meio dela, além disso, ele diz, a internet promoveria a curiosidade, a vontade de chegar a um entendimento acessando variados conteúdos. “É exatamente essa curiosidade de ir além, de saber a fonte, de correr atrás de outras. Isso tudo graças à internet”. Toni também defende que a internet é “importante” para uma atividade de pesquisa e sinaliza que ela substituiu as bibliotecas, por causa de seu acervo paralelo de livros, artigos e filmes. “Eu fui na Biblioteca da UFGC e não tinha um livro de Hayek. Lá tem um curso de Economia, mas não tem um livro dele, ele ganhou o Nobel de Economia, mas não tem”.

Beto costuma associar a sua transformação às ideias liberais que Gabriel defendia quando eles estudaram juntos no IFPB, porém ele diz que a negativa da professora do curso de História em tirar as suas dúvidas sobre liberalismo foram definitivas nisso, pois só assim ele

partiu em busca de conteúdo liberal dentro da internet. Beto diz que passou seis meses estudando liberalismo em casa:

Eu li Hans Herman Hoppe, estudei um pouco praxeologia, que é a ação humana. Eu li alguns artigos falando de Rothbard, que é anarcocapitalista, que o povo também não entende. Li artigos falando de Mises. Eu não cheguei a me dedicar só em obras completas, eu estudei mais artigos. Obra completa só de Hoppe. Eu também vi vídeos em um canal de um cara que foca bem na filosofia do liberalismo. Mas tudo repousa na ação humana mesmo, é a base do liberalismo e poucos sabem. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Apesar de estudarem juntos no IFPB, foi através da internet que Sofia e Gabriel se aproximaram, e o motivo foi as publicações políticas e liberais que Gabriel fazia em sua página no Facebook. Sofia lembra que essas publicações despertaram a atenção dela por serem “inteligentes”. “Ele expressava as opiniões dele de forma simples”. Bastou Sofia curtir uma dessas publicações para Gabriel se aproximar enviando uma mensagem. Não obstante vir de uma família onde todos são de esquerda e trabalham com o PT em época de eleição, Sofia diz que não se intimidou nem um pouco com as observações feitas por Gabriel sobre o governo Dilma, que ela apoiou e fez campanhas em 2010 e 2014. Desde o começo, ela acreditou que as críticas de Gabriel eram pertinentes, Sofia não sabe explicar o porquê, mas ela foi seduzida pelas ideias liberais desde o primeiro contato. O namoro com Gabriel também engatou desde o início. Tudo isso, Sofia diz, fez com que ela “abrisse a mente” para “outras coisas”, desse modo, a saída de Areial foi inevitável, em razão de que não havia mais concordância alguma entre ela e os amigos de lá. Contudo, Sofia atribui a sua transformação também à internet, uma vez que foi por meio dela que a jovem pôde se aprofundar nas ideias que Gabriel defendia.

Antes minha fonte de informação era minha mãe e minha tia, só. Nunca cheguei nem a procurar as propostas de outros candidatos e eu acredito que muita gente ainda é desse jeito que eu era antes. Posso dizer que cinquenta por cento do povo de Areial que vota no PT, até mais de cinquenta por cento, é assim. Eles não sabem as propostas que o PT tem e não procuram saber. Então, a internet foi muito importante pra mim, porque, foi um monte de coisa aparecendo, coisa que eu nunca tinha lido, nunca tinha visto e de cara tudo foi fazendo sentido pra mim. (Entrevista realizada em setembro de 2018)

Sofia avaliou que antes de ela conhecer Gabriel e acessar vídeos e artigos liberais pela internet, a forma como ela buscava conhecimento político era insuficiente. Na realidade, Sofia hoje pensa que o seu envolvimento com o PT se deu porque ela era influenciada pela família, amigos e vizinhos de Areial. “Era o PT contra o mal, nada mais. Não tinha debate de ideia”. Nesse sentido, Sofia desenvolveu a percepção de que as pessoas em Areial gostam do PT porque são “controladas” pelas políticas implementadas durante os governos de Lula e Dilma naquela comunidade. Além do conhecimento liberal adquirido pela internet, Sofia lembrou com entusiasmo de sua primeira participação em um evento liberal, promovido por jovens liberais em Recife: “Foi demais. Foi lá que eu aprendi o que era feminismo, quando eu voltei pra Campina fiquei com mais vontade ainda de aprender sobre liberalismo”. Nesse ponto de sua narrativa, Sofia mostra que as pautas feministas têm sido reincorporadas por agentes e movimentos políticos a partir de seus respectivos ideários. Ao contrário do que se poderia imaginar, Sofia revela que foi só no movimento liberal que ela teve acesso pela primeira vez ao discurso feminista, mesmo ela tendo sido socializada politicamente em sua infância e adolescência através das demandas do PT, um partido de esquerda.

Sofia ainda revelou que quando era petista não usava a internet para pesquisar conteúdo político, não lia reportagens a respeito da atuação dos candidatos e não acessava artigos e/ou vídeos que abordassem o assunto política, assim, ela se ressentia de que, nessa época de sua vida, não procurou formar uma opinião política própria e independente de seus familiares e vizinhos. “Isso não era importante no meio que eu estava”. O acesso à internet para pesquisar sobre política só aconteceu depois que ela passou a se interessar por liberalismo, uma vez que os jovens liberais costumam citar fontes ou debater sobre assuntos políticos que estão em voga, portanto, em grande medida, ela foi motivada pelo meio a se informar para poder opinar, e a internet foi o veículo utilizado por ela. “Sempre foi a internet. Devo praticamente tudo a ela (risos)”. Percebe-se nisso, também, a predisposição que esses jovens carregam de buscar informação sobre política e de refinar o conhecimento que adquiriram entre eles mesmos, pois debater política de uma forma ideológica, propositiva, tem todo sentido para os agentes da pesquisa.

Pierre Lévy (1993) tem estudado o impacto das tecnologias virtuais da comunicação na sociedade há pelo menos duas décadas, ele acredita que a informática e suas técnicas de comunicabilidade e de informação possibilitam um “campo de novas tecnologias intelectuais”, contudo ele ressalta o caráter conflituoso, indefinido e controverso dessas tecnologias da inteligência. Lévy (1993) desenvolve então o conceito de “ecologia cognitiva” que seria um “coletivo pensante” de indivíduos-coisa, em razão de que, cada vez mais, se pode compreender

o social por meio de alguma matriz de leitura informática, computadores, tablets, smartphones, aplicativos, sistemas, etc. O autor salienta que o advento de técnicas como a escrita, a leitura e a impressão, trouxeram novos elementos socializadores e com isso uma transformação das relações sociais e das capacidades cognitivas dos seres humanos, observando que o mesmo se dá com o advento da informática e de suas tecnologias da comunicação e informação, que ele chama de “tecnologias da inteligência”, por elas reorganizarem a visão de mundo daqueles que as utilizam, implicando a aquisição de novos saberes e conhecimentos, deixando, inclusive, nas mãos dos usuários a decisão de acessar e compartilhar o que quiserem. Logo, se esse acesso a essas tecnologias da inteligência será nocivo ou benéfico, não é atribuição das “coisas”, do computador ou da internet, mas, sim, da qualidade das condutas humanas, ou seja, do arbítrio que os indivíduos exercerão sobre elas (LÉVY, 1993).

A internet também foi meio de informação e de identificação definitiva para o jovem Júlio, que não se identificava com as escolhas políticas de seus familiares professores, todos de esquerda e grande parte petistas. Como o leitor conferiu anteriormente, Júlio recordou que, no colégio, nas aulas de História, estudou sobre os regimes comunistas e socialistas e a, partir dali, passou a rejeitar veementemente a esquerda e se identificar com a direita, embora, ele admite, não tivesse aprofundamento nas ideias da direita. Foi uma identificação que também serviu para ele criar uma distinção dentro de casa, uma identidade própria para ele, longe das investidas de seus familiares. Contudo, não durou muito tempo, no ano seguinte, 2015, Júlio lembra que passou a rejeitar a direita, pois, pela internet, compreendeu que a direita “também era autoritária”.

Foi meio que estudando pelo Facebook também, fui vendo as postagens e via as referências e ia procurar artigo. Entrando muito no site do Instituto Mises, pegando outras referências, vendo muito, muito artigo, passava o dia lendo artigo. Então, eu comecei a me afastar do totalitarismo de modo geral. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

No caso de Júlio, as aulas de História trouxeram uma identificação com a direita, a partir do momento em que ele estuda os regimes socialistas e comunistas e “descobre” que a esquerda seria “autoritária”. Só que essa identificação com a direita não iria durar muito, pois, estudando na internet sobre ditaduras para prestar o exame do ENEM, Júlio “descobre” os regimes fascistas e nazistas da direita. Logo, o conhecimento político e histórico adquirido na escola passou pelo crivo de outras referências que estavam dentro da internet e o jovem Júlio acessou o que era de seu interesse, tendo como parâmetro o autoritarismo, querendo se afastar dele,

chegando, assim, ao liberalismo, que na percepção dele teria o “melhor da esquerda e o melhor da direita”.

De todos, Bia foi a única que minimizou a participação da internet em sua identificação com o liberalismo. O contato diário durante sua infância e adolescência com seu avô paterno sedimentou o caminho dela até o liberalismo, nos livros de filosofia que leu e na chegada à universidade, que faz com que ela tenha acesso a discussões sobre teoria política e sistemas políticos. Todavia, Bia confessa que lia e ainda costuma ler artigos do Cato Institute³⁵, organização norte americana sediada em Washington, que Bia disse ser a sua “principal” fonte de informação sobre liberalismo dentro da internet.

Para Baquero, Baquero e Morais (2016), eventos como a “Primavera árabe” e as manifestações em junho de 2013, no Brasil, indicam que não se pode mais minimizar a influência da internet e das mídias sociais na construção das identidades políticas juvenis. De acordo com eles, o desenvolvimento da socialização ocorre hoje em circunstâncias distintas e a internet pode ser considerada como mecanismo central desse novo processo socializador.

Entretanto, embora esse novo contexto social traga elementos que podem ser “comemorados”, Baquero, Baquero e Morais (2016) salientam que é preciso questionar a direção da influência da internet nos campos social e político, e frisam que as pesquisas ainda são escassas diante da velocidade e do poder de conexão e de engajamento da internet e das mídias sociais.

Dwyer (2016) ressalta que os jovens universitários brasileiros têm amplo acesso à informação de variadas fontes, ademais, a interação com membros de seus diversos contextos sociais faz com que eles elaborem e reelaborem as suas próprias ideias. O que se confirma na pesquisa desenvolvida com os jovens liberais de Campina Grande, uma vez que os meios em que foram socializados são diversos, desde as suas famílias, as escolas, vizinhanças, universidades e até as diversas plataformas existentes dentro do universo da internet, cada uma delas deu uma contribuição na trajetória de adesão ao liberalismo, variando os níveis de envolvimento deles em relação a essas instâncias socializadoras. Diante disso, aumenta o desafio dos cientistas sociais na análise dos processos de socialização política pelos quais estão hoje submetidos os jovens brasileiros.

Os interlocutores admitem que a internet foi “importante” em seus caminhos de identificação com o liberalismo, porém eles não deixam de apontar a participação de amigos ou até mesmo professores nessas trajetórias. Com isso, o intuito da pesquisa foi apresentar ao

³⁵ Acesse <https://www.cato.org>. Último acesso em outubro de 2019.

leitor os fatores socializantes que interferiram em suas trajetórias. Desse modo, percebeu-se que as famílias, os colégios, a universidade e a internet criaram as condições necessárias para que cada um deles pudesse desenvolver essa identidade política de maneira particular. Por conseguinte, obter informações e acessar conteúdos dentro da mídia pode ser uma atividade individual, entretanto, transformar esse conhecimento em comunicação decorre de uma “construção reflexiva” que envolve interação social (DWYER, 2016).

Isto posto, destaco que as interações sociais entre os jovens liberais de Campina Grande funcionam também como forma de eles validarem o conhecimento que adquiriram na internet e em suas mídias sociais, pois, como disse Toni, estar em um grupo de liberais faz com que eles indiquem conteúdo uns para os outros e produzam conteúdo uns para os outros.

Com isso, os jovens liberais “de verdade” estão construindo um tipo de conhecimento que se reflete em suas identidades políticas, eles compartilham valores e significados que empregam sentido a essa identificação. No próximo capítulo, serão apresentados os aspectos principais de suas identidades políticas que, como foi visto, foram construídas com base no processo socializador pelo qual foram submetidos individualmente, nas suas famílias, nos colégios que estudaram, nas relações que desenvolveram na universidade e no conhecimento adquirido e também compartilhado via internet.

Afetividades à esquerda

Muxel (2014) observou que a política se relaciona de maneira distinta nos círculos de amizade, ela acredita que, nestes casos, a diferença de opinião pode ser um elemento agregador, podendo, inclusive, levar à harmonia e a uma inevitável atração, por descobrirem a alteridade sem as implicações negativas que podem ser desencadeadas nos laços familiares, por exemplo. Toni e Gabriel, no começo de sua amizade, travavam debates políticos intensos, devido às divergências que haviam entre eles. Mas eles admitiram essas diferenças e assumiram uma amizade e isso foi indispensável para o que veio depois. Na realidade a amizade é mais capaz de lidar com a discórdia, pois os amigos atuam na direção do laço afetivo, na construção de uma relação na qual eles sentem que podem ser quem eles são de fato, logo, as diferenças de opinião política se tornam o reconhecimento da diversidade e da autonomia do outro (MUXEL, 2014). Por outro lado, as afinidades progressistas que ambos tinham abriram caminho para a construção de uma amizade sólida.

Sofia diz que a maioria de seus amigos é liberal, “mesmo que eles ainda não saibam”, afirmou sorrindo. Ela diz que consegue dialogar mais com jovens de esquerda, disse não saber

o motivo, mas penso que os sentimentos em relação à política, de justiça e equidade, conseguem criar um certo nível de tolerância e, em algum grau, até mesmo identificação. Minha afirmação se baseia na experiência etnográfica que vivi, assim como eu pude me identificar e construir uma amizade com Sofia, acredito que a abertura para o diálogo que ela diz sentir mais na esquerda do que na direita vem dessa sintonia. Sofia ainda disse que não consegue simpatizar com jovens conservadores, ela acredita que por causa da associação que alguns fazem entre política e religião. “Eu acho que tenho até um pouco de preconceito com eles”, disse com uma aparente timidez.

Tiago diz que seu círculo de amigos é bem “mesclado”, tem jovens liberais e muitos jovens de esquerda. “Direita eu não tenho amizade muito forte, porque, na verdade, eu não tenho paciência para tal”. A dissonância política adquirida no seio de sua família certamente marcou a personalidade de Tiago, as incompatibilidades não são superadas nesse caso, o que sugere uma cristalização do desacordo político familiar que se estende para outros espaços da vida pessoal de Tiago.

Numa amizade, as divergências políticas podem ser superadas, desde que exista sentido no encontro de mundos diferentes que podem promover o acesso à diversidade de opinião. Entretanto, na vida de Tiago, a experiência com pessoas de direita sugere que, para a relação dar certo, ele terá que anular as suas próprias convicções, percepção que ele construiu através de sua socialização política familiar. Nesse sentido, a falta de paciência que ele alega ter para se relacionar com jovens de direita (ou conservadores) e assim construir um laço de amizade, na realidade parece estar baseada na pouca habilidade que ele adquiriu em lidar com pessoas que têm opinião de direita ou conservadora, em razão do delicado contexto familiar em que foi socializado, que, em grande parte, nega tudo aquilo em que Tiago acredita. Por outro lado, a esquerda parece ter profundas afinidades com o jovem liberal, com as quais Tiago consegue construir as pontes necessárias para que a identificação e o afeto permitam a troca de opinião. “Eu mantenho um diálogo muito massa com a galera de esquerda, principalmente porque eu sempre gostei de movimento estudantil e social. Então meu debate com quem é de esquerda é sempre muito construtivo”, afirmou.

Júlio, que tem na família uma forte concentração de esquerdas e petistas, disse que se sente mais à vontade com jovens de esquerda, todavia o jovem revelou que não sente o mesmo com relação aos jovens conservadores, que na percepção dele teriam muitos “preconceitos”.

Aqui na universidade um dos meus amigos mais próximos é comunista, filiado ao

PCdoB, e eu nunca tive problemas com ele, debato com ele, vou pra mesa de bar e converso com ele sobre todos os assuntos do mundo. Nós nos damos super bem. Mas, pessoas conservadoras ou preconceituosas eu tento me afastar, eu não gosto de preconceito. Eu me sinto desconfortável e me afasto. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

Quanto às afinidades pessoais com jovens de esquerda ou direita, Júlio acredita que elas dependem do assunto: “[...] até a própria esquerda, que se diz defensora de minorias ou de tabus como as drogas, até ela fica com olhar meio estranho pra mim, porque eu defendo a legalização até do crack. Eles têm receio com as minhas pautas, mas a direita também tem (risos).”

Sobre as suas afinidades políticas e pessoais, Toni disse que é uma pessoa com “zero conservadorismo moral” e que, para ele, isso se traduz numa aproximação em grande medida com as “pautas sociais” da esquerda.

[...] não tenho o menor apego por certas coisas que se aproximam mais da direita, o que me levaria pra esquerda. Eu defendo pautas da esquerda, como cuidar dos pobres, pautas sociais e tal, mas os métodos seriam diferentes. Eu faço parte de um grupo no facebook que é *Leflib*, a esquerda liberal, é algo que foi feito para identificar quem é liberal e apegado às outras pautas da esquerda, como aborto, drogas, pautas LGBTQ. (Entrevista realizada em novembro de 2018)

Todavia, Toni sinaliza que se sente um jovem “cem por cento liberal”, explicando ainda que isso lhe bastaria, na tentativa de livrar a sua narrativa de um julgamento de que ele seria um jovem apenas de esquerda. “[...] liberalismo pra mim não está nem na esquerda nem na direita. Mas se eu fosse definir minhas afinidades, eu diria que me sinto um left libertarian”.

Essa predisposição de Toni em ter afinidades com a esquerda fez com que ele obtivesse o reconhecimento de um primo, militante do PSOL. “Uma vez ele até falou: ‘eu amo meu primo liberal’, porque a gente consegue ter algumas semelhanças. Mas ele me enxerga como direita, ele pensa que se todo mundo fosse assim como eu, seria maravilhoso (risos).” Apesar de serem as semelhanças à esquerda que criam a afinidade com o primo do PSOL, Toni é visto por ele como um jovem de direita, isso reforça o ponto defendido nesta tese, o de que a identidade política liberal é ambígua e pode ser percebida de diversas maneiras por diferentes atores

políticos. Ademais, disso também se denota a variabilidade com que essas definições políticas são arrançadas pelos agentes.

Uma rede de liberais por inteiro

Há no caminho dos jovens liberais de Campina Grande uma rede liberal responsável, em parte, por despertar neles essa predisposição em defender as ideias liberais e a debatê-las em grupos de estudo. A SFL (Students for Liberty) ocupa não um papel central na atuação dos jovens liberais, porque nem todos estão conectados a ela, entretanto ela consegue criar a percepção nos jovens de Campina Grande de que não estão sozinhos em sua empreitada liberal “por inteiro”. A SFL consegue atuar em todo o Brasil e, por isso, consegue reuni-los na defesa de um projeto em comum, que tem como foco a disseminação do liberalismo nas universidades, espaço natural de inserção de conteúdos e de ideias.

No começo de sua atuação, em meados de 2012, a SFL era conhecida pelo nome EPL (Estudantes pela liberdade), mas, de acordo com o que foi possível apurar, houve um desentendimento administrativo-financeiro com um dos fundadores com relação ao destino/desvio das verbas recebidas através de financiamento privado, com isso a versão original passou por conflitos em 2016, e o uso do nome EPL se tornou motivo de causa na justiça. A organização passou a usar o nome da versão americana, SFL, o que a rede alega que pretende abandonar, assim que conseguir derrubar o impedimento jurídico sobre o nome original. Um de seus fundadores, Mano Ferreira, com o qual pude realizar uma entrevista, afirma que conseguiu se reorganizar junto com os demais e decidiram tomar emprestado o nome da organização que em parte os inspirou.

A referência dentro do campo da pesquisa despertou a necessidade de se saber um pouco mais sobre essa rede. Tive, como saída, conversar com Mano Ferreira, que, inclusive, já havia sido indicado por interlocutores da pesquisa, por ser ele um agente político notável dentro do campo liberal juvenil, principalmente entre os jovens que defendem o liberalismo por inteiro. Eles insistiam para que eu conhecesse Mano e desse modo pudesse compreender o liberalismo que eles defendiam.

O que foi percebido na pesquisa é que a trajetória política de Mano Ferreira até o momento de sua entrevista, realizada em dezembro de 2018, em grande medida se assemelha a dos jovens de Campina Grande, daí talvez a semelhança que eles sentem com ele.

Mano cresceu em uma família de tendências progressistas, ele lembra que o pai dele era filiado ao sindicato de sua categoria, os contabilistas, e tanto o pai como a mãe votaram em

Lula em 2002 e se mostraram decepcionados depois do escândalo de corrupção conhecido como “Mensalão”, amplamente divulgado pela imprensa. Em casa, ele também aprendeu a valorizar o hábito da leitura por meio de jornais e revistas, ele lembra que lia diariamente o jornal junto com o pai dele desde quando aprendeu a ler. A militância política foi desenvolvida através do contato com professores e colegas ainda na escola, sendo a universidade o local onde ele desenvolveu uma identidade política liberal, e, depois disso foi se engajando em eventos para promover o liberalismo “de verdade”, no qual as liberdades individuais tendem a se sobressair em relação à pauta econômica.

Optei por expor o conteúdo obtido através de Mano Ferreira de maneira mais descritiva em um primeiro momento para não voltar em pontos já debatidos aqui neste estudo, como a participação das escolas e universidades na construção das identidades políticas de jovens brasileiros e brasileiras, caso em que também se enquadra Mano, como o leitor irá conferir. A entrevista que será brevemente exposta serviu para esclarecer a forma com que surge a rede SFL no Brasil, contudo, detalhes não foram obtidos, pois seria necessário, nesse caso, uma pesquisa mais aprofundada e focada na rede SFL, o que não é o objetivo deste estudo, que tem a particularidade de compreender a trajetória de adesão ao liberalismo de jovens de Campina Grande, identificando os mecanismos sociais responsáveis por criar neles uma disposição para práticas liberais.

A SFL é uma rede autônoma de indivíduos que se afirmam como liberais e que se propõem a estudar e a difundir o liberalismo dentro dos colégios e universidades, tendo em vista incrementar a participação de liberais nos debates políticos e intelectuais no Brasil. Entretanto, os termos desse liberalismo também visam se destacar do conservadorismo e abrir uma pauta original para o grupo. A SFL, por sua vez, recebe apoio financeiro da Atlas Network, uma instituição internacional com ramificações em vários países e que tem o propósito de propagar o liberalismo mundo afora. A relação entre a Atlas e a SFL não está clara para a maioria dos interlocutores da pesquisa, eles creditam à instituição internacional uma participação como financiadora de atividades pontuais, fomentando a aquisição de livros, intercâmbios entre jovens liberais de diferentes nações e apoio a eventos nacionais produzidos pela SFL. Ainda na percepção deles, a Atlas Network teria como interesse principal e único promover o liberalismo “de verdade”. Não há por parte dos jovens interlocutores um aprofundamento das razões da Atlas e qual seria a contrapartida dela em termos práticos, no que ela estaria se beneficiando promovendo a “liberdade” no Brasil.

Casimiro (2016) defende que a rede EPL (hoje SFL) pretende ampliar e consolidar o pensamento da “direita” e do liberalismo no meio acadêmico, fato que se confirma em parte

aqui na pesquisa. Na realidade, o próprio Mano Ferreira e os interlocutores não se veem como “direita” e não acreditam divulgar conteúdo da “direita” dentro da universidade, em razão de que promovem a postura “antifusionista”, que será introduzida aqui por Mano Ferreira, um dos fundadores da rede, e mais tarde detalhada no próximo capítulo através dos jovens interlocutores.

Todavia, Camisiro (2016) alega que o objetivo da “EPL” seria de formar jovens para compor o quadro dos intelectuais orgânicos que atuam na produção do consenso “ultraliberal” no Brasil. Para isso, diversos mecanismos de expansão e produção de consenso entram em ação, como grupos de estudo, seminários, palestras e controle dos centros acadêmicos. Além disso, Casimiro (2016) comenta que a rede recebe financiamento internacional da Atlas Network, fato confirmado pelos jovens liberais da pesquisa e pelo próprio Mano.

A jornalista Marina Amaral (2015) produziu uma reportagem sobre a linguagem e as associações da “nova direita” e dos liberais no Brasil. Ela aponta que a Atlas Network é uma “mega” base de promoção do pensamento liberal nos Estados Unidos e no mundo, sendo especializada em formar novas organizações de pensamento liberal, com recursos financeiros obtidos através de empresas e fundações parceiras, o foco principal de atuação da Atlas seria a América Latina e a Europa oriental. Quanto aos recursos financeiros da Atlas, Amaral (2015) apurou:

De acordo com o formulário 990, que todas as organizações filantrópicas têm de entregar ao IRS (Receita nos EUA), a receita da Atlas em 2013 foi de US\$ 11,459 milhões. Os recursos destinados para atividades fora dos Estados Unidos foram de US\$ 6,1 milhões: dos quais US\$ 2,8 milhões para a América Central e US\$ 595 mil para a América do Sul. (AMARAL, 2015, *on-line*)

O trabalho desenvolvido por Marina Amaral (2015) lança luz sobre algumas questões referentes à rede EPL, hoje conhecida como SFL.

Conforme entrevista concedida a Amaral (2015), por um dos coordenadores da Atlas, Alejandro Chafuen, o papel dela em relação à rede EPL seria nutri-la com recursos financeiros e treinamentos, para que, desse modo, os jovens tivessem condições práticas de realizar as suas atividades de promoção dos “ideais da liberdade”, de maneira independente, salientando que a Atlas não faz exigências do que deve ou não ser feito pelos membros, a quem ele chamou de “empreendedores intelectuais”; contanto, claro, que as ideias e os projetos estejam vinculados ao objetivo maior da Atlas Network que é a promoção do pensamento liberal. Entretanto, uma

das informações que foram repassadas por Chafuen a Amaral (2015) foi que a Atlas não tolera associação com partidos ou movimentos sociais de rua. Pela investigação de Amaral (2015), havia uma clara aproximação entre a rede EPL e o Movimento Brasil Livre (MBL), devido ao fato de dois dos responsáveis pelo seu surgimento, Juliano Torres e Fábio Ostermann, estarem ligados à fundação do MBL, um movimento de rua que encabeçou as manifestações a favor do impeachment da presidente, na época recém eleita, Dilma Rousseff.

Na entrevista que fiz com Mano Ferreira, no final de 2018, ele revela que, em 2016, houve uma “confusão” envolvendo Juliano Torres dentro da EPL. Na época, Juliano era diretor executivo e teve problemas relacionados à maneira como ele estava “gerindo” o dinheiro da rede, dinheiro este, em grande medida, advindo do financiamento da Atlas Network. Então, Mano expõe que houve uma “briga” de Juliano com “todos os outros”. Disso resulta o embargo do uso do nome EPL pela rede, que passa a se identificar pelo nome de sua versão original, a americana Students For Liberty. Ao que tudo indica, após a sua saída, Juliano Torres entra na justiça para conseguir reconhecer sua participação na EPL.

Mano Ferreira não deu muitos detalhes da “confusão”, o que se sabe hoje é que Juliano Torres não faz mais parte do quadro da rede SFL desde 2016 e, inclusive, não aparece como sendo seu fundador nos anais da rede. Mano alega que Juliano pode ser considerado como o precursor da rede, mas não como seu “fundador”. Mano reivindicou para ele e para Pedro Menezes a criação da EPL/SFL, a concepção dos seus filtros de seleção para engajamento de jovens e de sua maneira particular de expor e de defender os ideias liberais e “antifusionistas” da rede no Brasil.

Mano Ferreira nasceu em Recife, em 1990, alguns anos antes dos principais interlocutores da pesquisa, que chegam ao mundo basicamente depois de 1995. Mano estudou no colégio Aplicação, vinculado ao Centro de Educação da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Estimulado a refletir sobre o contato com a política que despertou o interesse dele, Mano elege o Aplicação como cenário definitivo que leva a essa predisposição, com as greves e o contato com sindicatos e professores, confirmando, portanto, os estudos que indicam que a escola é também responsável por despertar na criança e no jovem o interesse pela política.

Ainda garoto, Mano sente despertar a vontade de ler mais sobre política e de ter as próprias opiniões no assunto, devido à socialização no ambiente escolar. A própria coordenação do colégio estimulava o debate de ideias nos alunos, com discussões abertas para escolher a farda deles, e, nesse sentido, ouvindo a opinião dos estudantes e dando-lhes um certo tipo de autonomia, além de discussões de interesse maior, como a proposta da reforma da previdência, durante o primeiro governo de Lula. Foi a partir dessa situação social que o ainda garoto Mano

Ferreira começa a dar os primeiros passos dele dentro de uma área na qual viria a ser elemento importante, uma vez que ele ajuda no desenvolvimento da rede liberal que vem para separar o liberalismo do conservadorismo no Brasil, inaugurando, junto com outros jovens, a conduta apresentada com mais detalhes nesta tese.

Nesse contexto de debates eu fui me interessando em participar e fui me tornando um líder estudantil, me tornei presidente de turma, depois me envolvi com o grêmio. Tinha uma dimensão local, mas ao mesmo tempo repercutiam questões nacionais. (Registrada em dezembro de 2018)

Na entrevista de Mano Ferreira sobre seu contato na infância com a política, também se percebe a sutileza com que os mecanismos de socialização política compõem o cenário dessas experiências. O ambiente em casa não era exatamente de militância política, mas ele diz que seus pais consumiam informação, assinando jornais estaduais, como o Diário de Pernambuco e o Jornal do Comércio. Todavia, seria no Aplicação que o clima de decepção com o PT, que havia em casa, encontraria ressonância e se transformaria em discurso político. Mano lembra que era bem próximo de um professor de Educação Física, filiado ao PSTU, o combustível que o garoto não encontrou em casa foi acionado durante essa amizade, que acendeu a clareira das ideias políticas e mudaria para sempre a maneira como ele se via e passaria a ver o governo:

Apesar de eu nunca ter chegado a me filiar no PSTU, eu passei um ano e meio, assim, orbitando a comunidade do PSTU. Eu comecei a ter relacionamento com sindicatos que eram próximos ao partido. Éramos eu e outro colega, a gente teve até apoio para publicar um jornalzinho que a gente distribuiu pelo colégio. Vale lembrar que era no escândalo do mensalão, então, havia de minha parte uma indignação juvenil com o PT e essa ala da esquerda do PSTU criticava as alas da esquerda governista e eu tava mais próximo desse campo. Mas foi coisa rápida, durou cerca de um ano e pouco e aos quinze anos eu já tava questionando aquelas ideias e me identificando mais como um liberal. Muito rapidamente ao entrar na política, eu fui questionando algumas coisas e acabei me percebendo como um liberal. (Registrada em março de 2018)

O primeiro contato com as ideias liberais foi aos 15 anos, ainda no Aplicação, depois de uma aula de História da Arte na qual os alunos analisaram o quadro “Isto não é um

cachimbo”, do pintor belga René Magritte³⁶. Mano lembra que a partir desta obra saiu em busca de referências e chegou ao filósofo liberal Karl Popper. A reflexão gerada a partir deste encontro despertou a vontade de Mano amadurecer intelectualmente. O então garoto percebeu que os livros poderiam lhe ajudar nesse processo e, a partir, daí ele passou a se dedicar a ler mais, partindo de Popper para outros autores liberais. Todavia foi o Café Colombo, programa veiculado pela rádio universitária da UFPE, e que tinha à frente quatro estudantes da instituição, o responsável por organizar esse hábito, dando o foco e mais precisamente sugestões para o jovem aprendiz. “Era um programa sobre livros, mas foi através dele que eu conheci o Instituto de Ordem Livre, que publicava algumas coisas boas também”.

O Ordem Livre foi fundado por três jovens em Petrópolis/RJ e marca uma inserção mais orgânica de Mano dentro do que ele ainda não imaginava, mas já era o embrião da rede SFL. Em seu manifesto publicado no site³⁷, o Ordem Livre desenvolve todos os pontos que são apresentados aqui e que orientam a rede juvenil liberal no Brasil – o apreço pela liberdade como um bem que deve ser estendido a todos, o combate ao poder do Estado e dos grupos que dele se aproveitam e a predisposição do liberalismo em ser um tipo de razão global e multiforme, nos termos apresentados aqui e defendidos por Foucault (2008).

O Ordem Livre desenvolve um evento chamado *Liberdade na estrada* e Mano Ferreira foi um dos responsáveis a organizar o evento na UFPE, em 2009, primeiro ano dele em Jornalismo.

Para Mano, foi só na chegada à universidade como estudante de graduação que ele se sente como agente político de fato, aos dezenove anos de idade, com a mente permeada pelas ideias de liberdade e com foco no combate ao poder do Estado. As leituras cotidianas dos jornais impressos, o colégio Aplicação, o professor de Educação Física, a aula sobre modernismo, Karl Popper, o Café Colombo, o Ordem Livre e o Liberdade na Estrada construíram em Mano a plataforma social necessária para o agente político em que ele se transformou.

O evento que ele ajudou a organizar na UFPE o fez perceber que havia a necessidade de se organizar um grupo de estudos sobre liberalismo, que no começo não conseguia juntar mais de cinco jovens, persistindo, e já percebendo que não estava sozinho, foi prosseguindo até chegar em 2012, quando ele, junto com outros jovens liberais – e na entrevista ele cita o liberal

³⁶ Pintor belga que viveu no começo do século 20 e fez parte do movimento surrealista, que rejeitava os valores da sociedade burguesa e tinha forte influência das ideias psicanalistas de Sigmund Freud, responsável pelo desprendimento do inconsciente, proposto pelas obras que marcam o surrealismo. Os artistas Salvador Dali e Joan Miró também participaram do movimento.

³⁷ Confira o manifesto do Instituto Ordem Livre: http://ordemlivre.org/system/ckeditor_assets/attachments/6/manifesto.pdf. Último acesso em 06 de março de 2019.

Pedro Menezes –, fundam a EPL e começam a organizar grupos de estudo em todas as universidades onde conseguissem reunir jovens com a mesma disposição. Sobre o surgimento da rede de jovens liberais nas universidades, Mano contou outros detalhes, fazendo perceber a atuação das redes liberais, ainda em 2012, com jovens se aproximando, se identificando e se apropriando dessas redes e das ideias transmitidas por elas. Em Campina Grande, Gabriel será o primeiro a ter contato com as ideias da rede SFL e será, em grande medida, incentivado por elas. Ele narrou com alguns detalhes o momento em que surge a rede SFL:

[...] houve um evento organizado pelo Ordem Livre, que foi o Seminário de Verão, era a primeira edição do seminário e foi basicamente um evento que conseguiu reunir cerca de 30 jovens do Brasil todo, por quatro ou cinco dias, para ouvir palestras e participar de sessões de workshop. Nas sessões tínhamos que montar ideias e projetos e houve uma divisão dos presentes em quatro grupos, um dos grupos ficou responsável de pensar soluções para o discernimento das ideias liberais no meio acadêmico estudantil e desse grupo foi de onde surgiu a ideia de fazer o EPL. Mas aí ao longo desse seminário teve um momento que todos os grupos apresentaram as suas ideias e quem quis fazer parte do projeto se integrou ao grupo, foi assim que surgiu o EPL. A partir dali a gente começou a organizar um grupo de trabalho com quem tava ali e com outro que a gente conhecia da internet mas que não tava presente. A gente criou um grupo de email e foi discutindo algumas coisas e aí a gente se inspirou no modelo que já tinha nos EUA. A gente criou um conselho, uma espécie de núcleo duro que tinha o dever de tocar as atividades. E no primeiro momento a gente criou o que a gente chamava na época de embaixadas, que eram grupos de representatividade nas universidades, que iam ter como objetivo criar grupos de estudo nelas. Mas esse formato não deu tão certo e ele foi se aperfeiçoando. Hoje em dia existe um modelo de coordenações estaduais, locais e regionais. Eu participei desse processo de amadurecimento institucional. Eu fui conselheiro executivo num primeiro momento, e como era estudante de Jornalismo, eu fiquei responsável por toda a parte de comunicação. E depois quando a gente criou o modelo de coordenações, eu fui responsável por coordenar a região Nordeste. Foram dois anos de trabalho pra consolidar o EPL. (Registrada em dezembro de 2018)

A partir de 2014, a rede EPL/SFL começa a receber acessos de forma mais intensa. No cenário macro político, já havia acontecido a manifestação de rua em junho de 2013, era um ano eleitoral e Dilma caminhava para ser reeleita em meio às turbulências sociais provocadas pelo clima das manifestações do ano anterior. Em 2015, essas turbulências se transformaram em algo mais concreto, com discursos que pediam investigações dentro do PT, o impeachment

da presidente eleita e o fim da esquerda. Formava-se com isso um movimento com um posicionamento político mais à direita, muito embora o clima de descontentamento com o funcionamento do Estado brasileiro não deixasse vir à tona as particularidades do movimento.

Mano avalia que, pela ausência de organizações que não fossem de esquerda, a rede EPL acabou sendo acessada por uma variedade de posicionamentos políticos que não eram exatamente “liberais”. Tamanha visibilidade da rede fez com que seus jovens organizadores adotassem novas práticas e eles passaram a selecionar indivíduos que queriam se conectar ao projeto. Nessa explicação, Mano revela o traço já apontado, de que os jovens liberais não querem ser associados à direita nem aos conservadores, pois isso mina as chances de o liberalismo ter o espaço próprio dele e coloca em risco o projeto da rede liberal juvenil que começa em 2012, em Petrópolis, e, desde então, teve reflexos em todo o Brasil. Mano explicou a necessidade que eles sentiram de separar o liberalismo de outras ideias que poderiam abafá-lo da seguinte maneira:

Eu diria que o filtro nasce de um desejo de nos separar do que a gente chama dentro do movimento liberal de fusionismo, que é basicamente como a gente chama a tese das pessoas que acham que tudo que não é de esquerda tem que estar unido. Em outras palavras, aqueles que querem que liberais e conservadores se entendam como uma única coisa ou atuem juntos, organicamente. E eu diria que o SFL é institucionalmente anti-fusionista, ou seja, sempre defendeu a tese de que liberais e conservadores não devem andar juntos, especialmente porque a gente acredita que os conservadores atrapalham o crescimento do liberalismo, no sentido que dificultam que a gente consiga comunicar com clareza aquilo que nós somos, os nossos valores centrais. Eu acho que tem muita desinformação sobre o que é ser liberal no Brasil, por motivos históricos, por várias questões, e acho que essa confusão entre o que é ser liberal, o que é ser conservador e o que é ser de direita, acaba dificultando o crescimento do liberalismo e a própria compreensão correta do que significa ser liberal. Então, o SFL sempre teve essa postura anti-fusionista, sempre deixando claro que ser liberal não tem nada a ver com ser conservador. (Registrada em dezembro de 2018)

O posicionamento da rede liberal juvenil reverberou na Paraíba. Os liberais de Campina Grande fazem parte da rede e os que não estão diretamente nela são influenciados pelo mesmo entendimento, de que liberais e conservadores são diferentes e que é necessário que haja uma distinção entre os dois para que o liberalismo finalmente seja esclarecido no Brasil e cresça como movimento, focado em seus valores centrais e livre de outras conotações, que, na percepção de Mano Ferreira e dos jovens interlocutores, não pertencem ao liberalismo em sua

origem, mas lhe foi transmitido aqui por razões históricas, como expôs Manos e todos os outros liberais da pesquisa. Por isso, eles selecionam na história do liberalismo no Brasil o que tem sentido para eles.

O trabalho nas universidades desenvolvido por jovens voluntários do liberalismo nasceu da vontade que eles têm de apresentar para outros jovens os “ideais da liberdade”, a percepção construída disso é a de que o movimento liberal deles é diferente, mais comprometido com o liberalismo. Há nele uma certa novidade, quando eles propõem que o cenário político não seja visto tão somente pelo lado esquerdo ou direito, mas a partir da gênese do Estado brasileiro e dos atores sociais e grupos políticos que disputam o seu controle.

Mano Ferreira, Bia, Gabriel, Toni, Felipe e todos os outros interlocutores são unânimes em afirmar que estaria se formando uma nova “geração” de liberais brasileiros. O juízo que fazem, de que compõem uma nova geração, vem da sensação que tiram das suas próprias atitudes em relação à de liberais de outras décadas, que não se importavam em serem associados ao conservadorismo, em parte devido à época e ao contexto social e político em que estavam inseridos, ao contrário do jovem liberal apresentado aqui. No mais, há ainda os que chamam a si mesmos de liberais-conservadores, fundindo dois conjuntos de ideias políticas que, se avaliadas mais de perto, se contradizem. É por isso que, para os jovens que estão se dedicando às leituras e à reflexão das ideias escritas por liberais como John Stuart Mill (1991), eles não irão aceitar se fundir, em grande medida devido aos sentimentos em relação à política que sutilmente assimilaram dos processos de socialização pelos quais foram submetidos por meio de suas famílias ou escolas, de liberdade e tolerância com o diferente. Denota-se disso que os espaços onde o diálogo se sobrepõe à coerção ou à tirania são capazes de desenvolver nos indivíduos sentimentos e posições democráticas que se refletirão em algum nível na democracia formal, assim como acreditamos eu, Muxel (2014) e Giddens (1996).

CAPÍTULO 3: "LIBERAIS POR INTEIRO": IDENTIDADE POLÍTICA E PERCEPÇÕES SOBRE O LIBERALISMO

O propósito deste capítulo é examinar a concepção de liberalismo feita pelos jovens liberais de Campina Grande, que por sua vez implica diretamente as suas identidades políticas, no que eles escolheram como sendo significativo e representativo de seus modos de pensar a política e a vida em sociedade. Diante do cenário político conturbado, de transição de poder entre a esquerda e a direita, esses jovens escolheram um tipo de liberalismo que lhes diferenciam de outros agentes e grupos políticos, construindo um lugar próprio, que, em algum nível, os protege dos dilemas de um cenário macro. Nesse sentido, serão examinadas aqui a ideia que postulam de serem liberais “por inteiro” ou “de verdade” e ainda “antifusionistas”, para que o leitor possa compreender a estratégia da identidade liberal dos jovens de Campina Grande.

Tanto Giddens (2002) como Muxel (2014) acreditam que existe uma “nova estrutura normativa” das relações sociais estabelecidas no âmbito da modernidade, na qual o indivíduo moderno é interpelado a fazer as suas próprias escolhas, em razão de que a liberdade de escolher se torna uma obrigação. Nesse sentido, o coletivo de jovens liberais inaugura, de algum modo, uma tendência política no seio de suas famílias (com exceção de Bia), e isso pode ser representativo do tipo de escolha política proposta por Muxel (2014) e Giddens (2002). Sofia, Nanda, Gabriel, Beto, Toni, Tiago, Felipe e Júlio adotam condutas políticas diferentes das que foram socializados em suas casas, a partir do contato com conteúdos novos e, em alguns casos, até mesmo controversos para alguns deles, situação em que se enquadra Beto, Felipe e Toni, que acreditavam que o liberalismo seria uma forma de oprimir os trabalhadores e os pobres, e beneficiar os empresários e o sistema capitalista.

Desse modo, com esse panorama, percebe-se que as formas de envolvimento político dos indivíduos se tornaram mais individualizadas e menos institucionalizadas (MUXEL, 2014). Influências familiares ou religiosas, por exemplo, passam pelo crivo do agente, responsável por dar sentido às suas escolhas. Giddens (2002) acredita que um dos efeitos da modernidade é incitar nos indivíduos à reflexividade e, com isso, à monitoração de suas atitudes, o que quer dizer que eles atuam refletindo sobre as suas ações, podendo, com isso, alterar o curso de suas próprias vidas, a depender sempre dos recursos que estão disponíveis. Deve-se disso compreender que a identidade é resultado de um processo reflexivo (GIDDENS, 2002), logo, o foco é analisar a identidade política liberal a partir dos sentidos que ela tem para esses jovens, além das aplicações dela nos contextos onde atuam. Com base em Giddens (2009; 2002), Muxel

(2014, p.116) acredita que a concepção da identidade moderna, em certo sentido, seria “ontologicamente política”, por afirmar uma posição e uma visão de mundo. A escolha pessoal do indivíduo é tomada como ponto de significância, ele toma uma posição para se definir e sentir que existe em relação aos outros, portanto a individualização pode ser compreendida como o resultado do processo democrático (MUXEL, 2014).

Na presente pesquisa, percebeu-se que os jovens liberais de Campina Grande encontraram um ponto principal para basear a essência da identidade liberal que eles postulam. O Coletivo Luis Gama, principal grupo liberal de Campina Grande³⁸, nasce baseado no entendimento de que é preciso resgatar antepassados históricos do liberalismo, sob o intuito de limpar o passado do liberalismo, que em tantos momentos da história esteve atrelado ao autoritarismo e/ou ao conservadorismo. Com isso, o resgate de um passado essencialmente liberal, nos termos que eles defendem, é uma maneira de reposicionar o liberalismo, mas também de criar um sentido original para eles. Portanto, o essencialismo liberal tem fundamentado as suas afirmações em um passado histórico, de defesa da liberdade individual, econômica e política, desconsiderando, ou até mesmo negando, que sejam liberais grupos ou indivíduos que não seguem a mesma premissa.

Na percepção de Woodward (2014), aquilo que pode parecer apenas um argumento sobre o passado e a reafirmação de uma suposta “verdade” histórica, na realidade denota uma nova “posição-de-sujeito”, que afirma um sentimento de distinção de sua identidade no presente e não no passado. Nessa perspectiva, essa redescoberta do passado seria parte do processo de construção de uma identidade política que está em desenvolvimento no presente, na vida dos jovens interlocutores. Assim, os jovens liberais de Campina Grande resgatam elementos históricos significativos para eles, da identidade liberal, e, através disso, afirmam os termos atuais dessa identidade política.

Parto do pressuposto de que a identidade é construída numa relação com outras identidades, conseqüentemente, a identidade se desenvolve por meio da diferença em relação a outras identidades (BARTH, 2000; WOODWARD, 2014). Quando vista sob a perspectiva das identidades coletivas, as diferenças são ressaltadas pelos seus membros, e esses traços distintivos podem ser reais ou inventados, podem ter sido herdados ou assimilados em processos sociais, mas servem ao propósito de se distinguir de outras identidades, sejam elas étnicas, de gênero ou políticas (PIERRUCI, 1999).

³⁸ Detalhes ainda neste capítulo

Nesse sentido, é possível afirmar que a identidade liberal apresentada nesta pesquisa é construída numa relação com outras identidades políticas, que fornecem meios de ela existir, de marcar a diferença dela em relação a essas outras identidades. Logo, ser liberal é não ser conservador, ou ainda, ser liberal³⁹ é não ser de direita e também não ser de esquerda. Logo, a diferença é sustentada por uma exclusão (WOODWARD, 2014) que diz, se você é uma coisa, você não pode ser outra. Na percepção dos jovens liberais de Campina Grande que participaram deste estudo, se você é liberal, você não pode ser conservador. “A não ser que você seja conservador na sua vida e liberal na vida dos outros”, conforme Gabriel expôs em entrevista registrada. Esse é um entendimento comum entre todos os jovens interlocutores.

Outro ponto destacado por Woodward (2014) é que a identidade é marcada por símbolos. Existe uma associação entre a identidade de um indivíduo e o que ele usa. Estendo esse entendimento ao campo das ações e da fala, compreendendo que também existe uma associação entre a identidade de um indivíduo e o que ele faz e diz, em razão de que a identidade conforma as ideias, os gostos e as escolhas de uma pessoa. Em consequência disso, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social (WOODWARD, 2014).

No que tange à identidade política liberal, foi percebido que os jovens interlocutores associam-na ao que um liberal “de verdade” deve fazer ou dizer, por isso eles afirmam que um liberal pode ser conservador na vida dele, contanto que não seja na vida dos outros. Essa sentença parece querer definir também a diferença entre eles e os conservadores, que são conservadores em casa e na rua. E ser conservador na vida pública, definitivamente, na percepção deles, não teria nada a ver com ser um liberal. O destaque é feito então na atitude do indivíduo, aquilo que ele diz e faz o torna um liberal.

Além disso, a defesa das liberdades políticas (e/ou individuais) também é uma maneira de se diferenciar da direita, e a defesa do livre mercado é uma maneira de se diferenciar da esquerda. Ambas as pautas são significantes da diferença e da identidade política liberal. Entretanto, esse entendimento estará sempre implicado nas atitudes da pessoa e na forma com que ela concebe a vida em sociedade. Portanto, os jovens liberais esperam um certo tipo de conduta e de posicionamento político e social dos que se afirmam como liberais. Dessa maneira, a ideia de “liberal de verdade” sustenta uma certa vigilância em relação aos demais.

Para fins de exposição e compreensão do conteúdo que se seguirá, esse capítulo será dividido por partes, na primeira delas o leitor irá encontrar as concepções de liberalismo feitas pelos jovens liberais de Campina Grande, o significado e a funcionalidade da liberdade para os

³⁹ Nos termos do liberalismo proposto nesta tese, com base na percepção dos jovens liberais de Campina Grande.

liberais e os valores e as qualidades que eles imaginam que um liberal “de verdade” deve ter. Na segunda parte do capítulo, serão apresentadas as percepções que eles fazem da esquerda e da direita e as motivações que os fazem querer ser “antifusionistas”. Na terceira parte do capítulo, os jovens liberais de Campina Grande discutem as suas atuações políticas e as impressões que imaginam causar nos outros. Na quarta parte do capítulo, serão apresentadas as ações desenvolvidas pelos jovens liberais na divulgação de seus posicionamentos e ideais políticos. E por fim, na quinta parte deste capítulo, será discutida a “alma liberal”.

Contudo, antes disso apresentarei aqui a interessante cisão que houve entre os jovens que se autodeclaravam liberais em Campina Grande, logo após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, resultando na criação do Coletivo Luís Gama.

De Tropeiros Libertários a Coletivo Luís Gama: a importância da identidade

Um dos marcos da pesquisa se dá bem no começo dela, ainda em 2016, quando o país vivia o clima do impeachment que polarizou a sociedade entre os que eram contra e a favor dele.

Em Campina Grande, eu estava dando início à pesquisa propriamente dita, que teve seu começo a partir do encontro no CCJ com Toni e Gabriel, em junho de 2016. Naquela ocasião, eles disseram que faziam parte de um grupo liberal chamado “Tropeiros Libertários”, seis integrantes da pesquisa participavam com eles do grupo: Sofia, Tiago, Nanda, Felipe, Beto e Júlio. Juntos eles formavam o principal núcleo do Tropeiros, responsável pelos eventos e pelas publicações que se faziam na página oficial do grupo no Facebook.

Entretanto, o Tropeiros havia sido fundado por um estudante de Administração da UEPB, em fevereiro de 2016, irei chamá-lo aqui de Davi. Este, por sua vez, estava dando os primeiros passos dentro do liberalismo junto com seu grupo. No Tropeiros, Davi se posicionava como um diretor, em parte por entender que o grupo lhe pertencia, pois havia sido criado por ele. Desde o começo, percebi que aquela formação poderia não durar muito tempo, em razão de que as diferenças entre Davi e os jovens liberais de seu principal núcleo saltavam aos olhos dos que minimamente paravam para observá-los.

Apesar de todos atuarem no grupo como voluntários, ou seja, não eram remunerados para as atividades e usavam o tempo livre que tinham para ajudar nas demandas do Tropeiros, Davi tinha uma clara voz de comando, distribuindo atividades e cobrando resultados dos colegas, porém, é importante dizer que isso não parecia ser um problema para os jovens liberais,

valia pela vontade que tinham de divulgar o liberalismo em meio ao clima de mudança política do período.

A cisão propriamente dita ocorre quando o já referido núcleo decide pedir pela alteração do nome que lhes representava. O fato foi visto por Davi como uma afronta e, desse modo, a sugestão feita por aqueles membros, de colocar um outro nome no grupo que ele criou, foi encarada por Davi como uma insubordinação. Apesar de o grupo ter buscado o entendimento através de uma votação improvisada, Davi se mostrou intransigente e ele mesmo promoveu a dissolução do Tropeiros Libertários.

Efetivamente, o grupo se dissolveu, porque aquela formação não existe mais. Depois disso, o principal núcleo do Tropeiros Libertários fundou o Coletivo Luís Gama, e o que sobrou do Tropeiros foi levado adiante por Davi, mas agora sob o nome Instituto Tropeiros, de conotações conservadoras que ficariam mais evidentes a partir de 2018, quando Davi apoiou publicamente a candidatura de Jair Bolsonaro, ainda no primeiro turno da campanha eleitoral.

Toda essa discussão para troca do nome que os representaria se deu no WhatsApp do grupo e por lá mesmo Davi lançou a sentença de que se retirasse imediatamente os que não aceitavam o nome escolhido por ele, pois aquele grupo não iria mudar de nome. “Quem quiser outro nome que abra o seu próprio grupo” foi a frase proferida por Davi antes que os membros mais atuantes do Tropeiros Libertários o abandonassem.

O fato interessante que será aqui analisado brevemente é a não identificação do núcleo do Tropeiros Libertários com o nome escolhido por Davi, núcleo este que compõe integralmente a presente pesquisa, é importante lembrar. Na época, Felipe foi um dos que argumentou para Davi que eles gostariam que o nome do grupo estivesse atrelado a alguma figura liberal histórica no Brasil e que, além disso, o nome trouxesse o termo “coletivo” para simbolizar a união deles. Este último desejo do núcleo foi bloqueado de imediato por Davi, alegando que “coletivo” era usado por grupos “de esquerda” e que, portanto, essa ideia estaria fora de cogitação, sentenciando logo depois que aqueles que não concordavam com ele poderiam se retirar.

Destaco que, tanto o núcleo principal, como o fundador (Davi), discordavam do nome que os identificaria para outros indivíduos, porque ambos nutriam uma diferente percepção de si mesmos e do liberalismo. Enquanto o termo “coletivo” causava estranhamento para Davi, pois lhe remetia aos grupos de esquerda, para os jovens colegas de seu núcleo principal ele seria uma forma de simbolizar a reunião deles em torno do liberalismo, portanto serem casualmente confundidos com pessoas de esquerda poderia não ser um problema para os jovens liberais de Campina Grande apresentados nesse trabalho, ao contrário de Davi.

Além disso, Davi e Gabriel exerciam dois tipos de liderança dentro do Tropeiros Libertários. Gabriel tinha uma liderança intelectual, em razão de que ele estava no movimento liberal desde que tinha quinze anos, o que lhe conferia quatro anos de inserção e, com isso, um conhecimento apurado das ideias e dos autores liberais. Por conta disso, também era ele quem mais sabia falar sobre liberalismo e o que naturalmente mais conseguia engajar liberais dentro do movimento.

Davi, por sua vez, tinha se tornado liberal havia poucos meses, desde o final de 2015, quando ele viu uma publicação do apresentador Danilo Gentili, chamando jovens para serem coordenadores no movimento promovido, na época, pela rede EPL (Estudantes pela liberdade). Certamente houve uma identificação entre Danilo Gentili e a rede de estudantes liberais. Importante frisar que apenas Davi relata seu engajamento através deste apresentador, todos os demais jovens interlocutores chegarão ao liberalismo através da internet, das aulas, professores ou colegas, como já foi narrado.

Davi, então, decide formar um grupo de estudos liberais para engajar outros jovens dentro da universidade, porém, apesar de sua vontade de liderar os colegas liberais, estes encontravam em Gabriel um perfil mais amadurecido dentro do movimento e, portanto, mais propício a dar referências e opiniões sobre as dúvidas que muitos traziam. Com isso, restava a Davi ser o diretor do grupo, o responsável por pensar as diretrizes, como planejar em quais dias da semana seriam publicados conteúdos liberais no Facebook, ou ainda qual o nome que serviria como identificação do grupo para outros indivíduos. As afinidades se concentrarão em Gabriel, a pesquisa sugere que isso se deve ao fato de ele e os jovens interlocutores terem incorporado ideias e valores (de esquerda) correspondentes em suas famílias ou colégios.

É relevante apresentar a informação de que, em 2014, Davi havia votado em Dilma Rousseff e feito campanha pela reeleição dela dentro e fora da UEPB, segundo breve relato que ele fez a respeito de sua trajetória até o liberalismo. Como justificativa do voto e da campanha em favor de Dilma, Davi disse que havia sido “influenciado” pelos professores e colegas da instituição, na tentativa de retirar de si mesmo a escolha eleitoral que fez. Já no ano seguinte, 2015, Davi se engaja pelo impeachment da então eleita presidente Dilma, expondo em suas mídias sociais a sua mudança de opinião, que para ele teria acontecido depois que a “verdade” por trás das ações do PT surgiu, ignorando que também nesse caso ele pode ter sido influenciado, mas dessa vez pela mídia social e/ou corporativa.

Desse modo, Davi, apesar de querer, não era visto pelos jovens liberais de Campina Grande como um líder e sim como um diretor que exercia sobre eles algum nível de comando,

situação que eles aceitavam com o propósito da união do grupo em torno do crescimento do liberalismo na cidade.

Com o fim do Tropeiros Libertários, o núcleo de ex-integrantes funda um novo grupo, agora homenageando uma figura liberal que lhe é valiosa, o abolicionista Luís Gama. Ressalto que este núcleo está presente por completo aqui nesta tese, com exceção de Bia.

A socióloga Angela Alonso (2015) desenvolveu um trabalho de pesquisa sobre a importância do movimento abolicionista brasileiro, afirmando com isso que ele foi necessário para sensibilizar a sociedade para a situação do povo negro, milhares de homens, mulheres e crianças que viviam de forma precária e desumana, sob o domínio e a tortura de senhores e senhoras da elite econômica nacional. Dentre os abolicionistas do movimento estudado por Alonso (2015), está Luís Gama, ex-escravizado, autodidata e advogado da causa em favor da libertação e da reinserção social do povo negro, portanto uma trajetória política significativa para os jovens liberais que, a partir desta trajetória, criam uma identidade unificadora e passam a afirmá-la ainda com mais clareza. Nesse sentido, assisti Toni, Sofia, Gabriel, Felipe, Tiago, Nanda, Beto e Júlio fundarem um novo grupo, que conformava ainda mais as suas preferências políticas de liberalismo político, filosófico e econômico.

Em conversa comigo após extinção do Tropeiros Libertários, Davi disse que, na verdade, nunca se identificou muito com Gabriel, Sofia e os demais ex-integrantes, porque achava que eles eram muito “de esquerda”.

Por outro lado, Júlio, em conversa registrada em novembro de 2018, revelou que, na época, chegou a achar um pouco “injusto” a saída dos colegas do grupo criado por Davi, todavia, naquele dia registrado pela pesquisa, Júlio diz perceber que foi “a melhor decisão”, observando a diferença que havia entre eles e Davi, que não era percebida inicialmente, mas ficou clara a partir do momento em que Davi expôs nas mídias sociais mais uma mudança de opinião: o apoio a Jair Bolsonaro ainda no primeiro turno das eleições presidenciais. Essa declaração política e eleitoral surpreendeu a todos os jovens liberais que participam da pesquisa. Sofia, que, de todos, era a que tinha mais proximidade com Davi, confidenciou que estaria “totalmente decepcionada” com a escolha do ex-colega. “Como é que ele tem a coragem de dizer que vai votar em Bolsonaro? Um cara que persegue as minorias. Ainda não consigo entender como ele pôde fazer isso”, se questionava Sofia.

A missão de Davi, afirmada por ele e registrada em diário de campo, também recordada por todos os jovens liberais da pesquisa, seria a de divulgar o liberalismo para aqueles que não conheciam ou até mesmo para aqueles que têm uma visão “deturpada” do que seria esse tipo de posicionamento político. Esse seria o único propósito do extinto Tropeiros Libertários em

conversa registrada, em agosto de 2016. Propósito que ainda é o do Coletivo Luís Gama. Por isso Sofia diz não entender como Davi pôde ter declarado apoio a Bolsonaro e ao bolsonarismo, uma vez que tanto o político como o movimento encabeçado por ele contribuem para uma visão do liberalismo atrelado ao conservadorismo e à direita, situação que é objeto de combate de todos os jovens liberais que participam desse trabalho e que já pertenceu também a Davi.

Woodward (2014) acredita que os grupos, na maioria das vezes, procuram elementos históricos e culturais ou biológicos e naturais para afirmarem a sua essência, a particularidade de suas identidades, principalmente quando esses grupos surgem em cenários de transformação política e social. Seja como for, uma crença na identidade histórica ou biológica envolve o desenvolvimento de uma convicção, baseada na busca e na existência de uma identidade verdadeira, que dará a um determinado grupo uma concepção unificada de sua identidade.

O presidente do Instituto Luís Gama⁴⁰, o professor, jurista e filósofo, Silvio Almeida, defendeu em podcast do periódico literário Quatro Cinco Um⁴¹ (numa edição que discute a vida e a obra do abolicionista republicano) que o desconhecimento no Brasil da história de vida do advogado dos escravizados seria um indicativo da “miséria moral, intelectual e política” que circunda o país. No podcast, Silvio Almeida afirma que Gama teria sido o precursor dos direitos humanos no Brasil, apoiado nos ideias republicanos e iluministas franceses, tendo usado o Direito e o aparato da justiça para libertar negras e negros escravizados.

Dessa maneira, a escolha do nome “Coletivo Luís Gama” empresta todos os elementos necessários ao projeto político e social dos jovens liberais apresentados neste estudo, de luta contra a opressão e de defesa da liberdade, ideais encarnados por Luís Gama, que usou o Direito para combater uma instituição que sobreviveu por trezentos anos no Brasil, como foi a escravidão. Nesse sentido, a identificação com o abolicionista republicano emprega o caráter que eles imaginam que tem o liberalismo, defensor das liberdades econômicas, mas também individuais. E essa identidade também tem como estratégia limpar um pouco o passado antiliberal do liberalismo no Brasil, resgatando uma história, uma trajetória política ilibada como a do ex-escravizado brasileiro Luís Gama.

⁴⁰ “O Instituto Luiz Gama (ILG) é uma associação civil sem fins lucrativos, formada por um grupo de juristas, acadêmicos e militantes dos movimentos sociais que atua na defesa das causas populares, com ênfase nas questões sobre os negros, as minorias e os direitos humanos”, trecho retirado do site da instituição na internet. Ver: <http://www.institutoluizgama.org.br/index.php>. Último acesso em junho de 2020.

⁴¹ Luiz Gama no campo de batalha: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/podcasts/r/luiz-gama-no-campo-de-batalha>. Último acesso em julho de 2020.

Parte 1 : Concepções do liberalismo pelos jovens liberais

É importante expor que todos os jovens liberais interlocutores desta tese percebem o liberalismo, de certo modo, como uma filosofia que guia as suas vidas, um conjunto de valores e de crenças que funcionam como uma diretriz que lhes diz como deve ser a vida em sociedade, qual o papel dos políticos, dos cidadãos e do Estado no convívio de uns com os outros. Conforme o leitor irá perceber, a liberdade aparece como um sentimento e é enaltecido pelos jovens liberais de Campina Grande como uma forma, inclusive, de medir o liberalismo de indivíduos que se autodeclaram liberais. Dito de outra forma, a liberdade funciona como um meio de os jovens liberais de Campina Grande medirem a tolerância dos que dizem defendê-la, uma vez que abraçar a liberdade de maneira ampla garante que ela seja estendida a variadas formas de exercê-la. “Você não consegue defender a liberdade sendo intolerante, você precisa ser aberto ao que pode ser totalmente contra as suas crenças pessoais”, defendeu Toni em conversa registrada em diário de campo. Ressalta de sua afirmação uma maneira particular de se compreender a liberdade. Nesse caso, há uma associação à tolerância, o liberal “por inteiro” seria uma pessoa “tolerante”. É interessante que Toni e seus amigos liberais exponham a liberdade em meio a um ambiente político de disputas e de expressão de ideias muitas vezes intolerantes, como é possível acompanhar desde as eleições presidenciais de 2014.

Desde o começo da pesquisa, a ideia de liberdade se mostrou como um paradigma, um ideal a ser defendido, disso resulta o entendimento que eles têm de que o Brasil não é um país liberal, devido ao seu caráter “autoritário” e “punitivo”.

Schwarcz (2019) aponta que alguns brasileiros e brasileiras costumam pensar que formam um povo tolerante, pacífico e acolhedor, entretanto ela sinaliza que a história política e social do Brasil indica uma sociedade construída com índices alarmantes de variados tipos de violência e de desigualdade econômica abissal. Desse modo, no Brasil, criou-se, historicamente, o mito da tolerância e do respeito às diferenças, em um passado idealizado que oculta uma realidade perversa, herdada dos mais de trezentos anos de escravidão e de dominação colonial, não obstante a cruel realidade nacional, a sociedade brasileira naturaliza a violência, a corrupção e a pobreza, o que reforça o mito da tolerância, ao tornar natural graves problemas sociais e políticos (SCHWARCZ, 2019). Todavia, Schwarcz (2019) acredita que, desde 2016, pós impeachment da presidente Dilma Rousseff, o “ritual da tolerância” entrou em xeque, devido à expressão intolerante que se passou a enxergar na declaração aberta de opiniões de caráter misógino, racista e/ou xenófobo. Esse momento pelo qual o Brasil passa no começo

do século 21 expõe a face severa e autoritária que andava oculta pelo mito do Brasil tolerante (SCHWARCZ, 2019).

Gabriel diz que o liberalismo “deixa a vida das pessoas em paz”, valendo-se da máxima que defendem de “amar a liberdade alheia”, frase retirada de “O abolicionismo”, escrito por Joaquim Nabuco, em 1883⁴². Essa frase costuma ser repetida pelos jovens liberais de Campina Grande quando estão falando do liberalismo, entretanto é possível que ela também seja proferida por jovens de outras cidades brasileiras, devido à influência da rede SFL⁴³, que também costuma posicionar o liberalismo nestes termos, de defesa da “liberdade alheia”, também nesse caso inspirada em Nabuco.

Assim como Luís Gama, Joaquim Nabuco exerce sobre esses jovens uma espécie de fascínio, malgrado a sua atuação política não ser considerada plenamente liberal pela literatura acadêmica que se propôs a estudá-lo, mas, para eles, Nabuco foi um personagem que ajudou a construir o pensamento político liberal e deve ser analisado levando em conta as circunstâncias políticas e sociais do tempo em que atuou. “Não é a mesma época, mas os valores do liberalismo estão lá”, observa Toni em suas entrevistas em profundidade.

Sobre a vida e a atuação política complexa de Joaquim Nabuco durante a monarquia e início da república no Brasil, há contribuições de pesquisadores (VIANA FILHO, 1973; NOGUEIRA, 2010; ALONSO, 2007, 2015; MARTINS, 2015; UEMORI, 2001, 2004) que tentam compreender seu pensamento social contextualizando-o à época histórica em que viveu.

Uemori (2001, 2004) indica que Nabuco está vinculado à tradição dos intelectuais e bacharéis que atuaram na “missão de civilizar o povo” e à própria aristocracia da qual faziam parte. Nabuco, particularmente, acreditava carregar a “consciência” da nação que surgia. Em sua dissertação de mestrado em História, Uemori (2001) analisou a atuação política, as propostas e os discursos de Nabuco durante o império português. O autor aponta que o abolicionista foi “homem de uma só ideia”: abolir a escravidão e fazer reformas sociais que preparassem o país para a modernidade, entre elas, a reforma agrária. Uemori (2004) observa que essas questões absorveram “completamente” Nabuco, levando-a a imaginar, através de suas ideias analisadas em documentos históricos, o desmanche da herança colonial dando lugar a um país livre, com pequenos proprietários de terra, com o povo instruído e preparado para a industrialização. Entretanto, Lynch (2012) sinaliza que, no contexto social e político onde

⁴² Confira <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1078/667747.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Último acesso em 28 de novembro de 2019.

⁴³ Ao final deste capítulo, será apresentado o surgimento da rede SFL com base na entrevista com um de seus fundadores, uma referência de liderança liberal para os jovens interlocutores e indicado por eles para participar deste trabalho.

Nabuco atuava, havia várias facções da aristocracia que disputavam o protagonismo frente ao império e, posteriormente, com a queda dele provocada por essas mesmas facções, elas passam a disputar o controle das decisões da república, e isso tem implicações na maneira com que Joaquim Nabuco passará a atuar.

Na opinião de Lynch (2012), as pesquisas que tentam traduzir a atuação política de Joaquim Nabuco pós monarquia sofrem os efeitos da complexidade histórica na qual ele se insere. Desse modo, Lynch (2012) sugere uma “interpretação alternativa” do pensamento de Joaquim Nabuco no início da república no Brasil, defendendo que, nesse período, Nabuco se vê diante de uma nova conjuntura política, na qual percebe a instabilidade e a sanha, pelo poder, dos fazendeiros escravocratas e de parte das oligarquias que aderiram ao “golpe republicano”, tornando impossível, na percepção de Nabuco, o estabelecimento de uma democracia liberal, e pondo fim à possibilidade de realização de suas ideias reformistas. Nos estudos de Nogueira (2010), são apresentados os arranjos da trajetória política de Joaquim Nabuco, que foi de entusiasmado abolicionista e reformador à monarquista saudoso do império e, por fim, um efusivo pan americano. Entretanto o pesquisador sugere que as transformações de pensamento de Nabuco estavam vinculadas ao liberalismo praticado na época. Na realidade, Nabuco pode ser interpretado como um intelectual orgânico, iniciador de uma revolução burguesa que nunca chegou de fato a ocorrer no Brasil durante a época em que viveu, pois a sua visão de distribuição de pequenas propriedades rurais pretendia alcançar uma base democrática onde a sociedade pudesse se desenvolver (NOGUEIRA, 2010).

Os jovens liberais de Campina Grande fundamentam as suas ideias na primeira fase da vida política de Joaquim Nabuco – que pode ser entendido, nesse período, como um vanguardista de uma revolução burguesa idealizada (NOGUEIRA, 2010), por causa de suas propostas de reformas estruturais, como a reforma agrária e ainda a libertação dos escravizados, “alma e corpo” do Brasil. Nesse sentido, os sentimentos em relação à política carregados por esses jovens, de liberdade e justiça, são acionados através da identificação com o Nabuco abolicionista, mas também com Luís Gama, de modo que a síntese da identidade política liberal é movida através de elementos históricos essenciais durante o presente em que é vivenciada, marcando aqui a posição sujeito de que fala Woodward (2014), estudiosa das identidades político-nacionais. Ademais, a história aqui ganha o caráter reflexivo no qual os agentes meditam sobre ela e incorporam o que tem sentido (GIDDENS, 1997a); os interlocutores retiram da história do liberalismo no Brasil elementos que têm sentido para eles, ou seja, eles recortam no passado algo que tem sentido em suas vidas atuais. O contrário acontece com algo que eles não se identificam e que não tem sentido associar às suas atuações políticas quando,

por exemplo, suprimem a atuação de autodeclarados liberais, como Carlos Lacerda. Este de maneira alguma aparece em suas narrativas, certamente devido ao envolvimento dele com o golpe militar de 1964.

Liberdade: uma régua que mede quem é liberal “de verdade”

Gabriel acredita que defender a liberdade é a principal tarefa de um liberal “[...] é que nós defendemos e acreditamos que a liberdade não precisa de justificativa, o exercício do poder é que precisa ser justificado”. De todos os jovens interlocutores, Gabriel, assim como Bia, é um dos que hesita em classificar o liberalismo que eles defendem como um “liberalismo de verdade” ou “por inteiro”, pois, na percepção dele, só existe um tipo de liberalismo, com isso Gabriel pretende se afastar da disputa da imagem liberal. “[...] tem muitas formas hoje de querer classificar, mas eu diria que no geral a gente defende a liberdade”. A liberdade, além de ter uma relação com a tolerância, aparece na narrativa dos jovens liberais associada a uma prática política, em razão de que, quanto mais um país concede liberdades políticas e sociais aos seus cidadãos e cidadãs, mais ele se torna liberal.

Macedo (1997) estudou os discursos políticos e sociais do segundo reinado brasileiro e escolheu o “tema-problema” da liberdade, central nos debates daquele período, com o intuito de compreender o processo de formação das ideias e do pensamento social e político no Brasil durante o século 19 e seus efeitos na sociedade contemporânea. O autor indica que a sociedade imperial discutia bastante o tema da liberdade, contudo, não colocava em prática os valores apreendidos dessa discussão. Nisso, Macedo (1997) percebe uma semelhança, certamente herdada desta sociedade pela sociedade brasileira atual, pós-constituição de 1988, que se acredita pacifista, porém convive há décadas com índices assustadores de violência e desigualdade social.

Na elite do final do império, havia uma negação da liberdade humana em níveis psicológicos, devido à “proliferação” de determinismos positivistas que se refletiram em contextos políticos, econômicos, educacionais e, conseqüentemente, sociais (MACEDO, 1997). Macedo (1997) sinaliza ainda que um projeto liberal-democrático se fundamenta em uma sociedade por meio de instituições livres, porém, elas são frutos de homens e mulheres que acreditam na liberdade como valor democrático e, acima de tudo, que colocam em prática este valor.

Macedo (1997) pondera e defende que a liberdade política é uma consequência da liberdade interior e sua conceituação é diversa, causando uma complexidade ao problema da

liberdade, por ela abranger questões éticas, morais, psicológicas, religiosas, econômicas, políticas, sociais e até mesmo físicas. A liberdade em uma democracia está diretamente envolvida com a concepção de liberdade interior concebida pelos indivíduos que a regem (MACEDO, 1997).

Da mesma maneira, Macedo (1997) defende que depois da Revolução Francesa a liberdade se torna um problema prático de implicações políticas, em razão de que ela acentua a liberdade como coexistência de outras liberdades. Com o surgimento do liberalismo no século 19, a liberdade se transforma em ideologia política, que logo transcende e se estende ao econômico e ao social. Nessa perspectiva, Macedo (1997) sugere o nascimento de uma ideologia com conotações religiosas, pois o liberalismo concebe a liberdade como uma “religião”, por colocar esta acima de quaisquer outros valores, sobrepondo-se ao confronto das liberdades “concretas”, de forma contínua e inesgotável, pois está sempre a postos para despertar novas liberdades. Nasce desse entendimento uma noção de liberdade “dentro do Estado”, uma vez que este tem o dever de proteger o indivíduo dentro de uma esfera que seja exclusivamente individual (MACEDO, 1997).

Do mesmo modo, os jovens liberais de Campina Grande entendem o papel do Estado, de proteger as liberdades políticas e individuais, e se ele faz o contrário, promovendo a repressão e ilegalidade de determinadas práticas humanas, ele está infringindo este valor, portanto, não pode ser considerado como um Estado liberal. Nasce deste entendimento a noção de liberdade, que, na realidade, também funciona como um filtro, através do qual medem o nível de liberalismo de outros indivíduos liberais.

De acordo com a percepção de Gabriel e de seus amigos liberais de Campina Grande, o Brasil não seria um país liberal, haveria “algumas liberdades”, porém não seria uma marca da sociedade brasileira deixar que cada um viva a sua vida da forma como quiser. Com isso, a sociedade brasileira também não é percebida como uma sociedade liberal, mas sim conservadora em muitos aspectos. Assim, os jovens liberais de Campina Grande compreendem que a liberdade não é tolhida apenas através do poder que o Estado tem de regular e arbitrar a vida em sociedade, mas que ela pode também ser reprimida pela matriz autoritária da sociedade brasileira, observada por Schwarcz (2019).

Desse modo, deixar a vida das pessoas em paz, como Gabriel definiu o liberalismo, quer dizer que as pessoas precisam ser livres para empreender, correr riscos, se associar, amar, comprar, são alguns dos exemplos que aparecem em suas entrevistas em profundidade. “Você não deve justificar porque você quer fazer x ou y, quem quer lhe impedir de fazer x ou y é que deve justificar porquê você deve ser impedido”, explicou Gabriel em entrevista.

Inspirados ainda numa ideia de “liberdade negativa”, na qual não devem existir obstáculos ou instrumentos de coerção para que o indivíduo exerça o seu arbítrio (BASTIAT, 2016), jovens como Gabriel e Toni, e os demais que participaram desse trabalho, encaram o governo e mais necessariamente os legisladores como que fazendo parte de uma grande estrutura governamental que regula e oprime os cidadãos e as cidadãs. Desse modo, Gabriel explicou que a noção de *liberdade negativa* concebida pelo liberalismo e defendida por eles se fundamenta no argumento de que as pessoas (e o Estado) não devem interferir na vida das outras.

Com essa defesa dos jovens liberais e a explicação de Gabriel, que pode também ser fundamentada em Berlin (2002), deve-se entender que a não interferência do governo ou de qualquer outro agente com poderes acarreta uma noção negativa do sentido de liberdade. Para Berlin (2002), ser livre é não sofrer interferência de outros em suas decisões privadas e não tem nada a ver com felicidade humana ou consciência tranquila. O indivíduo pode ser alcoólatra, mas ainda assim deve ter garantido o direito de ser livre, até mesmo para fazer mal a si próprio, esse foi um exemplo dado por Felipe, quando argumenta que ele não é usuário de “nenhum tipo de droga”, e que, ainda assim, defende que os indivíduos sejam livres para fazê-lo, caso queiram.

Na explicação de Gabriel e Felipe, a defesa da liberdade tem o sentido de “liberdade negativa” porque ela prevê a não interferência de outros, afastando (ou restringindo) a interferência de governo ou de terceiros. A ideia de liberdade negativa pode ser melhor compreendida se encarada como um tipo de liberdade na qual é permitido fazer o que eu poderia fazer. É simplesmente uma área da vida em que se pode agir sem ser impedido por outros, quanto maior for a área de não interferência, maior seria esse tipo de liberdade (BERLIN, 2002). Não importa exatamente quem exercerá a autoridade, mas, sim, quanto de autoridade será colocada nas mãos dele, pois a democracia, tendo o direito de intervir, não é equivalente à liberdade (BERLIN, 2002).

Ainda assim, da palavra *liberdade* derivam muitos sentidos e por isso os liberais acreditam que a liberdade individual, ao longo da história, tem perdido a sua conotação essencial e, com isso, o indivíduo tem perdido um pouco a sua liberdade (HAYEK, 1983). Sumariamente a liberdade dos indivíduos estaria sendo negociada em troca de “privilégios”, de segurança, de ideais nacionais ou de ideologias, e, por isso, para os liberais, a liberdade não implica a posse de bens materiais ou a inexistência de dificuldades. O sentido no qual a palavra é empregada por eles pode remeter ao significado mais antigo do termo e ao começo de toda a

empreitada liberal: a de não ser escravizado ou de não estar submisso às ordens de um poder soberano e absoluto.

Toni disse que a “essência” do liberalismo estaria na “ideia de apreço à liberdade do outro”, repetindo basicamente a mesma percepção do amigo Gabriel, que se estenderá a todos os jovens interlocutores da tese. Logo em seguida, Toni posicionou o indivíduo liberal como aquele que não é “liberal por conveniência”: “Uma pessoa que é só liberal na economia não é liberal, ele é economicamente liberal, ponto. Ele não é liberal”. Toni explicou que um “liberal por conveniência” é aquele que defende apenas a liberdade econômica, porque tem interesses materiais nessa pauta especificamente, abafando as liberdades políticas e individuais, pois elas não seriam convenientes para ele. “Um liberal na economia e conservador nos costumes não é um liberal de verdade”, sentenciou Toni.

Quando questionado como seria possível identificar um liberal “de verdade”, Gabriel argumentou que “[...] o elemento que distingue o liberal de todas as outras correntes políticas é a capacidade de entender que até as coisas que você mais odeia devem ser livres”. Na opinião de Gabriel, seria “fácil” reconhecer um liberal “de verdade”, bastaria, para isso, observar a capacidade de ele aceitar comportamentos e ideias que reprova. Com isso, ele quer afirmar que um liberal deve ser capaz de tolerar comportamentos de que não gosta, sem acionar a autoridade policial do Estado, ou seja, sem usar a lei e a força para proibir um determinado comportamento. Em ambos os casos, os jovens querem definir a diferença deles de pessoas que se autodeclaram liberais, mas que não toleram que o outro viva livremente a partir dos valores que carrega, ou seja, quer impor os seus costumes e valores também para os outros, desse modo, não poderiam ser considerados liberais porque, na percepção deles, o liberal é aquele capaz de tolerar e conviver com as diferenças.

Nesse sentido, Toni disse em entrevista que só seria possível identificar um liberal pela “conversa”, ao ouvir a opinião de uma pessoa sobre economia e costumes, por exemplo. “Eu acho que não tem estereótipo de como é um liberal. É algo que a gente só consegue ver na conversa e nas coisas que ele faz”.

Dessa maneira, Toni e Gabriel revelam que o modo de pensar o convívio em sociedade seria a única maneira de saber se uma pessoa é liberal ou não, pois a “conversa” seria capaz de revelar o grau de tolerância presente no íntimo dela, na medida em que tolera certas práticas sem que defenda a intervenção da lei ou do Estado. Logo, o que um indivíduo diz sobre a vida em sociedade, as coisas que defende que sejam regulamentadas, seria um jeito “fácil” de reconhecer um “liberal de verdade”. Por conseguinte, quanto mais um indivíduo preza pela

intervenção do governo, menos ele é liberal. E se ele usa o Estado para proibir “coisas que ele não gosta”, definitivamente não será considerado liberal para os jovens de Campina Grande.

Sofia acredita que existe um “liberalismo puro”, que seria basicamente a junção da liberdade econômica com a liberdade política e social. Ela também afirmou em entrevista que um liberal “de verdade” tem que ter “bondade” e a capacidade de “aceitar” as escolhas individuais de outras pessoas. “[...] tem que conseguir entender o problema do outro acima do seu preconceito”, defende. Sofia percebe que “existem pessoas” que só gostam da parte econômica do liberalismo. Assim como Toni, a jovem acredita que elas se “aproveitam” do discurso de liberdade econômica.

No entendimento de Sofia, de Toni e também de outros jovens liberais de Campina Grande, a divulgação apenas da parte econômica contribui para que o liberalismo seja visto como uma ideologia que defende os interesses materiais de ricos e empresários, ocultando a defesa das liberdades individuais e políticas. “As pessoas acabam achando que liberalismo é só isso. Mas é muito mais que isso. O liberalismo é você entender o problema do outro, aceitar e compreender o outro”, defendeu Sofia.

Bia foi mais enfática em seu esclarecimento sobre o que é liberalismo para ela. Assim como Gabriel, ela diz que só existe “um tipo” de liberalismo que seria a defesa da liberdade “ampla”. “[...] que é a liberdade certa a ser defendida, já que não existe liberdade pela metade. Ou ela é plena ou ela é obsoleta”.

Na percepção de Bia, a partir do impeachment da presidente Dilma houve um crescimento daqueles que se dizem liberais, entretanto, para ela isso teria gerado uma “confusão”, pois, em grande medida, eles se afirmam como “liberais” porque não se identificam com as ideias da esquerda ou do PT, mas, somente isso, diz Bia, é incapaz de tornar uma pessoa liberal.

É comum essa percepção entre os jovens liberais, a de que o liberalismo para alguns indivíduos serve apenas como oposição à esquerda ou ao comunismo, e esse entendimento equivocado, na opinião deles, macula a imagem do liberalismo, em razão de que oculta a defesa das liberdades políticas e individuais feitas pela doutrina.

Bia também avaliou que após o impeachment obtiveram visibilidade as ideias e os movimentos que não eram de esquerda, como um contraponto aos governos do PT. Esse entusiasmo favoreceu o liberalismo, que passou a vigorar como uma novidade, mesmo sendo tão antigo quanto a esquerda e a direita. Na realidade, esse é um entendimento compartilhado por todos os interlocutores, a de que, a partir do impeachment de Dilma Rousseff, outras identidades políticas que não eram de esquerda passaram a ser opção contra a esquerda, todavia

esse cenário não é de todo positivo para o liberalismo. Na compreensão de Bia, por exemplo, esse cenário adiou o crescimento qualitativo do movimento liberal contemporâneo:

[...] as pessoas ouvem falar, mas, não sabem o que é na *essência*. Elas até se autodenominam liberais, mas não fazem ideia do que quer dizer liberalismo, sequer na etimologia da palavra. É complicado até pro próprio movimento, porque perde em qualidade. Então, existe o liberal de fato e aquele que se apropriou do discurso liberal. É o que acontece com Bolsonaro, que de liberal não tem absolutamente nada. Bolsonaro postava fotos com livros liberais, mas as ideias dele vão frontalmente contra o liberalismo, inclusive, contra as ideias presentes nessas obras, que ele não deve ter lido. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A mesma interpretação de defesa da liberdade é feita por Bia, que fala de “liberdade ampla”, a junção da liberdade econômica e liberdade política e individual, ambas as pautas fundamentam o que é liberalismo para ela. “Quando você ouve uma pessoa dizendo que tem que abrir o mercado, mas, quanto aos costumes, é uma pessoa radical e sem abertura, essa pessoa não é um liberal de fato”, sentenciou Bia. O respeito à liberdade alheia, Bia diz que é um “dever”, e que “todo liberal” respeita o outro “como entidade autônoma”. Quanto aos valores que ela tem em comum com os liberais, Bia diz que o “respeito ao próximo” é o que encarna toda “a base” das ideias liberais. Nesse sentido, respeitar o próximo ou ainda o discordante tem o mesmo significado de amar a liberdade alheia, em ambos se percebe a capacidade de ser tolerante com a diferença.

Refletindo sobre a importância do liberalismo, Gabriel disse que os liberais são “necessários” para que uma sociedade sobreviva e seja “livre”, em razão de que um liberal “de verdade” não se apega aos costumes e, desse modo, não teme “coisas novas”; como um conservador que, ao contrário, quer conservar algo da sociedade para que ela não sucumba. Para Gabriel, ficar justificando a importância da liberdade mostraria que a “batalha” já estaria perdida, essa sociedade não seria livre, pois teme novos costumes e novas práticas, portanto, seria tirana e refém de si mesma. “Toda vez que surgir algo novo, você vai ter que ficar explicando porque aquilo tem que ser livre”, argumentou Gabriel.

Na pesquisa, os jovens liberais de Campina Grande reconhecem que a palavra liberdade pode ser utilizada como simples adereço no discurso de indivíduos, políticos ou partidos, desse modo, era comum que a expressão “defesa da liberdade” fosse seguida de uma explicação sobre o tipo de liberdade na qual estavam se referindo.

Em entrevista, Júlio disse que liberdade seria uma palavra “muito bonita” e que, por isso, era comum o uso dela por várias pessoas com variados propósitos. Entretanto, Júlio refletiu que, no caso dos liberais, a liberdade deve vir acompanhada de uma ação consciente em direção ao outro, mas ele pontuou que essa atitude depende de “um quadro correto” de interpretação da sociedade, como se antes fosse preciso que o indivíduo tivesse a noção de que a defesa da liberdade não é para si próprio, apenas, mas principalmente para o outro. A defesa da liberdade, disse Júlio, está ligada à vida do diferente, à proteção da liberdade do outro ser como quiser. Na percepção dele e de seus colegas liberais de Campina Grande, a liberdade deve ser protegida nesse aspecto, pois uma vez que a liberdade do outro é protegida da “tirania da maioria”, ao mesmo tempo se está garantindo a própria liberdade.

Nessa perspectiva, Júlio observou que a palavra liberdade tem um “peso”, ela é pesada porque significa defender os seus interesses através dos interesses do outro. Júlio refletiu ainda que em alguns casos esses interesses ou costumes podem se chocar com a moralidade dele, por exemplo, por isso o “peso” de se defender algo não em causa própria, mas para frear a intolerância que se poderia ter em relação à maneira com que o outro escolheu viver a vida.

Eu sei que ela é uma palavra bonita (liberdade), mas carrega um peso e esse peso só vai ser explicado se você tiver um estudo, se você tiver um quadro correto da exposição dos fatos, por isso, enquanto eu não começar a amar a liberdade do outro, a liberdade de ele se expressar, a liberdade de ele pensar diferente, agir diferente, ter uma moralidade diferente, eu não estarei defendendo a liberdade. Então, o que faz uma pessoa ser um liberal convicto é realmente defender a liberdade alheia e entender que as pessoas vivem de formas diferentes e elas devem ser respeitadas. Eu queria que todas as pessoas defendessem a liberdade do outro de discordar, a liberdade do outro de agir de forma diferente. Isso é importante para vivermos em uma sociedade livre. (Entrevista realizada em novembro de 2018)

Beto, que era de esquerda e se tornou liberal, disse que o liberalismo defende “os dois lados da moeda”, se referindo à defesa das liberdades econômicas e individuais. Na ocasião, isso soou como uma desforra em relação à esquerda, em razão de que Beto diz ter sido hostilizado e até mesmo ofendido na universidade, no curso de História, justamente por ele fazer colocações em sala de aula que pareciam inadequadas ao programa da disciplina (Introdução à economia política); era como se ele dissesse que o liberalismo é mais completo, já que compreende “dois lados” de uma moeda, ao contrário da esquerda, por exemplo, e ao contrário do que seus colegas de “esquerda” pensam sobre liberalismo. O que se percebe é que

ressaltar o aspecto filosófico e social do liberalismo combate a compreensão de que a doutrina se resume a um conjunto de ideias sobre economia e/ou capitalismo.

Em entrevista, Beto também foi questionado sobre o que seria um “liberal de verdade”, termo comumente usado pelos liberais de Campina Grande. Ele prontamente pediu licença para explicar “de maneira clara” o que seria para ele um “liberal de mentira”: “Ele é aquele que defende liberdade econômica, mas é conservador nos costumes. Para mim, isso é totalmente antiliberal, porque eu acho que o liberalismo vem antes como uma filosofia da ação humana, do que como um sistema econômico”. Essa compreensão de que o liberalismo, antes de ser um conjunto de ideias econômicas, é uma filosofia da ação humana, Beto disse que “descobriu” durante os meses em que teve que estudar sobre liberalismo para debater com a professora de Economia Política. Sobre isso, Beto esclareceu que, ao contrário do que ele imaginava, o liberalismo seria “uma grande conspiração para deixar o outro em paz e na dele”.

É interessante como é necessário para Beto e também para outros jovens liberais ouvidos na pesquisa ressaltarem a defesa das liberdades individuais pelo liberalismo – perceba, leitor, que, nas explicações que eles fazem do que seria essa ideologia, eles priorizam o aspecto moral da doutrina. “Respeitar a liberdade do outro”, “deixar o outro ser como quiser” e não usar o Estado para controlar determinados comportamentos humanos. O liberalismo seria uma forma de controlar a própria sociedade para que ela não oprima o indivíduo. Existe sim a defesa do livre mercado, porém ela não aparece com tanta evidência quando eles são estimulados a dizer do que se trata o liberalismo. O livre mercado irá aparecer quando eles estão falando da transformação de esquerda para liberais, nesse caso, eles ressaltam ter incorporado a pauta econômica na concepção da identidade política deles.

Também é importante pensar que a pesquisa empírica foi realizada após o impeachment de Dilma Rousseff e durante a iminência de Jair Bolsonaro assumir a presidência da república. Com isso, ao refletirem sobre a concepção da identidade liberal, aparece como principal oponente o “liberal de mentira”, que se autodeclara liberal, mas o é apenas na economia. São esses atores sociais que historicamente têm subido ao poder no Brasil e que, desse modo, ganham visibilidade, atraindo também a atenção para o liberalismo, e é essa apropriação que os jovens liberais contestam, denotando que o liberalismo é um significante em disputa.

A questão em aberto é saber: caso a pesquisa empírica tivesse ocorrido no momento em que o PT governava, a pauta econômica seria colocada em evidência por esses jovens ao invés das “liberdades sociais”, como eles chamam? Todavia sinto-me inclinada a defender que na realidade as liberdades individuais e a agenda política que surge delas é o marco definidor para esses jovens, por eles acreditarem, como já expôs Gabriel anteriormente, que o liberalismo teria

se ausentado desse debate e que isso não foi positivo para o “movimento liberal”, porque ele teria ficado atrelado apenas a uma agenda econômica. Portanto, ao ressaltarem a defesa das liberdades individuais, eles contrastam a maneira de serem em relação aos autodeclarados liberais anteriores a eles. Até porque, os governos de Lula são percebidos por eles como “bom”, afinal, Lula levou adiante as políticas econômicas neoliberais implementadas por Fernando Henrique Cardoso.

Na pesquisa, foi interessante saber como os jovens liberais identificam um “liberal de verdade”. Beto também foi questionado nesse sentido, ele respondeu afirmando que a “única forma” é através das “ideias da pessoa”. Se o teor dessas ideias tem um fundo autoritário, se, ao falar de costumes, a pessoa se mostra intransigente e defende a punição de certos comportamentos, Beto diz que ela “não é liberal”.

Tiago também compreende o liberalismo como defesa ampla da liberdade, ele argumentou que liberdade e humanidade “caminham de mãos dadas”, e que, na realidade, o liberalismo defende a “humanidade das pessoas”. “Significa defender as pessoas como elas são e do jeito que elas querem ser e que elas possam ser mestres de seus próprios destinos. Eu acho que isso é o que mais define o liberalismo”. Tiago acrescentou ainda que a palavra liberdade tem muitos usos, mas, para os se propõem a abraçar a doutrina liberal, ela não deve se desvincular da noção de humanidade, logo, a liberdade tem como função defender a humanidade das pessoas.

Ressalta-se disso uma compreensão funcional da ideia de liberdade, ela tem a função tanto de medir o nível de liberalismo de um indivíduo que se declara liberal através do nível de tolerância, como também a incumbência de ser usada para limitar o poder do governo sobre a vida das pessoas ou ainda o poder de alguns grupos sobre a vida de outros grupos de pessoas. Tiago afirma que absorveu essa referência de liberdade, vinculada à ideia de humanidade, das conversas que ele e os jovens interlocutores tiveram sobre liberalismo na universidade, que se mostram importantes para a construção da identidade política dos jovens liberais.

É válido antes dizer que os jovens liberais de Campina Grande reconhecem um crescimento do liberalismo pós-impeachment da presidente Dilma, porém todos os jovens interlocutores avaliam que esse crescimento foi controverso para o “movimento liberal” do qual eles se sentem parte. Nessa perspectiva, Felipe, assim como Bia, acredita que o avanço do liberalismo atraiu pessoas que não sabem o que seria de fato a doutrina ou só valorizam a parte econômica liberal. “Temos visto a entrada de pessoas que não têm uma preocupação tão grande assim com as ideias e que terminam sendo negativas para o próprio movimento”, avaliou Felipe. Na percepção de Felipe, a chegada dessas pessoas ao movimento liberal é negativa, porque elas

ignoram ou não dão valor ao “lado filosófico do liberalismo”, que abarcaria os aspectos sociais e políticos da doutrina, que por sua vez são ressaltados por ele e também por seus amigos liberais.

Nanda disse, em entrevista, que, para saber quem é liberal nos termos que ela e seus amigos defendem, só é possível observando o que essa pessoa pensa, mas também o que essa pessoa faz em relação aos outros, como é o convívio dela com as minorias políticas, por exemplo, se ela é a favor do casamento homoafetivo, se tem posturas intransigentes em seu dia a dia, se não consegue tolerar opiniões contrárias, se ela simpatiza com ditaduras ou políticos populistas, se apoia discursos que moralizam a vida do outro ou se menospreza algum grupo de indivíduos dentro da sociedade. “Qualquer um consegue decorar um discurso e sair dizendo, por isso eu acho que o que a pessoa faz também importa”, disse Nanda. Empatia seria a qualidade que para ela descreveria um liberal “de verdade”: “porque mesmo que você não goste ou não concorde com o outro, você consegue conviver com ele numa boa”.

Toni, em entrevista, também definiu a empatia como qualidade principal de um liberal “de verdade”: “[...] eu acho que isso é um valor primordial, pensar e se colocar no lugar da outra pessoa”.

Nesse sentido, destaca-se que o liberalismo aparece na pesquisa como uma filosofia de vida, podendo ser traduzido também como um posicionamento moral, mais do que uma identidade unicamente política, e muito menos econômica do que se imaginaria em um primeiro momento. É possível, para os jovens liberais de Campina Grande, se conduzir na vida de um modo determinado a partir da identificação com o liberalismo. Ao mesmo tempo, a liberdade, da maneira como ela é compreendida por eles, serve como parâmetro para identificar, nos demais sujeitos, sua verdadeira adesão à essência do liberalismo. Por isso a aplicabilidade dos termos do liberalismo para os jovens da pesquisa seria defender a liberdade do outro e isso só é possível, eles reconhecem, quando há empatia com o diferente. Na realidade, como defender a liberdade do outro significa defender a própria liberdade, a empatia seria o ingrediente necessário para que se chegue à “exposição dos fatos” de modo correto, como disse Júlio em entrevista. Essa exposição dos fatos está ligada ao peso que isso tem, muitas vezes, de frear o estranhamento que se poderia ter da vida diferente que o outro leva, da opinião divergente que o outro tem; contudo, é nesse momento que seria acionado o liberalismo “de verdade”, na hora em que se conspira para que o outro seja como quiser, “viva sua vida em paz”. Logo, na percepção dos jovens liberais que participaram desta pesquisa, ser um liberal “de verdade” é ter a capacidade de defender a liberdade de outros, nisso reside o crivo deles para avaliar quem é liberal ou não.

Em todas essas narrativas sobre o que é liberalismo, surge, de maneira espontânea, a defesa da “liberdade ampla” nos termos propostos por Berlin (2012), de liberdade negativa, na qual não deve haver interferência de terceiros no modo de vida, ou seja, na cultura de determinados cidadãos e cidadãs; disso resulta o entendimento que eles têm sobre o papel do Estado como aquele que deve proteger e garantir essas liberdades, sendo este um princípio do liberalismo, conforme argumenta Macedo (1997).

Em grande medida, as noções que os jovens liberais constroem são encontradas nos livros de liberais lidos por algum membro do grupo que ajudou a disseminar o conteúdo ou ainda lido por algum liberal que traduziu em vídeo ou podcast que os jovens compartilham entre si. Contudo, as ideias dos livros têm importância, disso se refletiu a necessidade de a pesquisa levar em conta esses autores com o propósito de compreender do que se tratavam os conceitos e ideias elaboradas pelos jovens interlocutores.

Essa predisposição em atrelar o fundamento de suas posições políticas ao liberalismo encontrado nos livros contribui para a defesa do liberalismo “por inteiro”, “puro” ou “de verdade”, em detrimento de um liberalismo ligado em demasia a uma agenda econômica que muitas vezes subtrai o liberalismo social, político e/ou filosófico. Na percepção deles, já bastante assimilada pelos políticos e por alguns grupos da sociedade, a novidade é justamente compreender que liberalismo não é apenas livre mercado e esse entendimento eles alegam ter encontrado nos “liberais de verdade”, aqueles que escreveram sobre liberalismo. É importante agora que o leitor conheça um pouco sobre esses conceitos e de que forma eles foram incorporados pelos jovens interlocutores.

Em defesa das ideias da liberdade

Como foi visto no capítulo 2, a transformação política de parte dos jovens liberais de Campina acontece na universidade, em contato com Gabriel e a partir das discussões políticas e construção de amizades geradas por meio desse encontro. Contudo há uma predisposição encontrada em todos os jovens interlocutores que é a valorização da cultura letrada e do ensino formal, valor transmitido pelas famílias de cada um deles, logo, os livros e conseqüentemente a leitura e/ou estudo, mesmo que através de pesquisa, vídeos ou podcasts na internet, são para esses jovens elementos importantes na construção de um tipo de domínio que adquirem para si e através do qual se definem em relação aos outros. Na perspectiva adotada pelos jovens liberais, nos termos apresentados nesta pesquisa, ganha destaque o aspecto político e social da doutrina liberal impressa nos livros escritos por liberais “de verdade”. Desse modo, autores

como Adam Smith (1996; 2015), Mises (2009; 2010; 2015), Hayek (1983; 2012), Friedman & Friedman (2015), Mill (1991), Merquior (2014) e Berlin (2012) aparecem na pesquisa de modo direto ou indireto nas narrativas dos jovens liberais.

Um ponto importante de se ter em mente sobre a relação entre os jovens liberais de Campina Grande e a ideologia liberal é que ela traz uma alternativa para os problemas políticos e sociais que eles percebem na sociedade. E esses problemas, em linhas gerais, seriam provocados pela atuação autoritária e punitiva do Estado e ainda mais pelo excesso de governo, ou seja, excesso de Estado. Portanto, o Estado brasileiro não é visto como bom, justo e, sob hipótese alguma, é considerado por eles como um Estado liberal. Na opinião de Gohn (2017), essa percepção negativa dos serviços públicos e do Estado brasileiro surge como pano de fundo das manifestações de 2013, protagonizadas pelas juventudes. Essas manifestações impulsionaram a construção de novos enunciados políticos (GOHN, 2017), dentre esses, destaca-se aqui o liberalismo do tipo empregado pelos jovens liberais de Campina Grande.

Na percepção de Beto, “O liberalismo reconhece que apenas o próprio indivíduo sabe o que é melhor para si e, desse modo, é inconcebível um sistema que possa controlar a sociedade e que possa dizer o que é melhor para todos”. Esse entendimento, ele diz, adquiriu lendo artigos e trechos de livros e assistindo vídeos especializados na internet. Adam Smith, Friedrich Hayek e Ludwig von Mises são apontados de maneira espontânea em sua narrativa. Mises é um dos proeminentes teóricos da Escola Austríaca de Economia e circula entre os autores preferidos dos jovens liberais de Campina Grande, junto com José Guilherme Merquior, e, na pesquisa, eles aparecem de maneira espontânea ou estimulada, quando são questionados a respeito dos autores preferidos dentro do liberalismo ou ainda aqueles que seriam considerados referenciais do pensamento liberal professado por eles.

Para Mises (2010, p.41), o liberalismo é uma doutrina voltada para a conduta dos indivíduos e, historicamente, um movimento político que tem interesse em promover o bem-estar de todos e não apenas de um grupo ou de uma classe social. Para esse autor (2010, p. 54), a sociedade humana é uma associação de pessoas que buscam a cooperação e somente a divisão social do trabalho pode ajudar o indivíduo a construir sua própria riqueza. Em seus escritos sobre o papel do Estado, Mises (2010, p.89) indica que a única e exclusiva função dele é garantir a proteção da vida, da saúde, das liberdades políticas e sociais e da propriedade privada, todas as outras funções que o Estado viesse a desenvolver seriam ineficientes e dispendiosas para a sociedade como um todo. Portanto, não seria função estatal regular ou proibir alimentos, drogas, remédios, livros, qualquer tipo de arte, cultura ou religião. Mises (2010, p.92) acreditava que qualquer indivíduo livre deve ter a capacidade de suportar que seu “concidadão haja e viva de

modo diferente” de seu jeito de viver, precisando, inclusive, livrar-se do hábito de “chamar a polícia” quando algo de que ele não goste fosse feito por outro. E, como o leitor pôde perceber, o lema consagrado pelos jovens interlocutores é que um liberal de verdade deve ser capaz de defender a liberdade alheia. Essa seria a principal qualidade do liberal: estar disposto a defender a liberdade do outro.

A defesa do sistema capitalista pelos liberais de Campina Grande e pelo liberalismo dos livros que eles leem é fato concreto. Mises (2010, p.127) diz que se trata do único sistema social “possível”, uma vez que, para ele, foi o único capaz de promover a possibilidade de riqueza através do trabalho, além da inovação científica e tecnológica. De maneira geral, os liberais acreditam que se o mercado tiver condições de funcionar livremente, sem a intervenção do governo, é possível que a relação de interdependência entre os indivíduos crie condições para que a cooperação mútua promova uma boa disseminação de recursos sociais e econômicos. Para outro autor, referência para os interlocutores, Adam Smith (1996, p.73), a vantagem existente na divisão do trabalho é consequência de uma tendência humana a intercambiar, permutar ou trocar uma coisa por outra. O professor precisaria do padeiro, assim como o taxista precisa do mecânico. Nesse sentido, a “mão invisível” do mercado seria a responsável por criar as condições favoráveis de a sociedade funcionar e, quanto mais livre de intervenção estatal, maior seria o entendimento mútuo entre os seus indivíduos (SMITH, 1996).

Há nessa ideia de “mão invisível” do mercado uma espécie de aproximação teórica com a ideia de divisão social do trabalho defendida pelo sociólogo Émile Durkheim. Durkheim (1999), quando refletiu sobre a divisão social do trabalho, entendeu que a sua função seria criar laços sociais entre indivíduos diferentes e assim poder constituir uma sociedade orgânica. Nem a família, nem o Estado, nem a religião seriam capazes de criar laços entre indivíduos complexos e distintos entre si, apenas os grupos profissionais seriam capazes de integrar interesses e criar essa interdependência necessária para a viabilidade da sociedade (DURKHEIM, 1999). Assim como Durkheim (1999), Smith (1996) também estava ocupado em compreender como a sociedade moderna conseguiria funcionar, é certo que cada um dentro de um viés ideológico específico, o primeiro dentro de uma perspectiva sociológica e o segundo levando a economia em consideração e acreditando facilmente na capacidade de os indivíduos criarem por si só um mercado e, conseqüentemente uma vida boa e equitativa.

A defesa do capitalismo, ou melhor, do livre mercado, faz com que os liberais de Campina Grande acreditem que são vistos com desconfiança por algumas pessoas, por elas acharem que o capitalismo promove exclusões e divisões sociais, não sendo bom para a sociedade. Mises (2015) atribui tal compreensão do capitalismo ao “preconceito” de setores da

intelectualidade, pelo fato de eles enxergarem nesse sistema econômico apenas situações “abomináveis”, ignorando os sucessos trazidos, fechando-se a discussões amplas que pudessem melhorar o sistema, não lutando por um livre mercado e julgando os que veem nele uma forma de crescimento individual e material, mesmo “desfrutando do bem estar proporcionado pelo capitalismo” (2015, p.32). Todavia, é válido ressaltar que o capitalismo defendido pelos liberais interlocutores, inclusive por Mises (2009), é aquele fundamentado no livre mercado, ou seja, na possibilidade de o indivíduo oferecer um produto ou serviço sem que sofra a intervenção excessiva do governo através de um conjunto dificultoso de normas e regras, e de altos impostos, que na sua essência promoveriam a criação ou a manutenção de monopólios econômicos e produtivos. Por conseguinte, a intervenção estatal no mercado quase sempre viria para proteger uma classe ou um grupo, com o propósito de dificultar ou até mesmo impedir a inserção de novos ou de pequenos empreendedores (MISES, 2009; FRIEDMAN; FRIEDMAN, 2015), sendo, portanto, a livre cooperação entre os indivíduos a única capaz de promover a criação de riquezas (SMITH, 1996).

Os jovens liberais de Campina Grande tendem seguir à risca as ideias do liberalismo, ideias de diminuição do poder estatal e da proteção da liberdade individual, um outro Brasil praticamente. Um ponto que se deve ter muito claro é que, para todos os jovens liberais da pesquisa, um dos problemas do Brasil é o Estado brasileiro, que seria o responsável por distribuir privilégios e benesses para grupos de empresários e funcionários públicos de alto escalão, criando uma elite intocável e perpetuando as desigualdades sociais e econômicas. A “mentalidade estatista” é indicada pelos jovens liberais como a expressão de uma razão antiliberal, que aqui no Brasil conformou-se entre os poderes republicanos, mas também na população, que foi habituada a ver crescer dentro dela aqueles que do Estado vivem.

Na realidade, os jovens liberais parecem estar produzindo uma crítica ao tipo de política e de liberalismo desenvolvidos aqui, e essa constatação não lhes faz adotar outra postura que não seja a de afirmar que eles seriam liberais “por inteiro” ou ainda liberais “de verdade”. Deveras, é preciso compreender que eles precisam criar um contraponto que afirme a novidade que trazem e o termo “por inteiro” informa que o liberalismo que praticam, ou melhor, que esperam, não é pela metade, não prevê um pouco de liberalismo na economia, somente, mas liberalismo por completo, na vida do indivíduo e dentro do Estado.

A atuação dos jovens liberais certamente trouxe elementos novos e variados à sala de aula das universidades que estudaram e, por conseguinte, à relação deles com os professores. Esses ambientes de certo modo funcionaram como um estímulo à construção da identidade

política deles, de liberais “de verdade”. A trajetória de Beto no curso de História indica uma transformação a partir da negativa da professora de Economia Política, por exemplo.

Na pesquisa há uma forte predominância de estudantes de Direito, certamente devido ao fato de Gabriel ser estudante dessa área e, com isso, ter somado forças ao redor dele. Desse modo, o embate entre eles e os professores de Direito no início foi inevitável, uma vez que foram expostas por esse grupo de jovens percepções novas dentro da sala de aula, o que provocou um estranhamento, estimulando no professor a necessidade de se impor através da autoridade, impedindo, portanto, a possibilidade de troca, que poderia ter se estabelecido dentro do exercício de aprendizagem.

Há um embate que foi clássico para eles e circula nas narrativas que desenvolvem para falar do estranhamento que sentem dessa relação, devido à predisposição que os docentes teriam de transmitir conteúdo “intervencionista”. Em uma aula de Economia Jurídica, a professora teria dito que Friedrich Hayek não escreveu nada sobre a repressão econômica de 1929 nos Estados Unidos e que, por isso, não havia textos desse autor na disciplina ministrada por ela, respondendo dessa maneira aos alunos que a questionaram sobre a ausência de teorias econômicas desenvolvidas por liberais. A resposta foi absurda para os jovens liberais e se tornou clássica para eles, pois, Hayek foi o vencedor do Nobel de economia em 1974 e, como celebra Rothbard (2014), justamente pelas teorias que desenvolveu prevendo a repressão econômica de 1929, ou seja, ele observou o fenômeno e discorreu sobre ele antes mesmo de ele acontecer e os jovens liberais que estavam na sala já sabiam disso.

Entretanto, na situação vivida pelos jovens liberais, não se trataria de coibir o professor de debater textos ou ideias de sua preferência nas aulas, mas, sim, de ter os autores liberais também como referência do que eles originalmente escreveram, ao invés de, apenas, a leitura de um comentador que faz oposição às ideias de autores liberais. Para Toni, o engajamento em uma determinada teoria faria com que alguns professores ou intelectuais se fechassem a outras ideias.

[...] a gente tem uma vibe muito de orgulho sobre linhas de pensamento. Você vê uma coisa, você já começa achando que o outro tá errado e você fala: “Eu não vou com a cara disso aqui e eu não vou com a cara das pessoas que compactuam com isso aqui, então, eu não vou nem ler, porque eu sei que tá errado”. Então, ou você simplesmente se fecha e não lê ou você já lê procurando erros e achando que tá tudo errado. Você não lê aberto. Você não está aberto a talvez mudar de opinião, você não tá aberto a se questionar sobre aquilo que você leu em outro canto. Isso é algo muito complicado. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

A professora de Economia Jurídica protagonizaria outros episódios nos quais confirmou, para os jovens da pesquisa, que desconhecia ideias sobre liberalismo “em geral”. Na percepção de Gabriel, Toni, Tiago e Nanda, participantes da pesquisa que presenciaram o embate, tal desconhecimento sobre as ideias de Hayek denotaria o fato de que a professora deles, na verdade, não conheceria as ideias do autor. Na percepção deles, a professora já teria uma opinião formada sobre as ideias liberais, mesmo sem conhecê-las com profundidade, devido à inclinação dela às ideias de John Keynes, um dos oponentes de Hayek. Gabriel apontou ainda:

A gente teve outra aula de "Economia geral e jurídica" e ela (professora) passou por (Adam) Smith e distorceu muito do que Smith falava. Porque Smith, antes de ser economista, era um filósofo moral, ele tinha toda uma tese sobre como você devia tratar bem o seu próximo e como isso fazia bem a você e como isso tudo era necessário a você. Ela foi e falou que Smith era uma pessoa fria e que o ser humano para ele tinha que ser calculista, ela provavelmente leu um manual, o manual falava aquilo e ela tomou como verdade. Se ela tivesse lido “Teoria dos sentimentos morais”, que eu até falei pra ela ler, ela não tinha como sustentar o que ela falava. (Entrevista realizada em julho de 2016)

O livro “Teoria dos sentimentos morais”, publicado originalmente por Adam Smith em 1759, tem uma particular relevância para os jovens liberais da pesquisa, também advém dele a noção que eles têm de se colocar no lugar do outro e defender a liberdade alheia. Smith defendeu a sistematização da vida em sociedade se baseando na possibilidade que os seres humanos têm de se conectar com os outros através de sentimentos, confrontando-a com o egoísmo e com a tendência destes de tomar decisões estimuladas por interesses pessoais, colocando a questão de como conviver em sociedade diante dos interesses egoístas dos seres humanos, que tendem a prejudicar os outros na busca de seus próprios interesses (SMITH, 2015). De acordo com Smith (2015), o indivíduo deve estimular o seu “espectador interno” procurando a imparcialidade na observação das atitudes de outros, para desenvolver, desse modo, uma empatia com as atitudes alheias. Essa mesma imparcialidade deveria ser buscada nas instituições da “justiça comutativa”; para Smith (2015), seria o único meio de a sociedade promover a garantia dos direitos de liberdade negativos. A benevolência comum deveria ser buscada por essa sociedade, não transmitindo ao governo a ação de ser beneficente, pois, para Smith (2015), uma vez

transferindo essa responsabilidade social para o governo, essa mesma sociedade se arregimentaria e correria o risco de não se ver mais na obrigação moral de ser benevolente.

Então os indivíduos precisariam estimular a empatia com o outro para poder conseguir viver em sociedade, apesar de suas diversas diferenças. Um meio de desenvolver esse sentimento é através da busca da imparcialidade diante das atitudes do outro, não julgando, não condenando a vida que o outro deseja levar, procurando, com isso, estabelecer uma conexão emocional com o outro (SMITH, 2015). Talvez não esteja evidente que, para Adam Smith, desenvolver uma empatia com o outro e com as atividades que ele venha a desenvolver é uma forma de proteger as liberdades individuais e de evitar que o Estado cresça.

Gabriel explicou que o desenvolvimento de um sentimento desse tipo evita que, através do Estado, se queira regular um determinado hábito ou costume, que teria implicação direta na fragilidade do direito à liberdade, mas, principalmente, faria com que o governo inaugure um departamento, ou seja, um braço de seu comando apenas para regular e fiscalizar esses indivíduos, gerando custo para a sociedade e criando um grupo de ávidos servidores vigilantes, pagos com o dinheiro do povo simplesmente para vigiar a vida de outros.

Passos (2006) acredita que os economistas tendem a deixar de lado a filosofia moral de Adam Smith, colocando no centro da discussão em torno de suas obras a apologia ao egoísmo e à busca do interesse individual como meio de bem estar da sociedade. Passos (2006) aponta ainda que isso se daria devido à pouca compreensão dos economistas com relação aos escritos de Smith, por eles serem separados por uma “intransponível distância” entre o saber econômico moderno e a intelectualidade enciclopédica de Adam Smith e seus conterrâneos iluministas escoceses, acostumados a debater todos os campos do saber e não apenas o econômico.

Quando a professora desconhece tal compreensão do liberalismo e simplesmente atribui a Adam Smith o conceito de “frio” ou “calculista”, ela expõe que, talvez, pelo menos aqui no Brasil, não haja ainda compreensão do que se trata ser liberal e do que tratam seus principais e clássicos autores. Inevitavelmente, tal comportamento criou um tipo de jovem que está fazendo o possível para defender as ideias do liberalismo e para esclarecer do que se trata ser liberal. Destaco que isso ocorre em um país que produziu liberais como os udenistas, que carregam historicamente contradições em suas atuações e discursos (CHALOUB, 2015). Nesse sentido, é possível compreender o tamanho da missão dos jovens liberais apresentados nesta tese. A percepção de que o Brasil é antiliberal em aspectos variados é um ponto em comum de todos os jovens da pesquisa.

A supressão feita pela professora, do texto original escrito por Smith no fim do século dezoito, fez com que os jovens liberais adotassem uma postura quase neutra no horário da aula.

Com isso, eles decidiram não mais contestar professores em sala de aula, pois, não queriam passar a impressão de “radicais”, nem fazer disso um motivo para perturbar a aula, os colegas ou o professor. Na realidade, isso poderia manchar de tal modo as condutas deles, é importante lembrar, a ponto de minar as pretensões que têm: eles sentem que estão ressignificando o que é ser liberal e, de modo algum, querem ser vistos como reacionários ou radicais.

Uma forte estratégia de atuação dos jovens liberais é a criação do grupo de estudos para apresentar e debater as ideias do liberalismo. Como para eles existe uma ignorância em relação a elas, os grupos de estudo nascem como um espaço próprio de discussão para tal, mas também para suprir o abismo que sentem em relação ao conteúdo programático exposto em sala de aula, e, ainda, como forma de combater a “mentalidade estatista” em outros jovens, futuros adultos da sociedade brasileira. Desse modo, os grupos de estudo sobre liberalismo surgem para suprir quatro necessidades principais dos jovens: (1) debater autores e textos que ainda não estão sendo contemplados em conteúdo programático de professores, (2) criar um espaço próprio de discussão das ideias liberais, (3) combater a mentalidade estatista que estaria presente na sociedade brasileira e (4) engajar novos membros no movimento liberal brasileiro.

O grupo de estudos funciona alternativamente como um meio autônomo de eles melhorarem a especialidade deles sobre liberalismo, já que, quanto mais estudam, mais eles se especializam no assunto. O engajamento de outros jovens através dos grupos é uma forma interessante de apresentar o liberalismo para leigos e para os que têm algum tipo de conceito formado anteriormente sobre essas ideias. Para Toni, não há outra forma de um jovem liberal fazer com que um jovem de esquerda ou de direita participe dos debates, já que, na percepção dos liberais, ambos os polos políticos têm um pouco de autoritarismo, uma vez que querem usar o Estado para pôr em prática as suas ideias, resultando no (inevitável) choque desses polos com o liberalismo, que pretende diminuir ou pelo menos controlar a atuação e o crescimento do Estado. A arma que os jovens liberais usam para atrair leigos e oponentes para os grupos de estudo é a persuasão. Como o liberalismo pode ser visto por alguns indivíduos como uma ideologia abominável, a maneira que os jovens liberais encontraram de se furtar dessa generalização foi atuando da forma mais convidativa e sedutora possível junto aos os que fazem oposição ao liberalismo.

Para Toni, não se deve chegar em uma pessoa discordante afirmando que a opinião dela estaria errada, mas, sim, procurando pontos de intersecção que se tem com ela, afim de estimular uma empatia, para só depois, talvez, transformá-la em liberal de fato. Nesse aspecto, o grupo de estudos também funciona como um meio de desconstruir estereótipos ligados à identidade liberal, uma vez que, no primeiro momento, se mostra os pontos em comum e não

as diferenças. Deveras é válido destacar o esforço que eles têm feito para despertar uma boa impressão nos outros. Eles sabem que as ideias liberais no Brasil já sofrem intervenções de muitas naturezas, que causaram impressões duvidosas e desconfianças variáveis e, se eles agem chocando as pessoas, eles despertam esses fantasmas do liberalismo. Tudo que os jovens liberais querem é convencer através da argumentação, como revela essa declaração de Gabriel:

A gente não vem no vácuo. A gente tem um certo embasamento. Mas acho que quando você tá numa minoria, você tem obrigação de fazer isso. E a gente tá numa minoria. Então, a gente tem obrigação, vamos dizer assim, a gente tem que provar o nosso ponto mais do que o normal. (Entrevista realizada em dezembro de 2018)

Não se deve ter a impressão que os jovens liberais querem apenas aumentar o número de membros do movimento liberal, na verdade, o projeto também diz respeito ao combate à mentalidade estatista, que faz com que o Estado brasileiro seja maior que a sociedade brasileira e tenha mais poderes que os indivíduos que nela vivem. E uma conduta voltada a esse entendimento do liberalismo é nova, tendo em vista que ela procura o tempo todo ressignificar o liberalismo no Brasil e, para isso, foram traçadas por esses jovens estratégias de atuação, de engajamento e de persuasão. Por terem tido acesso, através da internet, a vídeos, textos e autores liberais, eles passaram a contrapor o entendimento que havia antes, de um liberalismo voltado ao capitalismo, visto como egoísta, frio ou calculista, que, na opinião deles, configurava um entendimento produzido por uma espécie de senso comum.

Bia, Toni e Gabriel defendem que a construção do estado brasileiro tem implicações em todo o jeito de os indivíduos aqui se estabelecerem e viverem as suas vidas. O exame que os liberais fazem é da presença de um tipo de mentalidade que atribui ao Estado uma miríade de funções que resultam no excesso de poderes do Estado, que fazem dele um aparelho de dominação muito maior e mais forte do que a sociedade. Um dos meios de despertar a atenção dos leigos sobre esse fato seria colocando o Estado em cheque, por isso Gabriel diz que gosta de provocar reflexões nas pessoas:

[...] eu acho que o principal ponto quando eu questiono as pessoas é fazer com que elas também questionem, porque quando você já tá acostumado a ouvir que o Estado resolve tudo, você simplesmente vai receber outra solução pronta vinda do Estado e você vai ficar sentado de boas. Mas, quando você tem aquele negócio: “Cara, talvez o Estado não funcione tão bem”, aí você já pára pra analisar melhor. Esse é que é o

principal pensamento que eu queria colocar nas pessoas. (Entrevista realizada em outubro de 2018)

O termo “liberalismo de verdade”, dentre outras propostas de análise, atenta também para a situação de no Brasil ter existido um liberalismo ao contrário, ou seja, um liberalismo de mentira. A defesa das “ideias da liberdade” produzem no jovem liberal o efeito contrário ao que produziu nos liberais de décadas passadas. Frutos de tempos distintos, as diferenças entre os jovens estudantes de Direito do Brasil do século 20 e os jovens liberais que aqui se apresentam são abissais, pois os paraibanos não são filhos de aristocratas, seus pais não têm título de nobreza e as suas famílias não fazem parte da oligarquia nacional, regional ou local, com exceção de Bia, cuja família materna tem poder político em Massaranduba. Mas, no geral, a origem simples e trabalhadora de seus pais faz com que eles percebam no liberalismo uma forma de mudarem não apenas a vida de suas famílias e portanto a deles, mas a de outros jovens também.

De acordo com Faoro (2000), os bacharéis liberais do século 20 no Brasil trabalhavam para perpetuar o *status quo*, indo contra as reformas que pudessem mexer na estrutura de onde vieram. Os liberais de Campina Grande, incluindo a própria Bia, têm como meta mexer nessa estrutura e derrubar as benesses e os privilégios que o Estado colocou e coloca nas mãos de determinados grupos de seu interesse, tal qual a coroa portuguesa já fazia há mais de cem anos atrás. Desse modo, jovens como Gabriel, Júlio e Toni usam o liberalismo não para regular a vida dos indivíduos, mas, na percepção deles, para desregular a vida dos cidadãos e cidadãs do Brasil, na busca de lhes dar a autonomia que nunca lhes foi dada, na tentativa de redistribuir o poder para os indivíduos, retirando do Estado o poder de arbitrar questões de foro íntimo.

Pelo que foi exposto, percebe-se que é um projeto complicado, que precisa enfrentar um passado que atuou contra o tipo de liberalismo que eles defendem. Um Estado forte e robusto, o “senso comum” que produziu estereótipos a respeito do liberalismo e que afastam outros jovens, a mentalidade estatista da sociedade dividida em grupos que esperam ganhar a confiança do Estado, além do esforço de, perante docentes e áreas do conhecimento, promover o pluralismo de ideias, mas principalmente contrapor pensamentos que pretendem dar mais responsabilidades ao governo e que eles julgam como ideias “intervencionistas”.

Parte 2: “Nem esquerda e nem direita”

Nas Ciências Sociais, Foucault (2008) foi um dos primeiros a aludir para a necessidade de se compreender o liberalismo não como uma realidade econômica, objetiva e material, mas como um “sistema” ambíguo, global e multiforme, com enraizamentos à esquerda e à direita. Encontrei em Foucault (2008) uma compreensão refinada do liberalismo, em razão de que ele se baseou nas implicações desse sistema na sociedade moderna. Foucault conseguiu observar o fenômeno do liberalismo por fora e por dentro, analisando a complexidade histórica e cultural desse sistema de convicções e estilos de vida, analisando-o também a partir das ideias produzidas por seus principais pensadores, como Friedrich Hayek, apreendendo disso os reflexos desse sistema, que ele não encara como ideologia, atendo-se à necessidade de não apenas encontrar as suas contradições, mas, também, a *razão* do sistema liberal, a lógica por detrás das teorias e dos conceitos. Partindo deste ponto, esta pesquisa buscou mostrar os caminhos do liberalismo no Brasil e a percepção que os jovens liberais têm dessa trajetória complexa e contraditória.

No Brasil, historicamente, o liberalismo está dividido entre o economicismo e o conservadorismo nacional e, de tons moralista, ao longo dos anos, ele tem tido dificuldade de construir novos repertórios (CHALOUB, 2015). Entretanto, os jovens liberais de Campina Grande concebem e defendem em seus argumentos um outro jeito de exercer o liberalismo, no qual ganha destaque a defesa da “liberdade do outro ser como quiser”. Nesse sentido, é relevante refletir por que para esses jovens é necessário ressaltar o liberalismo como uma filosofia da ação humana, voltada para o convívio em sociedade, mas também como uma doutrina que defende a livre iniciativa e a liberdade econômica. Não há no Brasil referências históricas de um movimento liberal que se diga “por inteiro” ou “de verdade” e que tenha como intenção combater a mentalidade que credita ao liberalismo a defesa unicamente da economia ou do sistema capitalista.

Júlio disse em entrevista que desde 2014 o Brasil tem vivido uma “polarização política” entre a esquerda e a direita, percepção que é compartilhada por seus amigos liberais, como Felipe, que disse na pesquisa que a “polarização” estaria abafando o “debate livre” de ideias. Nesse caso, “debate livre” parece querer reforçar o aspecto ambíguo do liberalismo que eles encarnam, de defender ideias tanto da esquerda como da direita, ou seja, as pessoas estariam presas à visão e, por consequência, às pautas defendidas pelo lado político que escolheram, então o debate estaria dividido em dois blocos, sem que haja um intercâmbio dessas ideias entre um grupo e outro. A percepção é de que as pessoas estariam presas ao lado político que escolheram, presas às ideias da esquerda ou da direita, e o liberalismo meio que ajuda dando uma fluidez a esses jovens dentro do contexto político que percebem como “polarizado”.

Logo, o liberalismo para os jovens liberais de Campina Grande também possibilita uma forma de escapar do jogo entre as esquerdas e as direitas, escapar da “polarização” entre um lado e outro, adotando uma outra posição, um lado alternativo. Portanto, estes jovens liberais estão se colocando contra esses grupos heterogêneos, que, na percepção deles, têm dominado o cenário político. Por conseguinte, o liberalismo e a identidade liberal que eles assumiram marca um posicionamento diferenciado, o qual lhes permite tecer críticas tanto às esquerdas brasileiras como às direitas, mas, também, incorporar ideias tanto das esquerdas como de parte da direita. Esse posicionamento confere às suas identidades liberais um caráter híbrido, eles conseguem incorporar ideias e pautas de vertentes políticas que, em um primeiro momento, poderiam parecer incompatíveis. Todavia, é importante perceber que, desse movimento fluído, os liberais têm construído uma agenda original de ideias “liberais”, pautas incorporadas e que, ao serem verbalizadas, são defendidas do ponto de vista de um liberal.

Nesse sentido, os jovens liberais de Campina Grande sentem nessa ambiguidade uma diferença deles em relação aos outros indivíduos que seguem a direita ou a esquerda, e, além de isso ser uma oportunidade de eles dialogarem com pessoas de ambos os lados políticos, é também uma forma de eles interromperem a compreensão de que o liberalismo seria de direita ou pelo menos sinônimo de conservadorismo. Sobre isso, Toni afirmou em entrevista que se sente “quebrando tabus”, por ser um indivíduo que assume ideais políticos da esquerda e da direita:

Eu represento uma figura que existe pouco na sociedade, que é a pessoa que defende a liberdade por inteiro, que é o cara que chega pra você e fala mal do PT, mas não é um bolsominion. O cara que chega pra você e defende a legalização das drogas, mas não é nem do PSOL e nem de esquerda, portanto, uma figura que a sociedade não consegue enxergar, porque, geralmente a sociedade não compra ideias, ela compra um pacote. Se eu sou a favor de uma coisa, eu tenho que abraçar tudo de um pacote. Se eu chegar pra uma pessoa e disser: “Eu sou capitalista, eu acredito na liberdade, eu não gosto do PT, mas, eu sou a favor de liberar aborto e drogas”. Uma figura assim não está muito inserida na sociedade e faz quebrar um certo tabu de que essa ideia política existe. (Entrevista realizada em outubro de 2018).

No entendimento da presente pesquisa, a identidade é relacional, construída por meio da diferença em relação a outras identidades que participam junto com ela do cenário político e cultural. No que tange à identidade política, foi percebido que ela se constrói em um campo controverso, onde os indivíduos definem antagonistas e aliados, e, a partir do contexto,

desenvolvem estratégias e ações capazes de influenciar o cenário político, neutralizando opositores e conquistando adeptos. Nessa perspectiva, o que se fala tem ligação direta com a estratégia de diferenciação dos antagonistas e de identificação com novos membros. No começo da pesquisa empírica, junho de 2016, as críticas dos jovens interlocutores estavam concentradas na esquerda, entretanto, a partir de março de 2018, as críticas que já faziam à direita e ao conservadorismo ganham mais notoriedade, devido à aproximação da campanha eleitoral e à iminência de Jair Bolsonaro e a extrema direita saírem consagrados das urnas. Desse modo, acentua-se em suas narrativas a diferença deles em relação aos conservadores, distinção essa cultivada por meio da defesa das liberdades individuais e de uma agenda social que ajudasse a limitar o poder de convencimento dessa força reacionária e restritiva que passa a comandar o país a partir de janeiro de 2019.

Como foi exposto, para os jovens liberais interlocutores da tese, o liberalismo não tem um lado político, em razão de que, para eles, essa doutrina incorpora pautas identificadas com a direita e com a esquerda. Nessa percepção, reconhece-se a razão globalizante e multiforme do liberalismo encontrada por Foucault (2008) em seus estudos. O liberalismo pretende universalizar os seus conceitos, se enraizando tanto à esquerda como à direita, garantindo com isso a sua dominação. Em entrevista, Toni disse que essa característica faz com que eles consigam conquistar adeptos tanto à direita quanto à esquerda. “Porque a gente tem pontos de intersecção com os dois lados, então a gente consegue puxar algumas pessoas pro nosso lado”. Ele explicou ainda que quando está conversando com alguém de esquerda foca no lado social do liberalismo, para que essa pessoa se identifique com as ideias dele, o contrário também acontece quando ele está dialogando com uma pessoa de direita, nesse caso o foco ficaria no aspecto da liberdade econômica. A tática, admitida também por Gabriel e Júlio faz com que eles consigam, na maioria das vezes, transitar entre a esquerda e a direita e assim conquistar espaço, assim como simpatizantes e, ao mesmo tempo, construir a ideia de que o liberalismo não é de direita, pois do mesmo modo poderia ser atribuído a um tipo de esquerda. Em vista disso, a afirmação de que liberalismo para eles não é nem de esquerda e nem de direita, além de ser importante na construção de suas identidades políticas, também se mostra relevante para o avanço do liberalismo no contexto político brasileiro.

Gabriel disse em entrevista que a união de liberais com a esquerda ou com a direita é um “fato comum”: “[...] a gente vai ver liberais no governo de Bolsonaro, mas eles já existiram no governo de Lula também”. Na percepção dele, os liberais são “minorias”, então, seria comum liberais estarem ligados a um governo ou outro para que as ideias avancem. Entretanto, Gabriel ignorou o fato de que, em ambos governos citados por ele, os liberais estavam alocados dentro

da área econômica, portanto avançando as pautas ligadas ao mercado e à geração de riquezas materiais. O que mostra que, apesar de eles reivindicarem uma agenda social para o liberalismo, na prática, até o momento, têm sido incorporado pelos governos as ideias econômicas dos liberais, não obstante essas também surtirem efeito em questões sociais, como enfatizam Gabriel, Toni, Beto, Sofia, Felipe e Bia, ao afirmarem que o programa Bolsa Família, por exemplo, foi criado pela equipe econômica do governo Lula, portanto, criado por liberais.

Ainda assim, Gabriel defende que o liberalismo carrega um pouco da esquerda e da direita, contudo ele frisou: “Mas eu não digo que ele (o liberalismo) está acima disso, mas que um liberal, no geral, não vê o mundo desse jeito, dividido entre a esquerda e a direita”, sentenciando afirmando que a questão colocada em pesquisa não seria dilema para os liberais e daí a dificuldade de eu assimilar, na opinião dele, o que eles diziam, insistindo em questionar com qual lado político eles mais se identificavam. Na verdade, não ver o mundo “desse jeito” comprova que os liberais contemplam o mundo de maneira global e universalista, como afirma Foucault (2008). Com isso, percebo que a lógica do liberalismo parece dizer onde posso me encaixar, por quem posso ser absorvido.

Toni também defende que o liberalismo “não pode” ser encaixado na esquerda ou na direita, disse ainda que as análises que colocam esquerda de um lado e a direita do outro não são capazes de aferir o que se passa na “realidade”. “Isso é o tipo de análise muito pobre. Eu acho que uma análise onde você coloca outras dimensões fica muito mais próximo da realidade”. Quando questionado em qual lado político ele sente que tem mais identificação, Toni disse: “Eu não consigo responder, assim como eu não consigo me identificar com Bolsonaro ou com o PT. Por isso eu me sinto um liberal cem por cento, eu acho que isso basta”. Toni acredita que existem “vários tipos de esquerda e de direita”, denotando que ele percebe matizes dessas identidades políticas, associando também que, desse modo, existem “vários tipos de liberais”.

Quando foi questionada sobre o posicionamento político do liberalismo, Bia disse que ele estaria ao “centro” e prosseguiu afirmando que se sente tomando uma direção contrária à “maioria”. “Hoje eu não me identifico com a maioria das pessoas que eu conheço, normalmente elas tendem muito aos extremos, enquanto eu vou mais para o centro”. A resposta de Bia se baseia em uma contemplação que ela faz do cenário político, onde em uma ponta está a direita e, no seu extremo, a esquerda; com isso, ela diz que se sente ao centro, ou seja, entre os dois, numa associação direta ao posicionamento do liberalismo, que, como ela disse, estaria ao centro.

Essa definição que os jovens liberais fazem da política no Brasil, que estaria polarizada, contribui na compreensão do posicionamento deles no cenário político, afinal, eles se veem ao centro, entre um lado e outro e ao mesmo tempo em nenhum. Eles estão se posicionando em relação à esquerda e à direita, contudo, esse posicionamento é híbrido, pois os deixa livres para criticar um lado ou outro e ao mesmo tempo se associar com um ou com outro. Além disso, os jovens liberais de Campina Grande afirmam que o liberalismo tem um pouco da esquerda e da direita. Essa concepção flutuante contribui para que eles adequem os seus discursos aos indivíduos com quem estejam debatendo ou têm interesse em debater, sejam eles de esquerda ou de direita. Essa aceitação de que o liberalismo não é de esquerda nem de direita, mas, ao mesmo tempo pode estar nos dois, contribui também para que se aceite essa flutuação controversa do liberalismo, que na realidade se apresenta como uma estratégia de sua sobrevivência, retira dele, portanto, a regra de se comprometer com esse ou aquele grupo político, com esse ou aquele projeto de poder, seja das esquerdas ou das direitas. Por conseguinte, sugere retirar do liberalismo a responsabilidade de assumir as escolhas feitas por seus adeptos ao longo da história, pois parece ser uma posição fluida, líquida, e, como tal, quer se desmanchar no ar.

Parte 3: Liberais antifusionistas

De acordo com o que foi exposto até agora, os jovens liberais de Campina Grande afirmam que a melhor forma de definição do liberalismo é o “amor à liberdade alheia”, o respeito à maneira com que o outro quer viver, com isso, a principal justificativa para a existência do Estado seria a proteção do direito à liberdade individual.

Segundo Foucault (2008), o problema do liberalismo é a limitação do governo, tendo como princípio aquilo que é interno a ele, ou seja, os objetivos e as práticas governamentais, desse modo, a razão governamental girará em como não governar demais. Foucault (2008) percebe nesse dilema a ambiguidade do liberalismo, pois, ao mesmo tempo em que cria o Estado com a função de garantir a proteção à liberdade do mercado e da livre iniciativa do indivíduo, o liberalismo também precisa se ocupar de limitar o poder e a atuação desse mesmo Estado, coibindo os seus excessos.

Foucault (2008) também argumenta que a defesa da liberdade como concepção do liberalismo se apoia em um conceito alternativo, o da pluralidade, e a liberdade, na verdade, serviria à diversidade da vida contemporânea. Lagasnerie (2013) explica que Foucault chega a esse entendimento se baseando na *forma-mercado*, um modo de regulação de uma sociedade

diversa e plural, seja em suas atividades de comércio ou nas formas de existência dos indivíduos. Esse entendimento levou o filósofo francês a deduzir que a lógica do liberalismo caminharia para um universalismo, mundo global, multiforme e de regulações mínimas. Desse modo, um mundo concebido pelos termos do liberalismo jamais será unificado, totalizado, uma vez que ele não se desenvolve dentro da lógica de um horizonte em comum, mas, sim, substancialmente, dentro de uma razão que valoriza o plural e não teme o contraditório (FOUCAULT, 2008; LAGASNERIE, 2013).

Por consequência, o inimigo do liberalismo não seria o socialismo ou o marxismo, porque aquilo pelo qual tem sido motivo de luta e de contestação para o liberalismo é a atitude que visa promover uma percepção unificante ou unificadora da sociedade, tendendo a valorizar o que diz respeito ao coletivo e ao comum, em detrimento do que é individual e particular (LAGASNERIE, 2013).

Em seu artigo *Porque não sou conservador*⁴⁴, o liberal Friedrich Hayek avalia que conservadores e socialistas têm em comum a tendência de impor ordem às condutas humanas, compartilhando, também, o medo da novidade e da inovação social, que causariam a desordem ou o descontrole, tendo, ambas as vertentes políticas, uma propensão ao uso da autoridade. Nesse artigo, Friedrich Hayek se mostra preocupado em proteger o indivíduo de uma sociedade que aceita que o Estado interfira na vida privada. Através deste entendimento, Hayek esclarece um pouco o ponto defendido por Foucault (2008), de que a lógica do liberalismo está ocupada em limitar o poder de atuação do governo. Essa preocupação distinguiria o liberal de um conservador, que pode admitir o uso da força policial para coibir comportamentos sociais estranhos à sua moral.

Ainda no primeiro contato da pesquisa, Toni e Gabriel esclareceram que liberais não seriam de direita e nem conservadores, ao fazerem isso eles se posicionavam dentro do campo político e também afastavam as impressões que haviam de que eles faziam parte da “nova direita”. Esse entendimento é compartilhado por todos os outros jovens liberais de Campina Grande. Bia diz que essa é a “grande diferença” entre ela e um conservador: “Eu não uso drogas e jamais faria um aborto, entretanto, eu defendo que essa decisão seja do próprio indivíduo, só ele sabe o que é melhor para si”.

O desacordo entre os jovens liberais de Campina Grande aparece na pesquisa quando eles irão opinar sobre o porte de armas. Tanto Nanda como Tiago e Beto se mostram indecisos quanto à liberação da venda e do uso de armas no Brasil, eles justificaram que precisam adquirir

⁴⁴ Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>. Último acesso em 03 de março de 2019.

mais “embasamento” para poder afirmar uma posição. Nesse sentido, eles tendem a dizer que não apoiam, principalmente Nanda e Tiago, sob o argumento de que eles não têm “certeza” dos benefícios que isso traria para a sociedade brasileira. “Eu não vejo com bons olhos a liberação de armas em uma sociedade que dá claros sinais de autoritarismo”, enfatiza Tiago em sua entrevista em profundidade. Essa divergência em relação à pauta das armas mostra que cada jovem liberal tem uma maneira de enxergá-la e que, apesar da influência que exercem uns sobre os outros, em algum nível ela depende das disposições internas de cada um.

Opinião contrária tem seus amigos, Toni, Gabriel, Júlio, Felipe, Bia e Sofia, que alegam que os indivíduos devem ser “livres” para decidirem o que querem comprar, mas, principalmente serem livres para se defender. Desse modo, a liberação da venda das armas é percebida por esses jovens como uma espécie de direito, direito a tentar proteger sua vida, seu corpo e sua propriedade. Entretanto, o porte de armas propriamente dito, ou seja, a possibilidade de as pessoas andarem armadas, é encarada com receio, com isso eles titubeiam, não sendo enfáticos na afirmação do porte. “Essa parte realmente eu acho mais difícil de responder porque precisa da consciência das pessoas”, argumenta Sofia.

Afora a pauta das armas, os jovens liberais apresentados nesse estudo tendem a concordar em suas opiniões e argumentam que o excesso de proibições onera a sociedade, que acaba por se tornar refém desse controle. Nesse sentido, eles alegam que, ao proibir certas atividades e classificá-las como criminosas e ilegais, a sociedade faz com o que o Estado crie um órgão de controle e uma força policial especializada em fiscalizar e prender pessoas desviantes, com isso, aumenta a força estatal e diminui a liberdade do indivíduo. O exemplo clássico que eles usam para explicar esse ponto de vista é a criminalização de drogas, como maconha e cocaína. Bia argumentou que a proibição gerou violência e justificativas para o preconceito de classe. Gabriel desenvolveu todo um trabalho de pesquisa para mostrar que a proibição das drogas provocou o encarceramento de milhares de brasileiros e brasileiras pobres e tem causado o flagelo da política de direitos humanos no Brasil⁴⁵. Toni e Sofia argumentam que, além de todo o prejuízo social da criminalização das drogas, a sociedade estaria gastando milhares de reais com uma “política falida e nociva”. “A polícia militar passa o dia caçando pequenos traficantes e usuários, isso tem dado em quê? Qual benefício temos tirado disso?”, questionou Sofia.

Diante da questão que se abre para os jovens liberais em torno da “pauta social”, como alguns se referem às liberdades individuais, nasce o entendimento de que não é viável a união

⁴⁵ Ao final deste capítulo, o trabalho de pesquisa de Gabriel será melhor apresentado ao leitor.

de liberais com conservadores no Brasil, em vista de que os conservadores, em linhas gerais, trabalham para garantir que certas liberdades, como o uso de drogas e aborto, não sejam dadas aos brasileiros e brasileiras e, desse modo, querem conservar políticas públicas danosas para a sociedade, porque ferem em grande medida a autonomia dos indivíduos, ou seja, fere as liberdades individuais.

Em vista disso, a posição *antifusionista* dos jovens liberais está alicerçada na defesa do que seria para eles o princípio básico do liberalismo: deixar a vida das pessoas em paz. Ao defenderem um tipo de liberalismo fundamentado na “defesa radical” da liberdade, como disse Sofia em entrevista, eles marcam a posição deles em relação à direita e aos conservadores, que aqui no Brasil são historicamente ligados ao liberalismo, mesmo que esses aleguem de que se tratava de um “liberalismo de mentira”, como acredita Beto.

Gabriel explica que ser antifusionista: “É aquela ideia bem besta de que conservadores e liberais devem se unir para combater o grande mal comunista”. Na realidade, ser *antifusionista* é não abrir mão de sua identidade política liberal para se associar com os conservadores, mesmo que seja para avançar pautas econômicas. Sobre isso, Gabriel ainda disse: “Está se formando uma nova geração de liberais. As pessoas não estão chegando [no movimento] só por causa da economia, estão chegando por causa das drogas, pelos direitos da mulher, pela liberdade. Está mais abrangente”.

De certa forma, essa abrangência de que fala Gabriel se deve à internet e à possibilidade de eles produzirem conteúdo liberal e divulgarem através de suas mídias sociais. A internet também ajudou na disseminação de suas identidades políticas, em razão de que, com o acesso de novos membros, aumenta a impressão de que o “movimento liberal” começa a caminhar com as suas próprias pernas, pois, já tem uma definição que é compartilhada com indivíduos espalhados pelo país, mesmo que de maneira muito minoritária. Grande parte desta percepção de que existe um “movimento liberal” se vale da atuação da rede SFL em variadas cidades e estados do Brasil⁴⁶. Nesse sentido, Gabriel fala de uma “geração”, na realidade uma comunidade imaginada, um novo grupo de indivíduos que se afirma liberal e que não aceita mais se fundir com os conservadores, como ocorreu com os antepassados do liberalismo aqui no Brasil e, até recentemente, na eleição de Jair Bolsonaro.

Gabriel também avaliou que no começo dessa década, 2012, os liberais tinham “dificuldade” em dizer o que era liberalismo e do que se tratava ser liberal, além disso havia uma aproximação com os conservadores, o que para ele dificultava ainda mais no trabalho de

⁴⁶ Confira site da rede <https://studentsforliberty.org/brazil/>.

definição do liberalismo no Brasil. “Hoje eu vejo que o movimento liberal está muito definido em relação a outros movimentos. Ele define as suas pautas, ele não é mais tão influenciado e se recusa a ser cooptado como há seis, sete anos atrás”, acredita Gabriel, por mais que a realidade se mostre controversa.

Para não se fundirem ao movimento conservador, como costuma acontecer com o liberalismo no Brasil, os jovens liberais “de verdade” percebem que precisam ter um movimento forte e ao mesmo tempo independente, só que, antes, eles precisam conquistar simpatizantes. Desse modo, os grupos de estudo nas universidades servem claramente a essa necessidade de avanço, mas principalmente de definição clara do que seria liberalismo, que resulta em uma promoção da identidade liberal nos termos propostos por eles. Os jovens liberais de Campina Grande acreditam que uma vez incorporada essa identidade política, ela não tem como se fundir ao conservadorismo praticado no Brasil, quase sempre nacionalista e moralizante.

Desse modo, os grupos de estudo lhes ajudam a apresentar pautas liberais dentro de um ambiente acadêmico, portanto, formador de opinião e de pensamento, mas também auxilia na construção de suas identidades políticas, uma vez que é através de suas atividades que eles podem colocar em prática o discurso e a atitude *liberal antifusionista*.

Parte 4: o grupo em ação

Entre os jovens interlocutores existe um certo consenso de que a atuação deles em Campina Grande é respeitosa em relação aos outros grupos que orbitam o campo das ideias políticas. Para eles, isso seria sinônimo de uma atuação liberal baseada no princípio que defendem, de “amor à liberdade alheia”. Em seus relatos a respeito de suas atuações políticas, eles sempre ponderam o caráter tolerante e respeitoso dessas atividades. Portanto, as ações desenvolvidas que serão expostas brevemente serviram como uma forma de apresentação deles dentro da comunidade acadêmica e para os quais é importante que essa atuação seja percebida como tolerante e aberta ao confronto respeitoso de ideias e argumentos, em razão de que esta atitude “tolerante” se mostra parte da estratégia de avanço liberal no campo da esquerda (contudo sem deixar de lado a direita) e na definição de sua identidade política “liberal por inteiro”. Destaco que nesses eventos os jovens liberais estão falando para eles mesmos e não para mim diretamente, de modo que, ao falar para seus pares, o interlocutor mostra aspectos originais de sua atuação, uma vez que não fala para o gravador de voz e sim para aqueles que com ele desenvolvem em primeira mão uma interação social.

O Coletivo Luís Gama é composto por oito dos nove informantes dessa pesquisa, a única exceção é Bia, que não faz mais parte de nenhum grupo liberal, os demais fizeram ou fazem parte do Luis Gama, contudo, todos os oito participaram da fundação do Coletivo. São eles: Felipe, Beto, Sofia, Júlio, Tiago, Gabriel, Toni e Nanda. Ao longo de dois anos e meio da pesquisa de campo, o grupo promoveu eventos no Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da UEPB e também na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Na percepção de Beto, estudante de História, o Luís Gama conquistou o “respeito” dos estudantes do curso de Direito da UEPB, para ele isso prova que seus amigos liberais levam a sério a ideia de proteger a liberdade do outro de discordar e de pensar diferente, lógica que se basearia no princípio liberal defendido por eles. “A gente acha que consegue vencer debatendo ideias, por isso a gente quer tanto debater e não ficar desqualificando uma pessoa, chamando a pessoa de ladrão, fascista, esse tipo de coisa”. Na opinião de Beto, o Luís Gama tem “disposição” para ouvir a opinião de outras pessoas, por acreditar que seus principais membros são capazes de convencê-las pelo argumento liberal ou pelo menos dissipar a ideia de que liberais seriam “intolerantes”. “Você pode pegar pessoas de esquerda que foram para os eventos, elas publicaram no Facebook elogiando: ‘Fui muito bem recebido’, ‘Não esperava ser tão bem recebido pelo Luís Gama’”, disse com clara satisfação.

Nanda disse em entrevista que o propósito do Luís Gama seria repassar um conteúdo de “qualidade” sobre liberalismo: “Tem muita desinformação, poucas pessoas conhecem de fato”. Na percepção de Nanda, as pessoas associam o liberalismo ao conservadorismo, com isso, ela vê na atuação do Luís Gama uma forma de combater essa compreensão.

Gabriel, em entrevista, afirmou que o objetivo do grupo seria debater ideias liberais que, segundo ele, tem “outro tipo de viés” na universidade. Gabriel acredita que os estudantes dos cursos de Humanas não têm acesso à literatura liberal produzida por alguém de dentro do movimento, ele diz que “quase sempre” o conteúdo apresentado foi criado por “alguém de esquerda”, com interesse de criticar o liberalismo, e não de apresentar seus principais pensadores e textos fundamentais. Portanto, o grupo de estudo funciona como um meio alternativo de os estudantes terem acesso a esse conteúdo “liberal de verdade”.

Em sua entrevista, Toni afirmou que o grupo funciona também como um pretexto para atrair pessoas com alguma afinidade à esquerda ou à direita.

É muito difícil eu chegar e dizer: "ei, vem cá, deixa eu confrontar aqui a tua opinião". Você não vai fazer isso, mas, aí você diz: "ei, vai ter um evento de um grupo de estudos ali e a gente vai debater sobre tal coisa". E aí a pessoa vai lá, debate, checka se

a visão dela está certa, faz a gente checar a nossa visão também. A gente diz: "O tema de hoje é drogas". E a gente vai lá e chama aquela cara que é de esquerda. Depois tem outro tema que é mais relacionado à economia, aí a gente vai lá e chama o outro que é de direita. E vai puxando aos poucos. (Entrevista realizada em junho de 2016).

Dentro da trajetória do Coletivo Luís Gama, acompanhada em pesquisa etnográfica realizada em Campina Grande, três eventos podem ser considerados importantes e, desse modo, serão expostos e analisados brevemente. Um deles é o “Fórum de Lideranças”, promovido em março de 2017, realizado em uma das salas de aula do Centro de Ciências Jurídicas da UEPB. O segundo é a Conferência Estadual do SFL, realizada em março de 2018, em um dos auditórios da UFCG. E o terceiro é o Café Liberal, realizado no café de uma livraria, em outubro de 2018. Todos foram registrados em diários de campo, anotações foram realizadas durante os eventos e posteriormente analisadas e passadas a limpo no gabinete de pesquisa. Com isso foi possível ser feita uma análise de suas falas e das impressões que causaram tanto em mim como naqueles que ouviam as suas apresentações. Aqui serão expostas brevemente algumas considerações.

Fórum de Lideranças

O Fórum de Lideranças foi o primeiro evento oficial do Coletivo Luís Gama, logo após o racha com o Tropeiros Libertários. O fórum foi promovido em todo o país pela rede SFL, através de seus jovens voluntários. Em Campina Grande, ela contava com o apoio de oito dos nove informantes da pesquisa, seis deles estudavam Direito na UEPB. Eles conseguiram a concessão por uma tarde de uma pequena sala de aula, onde receberam menos de dez pessoas, contando comigo e com seus dois palestrantes do dia. Tiago e Gabriel foram os escolhidos para liderar o fórum, que na prática se parecia mais com uma pequena reunião de grupo.

No diário de campo, ficou registrada a curiosidade em torno do nome escolhido para o evento, que parecia mais com um treinamento ligado a empresas privadas, voltado para pessoas que ocupam cargos de chefia, direção etc., tendo como foco a performance dessas pessoas frente a essas organizações. Mas, na realidade, o objetivo seria a maneira de falar, de se apresentar e de como liderar um debate, uma conversa, só que não para funcionários ou clientes, mas sim para indivíduos dentro de um contexto de debate político, podendo ser presencial ou virtual. A preocupação do grupo (e da SFL) seria treinar jovens liberais para serem capazes de falar com aqueles que não simpatizam com política ou com liberalismo, evidenciando na identidade e na postura liberal os valores já apresentados aqui, de amor à liberdade do outro, nesse caso a partir

das atuações de indivíduos que participaram historicamente de algo marcante, como Joaquim Nabuco, Frei Caneca, Luís Gama.

O primeiro a falar no Fórum foi Tiago, ele abriu o evento dizendo que “muitas vezes”, por causa do discurso deles e da maneira com que são percebidos por alguns “antagonistas”, acabam sendo associados a uma “direita”. E continuou dizendo que os “antagonistas” se utilizam dessa associação para “denegrir” a imagens dos liberais. Nesse momento ele foi interrompido por Gabriel, que pediu licença para lançar para a pequena plateia uma pergunta, seguida de uma resposta:

Pensem aí com vocês, o que é a esquerda? Sério. Você consegue definir muito bem o que é a esquerda. Você consegue dizer que a esquerda é aquela que luta pelo social, que a esquerda é que tem a preocupação com a igualdade. Mas, o que é a direita? O comum é que você jogue no mesmo bolo Milton Friedman e Adolf Hitler, como se eles tivesse algum nível de igualdade de pensamento. Isso é uma das coisas que a gente tem que batalhar para desconstruir. (Registrada em março de 2017)

Gabriel continuou argumentando que esse seria o “grande esforço” dos jovens liberais: não cair nessa “dicotomia” de que existe uma esquerda e “existe o resto”. Na percepção dele, a dicotomia seria, basicamente, de um lado os que lutam pela igualdade (esquerda) e do outro lado tudo aquilo que não seja considerado de esquerda.

Gabriel prosseguiu e revelou: “A melhor coisa que você aqui pode fazer pelo liberalismo é ser uma pessoa melhor. Você precisa saber se portar na sociedade e precisa saber conversar sobre política de forma racional, sem ferir a dignidade do outro”. No entendimento de Gabriel, saber respeitar a “dignidade” ou ainda a escolha do outro é o preceito básico do liberalismo, se uma pessoa não o segue, ela não seria, essencialmente, um liberal. Portanto, abrir o fórum com aquilo que eles compreendem como sendo o princípio do liberalismo seria a melhor maneira de formar “lideranças liberais”. Era preciso antes de tudo que se compreendesse o que significa ser liberal. Assim como era necessário, também, dissociá-lo da “direita” e do conservadorismo.

Tiago complementou o argumento do amigo e disse que “não dá para esquecer” os esforços de liberais em “defesa da liberdade” ao longo da história, “fundadores da democracia” e dos “direitos naturais”. Tiago escolheu como exemplo o México, citando o ex-presidente Benito Juárez como referência de um liberal histórico que precisa ser “resgatado”. Tiago explicou ainda que, no século XIX, Benito Juárez teria sido “fundamental” para a consolidação da república mexicana, tendo ajudado a fomentar no país uma “constituição livre”, que dava autonomia à população indígena do México e promoveu a primeira reforma agrária do país. “O

respeito ao direito alheio é a paz”, citou Tiago, alegando que se tratava de uma frase dita por Benito Juarez. Aqui transparece um ponto já discutido no início deste capítulo, o de que as identidades coletivas costumam buscar na história elementos que reivindicam as suas essências (WOODWARD, 2014). Nesse sentido, assim como recorrem à história do abolicionista Luís Gama, Tiago recorreu aos antecedentes históricos de Benito Juarez para dar o exemplo de liberalismo que eles defendem, focado na proteção da liberdade de minorias, por exemplo, e na defesa da democracia como fonte de convívio pacífico dentro de uma sociedade. Dito de outra forma, não é só a esquerda que participa de “lutas sociais” pela “igualdade”.

A intenção do evento voltado para jovens lideranças liberais era promover um liberalismo baseado em defender as liberdades individuais, porém é importante perceber que, nesse caso, seria quase como um ataque ao “monopólio da esquerda” na proteção dos direitos sociais. Tiago completou seu raciocínio afirmando: “Liberalismo é deixar que o outro fale, deixar que o outro seja como quiser, não interferir na liberdade do outro. Isso é a paz e não existe liberdade sem paz”. Ou seja, liberalismo não é apenas um conjunto de ideias econômicas, liberalismo não é só empreendedorismo, mercado etc. É como se na percepção desses jovens, apresentados neste trabalho, morasse o entendimento de que a “esquerda”, ou melhor, os intelectuais da esquerda, tivessem interesse em difamar o liberalismo, em ocultar a contribuição liberal na criação dos direitos naturais, na criação da democracia e das repúblicas.

Na verdade, o grupo de estudos Coletivo Luís Gama e a própria rede SFL têm como intenção fomentar, dentro das universidades, o acesso à literatura liberal escrita por “liberais de verdade”, como Milton Friedman, John Locke, José Guilherme Merquior ou Friedrich Hayek, e ainda líderes históricos como Joaquim Nabuco, Luís Gama ou Frei Caneca. Aquele fórum ocorria como alternativa ao conhecimento apresentado na universidade, ao fazerem isso, eles sentem que estão construindo uma outra percepção do que se trata ser liberal. Os exemplos dados tanto por Tiago como por Gabriel serviam a essa compreensão, baseado nela, eles pretendiam criar novos liberais, mas liberais nos termos que eles querem, liberais “por inteiro” e antifusionistas no Brasil.

Gabriel acompanhou o amigo Tiago e também discorreu sobre o passado histórico de “lutas” dos “primeiros liberais” pela derrubada do absolutismo e pelo fim da escravidão:

O movimento liberal derrotou duas instituições que marcaram a história da humanidade, elas existiam desde que os seres humanos resolveram se juntar e viver em comunidade. Tinha um cara com poder total e haviam pessoas subjugando outras, estabelecendo que elas eram as suas propriedades. Isso durou o quê? Dez mil anos praticamente. E em menos de cem anos o movimento liberal conseguiu chegar lá e

acabar com essas duas instituições. Teve a chegada da república, a democracia, instituições liberais, a liberdade de imprensa, tudo isso é liberalismo. Conseguimos conquistar uma certa liberdade. A própria história de Luís Gama, é curioso como uma história tão grandiosa, tão paradoxal e bela, é simplesmente esquecida. O que é que a gente estuda de história liberal? (Registrada em março de 2017)

A escolha do nome para o coletivo que eles formaram carrega um fator emocional, mas também histórico e, por isso, significativo de suas identidades políticas juvenis. Luís Gama é uma referência de postura que os jovens liberais de Campina Grande gostam de considerar e de pontuar ser um “liberal”, desse modo sentem que limpam um pouco o passado histórico do liberalismo no Brasil, vinculado a um conservadorismo. Nesse sentido, eles ressaltam a participação dele no movimento abolicionista do Brasil e a atuação de “advogado de defesa” dos escravizados. Ao ressaltarem figuras como Luís Gama, eles se apoiam em um outro passado histórico do liberalismo, para eles esquecido, ocultado, pouco ou quase nada estudado pelos próprios liberais, inclusive. Eles não estavam explicando liberalismo para pessoas que se declaram de esquerda, na plateia só havia aqueles que tinham uma predisposição em se unir ao projeto deles. Na realidade, se tratava de um treinamento de como ser liberal, um momento rico para a pesquisa, de compreensão do modo como aqueles jovens atuavam e queriam ser vistos dentro do contexto político, mas também acadêmico, uma vez que aquela fala era produzida dentro da universidade. Era um evento significativo de suas atuações sociais e identidades políticas e ele denotava que havia uma preocupação quanto à imagem do liberalismo e da pessoa liberal.

O Fórum de Lideranças foi realizado durante a tarde e foi todo fundamentado em resgatar um passado supostamente liberal, carregado de significância para os jovens liberais de Campina Grande. Para que um membro seja considerado uma espécie de líder liberal, ele precisa também se identificar com essa história narrada por eles, ver significado nela e se ocupar de acioná-la, para que, assim, a imagem do liberalismo no Brasil ligada à direita, como disse Tiago na abertura do evento, possa finalmente se descolar do conservadorismo e finalmente ser compreendida como “liberdade ampla” e não apenas como liberdade econômica.

Nessa perspectiva de acionar um passado liberal e ao mesmo tempo expressivo de suas identidades políticas, Gabriel lembrou também da Confederação do Equador: “Uma história quase cinematográfica como é a história de Frei Caneca”, nesse momento um pequeno rebuliço se formou, todos na sala comentaram algo sobre o que foi dito, uns reconheceram que não

conheciam a história de Frei Caneca, outros alegaram não saber que tinha algo a ver com liberalismo.

Montenegro (1978) desenvolveu um estudo sobre a atuação e as ideias políticas de Frei Caneca, as quais o autor considera como um “liberalismo radical”. Ele esclarece que o monge carmelita nasceu em Recife e está impresso na história das revoluções pernambucanas contra o poder opressivo do império português. De acordo com Montenegro (1978), as convicções de Frei Caneca foram inspiradas nas obras do filósofo Jean-Jacques Rousseau, mas também em seus escritos históricos se percebe a forte presença das ideias iluministas e ainda influências do jusnaturalismo e do humanismo cristão. Montenegro também revela que o monge fundou o periódico semanal *Typhis Pernambucano*, no qual deu vazão às suas convicções e ideais de revolução. Montenegro (1978) descreve Frei Caneca como “mártir-profeta” e afirma ainda que o “monge revolucionário” tinha “personalidade forte” e apresentava as suas convicções com “mão de ferro”, mesmo diante de adversários poderosos, e, sem medir consequências, denunciava “abusos” e “despotismos” dos que estavam no comando do governo.

Carrijo (2013) defende que há interpretações equivocadas sobre a trajetória política republicana e revolucionária de Frei Caneca, apontando ainda que há muitas “complexidades” na atuação política do monge pernambucano. A partir do exame feito por ela dos escritos históricos de Frei Caneca, a autora afirma que se evidencia desses documentos a existência de um projeto político para o Brasil, porém ela destaca que essas ideias eram complexas e heterogêneas, pois se percebe no início da atuação do frei uma defesa da monarquia constitucional e também da descentralização do poder da coroa, contudo, posteriormente, Frei Caneca começa a defender o movimento republicano confederado. Carrijo (2013) então lança a hipótese de que o abandono do apoio à monarquia constitucional representativa se deu devido à conjuntura política em Pernambuco, que sofria pressões da coroa com cobrança de taxas e impostos, por ela ser das áreas de exploração portuguesa uma das mais rentáveis no Brasil. Mas sobretudo ressalta dos escritos de Frei Caneca a defesa de um regime constitucional (CARRIJO, 2013). Logo, a interpretação histórica que os jovens liberais têm feito da trajetória “liberal” de Frei Caneca valida a tendência que eles têm de buscar ancestrais para o liberalismo no Brasil – por mais que essas trajetórias políticas que lhes servem como referências não sejam claramente liberais.

Um ponto interessante de participação da plateia foi quando Tiago e Gabriel expuseram de que maneira o liberalismo poderia ser defendido atualmente no Brasil, o que havia de problema dentro da sociedade brasileira e que, na opinião deles, precisaria de um “choque de liberalismo”. Nesse momento, Gabriel perguntou se alguém havia assistido ao filme brasileiro

“Cidade de Deus”, imediatamente veio uma resposta significativa da plateia: “Segregação, fizeram isso aqui em Campina com o Major Veneziano”, respondeu um ouvinte aluno de Direito da Cesrei, faculdade privada de Campina Grande. Major Veneziano é um conjunto habitacional popular, construído durante o governo de Veneziano Vital do Rêgo (PMDB) com recursos federais repassados pelo governo Dilma Rousseff, através do programa habitacional “Minha casa, minha vida”. É considerado distante do centro e das principais áreas de comércio da cidade, lá, apenas uma linha de ônibus está acessível aos moradores e há também outras dificuldades devido à distância do centro e dos principais bairros, pois ele está localizado em uma área isolada da cidade. Tiago deu prosseguimento à interação da plateia e falou: “O Estado deu a habitação, mas não fez absolutamente mais nada, em Cidade de Deus não tinha água, não tinha luz, nem segurança”. Gabriel completou a informação do amigo e disse:

Aquelas pessoas moravam na região de Copacabana e foram removidas para um conjunto habitacional no fim do mundo. Elas foram jogadas lá. Cidade de Deus é um ótimo exemplo de como o Estado pode ser terrível e o filme mostra isso tudo. A relação da polícia (que é o braço do Estado) com a comunidade e como isso afetava tudo lá. O modelo de abordagem da Polícia Militar não vê os moradores como cidadãos. O policial acha que está numa zona de guerra, onde todo mundo é suspeito. Até hoje o pensamento da polícia é esse. (Registrada em março de 2017)

Gabriel foi interrompido por Toni, que estava na plateia: “Cidade de Deus é o exemplo real da falácia de que, na favela, o Estado não chega, muito pelo contrário, ele chega e em sua forma mais brutal”. Gabriel prosseguiu com entusiasmo, eles pareciam ter chegado em um ponto importante da discussão. Ele então prosseguiu dizendo que nas favelas as pessoas moram sem ter as escrituras de suas casas, pagam impostos mas não recebem serviços de qualidade, não tem esgoto, não tem saneamento básico, apesar de pagarem impostos relacionados ao consumo de água potável. Além disso, disse Gabriel, em favelas e bairros pobres o Estado usa de violência extrema e tem licença para matar. “Fora o fato de que a qualquer momento a polícia pode invadir a sua casa sem o mandado de um juiz. Isso é o Estado em sua forma bruta. Isso é você sem ter saída”, sentenciou Gabriel para a pequena plateia.

A pergunta que eu guardava comigo era o que aquilo tudo tinha a ver com a identidade liberal que eles estavam construindo. O que me surgiu foi o fato evidente, o de que não é só a esquerda que critica a ação violenta das polícias brasileiras, não é só a esquerda que critica a violência extrema e o flagelo dos direitos daqueles que moram em favelas e bairros pobres no Brasil. Portanto, o discurso seria para mostrar o quanto isso tudo fere a liberdade daqueles que

moram nesses locais e o quanto isso fere os direitos do povo pobre brasileiro e o quanto isso tudo precisa, também, do olhar crítico do jovem liberal. Dito de outro modo, o quanto essa situação precisa de um “choque de liberalismo”, na percepção dos jovens liberais. O tema mexeu com todos os que estavam presentes, a partir dali surgiram outros exemplos de violência estatal. Tiago lembrou que na “pacificação” do Morro do Alemão, também no Rio de Janeiro, os moradores atearam fogo nas unidades policiais. “Quem estava de fora não conseguia entender o porquê daquela revolta. Só que o Estado trouxe o toque de recolher, trouxe também o fato de você não poder mais andar na rua com uma sacola sem que um policial lhe pare para ver o que tem dentro”, lembrou Tiago.

No fim dessa discussão, Gabriel disse que era “preciso” que os liberais tomassem parte nesse problema, que afetaria de “maneira brutal” os moradores das comunidades pobres. Não ficou claro de que forma fariam isso, porém era visível que eles pretendiam criar uma agenda de discussões para o grupo, fato que ficaria mais claro em seu próximo evento oficial, a Conferência Estadual do SFL.

Quase no final do evento, Tiago pergunta quais as instituições de ensino que os jovens da plateia estudavam e as respostas indicaram que as principais academias de ensino superior de Campina Grande estavam presentes no fórum: UEPB, UFCG, Cesrei, Maurício de Nassau e Facisa, além de dois alunos da UFPB, contando comigo. Um representante de cada, mas ainda assim presentes.

Conferência Estadual do SFL

Outro evento importante de compreensão da identidade política liberal apresentada neste trabalho é a conferência que o Coletivo Luís Gama realizou em março de 2018, em um dos auditórios da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Registrada em diário está a possibilidade que houve de assistir o amadurecimento de temas que eles já falavam há pelo menos um ano atrás, como segurança pública e “guerra às drogas”. Por um lado, a participação de liberais no movimento abolicionista brasileiro, por outro lado, dois temas principais do evento, mais um terceiro painel que apresentaria um trabalho de empreendedorismo social que liberais estão desenvolvendo em favelas de Recife. E ainda outro que pretendia demonstrar como se investir em *bitcoin*; esse último painel fazia se ter a certeza de que o evento não seria de esquerda, uma vez que também iria ser apresentado um conteúdo ligado ao mercado, ao sistema capitalista.

A Conferência também foi um evento promovido pela rede SFL em todo o país, com o apoio de seus jovens voluntários. Para Campina Grande, vieram dois palestrantes, Denise Coelho⁴⁷, uma professora de História que atua em Recife, e outro palestrante de São Paulo, empresário da Foxbit, que atua no ramo de criptomoedas como *bitcoin*. Sofia e Gabriel também seriam palestrantes, particularmente estava interessada no que eles apresentariam. O tema da palestra de Sofia seria: “O desabrochar da camélia: como negros liberais acabaram com a escravidão no Brasil há 130 anos”. Gabriel por sua vez iria expor “Drogas, detentos e direitos humanos: como chegamos a 60 mil homicídios por ano”, pesquisa que ele desenvolveu sobre como o tráfico de drogas e o sistema prisional afetam a segurança pública brasileira e estão corroendo a liberdade individual e a percepção dos direitos humanos.

O evento estava marcado para começar às quatro da tarde, entretanto eles decidiram não começar no horário previsto, no esforço de ver se chegava mais alguém, pois o relógio já marcava quatro horas, porém, para o que esperavam, não havia plateia suficiente. Claramente eles esperavam mais. Na realidade, o desejo que todos os jovens liberais do Coletivo tinham era o de que a plateia viesse a preencher pelo menos a metade da capacidade do auditório, prevista para cem pessoas sentadas em seu total. Era o maior espaço onde já haviam se apresentado, certamente escolheram um auditório porque apostaram na potencialidade do evento.

Aquela foi uma tarde onde as expectativas deles estavam evidentes, o pedido de reserva de um auditório mostrava duas coisas: que a universidade cede seus espaços para estudantes e jovens promoverem suas ideias, convicções e culturas; e que o Coletivo Luís Gama esperava no mínimo ocupar metade do local, trazendo cinquenta pessoas para ouvir conteúdo liberal do tipo que defendem e isso era o máximo que já haviam conseguido. Eles estavam apostando alto em si mesmos.

Eu ainda estava na porta do auditório com Toni, Tiago, Sofia e Beto, quando chega Gabriel, de paletó e com semblante meio assustado, dizendo que havia dentro do local pouco menos de dez pessoas. Eles se olharam desanimados, Gabriel um pouco mais nervoso que os outros, mas, reunidos ali mesmo, decidem sair pela universidade chamando pessoas para assistir às palestras.

Beto, estudante do curso de História, portanto frequentador da UFCG, decide ir até a praça de alimentação de “humanas” chamar as pessoas que ali estivessem para participar da Conferência. Tiago se anima mais um pouco e concorda com a ideia do amigo, em seguida diz

⁴⁷ Nome fictício. A palestrante não autorizou o uso de seu nome verdadeiro nesta tese.

que irá para “exatas”, também chamar possíveis ouvintes. Sofia decidiu acompanhar Tiago, e eu, particularmente, decidi ir junto com eles, para ver de perto a abordagem para “o pessoal de exatas”. Nisso, percebo que Tiago, ao encontrar um grupo de estudantes, só citava a palestra que haveria sobre *bitcoin*, suprimindo as outras três. Perguntei qual seria o motivo dele em não repassar a informação completa, Tiago respondeu: “Aqui ninguém vai dar bola pra tema de humanas, se eu falar de bitcoin, tem mais chance de eles irem e lá eles veem todas”. A estratégia, porém, surtiu efeito tímido, máximo de quatro pessoas disseram que iriam “dar uma olhada”, mas nada que demonstrasse certeza, nem mesmo Tiago ou Sofia pareciam estar convencidos de que iriam obter algum tipo de retorno daquelas abordagens. Na volta, encontramos Beto, que também não estava animado do investimento que fez na praça de alimentação do Centro de Humanidades.

Já eram quase seis da noite quando eles finalmente decidiram começar o evento com as pessoas que estavam lá, pouco menos de trinta espectadores. A primeira palestra falou sobre *bitcoin* e foi apresentada pela *Foxbit*. A linguagem utilizada pelo palestrante poderia ser considerada de “exatas” mesmo, programação, *softwares*, banco de dados, sistemas operacionais etc., tudo para explicar como surgiram e como funcionam as criptomoedas. É fato também que o palestrante vez por outra falava em “livre mercado”, maneiras de acumular ou trocar dinheiro sem a interferência do governo e dos bancos, na verdade, se tratava de dicas sobre como adquirir ou guardar vários tipos de moedas virtuais sem fiscalização.

A palestra que tinha um tom de livre mercado foi a primeira e a única, logo mais o evento adotaria o caráter mais de “humanas”, aguardado particularmente por mim, afinal, dois dos três painéis finais seriam apresentados por dois jovens interlocutores.

A segunda palestra da noite foi apresentada por Sofia. Ela confidenciou à plateia que não estava nervosa e realmente não parecia. O título “O desabrochar da camélia: como negros liberais acabaram com a escravidão no Brasil há 130 anos” foi escolhido por ela depois que teve acesso ao livro escrito pela socióloga Angela Alonso “Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)”. Essa obra passou a ser uma de suas preferidas, devido ao conteúdo que trazia, referente aos idealizadores do movimento abolicionista, entre eles Luís Gama e André Rebouças, os prediletos de Sofia, por serem negros e lutarem pela liberdade de seu povo. Ou seja, Sofia ressalta porque são dois negros liberais que para ela têm uma “linda história”, tudo isso imprime um significado para Sofia, pois, segundo o que ela pensa, poderia haver uma associação de que Luís Gama e André Rebouças seriam de “esquerda” pelo fato de serem negros, por isso a necessidade de se destacar a posição liberal que eles essencialmente teriam. Entretanto, é válido observar que André Rebouças e Luís Gama se envolveram na luta

mais significativa do tempo em que viviam. Esquerda e/ou direita, dentro de um país escravocrata, seria um embate secundário e na verdade inexistente dentro do período histórico no qual se inserem.

A apresentação de Sofia durou meia hora, ela fez um resumo do movimento abolicionista apresentado na obra de Alonso (2015) e, ao final, disse que “gostaria” que o movimento abolicionista fosse estudado nas escolas e que as crianças aprendessem mais sobre a história do movimento que antecedeu a abolição dos escravos no Brasil. Aqui mais uma vez se vê uma queixa pública da forma em que a história é contada, esse tipo de reivindicação é recorrente na pesquisa, uma vez que eles acreditam que os heróis do liberalismo têm a sua marca liberal suprimida, na percepção deles não faz parte da narrativa formal dizer que eles eram “liberais”, entretanto, historiadores ressaltam em seus estudos a complexidade que é reconstruir trajetórias políticas, as quais, muitas vezes, são perpassadas por dinâmicas heterogêneas e portanto difíceis de serem determinadas como pertencendo a uma única e determinada posição política. Tanto Frei Caneca, como Luís Gama seriam dois personagens históricos que, na visão dos jovens interlocutores, são exemplos de liberais que lutaram pela defesa da “liberdade” e que devem ter sua memória resgatada como parte do projeto de construção dessa identidade política liberal antifusionista, na qual a defesa da liberdade é ampla, e os valores não são negociados ou trocados pelo apoio de conservadores para avançar pautas econômicas, como na realidade quase sempre aconteceu (ou acontece).

Em momentos assim da pesquisa, parece claro que está se tratando aqui de uma nova maneira de ser liberal no Brasil, de uma outra forma de estabelecer vínculos políticos, proferir valores, o foco também está na economia, mas os jovens da pesquisa costumam dizer que ela não pode existir sem liberdade individual e política. Os jovens liberais precisaram buscar referências em um passado para poderem dar sentido às suas identidades políticas no presente. Nesse passado, eles encontram a firmeza de uma convicção na liberdade humana, na defesa de direitos iguais, e todos os personagens que são exaltados cumprem esse papel, de dar sentido a essência de ser um liberal “de verdade”, um liberal como Luís Gama ou André Rebouças, como enfatizava Sofia para a plateia no auditório da UFCG.

Em sua apresentação, Sofia disse também que os abolicionistas representavam o país e o “liberalismo no Brasil”, e afirmou estar se sentindo “honrada” por ter trazido um pouco deles para a plateia. Em sua entrevista à pesquisa, ela confessou que foi um dos momentos “mais emocionantes” de sua vida, por poder falar de Luís Gama e dos “liberais” que ajudaram a “derrubar a escravidão”. Sofia se apropriou da história desses personagens históricos e lhes

atribuiu a marca liberal que torna a sua própria identidade política tão especial e significativa para ela mesma.

A Conferência estava sendo também uma oportunidade de conhecer pessoas liberais que desenvolvem trabalhos voluntários, indivíduos que promovem alguma atividade social e voluntária voltada para aqueles que têm suas liberdades ou direitos atingidos. E, com isso, diferente dos jovens da pesquisa, que atuam mais dentro das universidades e mídias sociais, debatendo ideias e reivindicando espaços. Assim, depois de Sofia, foi a vez da jovem professora e historiadora Denise Coelho, com a palestra “Como estou fomentando a livre iniciativa na favela”. Denise é filiada ao Movimento Livres⁴⁸. Assim que começou a palestra, ela explicou porquê usa o termo “favela” em suas apresentações:

[...] eu não falo periferia, porque, o nome certo mesmo é favela, porque as pessoas foram favelizadas. As pessoas não saíram dos grandes centros de um lugar perto de tudo e foram morar no morro sem nenhuma infraestrutura porque elas queriam. Elas foram jogadas das suas casas para lugares como beira de rio, morro e vários outros alagadiços. Então, quando a gente vai falar de favela, a gente tem que entender que houve sim um movimento de favelização em nosso país, através de reformas higienistas, porque, os centros das cidades tinham que ser lugares limpos e em lugares limpos negros e pobres não eram bem vindos. (Registrada em março de 2018)

E prosseguiu dizendo que estava ali também para “ajudar” o “movimento liberal” a fazer uma “autocrítica”, pois ele estaria crescendo, mas ainda estaria “sofrendo”, por ser um movimento político que viveria dentro de uma “bolha”. “[...] o movimento liberal ficou muito preso à classe média, pessoas que conseguem chegar ao ensino superior, que são escolarizadas, empresários e por aí vai”. Denise Coelho disse à plateia que além de apresentar o trabalho que ela vem desenvolvendo nas favelas de Recife, ela gostaria de “despertar” a atenção dos jovens liberais que ali estavam, pois, na visão dela, os liberais falam “para eles mesmos” e não conseguem dialogar pelo menos com parte da população, para que assim pudessem se transformar em um movimento popular.

Nós somos no mundo, de acordo com a Unesco, no relatório de desenvolvimento global da educação para todos, o oitavo país com o maior número de analfabetos do

⁴⁸ O Movimento Livres surgiu após a entrada de Jair Bolsonaro no Partido Social Liberal (PSL), em janeiro de 2018, desde então os liberais que lá estavam saíram e decidiram criar o Livres, um movimento liberal “suprapartidário” que, dentre outras coisas, se afirma liberal “por inteiro”. Confira outras informações: <https://www.eusoulivres.org/sobre/>

mundo. Oitavo país com o maior número de analfabetos do mundo e aí você vai fazer texto no Facebook? As pessoas não vão entender (risos). Só oito por cento da população em idade de trabalho aqui em nosso país, de acordo com o estudo de Paulo Montenegro, tem proficiência em Leitura, Escrita e Matemática. Ou seja, esses dados complexos que vocês estão mostrando as pessoas não estão entendendo nada. (Registrada em março de 2018)

Denise identificou dois “problemas” que fariam com que o liberalismo ainda estivesse em uma “bolha”. O primeiro deles seria a comunicação ou melhor a falta de uma comunicação clara e simples, que faz com que os liberais adotem o que ela chamou de “linguagem acadêmica”, com dados extensivos sobre economia, segurança, índices de educação, com pensamentos complexos e de difícil assimilação por aqueles que “trabalham o dia todo” e “levam esse país nas costas”. Denise estava defendendo que os liberais produzissem conteúdo voltado para as pessoas sem escolarização, mas que, na visão dela, precisam conhecer do que se trata liberalismo e como esse sistema político pode beneficiá-los. Ao produzir um material de “difícil assimilação”, os liberais continuariam presos a um universo restrito de pessoas intelectualizadas ou que pelo menos investem um tempo mínimo de leitura sobre o assunto.

O segundo problema, avaliou Denise Coelho, seria a ação ou melhor a falta de ações significativas que pudessem conectar os liberais à população e às demandas sociais que ela enfrenta dentro de sua realidade. Desse modo, Denise citou a “guerra às drogas”, o trabalho informal dos ambulantes e a situação de desapropriação pela qual inúmeros “favelados” são submetidos. Em outras palavras, Denise estava dizendo que os liberais falavam demais e agiam pouco. “Se você chegar para a pessoa mostrando milhares de soluções para a vida dela, mas não constrói com ela, dificilmente ela vai querer te dar atenção”. Aquele foi um momento interessante para a pesquisa, Denise parecia apresentar dois caminhos para o liberalismo, ser um movimento que discute ideias e tenta influenciar o campo intelectual do debate político, ou ser um movimento popular no qual as pessoas simples e sem escolarização também fariam parte de seu corpo ativo.

A reivindicação de Denise Coelho era nova na pesquisa e, na realidade, inaugurou uma percepção diferenciada neste estudo do que seria liberalismo no Brasil. A “autocrítica” apresentava um outro tipo de liberal, engajado em alguma atividade social e distinto portanto dos jovens liberais da pesquisa. Aquela apresentação mostrava que o movimento liberal era diverso em estrutura, havia gente com preocupações distintas dentro dele e talvez com metas diferentes também.

Claramente Denise Coelho se ressentia de apoio de outros liberais, em razão de que o papel do Coletivo Luís Gama e da própria rede SFL é fomentar o liberalismo dentro das universidades e nos espaços onde se discute política, uma meta talvez diferente da dela. Eles querem estar presentes no debate, querem ser relevantes na construção das ideias que definem pelo menos parte das ações políticas. Denise Coelho parecia querer chegar nas pessoas mais pobres para poder ajudá-las a “empreende” e, desse modo, pudessem ser “menos vítimas do Estado”. Havia naquela apresentação um caráter crítico, mas também significativo do movimento liberal, no qual há liberais com ambições e motivações distintas, porém que fazem parte do mesmo momento político e compartilham a mesma visão de mundo. Denise Coelho é admirada por todos os jovens liberais que participaram da pesquisa, eles têm semelhanças e afinidades que fazem com que ela também seja reconhecida por eles como uma liberal “por inteiro”.

Antes de finalizar a sua “autocrítica”, Denise ressaltou que os abolicionistas fizeram história e lançou a pergunta: “E nós, estamos fazendo o quê?”. Enquanto isso a plateia ouvia silenciosa, parecia digerir a autocrítica e a pergunta final lançada por Denise. No outro dia, no grupo de *Whatsapp* do Coletivo Luís Gama, Toni e Beto comentaram que ficaram “pensando” nas palavras de Denise e no conselho que ela deu de agir mais e falar menos, para poder conseguir se transformar em um movimento popular. Desse modo, eles estavam propondo que o grupo se reunisse para pensar e discutir “alguma ação”, só que até mesmo isso não conseguiu engajamento suficiente e o assunto morreu antes mesmo de nascer. Contudo, apesar disso, não se pode pensar que a “autocrítica” teria promovido algum tipo de cisão no grupo, pois Denise Coelho é recorrentemente citada pelos jovens interlocutores como exemplo de uma pessoa liberal em quem eles confiam e apoiam publicamente.

Nesse sentido, foi percebido que a natureza da atuação de Denise Coelho e do Coletivo Luís Gama é distinta, o Coletivo serve como meio de eles discutirem ideias e formarem opiniões e tem portanto uma atuação mais intelectual, contudo, ainda assim, importante na perspectiva deles, em razão de que fazem uma reivindicação da história e dos discursos políticos, no sentido de reposicionar o movimento liberal, no Brasil, atrelado à direita. E isso hoje também tem relevância dentro do movimento liberal. Então, o caráter de seus posicionamentos é distinto, enquanto Denise atua direto em comunidades pobres e tenta dessa forma potencializar as poucas oportunidades que elas têm, o Luís Gama procura atuar dentro das universidades e o trabalho de construir esquemas de pensamento tem um propósito, que é o de combater o estereótipo de que liberais são “egoístas” ou “conservadores”.

Maria da Glória Gohn, que estuda os movimentos sociais brasileiros há pelo menos trinta anos, explica (2017) que é “complicado” o processo de construção das identidades políticas dos *novíssimos* movimentos sociais, pois eles têm referências múltiplas e diversificadas, que dão a esses movimentos formas aglutinadoras de identidades variadas. Já os coletivos, diz Gohn (2017, p. 23), são “agrupamentos fluídos”, fragmentados, descentralizados e de controle horizontal, que podem ou não adotar formas de expressão contestatória, tendo dentro deles “grande influência” do anarquismo ou do libertarianismo. Gohn (2017) pontua ainda que um coletivo pode vir a ser um movimento social ou até mesmo se autodenominar um “movimento”, ou ainda se conectar a outros coletivos, configurando, portanto, um movimento social de muitos coletivos reunidos. Essa última observação de Gohn (2017) se valida quando se analisa a atuação do Luís Gama e dos jovens liberais de Campina Grande. É recorrente em suas falas o uso do termo “movimento” quando estão falando de si mesmos e de um grupo presumido de jovens que têm as mesmas convicções políticas e defendem o mesmo tipo de liberalismo que eles. Desse modo, o “movimento liberal” existe mais dentro de suas perspectivas do que como realidade na vida dos cidadãos e cidadãs, como se resente Denise Coelho.

Gohn (2017) esclarece ainda que um movimento social tradicional é mais estruturado do que os coletivos ou o movimento configurado pela conexão de vários coletivos, tendo opositores diretos, identidades políticas “mais coesas”, projetos específicos para a sociedade, e, seus membros são militantes de uma causa particular, sendo, portanto, mais que “ativistas casuais”. Com isso, o “movimento liberal” ainda não parece ser uma manifestação coesa, de indivíduos que militam por uma mesma causa particular, como o movimento negro, que luta pela emancipação do povo negro, por justiça e equidade. A crítica lançada por Denise Coelho denota que o movimento caracterizado como liberal é fluído, descentralizado e tem emergências diversas, entretanto tudo isso faz parte de sua história, faz parte desse novo momento do liberalismo no Brasil.

Gabriel se apresentou logo após Denise Coelho. A pesquisa que ele apresentaria tem uma importância para ele, uma vez que se ele destinou a atuar no combate à “guerra às drogas”, mas, do jeito dele, com dados, textos e apresentações como aquela. Porém, antes de dar início à exposição dessas informações, Gabriel explicou para a plateia porque ele se sente “fazendo história”:

Quando eu tinha uns quinze anos, eu fui convidado para dar uma mini palestra em um encontro do extinto Clube Caturité, o negócio era sábado, três horas da tarde, mas eu

resolvi que ia chegar 3:25 porque eu queria que as pessoas chegassem primeiro do que eu, pra eu entrar lá e já dar de cara com aquela multidão me esperando. Eu abri a porta e contei na sala quatro pessoas, contando comigo. Então, eu fico muito feliz em ver que estamos aqui, oito horas da noite, e tem quase trinta pessoas nesse auditório, porque, a gente está em uma cidade no interior da Paraíba. A gente está na região mais pobre do Brasil, um dos Estados mais pobres da região mais pobre e em uma cidade também pobre e a essa hora da noite a gente tem pelo menos trinta pessoas dispostas a ouvir sobre liberalismo, dispostas a ouvir sobre detentos e direitos humanos. Eu fico muito feliz em ver como a gente tem crescido nesse movimento. As vezes a gente esquece que o que a gente está fazendo aqui é sério, o que Denise fez aqui, o que Sofia fez aqui, a gente está escrevendo uma história. O que a gente está fazendo aqui vai aparecer no futuro. (Registrada em março de 2018)

Gabriel estava sendo sincero, ele de verdade sente que está fazendo algo importante para o liberalismo no Brasil, combatendo a compreensão que diz que liberalismo é de direita ou que ser liberal é ser conservador ou ainda que ser liberal é não dar valor à vida que o pobre leva. E mais, a percepção de que apenas a “esquerda” luta pelos direitos humanos ou pela justiça. E aquela palestra serviria também para mostrar tudo isso em que ele e seus jovens amigos liberais de Campina Grande acreditam.

A pesquisa desenvolvida por Gabriel sobre a relação entre o tráfico de drogas, o sistema prisional e o flagelo dos direitos humanos, cumpria com dois objetivos: o primeiro e mais importante seria expor que a política adotada pelo Brasil de combate ao tráfico de drogas é “ruim”, “onerosa” e “injusta”. O segundo objetivo é mais óbvio, mostrar que os liberais estavam entrando também nessa pauta e que, dentre outras coisas, provaria que a esquerda tem feito muito pouco ou quase nada por ela.

Desse modo, Gabriel apontou que o cerco ao consumo de drogas no Brasil feito pelo governo a partir dos anos 1970 se intensifica a partir de 1988:

Nós tivemos a edição da Constituição Federal e nela, surpresa, surpresa, o crime de tráfico de drogas foi equiparado ao hediondo. O que isso significa? Que no Brasil você dar maconha a alguém e receber em troca dinheiro é algo que causaria tanta reprovação e ojeriza social quanto estuprar. (Registrada em março de 2018)

Gabriel diz que foi a partir deste ponto da história do Brasil que usuários e traficantes entraram para o grupo de criminosos que deveriam ter todo o “repúdio” da sociedade e como tal serem excluídos de seu convívio. Entretanto, foi só a partir da Lei de Drogas, editada com o aval do presidente Lula, em 2006, que o sistema entrou em colapso. Gabriel apontou que em

2005, portanto, antes da Lei de Drogas assinada por Lula, apenas 9% dos detentos em presídios brasileiros estavam relacionados ao crime de tráfico de drogas⁴⁹. “Em 2014, esse número mais que triplicou, um em cada três detentos está preso por tráfico de drogas ou crimes conexos⁵⁰. Com isso, a população carcerária do Brasil tem crescido mais do que a população em si”. Gabriel costuma usar esse argumento com pessoas de esquerda que acreditam que o PT seria um partido progressista. Em outra conversa, registrada em outubro de 2018, Gabriel questionou: “Como um partido que se diz progressista assina uma Lei de Drogas em que aumenta a pena para aqueles que serão presos com menos de cem gramas de maconha?”, questionou para mim, sem saber ele que tocava em um ponto sensível de minha juventude e convicções políticas.

Os dados apresentados por Gabriel em sua conferência mostraram que existe uma relação entre a prisão de pessoas por tráfico de drogas e o aumento do crime organizado no país e ele não cansa de relacionar isso a um erro cometido pelo Partido dos Trabalhadores.

O sociólogo e pesquisador Loïc Wacquant (2004) alerta para o fato de que a sociedade, ao tornar a luta contra a delinquência urbana ou atividades desviantes consideradas ilegais um “espetáculo moral”, reafirma a autoridade do Estado sobre ela, ressaltando que a prisão não deve ser um “escudo” contra a delinquência ou o desvio de conduta, por ela ser antes uma “faca de dois gumes” que, quando usada em excesso, se transforma em veículo independente da marginalização e do empobrecimento. Desse modo, Wacquant (2004, *on-line*) defende que a criminalidade seja observada em sua “gênese, fisionomia cambiante e suas ramificações”, sendo, para isso, necessário promover um debate “racional e bem informado” que aborde a

⁴⁹ A antropóloga Regina Medeiros (PUC Minas) desenvolve pesquisas na área da sociantropologia das drogas, ela explicou que: “De fato, houve um aumento considerável de número de problemas vinculados às drogas nas prisões e que são registrados como “tráfico de drogas”, seja em encarceramento definitivo ou temporário na espera de julgamento. Em 2006, foi criada a lei de drogas 11.343, que no artigo 33 define como transgressão: vender, expor, oferecer, portar e depósito de drogas. Mas, nessa mesma lei, não define o que é um usuário/dependente e traficante, tráfico de drogas, porte de drogas. Se a classificação (usuário, dependente) e a quantidade de droga não está explícita, cabe ao policial, que está na linha de frente da repressão, usar de critérios subjetivos e, em geral, o que prevalece é o critério de suspeita que autoriza o policial intervir. Daí, o resultado que temos hoje retrata essa situação com as mortes e prisões brasileiras de pessoas negras, pobres, jovens, nível educacional baixo, principalmente nas grandes cidades. É comum constatar pelas pesquisas realizadas que: estão nas mesmas celas e com o mesmo tempo de prisão aqueles que foram autuados por porte de 20g de drogas e aqueles com 200g, independentemente se a justificativa for para uso pessoal ou para comércio. O sistema prisional é seletivo, pois, determinados grupos são invulneráveis, assim os aprisionados são resultados de uma linha de produção. A outra questão é que, nos processos, de uma forma geral, já apontados por várias estatísticas, o tráfico de drogas é associado a outros crimes como roubo, furto, violência, desacato a autoridade etc. Por essa razão, o que é contabilizado não são as pessoas e sim os crimes que envolvem as drogas. Daí, os índices aumentam significativamente. Em 2016, a lei de drogas completava 10 anos e foram organizados uma série de eventos para discutir essa questão e pesquisas nos centros de estudos sobre o tema, como: Plataforma Brasileira de Drogas, IPEA, ABRAMO, Cebrid, Fiocruz, dentre outras.

⁵⁰ Como apontou Regina Medeiros, os índices de crimes por tráfico de drogas contabilizam também crimes adjacentes, o que aumenta consideravelmente a espera por julgamentos.

promoção de determinadas atividades como ilegais, analisando as repercussões desse ato, suas implicações e seu significado na vida social. Ademais, o sociólogo atenta ainda para o fato de que, quando um pequeno traficante de drogas é preso, ele é logo substituído por outro, em razão de que subsiste a procura pelo produto tornado ilícito, denotando que pode haver casos em que seu sucessor seja novato e mais propenso a usar meios violentos para se afirmar e estabelecer sua autoridade, de modo que a prisão do anterior provocou o acirramento do conflito entre a polícia e o trânsito de uma droga tornada ilegal. É preciso perceber que a prisão para parte dos encarcerados é uma escola de formação e profissionalização de suas trajetórias criminosas, para outros é um “poço sem fundo”, que estende a “lógica de destruição social” pela qual foram submetidos desde o nascimento, sendo na prisão intensificada pelo aparelho repressor estatal, jogando não apenas eles, mas seus familiares no abismo social (WACQUANT, 2004).

Gabriel explicou que o “grande problema” da Lei de Drogas que entrou em vigor a partir de 2006, é que ela passa a confiança de controlar e coibir o tráfico à Polícia Militar, só que ela não investiga crimes, ela prende em flagrante. E, na percepção de Gabriel, isso teria deslocado o foco da segurança pública para o tráfico de drogas, todo o sistema de segurança passaria a orbitar esse tipo de crime. E isso fez com que a população carcerária aumentasse significativamente. “Em São Paulo, quase 70% das pessoas presas com drogas estavam com menos de cem gramas”, com isso Gabriel queria mostrar à plateia que os traficantes presos, em sua maioria, não apresentavam perigo iminente à sociedade, muitos, de acordo com ele, estavam com a droga para uso pessoal ou compartilhado com amigos e foram presos em flagrante, e, por causa da Lei de Drogas, foram levados direto para o presídio e, aí sim, passaram a ser um perigo em potencial. Wacquant (2004) chama atenção para o local das prisões, verdadeiros “viveiros” de violência e humilhações, que provocam diversos problemas sociais, desagregando laços familiares, gerando a desconfiança cívica e alienando a população de seus reais dilemas e do que ela tem feito para provocá-los.

Nesse sentido, o ponto que Gabriel quer chegar é que a Lei de Drogas, assinada por Lula, fez “explodir” o número de detentos, porém Gabriel apresentou um agravante a essa situação, uma vez que o governo não observou que era necessário investir na melhoria dos presídios, que já apresentavam graves problemas de segurança e insalubridade. Gabriel então aponta que isso gerou outro “problema”. Na apresentação de Gabriel, com a “explosão” do número de presos, os presídios se tornaram mais precários, mais inseguros e mais insalubres do que já eram, promovendo a expansão do Primeiro Comando da Capital (PCC), que surge depois do massacre do presídio do Carandiru, nos anos 90, quando o estado de São Paulo ordenou que suas polícias executassem presos para conter a rebelião que pedia melhores tratamentos por

parte do governo. “Gente, não é a toa que o lema do PCC é: paz, justiça e liberdade. Por mais incrível que isso possa parecer. Se o Estado é incapaz de dar condições mínimas de salubridade e segurança, alguém vai fazer isso”, explicou.

Gabriel associa a Lei de Drogas de 2006, que aumentou a pena mínima de três para cinco anos de prisão por porte de drogas, com o aumento da população carcerária e o fortalecimento das facções criminosas, que passaram a garantir a segurança do preso dentro do presídio, só que existe um preço a ser pago por essa proteção. “Quando ele sai de lá é obrigado a pagar a sua dívida cometendo um atentado, matando uma pessoa ou assaltando um banco”.

De acordo com o entendimento de Gabriel, o aumento da criminalidade no Brasil foi gerado a partir da edição da constituição de 1988, que classificou o crime de tráfico de drogas como “hediondo” e da Lei de Drogas de 2006, que, aumentando o número da pena para cinco anos, fez com que não mais o indivíduo preso por tráfico de drogas respondesse em liberdade. Esse cenário, finalizou Gabriel, provocaria o flagelo dos direitos humanos:

Porque esse poderio das facções criminosas aumenta o número de crimes na sociedade e ao aumentar o número de crimes a sociedade exige uma resposta e essa resposta geralmente fere os direitos humanos. Se você perguntar, nessa universidade mesmo, se fechar o Serrotão ou qualquer outro presídio, jogar as chaves fora e deixar que eles se matem, é uma solução aceitável, certamente, por baixo, 70% das pessoas vão achar "ok, tudo bem". Só que esse tipo de flagelo dos direitos humanos acaba alimentando a engrenagem dos detentos, porque, se não tem ninguém cuidando deles, a facção é que vai cuidar. A própria política de segurança pública começa a reagir a isso e a aceitar sugestões populares no sentido de fragilizar os direitos humanos enquanto instrumento jurídico. (Registrada em março de 2018)

Assim, com essa apresentação, Gabriel apresentava duas compreensões praticamente inéditas na história do liberalismo no Brasil. Ele chegou a comentar que defendia “pautas tabu”, tanto para a sociedade, como para aqueles que interpretam o liberalismo como que associado ao conservadorismo. A primeira dessas compreensões inéditas seria a de que liberais são a favor sim da liberação das drogas e ele estava apresentando os motivos para tal defesa, pois o combate ao tráfico estaria aumentando a criminalidade no Brasil e ferindo o direito à liberdade das pessoas, uma vez que, por causa do tráfico de drogas, o governo legitima a invasão de propriedades privadas de pessoas pobres e legitima, também, a morte de pessoas quase diariamente em locais onde o comércio ilegal de drogas é praticado, mais especificamente em comunidades pobres e favelas, uma vez que os abusos praticados pelo governo não ocorrem em

bairros ricos, mesmo ele não tendo certeza de que esses bairros estão livres dessa atividade ilegal.

O nosso código de processo penal é bem claro quando diz que a revista na casa de uma pessoa deve ser feita com fundada suspeita. O que isso quer dizer? O juiz, quando autoriza um mandado, ele deve especificar o que está sendo procurado e porquê aquela pessoa é suspeita, dizer porquê o Estado tem direito de violar aquela casa e tratar a pessoa como suspeita. Só que no Brasil a gente começou a ter um negócio chamado “mandado de busca coletivo”, qual a fundamentação do juiz? Todas as casas de uma região são suspeitas. Então, a gente começou a ter a ideia de que, você morar em um determinado lugar, automaticamente faz de você suspeito de um crime. (Registrada em março de 2018)

A segunda dessas compreensões inéditas que a etnografia anulava a respeito do liberalismo no Brasil seria a de que os liberais se importam com os pobres e com os direitos humanos, tanto a apresentação de Gabriel, como a apresentação de Denise Coelho contrariariam o entendimento que diz que liberalismo é uma doutrina voltada às demandas da classe privilegiada. Pode até ser também, mas não é nessa percepção que eles se apoiam e se inspiram.

Denise Coelho afirmou que a “missão” de sua vida como liberal seria criar oportunidades para jovens “favelados”, até quando a sociedade brasileira viesse a compreender a “importância de dar oportunidades iguais para todos”, para que trabalhos como o que ela desenvolve não fossem mais necessários.

Muitas vezes eles (pobres) têm que escolher se vão comprar sabão para lavar as roupas de casa ou se vão comprar margarina para misturar com cuzcuz. As escolhas são essas, a liberdade deles até existe, mas, diante de possibilidades muito pequenas, muito mesmo. Você pode chegar para um menino que está numa situação de extrema vulnerabilidade e dizer que ele é capaz, mas, capaz do quê, quais são as possibilidades que ele vê?(Registrada em março de 2018)

Desse modo, percebe-se que os liberais apresentados nesta tese têm a noção de que o Brasil é desigual socialmente e que a liberdade que eles defendem é mais necessária para alguns do que para outros, como nesse trecho em que Toni comenta a vida no Brasil: “[...] na periferia é que a gente vê claramente a necessidade de a liberdade chegar com força, a vida que a população pobre leva impede que ela seja mais livre que eu, por exemplo”. Em sua entrevista em outubro de 2018, sete meses depois da Conferência, Toni foi questionado a respeito das

atividades que ele desenvolve como liberal, quais eram as mais significativas para ele dentro de sua trajetória política até aquele momento. Em sua resposta, Toni lembrou da Conferência e disse que teria sido o evento “mais incrível” já realizado por ele e pelo grupo:

[...] porque trouxemos a Denise Coelho para falar sobre ativismo liberal, falamos até sobre racismo e sobre drogas, que são dois pontos que acabam sendo relacionados a outra vertente política e eu acho isso incrível pra gente. E a própria Denise Coelho, o ativismo dela é mais voltado a áreas periféricas e pobres e a gente vê que tem um grupo político, que eu não concordo, que diz abraçar os pobres e diz que é o único grupo que os defendem e a gente provou que também defende os pobres e as minorias também. (Registrada em outubro de 2018)

Falar de temas que são ligados à atuação da esquerda é importante para os jovens liberais de Campina Grande, porque, como já foi exposto, isso contribui para desconstruir a percepção de que liberalismo está ligado à direita ou ao conservadorismo e, de alguma maneira, isso faz com que eles ganhem a atenção de pessoas inclinadas à esquerda e que podem estar se vinculando à direita ou à neutralidade política por falta de opção. Destarte, eles se mostram como uma possibilidade política viável para quem foi de esquerda, como no caso, inclusive, de mais da metade dos jovens ouvidos na pesquisa. Sofia, Toni, Beto, Felipe e Tiago militavam no campo da esquerda e bastou aceitar o livre mercado para mudarem de identidade política.

Tanto o Fórum de Lideranças, como a Conferência Estadual serviram também ao propósito de esclarecer publicamente qual a agenda política do liberalismo desses jovens, uma vez que eles sentem que precisam estar esclarecendo do que se trata para eles ser liberal e o que quer dizer liberalismo. Essa necessidade acaba por intervir em suas identidades políticas, pois o que eles falam têm relação com o que eles praticam, quando dizem que são liberais “de verdade”, eles têm em vista dizer, também, que existem os liberais “de mentira”, como afirmou Beto anteriormente. E as suas ações se destinam a dar credibilidade a essa identidade liberal “de verdade”. Reitero que na seção anterior eles afirmaram que só se reconhece um liberal através de seus pensamentos e de suas ações em direção ao outro, então os dois eventos apresentados aqui atendem a essa necessidade que eles sentem em dizer quem eles são politicamente, o que eles defendem e como defendem, além de ser uma maneira de se apresentar, é uma forma de se diferenciarem da esquerda e da direita, mas também engajarem pessoas da esquerda ou da direita.

O próximo evento que será exposto coloca a questão do voto presidencial no centro do debate, uma oportunidade de conferir como os jovens liberais levam adiante o liberalismo que acreditam quando se trata de votar ou de eleger um representante político, levando em conta o que é importante ou não para eles nessa equação.

Café Liberal

O Café Liberal foi um evento promovido durante o primeiro turno das eleições presidenciais, em agosto de 2018, e aconteceu em um café de uma livraria no centro de Campina Grande. Compareceram ao local aproximadamente quinze jovens liberais, dentre eles, Felipe, Gabriel, Sofia, Júlio, Toni e Tiago. No cenário das eleições, havia dois grandes blocos disputando o voto dos brasileiros e brasileiras, a esquerda, representada por Fernando Haddad (PT) e a direita, representada por Jair Bolsonaro (na época filiado ao PSL). Os jovens liberais de Campina Grande disseram “sentir” que o momento pedia um debate, para que desse modo fossem discutidas as possibilidades e os possíveis desdobramentos da eleição. Naquele instante, havia o receio de que Jair Bolsonaro viesse a ser eleito e, com isso, a chance de um golpe partindo do executivo nacional lhes parecia possível. Entretanto, a conversa entre eles ocorreu dois meses antes da eleição em primeiro turno, em razão disso, esse debate cumpria com o papel de esclarecer um pouco o cenário, fazendo com que eles tecessem especulações sobre o que iria acontecer a partir de outubro. Apesar de haver outros candidatos na disputa presidencial, os jovens liberais acreditavam que o primeiro turno caminharia para levar Haddad e Bolsonaro para o segundo e decisivo momento da batalha eleitoral.

Todavia, as escolhas eleitorais em primeiro turno dos jovens participantes da pesquisa certamente entregam algum nível de entendimento sobre as suas identidades políticas colocadas em ação, o modo como se comportam quando precisam escolher um representante político para o executivo nacional esclarece o comportamento, que nesse caso pode ser mais pragmático e menos idealista, já que é necessário ter que lidar com as opções que estão dadas. Então, ao final dessa seção o leitor poderá conferir uma tabela (Figura 1) na qual estão expostas as escolhas eleitorais dos jovens interlocutores no primeiro e segundo turno das eleições presidenciais a partir de 2014 (quando eles tinham por volta de 16 anos), até 2018.

O debate, que eles chamaram de “Café liberal”, foi direcionado de acordo com perguntas que iam sendo colocadas em pauta por Gabriel e foram elaboradas espontaneamente a partir do desenrolar da conversa. As perguntas registradas foram: Bolsonaro é perigoso para a democracia? No caso de um golpe do executivo, as pessoas iriam para as ruas defender o

Congresso Nacional? O que é mais importante, segurança ou emprego? Quantos de vocês gostariam de ver Bolsonaro no segundo turno? Quais são as chances reais de o Brasil permanecer uma democracia em 2022? Existe algo capaz de convencer o eleitor de Bolsonaro a não votar nele? O que é mais danoso para o Brasil, um projeto político ruim ou a corrupção? Todas elas foram colocadas em discussão, os jovens ficavam à vontade para opinar ou até mesmo colocar novas perguntas no debate. Irei expor as principais respostas, concentrando na razoabilidade do grupo que debatia, ou seja, diante das perguntas, qual foi o entendimento geral ao qual eles chegaram.

A pergunta “Bolsonaro é perigoso para a democracia?” abriu a primeira rodada de opiniões e o entendimento principal foi o de que Bolsonaro seria sim um perigo em potencial, por ser político e ter poder de influenciar pessoas e também de tomar decisões, caso fosse eleito presidente da república. Felipe disse: “O que ele diz ressoa e pode sim ter poder sobre o que pensam as outras pessoas”. Gabriel afirmou que o discurso de Bolsonaro seria “xenófobo”, “intolerante” e “desagregador”. “[...] o meu ponto é que Bolsonaro é perigoso justamente por isso”. Um jovem rapaz que ouvia afirmou que, apesar disso, Bolsonaro não seria “perigoso”, porque ele não seria “popular”. Todos os demais discordaram, afirmando que Bolsonaro seria o “novo Lula”, em termos de popularidade. Nesse sentido, a primeira impressão do debate era que os jovens liberais temiam um golpe do executivo com apoio da população brasileira.

Essa primeira pergunta deixou transparecer que aqueles jovens não confiavam no liberalismo de Jair Bolsonaro, eles não se sentiam representados por ele e, definitivamente, essa não seria uma opção de voto para nenhum dos jovens liberais de Campina Grande. O debate estava começando, mas parecia que o fator Bolsonaro daria o tom da conversa.

A segunda pergunta foi baseada na primeira, pois, assumindo a possibilidade de Jair Bolsonaro ser “perigoso para a democracia”, seria iminente um golpe do executivo para a derrubada dos poderes legislativo e judiciário, possibilitando desse modo a implantação de uma autocracia. Logo, “Quais as possibilidades de as pessoas irem para as ruas defender o Congresso?” foi a segunda questão colocada por Gabriel para eles refletirem. A resposta imediata da plateia veio de um jovem liberal: “Muito pouca, a instituição que tem mais credibilidade hoje é o exército”. Nesse momento, alguém perto de mim completou a afirmação “e a polícia federal”. O que, em outras palavras, significaria, as pessoas só iriam para as ruas defender o exército e a polícia federal. Todos concordaram e Gabriel concluiu afirmando: “O congresso e o judiciário estão desmoralizados. Iriam para as ruas a galera de esquerda e os 'liberais conscientes', mas o povo certamente não”. Mais uma vez todos concordaram e o entendimento geral foi o de que, “infelizmente”, tanto o poder judiciário como o poder

legislativo estariam mal avaliados pela população, o que poderia sim viabilizar um golpe militar do executivo na república. Porém, é importante perceber a colocação feita por Gabriel de que iriam para as ruas a “esquerda” e os “liberais conscientes”, esse último encarna a compreensão que eles têm, de que existem liberais “por inteiro”, “de verdade” ou “conscientes”, seriam liberais que sairiam em defesa da república e da democracia e, por isso mesmo, contra o autoritarismo, o militarismo e o sistema autocrático, e note-se, juntamente com a esquerda.

A ideia da possibilidade de um golpe com apoio popular em grande medida se baseia na percepção que os jovens liberais têm de que os desdobramentos da operação Lavajato, encabeçada pela Polícia Federal e o Ministério Público, corroeram a imagem do Congresso Nacional e do Superior Tribunal Federal, dois poderes que ajudam a equilibrar as forças de uma república liberal. O discurso de Jair Bolsonaro, na opinião dos jovens liberais, estava fundamentado na ideia de combate à corrupção e “moralização” do sistema político, e, mais do que isso, para Tiago, o discurso de Bolsonaro é “belicoso” e pretende “avançar por meio da guerra”.

Com isso, os jovens liberais reunidos concluíram que as chances de Bolsonaro “manipular” a sociedade contra o Congresso Nacional e o STF seriam reais, uma vez que o próprio Bolsonaro estaria sendo beneficiado dessa rejeição a deputados, senadores e ministros da justiça. “Na realidade, Bolsonaro se beneficia do caos e da insegurança, porque ele se propõe a vender soluções mágicas”, respondeu Tiago para os amigos liberais reunidos com ele. Gabriel concordou e completou que as soluções propostas pelo então candidato Bolsonaro seriam “simples e erradas”. “Ele propõe coisas simples, como fechar a fronteira com a Venezuela para resolver a situação de superlotação em Roraima, mas é uma solução errada porque o contexto é altamente complexo”. Com isso, parecia ganhar força a compreensão de que Bolsonaro é “perigoso” para a democracia, em razão de que o discurso dele é antidemocrático e “belicoso”, além disso, ele se mostraria incapaz de apresentar soluções para os complexos problemas que envolvem a sociedade brasileira.

Gabriel então introduziu a terceira questão para ser discutida, “o que seria mais importante para o eleitor, segurança ou emprego?”. Em um primeiro momento, as respostas posicionavam a segurança como a principal preocupação do eleitor, entretanto, Gabriel ponderou: “Vocês estão dizendo isso porque não têm filhos e não estão desempregados e nem com medo de perderem seus empregos”. O comentário dele pareceu convencer rapidamente a todos, que se despiram de suas primeiras conclusões e fizeram o exercício recomendado pelo amigo Gabriel, o de que mais importante para o indivíduo seria “comida na mesa e dinheiro no bolso”, como completou Toni. Sofia refletiu e disse: “É verdade, as pessoas se adaptam a essa

questão da segurança”. Toni completou seu raciocínio: “As pessoas estão convivendo com a insegurança há muito tempo, elas colocam grades, muros”. Nesse sentido, eles concluíram que o eleitor poderia priorizar o fator econômico, que tem o poder de gerar emprego, deixando em um segundo plano o fator segurança pública.

Essa terceira pergunta parecia querer entender o comportamento do eleitor brasileiro, para onde iriam pender as decisões eleitorais, o que iria ser priorizado na hora do voto. Os jovens liberais não se aprofundaram na conclusão que tiveram, não tentaram entender, por exemplo, quem dos candidatos a presidente da república seria mais capaz de encarnar o fator econômico. Particularmente, lembrei de Paulo Guedes, o nome liberal escolhido por Jair Bolsonaro para ser o ministro da economia de seu governo, curiosamente Paulo Guedes não era lembrado pelos jovens liberais da pesquisa, talvez, porque, para aqueles jovens, ele não poderia ser considerado “liberal”.

A quarta questão discutida pelos jovens liberais naquela tarde foi “quantos de vocês gostariam de ver Bolsonaro no segundo turno?”, Gabriel soltou a pergunta e todos começaram a rir. Sofia respondeu: “Eu prefiro sonhar a ter um pesadelo desse”. Por estarem em agosto e ainda faltar a etapa do primeiro turno, os jovens responderam a Gabriel que queriam “imaginar” um segundo turno. Dessa maneira, Toni respondeu “Eu queria Meirelles (MDB) e Amoedo (Novo)” ou ainda “Eu queria Marina (REDE) contra Meirelles”, cenário imaginado por Tiago. E começaram a especular possíveis cenários de segundo turno, nos quais não haveria Jair Bolsonaro e nem Fernando Haddad. As respostas criadas traziam um quadro onde eles escapavam da “polaridade” entre Bolsonaro e o PT, exatamente o resultado real que foi obtido nas urnas em outubro de 2018, dois meses depois daquela tarde.

A questão do “voto útil” é introduzida por Gabriel, que argumentou: “O único cenário em que Bolsonaro ganha é com Fernando Haddad e ele está apostando nisso”. Nesse sentido, voto útil seria uma forma de eliminar o PT da disputa, que na opinião dos jovens seria a única candidatura capaz de entregar a presidência a Jair Bolsonaro, devido à “rejeição” ao partido por causa dos desdobramentos da operação LavaJato e da repercussão da imprensa em torno da prisão de Lula. Aparece então o nome da candidata Marina Silva, seguida da pergunta “Vocês dariam voto útil em Marina?”, feita por Gabriel. A maioria disse que “sim”, principalmente os jovens interlocutores que estavam no local: Tiago, Júlio, Gabriel, Toni e Felipe. A manobra teria como objetivo eliminar Jair Bolsonaro, caso ele conseguisse passar para o segundo turno, o que os jovens, naquela época, temiam que pudesse acontecer.

Contudo, os jovens reunidos não pareciam acreditar que Marina Silva ou qualquer outro candidato além de Fernando Haddad, pusesse chegar ao segundo turno, desse modo, houve um

pequeno desânimo com relação à ideia do voto útil em uma terceira opção. Sofia falou que “não havia saída” para o resultado que parecia se configurar, o de Jair Bolsonaro ser eleito presidente da república em 2018. “Eu acho que a galera ficou decepcionada com essa história da propina do PT e quer uma solução imediata. E Bolsonaro é uma pessoa que se vende assim, apesar de tudo de ruim que tem por trás”, disse Sofia com desânimo para seus amigos.

Para Sofia, Bolsonaro teria por trás dele pessoas “intolerantes” e “reacionárias”, além disso, ele não teria feito “nada de bom” durante seus 30 anos como deputado federal pelo Rio de Janeiro. Sofia também argumentou que Bolsonaro “não tem proposta” e muito menos um “bom projeto político”, mas, apesar disso tudo estar aparente, Sofia disse que os eleitores não estariam dando importância, devido ao fato de estarem “decepcionados” com o PT. Toni concordou com Sofia e disse: “Bolsonaro é a solução imediata para o pai de família classe média”. Felipe completou o raciocínio de seus amigos liberais: “As pessoas de modo geral não concordam com nada que Bolsonaro diz, elas só querem a solução mágica, não estão pensando direito”. Nesse momento, Gabriel intervém e diz para seus amigos liberais “Na realidade, a gente já concluiu que o voto em Bolsonaro não é racional, ele é emocional”. Um certo desânimo é claramente percebido nas trocas de olhares entre os jovens interlocutores, aquele improvisado debate parecia trazer terríveis perspectivas.

Esse argumento final exposto por Gabriel remete a uma ideia bem difundida entre os jovens liberais, de que as pessoas transformam as eleições em uma manifestação emotiva de suas preferências políticas. Quando, na pesquisa, os jovens falaram de suas infâncias e adolescências e da relação que eles tiveram com a política, eles associavam essa experiência a de uma torcida em uma partida de futebol, em que não havia discussão das propostas ou dos projetos políticos dos candidatos, apenas o calor da disputa entre os candidatos despertando emoções que, na percepção deles, bloqueavam a possibilidade de se discutir e de se debater as candidaturas. Aquele momento deixava vir à tona a análise que os jovens liberais faziam do cenário eleitoral de 2018, a partir das disposições que carregavam, adquiridas por meio de processo de socialização política nos colégios e universidades que ajudaram a refinar seus conhecimentos políticos.

Com isso, apesar de Jair Bolsonaro não ter apresentado um projeto político “benéfico” para o país e de não ter participado de nenhum dos debates eleitorais, ele chegaria ao segundo turno das eleições com chances reais de vencer, pois os eleitores não priorizariam o aspecto racional da eleição, mas sim o emocional. Os eleitores não discutiriam, por exemplo, os possíveis impactos de se ter um presidente que não acredita no aquecimento global ou que defende e até mesmo elogia torturadores e a ditadura militar que houve no Brasil, no período

de 1964 até 1985⁵¹. Nada disso teria sido levado em conta pela população, devido ao fato de as escolhas não serem exatamente “racionais”. Percebe-se desse entendimento dos jovens liberais uma conexão com as ideias iluministas, nas quais a razão deve guiar os indivíduos em suas escolhas.

O argumento de Sofia, de que apesar de “tudo de ruim que está por trás” de Jair Bolsonaro as pessoas não “dão importância”, serve também a essa compreensão, de que, nas eleições, os indivíduos não discutem as propostas ou as candidaturas. A conclusão de Felipe, de que as pessoas querem a “solução mágica”, também se baseia nesse entendimento, pois, para ele, não existiria a solução mágica para os problemas enfrentados pelos países, não haveria solução mágica para a corrupção, por exemplo, e isso ficaria mais claro nessa mesma tarde.

A quinta questão colocada, diante da iminência da vitória de Jair Bolsonaro, foi “quais as chances reais de o Brasil permanecer uma democracia em 2022, quando passar ‘esse ciclo?’”, quis saber Gabriel. Os jovens ouviram e começaram a falar todos ao mesmo tempo, Tiago alterou o tom da voz e gritou de onde estava “A gente não advinha, né?”. Nesse momento o nervosismo diante da projeção de um cenário desastroso para as liberdades deu lugar ao riso confuso e exagerado, eles haviam achado graça na resposta. Na verdade, eles consideraram mesmo que era “impossível” saber o que aconteceria de fato. Sem muita demora, Gabriel quis saber se eles acreditavam que havia algo que pudesse convencer o eleitor de Bolsonaro a não votar nele. Toni riu e pareceu confirmar aquilo que o amigo Gabriel já parecia saber: “É o voto mais consolidado dessa eleição”. Todos concordaram, mas dessa vez sem rir.

O entendimento final daquele café para se discutir os possíveis desdobramentos da eleição 2018 para presidente foi que, apesar de ter um projeto político “ruim” para o país e de dar declarações suspeitas sobre o funcionamento da república, Jair Bolsonaro tinha tudo para ganhar as eleições, em razão de que os eleitores não avaliam a conduta dos candidatos, devido ao fato de o voto em Bolsonaro ser “emocional” e ainda “consolidado”, em grande parte por causa da “decepção” que as pessoas tiveram com o PT, a partir do desenrolar da operação LavaJato, relacionado aos desvios na Petrobras durante os governos de Lula (2002-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016) e que teve grande repercussão na imprensa brasileira. Logo, para os jovens liberais que ali se reuniam no centro de Campina Grande, o voto em Jair Bolsonaro

⁵¹ Confira cobertura jornalística: *Bolsonaro defende que torturador Brillhante Ustra é “herói nacional* Confira: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional/>; *Em plena Onu, Bolsonaro defende a ditadura militar*, Confira: <https://www.conversaafiada.com.br/politica/em-plena-onu-bolsonaro-defende-a-ditadura-militar/>; *Defensor da Ditadura, Jair Bolsonaro reforça frase polêmica: “o erro foi torturar e não matar”*, Confira: <https://jovempan.com.br/programas/panico/defensor-da-ditadura-jair-bolsonaro-reforca-frase-polemica-o-erro-foi-torturar-e-nao-matar.html>.

seria uma espécie de resposta ao PT, quase uma revanche, pois os eleitores se sentiam enganados e, portanto, estavam “decepcionados” e aplicariam uma “solução mágica”. Bolsonaro se projeta nesse sentido, como disse Sofia, como uma solução imediata para o problema provocado pelo PT: a corrupção.

Desse modo, a última questão colocada em pauta foi também a que eles mais se debruçaram, Gabriel perguntou: “O que vocês acham que é pior, corrupção ou ter um projeto político ruim?”. Toni foi o primeiro a responder: “Se a gente pegar os números de quanto o Brasil perde por ano com corrupção, não chega nem perto da crise fiscal que o país está”. E prosseguiu: “Um candidato que foca na corrupção e ignora todos os outros problemas que a gente vive, não tem condições de fazer um bom governo”. Mais uma vez o ministro da economia de Jair Bolsonaro, o autodeclarado liberal Paulo Guedes, não era lembrado numa fala que normalmente remeteria a ele, pois, Paulo Guedes foi anunciado por Jair Bolsonaro como seu ministro ainda em pré-campanha, no ano anterior, 2017⁵². O peso político de Bolsonaro, na visão daqueles jovens, seria no combate à corrupção e na moralização do cenário político brasileiro. Bolsonaro seria o escolhido para solucionar magicamente o problema da corrupção no Brasil e não tanto o da economia ou crise fiscal. O que quer dizer também que, na compreensão de Toni, os eleitores desconhecem a dimensão da crise fiscal e, por isso, iriam escolher um candidato que não priorizaria isso, como Henrique Meirelles (MDB), por exemplo.

Gabriel logo depois comentou: “A grande diferença entre a Coreia do Norte e a Alemanha Oriental é que na segunda os guardas não eram corruptos e nada passava, por isso era um lugar péssimo de se viver, mas na Coreia ainda passa alguma coisa.”, argumentou Gabriel, deixando em relevo a sua tendência em achar que a corrupção seria menos danosa do que um projeto político ruim para o país.

Tiago aproveitou o argumento do amigo Gabriel e disse: “É uma questão de parâmetros, corrupção existe em todo e qualquer Estado, sempre tem alguém que facilita”.

No grupo, todos pareciam concordar, quando Sofia falou: “Eu acho melhor ter um plano de governo ruim do que corrupção, porque, se não funcionar, não vai pra frente. Já corrupção não, é mais difícil de ela sair”. Sofia parecia querer dizer que corrupção não tem partido ou ideologia, portanto, não escolhe projeto político ou de poder, ela pode estar em tudo isso, desse modo, seria mais “difícil” de ela deixar de existir. Na realidade, eles pareciam concordar, só que de maneira diferente. Sofia ainda não havia entendido o ponto colocado por seus amigos

⁵² Confira: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-anuncia-paulo-guedes-como-ministro-da-fazenda/>

liberais, o de que o impacto da corrupção na economia do país era muito menor do que os efeitos de uma má administração pública.

No prefácio da segunda edição de seu estudo pioneiro sobre corrupção no Brasil⁵³, o autor Marcos Otávio Bezerra ressalta que as "relações e práticas que estão fundadas na lógica pessoal estão entrelaçadas a práticas de corrupção e ao funcionamento ordinário do Estado, do mercado e da sociedade" (p.21).

Bezerra (1995, 2012) considerou em sua análise antropológica da corrupção brasileira a maneira com que as pessoas envolvidas nas discussões sobre os casos de corrupção constroem e definem o que entendem por corrupção, com isso, o pesquisador chama a atenção para os aspectos das relações pessoais e da linguagem inscritas nos valores e nas ações cotidianas das pessoas. O autor avalia que as redes de relações interpessoais viabiliza o fluxo de negociações, revelando ainda que "favor", "ajuda", "reciprocidade", "lealdade", "confiança", "honra", são exemplos da linguagem utilizada em situações de denúncia de corrupção, o que denotaria o caráter comum dessas práticas e valores a relações como as familiares, de amizade, conhecimento e sentimentos de solidariedade, dívida pessoal e obrigações políticas e pessoais (BEZERRA, 1995). Desse modo, a corrupção não estaria determinada a uma classe, partido ou ideologia, mas, uma vez que ocorre de maneira fluída nas relações sociais sob os mais diversos pretextos e argumentos, podendo ser um "presente", um "favor" ou até mesmo uma "obrigação", todas as relações interpessoais, seja de mercado ou de Estado, podem ser corrompidas.

Bezerra (2012) também destaca que, a partir dos anos 90, instituições internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas) e o FMI (Fundo Monetário Internacional) passaram a classificar práticas corruptas de governo como causa do atraso econômico e social de países subdesenvolvidos, forçando a ideia de que a cultura provocaria o infortúnio social de determinadas localidades, exclusividade que, para Bezerra (1995), não se comprovaria empiricamente.

Por outro lado, Jessé de Souza (2017) defende que, na verdade, a corrupção real e danosa para a sociedade é promovida pelo mercado e ocultada pela elite e pela mídia, que trabalham para que se construa, na mentalidade dos que assistem ao espetáculo da corrupção, a ideia de que ela é um problema dos políticos, do estado ou ainda do "jeitinho brasileiro". Essa seria para o autor uma corrupção construída para os "tolos" não perceberem que uma corrupção

⁵³ Confira prefácio da segunda edição do livro "Corrupção: um estudo sobre o poder público relações pessoais no Brasil: https://issuu.com/papeisselvagens/docs/corruptao_preview Último acesso em junho de 2020

invisível e mais danosa ocorre na lógica dominante do mercado, sendo a “elite do dinheiro” a sua principal e exclusiva beneficiária. Outrossim, o discurso de combate à corrupção coloca uma nuvem de fumaça na análise do cenário social, composto de desigualdades sociais abissais provocadas em grande parte pela herança da escravidão no Brasil, que aboliu uma prática criminosa, mas não incluiu o povo negro e seus descendentes de forma justa e equitativa na sociedade (SOUZA, 2017).

Na perspectiva de Souza (2017) os governos do PT trabalhavam para reparar esse erro histórico, promovendo políticas de inclusão social e de acesso ao ensino público superior, porém isso provocou a revolta desta “elite do dinheiro” e do atraso no desenvolvimento social verdadeiro que, de maneira velada, atuou com os seus mecanismos de poder dentro do judiciário e do próprio Estado através do impeachment da presidente Dilma Rousseff e da prisão do ex-presidente Lula, devidamente exploradas pelos aparelhos da mídia, que, na percepção do autor, trabalham para cooperar na divulgação da “corrupção dos tolos” que encobre ou pelo menos minimiza os verdadeiros problemas sociais do país, iludindo as classes média, trabalhadora e a ralé, que tendem a acreditar que a corrupção é o maior de seus problemas e que, neste sentido, é necessário combatê-la e extirpar aqueles que dela supostamente se beneficiam.

Contudo, a compreensão da corrupção elaborada pelos jovens interlocutores liberais se aproximava da posição defendida por Bezerra (1995) na obra que inaugura os estudos da Antropologia sobre corrupção no Brasil, que tende mais a naturalizar a prática e menos a percebê-la de maneira crítica, como sugere Souza (2017).

Logo depois da colocação feita por Sofia, de que preferia um “projeto político ruim” a um governo corrupto, Toni tentou convencer a amiga: “Dilma não foi corrupta, mas o plano de governo dela foi horrível, ela criou a matriz econômica e quebrou o Brasil”. Tiago completou o argumento de Toni e lembrou que Oskar Schindler corrompeu o sistema nazista para salvar judeus da morte na Alemanha durante o regime de Adolf Hitler, lembrando que a corrupção pode trazer benefícios se está atrelada a um bem. Esses últimos argumentos pareceu serem suficientes para Sofia se convencer de que a corrupção não seria tão danosa para o Brasil quanto um “projeto político ruim”. “É, vocês me convenceram, eu acho que estava equivocada”, se rendeu no final. Esse debate sobre corrupção foi particularmente notável em mostrar como os jovens negociam e renegociam os termos de suas ideias e pontos de vista.

Dali para frente, o debate se concentrou na capacidade que o Estado brasileiro teria de fazer com que o cidadão ou cidadã venha a corromper uma regra, por causa de seu alto poder interventor. “*Parece que tem coisa que já nasceu para ser corrompida*”, disse Toni ao grupo. Um dos jovens ouvintes falou então que não via “problema” no indivíduo que corrompe um

guarda de trânsito, para que seu carro não seja guinchado e confiscado por falta de pagamento da licença para trafegar. No entendimento dos jovens liberais, a licença para que o carro circule seria um “roubo” praticado pelo Estado. “Na realidade você está pagando cem reais para não pagar mil ao governo”, disse o jovem ouvinte. Para ele, o guarda de trânsito que aceita a propina estaria praticamente ajudando o indivíduo que ofereceu o suborno, por estar evitando que ele pague mais ainda ao governo para poder andar com seu carro na rua.

Bezerra (1995) já havia observado essa proximidade de linguagem das relações cotidianas e das práticas de corrupção, a “ajuda” aparece como motivo para que a corrupção aconteça e ela de fato só ocorrerá caso o guarda aceite “ajudar” o indivíduo que tenta quebrar a barreira regulatória.

O debate foi chegando ao final e a certeza entre eles ficaria cada vez mais clara, a corrupção é algo tão comum e fluído dentro de uma sociedade que para eles se torna algo de uma ordem quase neutra, nem é ruim, mas, também não é boa, em alguns casos ela seria até mesmo aceitável ou necessária. Logo, a corrupção não é contemplada pelos jovens liberais apresentados neste trabalho como uma causa maior do infortúnio brasileiro.

E, nesse aspecto, os jovens liberais apresentados na tese se diferenciam dos conservadores e da direita representada por Jair Bolsonaro, que têm no combate à corrupção⁵⁴ uma base de seu discurso, o que fundamenta em grande medida a compreensão dos jovens liberais de que parte da população não sairia às ruas em defesa do Congresso Nacional ou do STF, por não acreditarem que essas instituições precisam ser preservadas para que a república funcione. Logo, também esse entendimento passou a ser importante para que se compreenda a identidade política do jovem liberal exposto aqui.

⁵⁴ Todavia, o que a realidade mostra é o contrário do discurso anti-corrupção de Jair Bolsonaro, antes mesmo da saída do governo do ex-juiz Sérgio Moro, o governo Bolsonaro já apontava indícios de que o combate à corrupção era mesmo só um discurso para ganhar a eleição. Confira reportagens que trazem fatos e informações: **Conheça dez casos de corrupção que assombram o clã Bolsonaro:** <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/conheca-dez-casos-de-corrupcao-que-assombram-o-cla-bolsonaro-ha-um-ano/> . **Bolsonaro abandonou a agenda de combate à corrupção, diz Sérgio Moro:** <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-abandonou-a-agenda-de-combate-a-corrupcao-diz-sergio-moro/> . **Brasil retrocede na luta contra corrupção apesar do discurso de Bolsonaro:** <https://brasil.elpais.com/politica/2020-02-05/brasil-retrocede-na-luta-contr-a-corrupcao-apesar-do-discurso-de-bolsonaro.html> **Nem Moro salva: capacidade do Brasil de combater à corrupção piorou em 2019:** <https://www.gazetadopovo.com.br/república/capacidade-combate-corrupcao-brasil-governo-bolsonaro/> **Governo esvaziou combate à corrupção e ataca democracia, diz Dallagnol:** <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/07/governo-esvaziou-combate-a-corrupcao-e-ataca-democracia-diz-dallagnol.htm> **Moro reclama de falta de empenho de Bolsonaro e vê retrocesso em combate à corrupção:** https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/05/26/interna_politica,1150920/moro-reclama-de-falta-de-empenho-de-bolsonaro-e-ve-retrocesso-em-c.shtml

Figura 1 - *Quadro demonstrativo de voto (jovens liberais de Campina Grande)*

	1º TURNO/2014	2º TURNO/2014	1º TURNO/2018	2º TURNO/2018
TONI	NÃO VOTOU	NÃO VOTOU	AMOEDO (NOVO)	NULO
GABRIEL	NÃO VOTOU	NÃO VOTOU	MEIRELLES (MDB)	NÃO VOTOU
NANDA	NÃO VOTOU	NÃO VOTOU	AMOEDO (NOVO)	NULO
JÚLIO	EDUARDO JORGE (PV)	NULO	MEIRELLES (MDB)	NULO
BIA	MARINA SILVA (REDE)	NULO	AMOEDO (NOVO)	NULO
BETO	EDUARDO JORGE (PV)	AECIO NEVES (PSDB)	AMOEDO (NOVO)	NULO
SOFIA	DILMA (PT)	DILMA (PT)	MEIRELLES (MDB)	NÃO VOTOU
FELIPE	EDUARDO JORGE (PV)	NÃO VOTOU	AMOEDO (NOVO)	NÃO VOTOU
TIAGO	NÃO VOTOU	NÃO VOTOU	MARINA SILVA (REDE)	HADDAD (PT)

Como mostra o quadro acima, o voto dos jovens liberais em 2018 é marcado pela transformação deles do ponto de vista político, pois, enquanto em 2014 é possível ver votos em Dilma, Marina Silva e Eduardo Jorge, em 2018 esses votos irão se concentrar na centro direita, com Amoedo, e nos liberais, com Henrique Meirelles. Este último era o preferido dos interlocutores, em razão da defesa que ele fazia de pautas como liberalização das drogas e liberdade da mulher no que tange a questão do aborto em entrevistas que concedeu durante sua campanha eleitoral. Meirelles chegou a prometer que liberaria o uso da maconha⁵⁵, caso fosse eleito. Essa atitude era percebida por eles como um ato de “coragem”. “Ele assumir uma pauta tabu dessa é muita coragem, ele poderia ter dito qualquer coisa, mas defender a liberação foi demais. Ganhou meu coração”, afirmou Sofia.

⁵⁵ **Henrique Meirelles: “Eleito, vou liberar o uso da maconha”**: <https://istoe.com.br/eleito-vou-liberar-o-uso-da-maconha/> Ninguém pode ser preso pelo uso (da maconha) <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,ninguem-pode-ser-preso-por-consumo-maconha-diz-henrique-meirelles,70002489051>

Os votos, pode-se dizer, não foram todos para Henrique Meirelles porque João Amoedo surgia como uma possibilidade de chegar na frente de Henrique Meirelles na disputa e, desse modo, fazer os ajustes fiscais e a reforma tributária, por exemplo, sem que para isso fosse necessário passar pelas mãos dos conservadores, como seria o caso do voto em Jair Bolsonaro.

Parte 5: "Liberais de alma"

É importante destacar para o leitor os elementos que compõem a concepção da identidade política dos jovens liberais de Campina Grande e, nisso, a forte presença dos afetos e dos sentimentos morais que cada um desses jovens carrega consigo. A construção de um ambiente afetivo no espaço da universidade marca um antes e um depois na vida desses jovens. Nesse caminho, há um processo de reconhecimento e também de identificação de uns com os outros, responsável por sedimentar a transformação política de jovens como Toni, Felipe e Nanda.

Na pesquisa, percebeu-se tanto afetos positivos quanto afetos negativos em relação à política, e ambos foram importantes no caminho de mudança da identidade política destes jovens. A importância do grupo, como espaço de trocas e reconhecimentos de uns pelos outros, mostra que as experiências políticas, as convicções e as crenças não estão livres da interferência das afetividades, em razão de que amigos, familiares, professores e colegas são capazes de introduzir saberes e, desse modo, causar tanto a aproximação quanto o afastamento de determinadas ideias políticas. Esses elementos são importantes e fundamentais para compreender a socialização política e a identidade que os jovens liberais construíram, denotando que a identidade política deles não pode ser descolada dos elementos afetivos que ajudaram a compor essa identificação. Então, é uma identidade política que tem como cola os sentimentos morais que cada um dispõe, juntamente com as afetividades que foram construídas em um período significativo de suas vidas.

Desse modo, fica claro o impacto que a política tem na alma e nos relacionamentos pessoais de indivíduos, assim como demonstram os estudos de Muxel (2014). Os encontros quase diários na universidade foram responsáveis por, aos poucos, criar um lugar de identificação e de troca de opiniões, isso tudo em um momento histórico no mínimo delicado pelo qual passava o país, pós impeachment de Dilma Rousseff e durante a ascensão da extrema direita ao poder executivo nacional. Com isso, o espaço afetivo da universidade era o local onde estes jovens podiam falar abertamente sobre política, compartilhando medos, angústias e desejos, e, assim, influenciando uns aos outros. A partir disso, os jovens interlocutores se unem

e passam a atuar juntos na construção de um país mais “livre” e “justo”, conectando-se a uma comunidade imaginada de liberais “por inteiro” ou “de verdade”.

Como foi visto anteriormente, a existência de liberais que atuam em comunidades pobres é um fato “incrível” para Toni, pois, valida tudo aquilo que ele e seus amigos interlocutores acreditam que é liberalismo “de verdade”.

Júlio disse, em entrevista, que atualmente as pessoas encontrariam mais “motivos” para serem liberais “por inteiro”: “[...] eu acho que o jovem liberal de hoje é bem mais caloroso, bem mais amante das coisas que defende. Ele é bem mais apaixonado pelo liberalismo”. Na opinião de Júlio, essa paixão pelo liberalismo faria com que os liberais não perdessem mais de vista os princípios deles e desse modo não abram mão de suas convicções em troca de apoio ou de avanço de suas pautas econômicas.

Nesse sentido, Júlio disse que o “grande potencial” do grupo de jovens liberais de Campina Grande seria formar “líderes liberais” dentro das instituições de ensino superior. “Acho que a gente tem um aporte muito grande e a gente tem grandes pessoas lá dentro que conseguem instruir os outros sobre a liberdade”. O aporte de que fala Júlio são seus amigos liberais que participam dessa pesquisa, ele acredita que, com a contribuição deles, existiria a possibilidade de formarem novos “líderes liberais”, estudantes universitários que estivessem dispostos a organizar eventos parecidos com os que eles realizaram e que, portanto, pudessem levar adiante o projeto liberal que eles têm.

No último contato para a pesquisa, em dezembro de 2018, Gabriel disse que o objetivo do grupo atualmente é ser a “categoria de base” do liberalismo em Campina Grande. E deu como exemplo o trabalho desenvolvido pelas categorias de base do futebol, com isso, Gabriel revelava que os coletivos liberais que cumprem um papel como o do Luís Gama seriam a base do liberalismo hoje. Eles esperam formar novos liberais “de verdade” a partir do trabalho desses coletivos, que expõem dentro das universidades o programa liberal defendido por eles, de “amor à liberdade do outro” e defesa do livre mercado.

Eu acho que os próximos cinco anos serão definidores para o movimento em defesa da liberdade. Vai ser um negócio bem "ou vai ou racha". Pelo menos no Brasil, ou a gente vai fazer acontecer e você vai ver que está acontecendo, ou morreu, foi incorporado pelo governo Bolsonaro e se tornou irrelevante de novo. (Registrada em dezembro de 2018)

Ser incorporado pelo governo de Jair Bolsonaro talvez seja o maior dos temores dos jovens liberais participantes da pesquisa.

Júlio, em entrevista, disse estar “triste” por ver que todo o “esforço” que fizeram foi insuficiente para barrar a eleição do representante da extrema direita no Brasil. “Eu pensei que o liberalismo ia estar mais difundido, que o debate ia ser mais consciente, depois de tudo que eu passei com o impeachment, ter que aguentar isso agora é complicado”. Conforme exposto no capítulo 2, Júlio revelou que o apoio dado ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff criou barreiras e cisões dentro do relacionamento dele com seus familiares, situação que até aquele momento de sua entrevista ainda não havia se dissipado.

Bia, em entrevista, também disse ter a “impressão” de que Bolsonaro foi eleito por causa do *impeachment*, ela, que foi até Brasília acampar com outros jovens liberais, não escondeu o desânimo diante da imprevisibilidade da situação. “Algumas pessoas foram cedendo ao discurso econômico, tudo em nome da economia”. Na avaliação de Bia, a crise fiscal e a associação da instabilidade econômica à corrupção fizeram com que parte dos que apoiaram o *impeachment* passassem a apoiar também o discurso moralizante de Jair Bolsonaro, o que para ela seria uma “deturpação” dos valores do liberalismo “de verdade”, que seria a defesa “ampla” da “liberdade”. “Quem defende a liberdade por inteiro não se associaria a Bolsonaro de maneira alguma”, sentenciou Bia em entrevista.

De acordo com Bia, o “maior desafio” do movimento liberal em Campina Grande seria divulgar as ideias do liberalismo “de verdade” em meio às investidas de conservadores e autodeclarados “liberais” que divulgariam um outro tipo de liberalismo. “É mais difícil você captar pessoas para participarem do movimento se elas não sabem, se elas têm uma ideia diversa do que seja liberalismo de verdade”.

E prosseguiu Bia: “[...] eu julgo que o trabalho mais importante é o intelectual. É o primordial pra se fazer fluir bem o liberalismo de verdade, para que as pessoas saibam o que aquele grupo defende, o que as pessoas liberais de fato pensam”.

Apesar do temor que sente de ver o “movimento liberal” ser “incorporado” pelo governo de Jair Bolsonaro, Gabriel disse em entrevista que, diferente de liberais “de cérebro”, que sabem o conteúdo dos livros e das ideias escritas por liberais “de verdade”, as pessoas que hoje chegariam ao movimento seriam “liberais de alma”: “[...] porque se identificaram com as ideias do liberalismo, elas se identificaram com a estética liberal sem nunca ter lido um livro liberal”.

Essa associação que ele faz do “liberal de alma”, de um indivíduo se identificar com a estética do liberalismo sem ter lido um livro liberal, me lembrou a discussão promovida por Maffesoli (2014) sobre a estética dos grupos contemporâneos, que ele chama de “tribos”, no sentido de que elas criam um sentimento compartilhado de valores, ideias, lugares, que dão sentido a essas experiências de sociabilidade. Para Maffesoli (2014), é preciso compreender a

estética como uma habilidade de sentir e experimentar o mundo a partir de uma experiência compartilhada, logo, estética, na perspectiva trabalhada por este autor, tem a ver com a capacidade de sentir junto, sentir em comum com os outros.

Gabriel acredita que as pessoas estão chegando no “movimento” sem necessariamente ter lido um livro liberal, apenas porque se identificaram com o liberalismo, com a estética liberal produzida por eles. Essa estética guarda os sentimentos em relação à política e às ideias do grupo, que são compartilhados entre os membros e também com outros coletivos espalhados pelo país, que carregam os mesmos sentimentos morais e progressistas e as mesmas ideias do que significa ser liberal “de verdade” ou “por inteiro”, ou ainda liberal “consciente”. Os substantivos, como “verdade” por exemplo, adquirem a forma de adjetivos e seguem o termo “liberal” para acionar o tipo de liberalismo que eles estão engajados, mas, em grande medida, para indicar um atributo, quase um sentimento, o de ser liberal “por inteiro”, sem moralizar a vida do outro, sem agredir o diferente, combatendo a intervenção estatal e protegendo a liberdade individual contra uma tirania “da maioria”.

Nesse sentido, o liberalismo “de verdade” funcionaria como uma forma de identificação entre os jovens liberais de Campina Grande, mas também como uma maneira de viverem juntos uma experiência de identidade política, que, em grande medida, cria um sentimento localizado que dá sentido às suas experiências, sentimento que foi traduzido por Gabriel como uma “estética”.

Por outro lado, parece se confirmar aqui o pressuposto trabalhado nesta tese, o de que a política, seus valores e convicções, são experimentados e construídos nas relações pessoais desenvolvidas pelos indivíduos nas mais diversas esferas de suas vidas. As identidades políticas tomam forma e significado nas relações pessoais que os indivíduos desenvolvem, além disso, a política tem impacto na identidade pessoal, uma vez que as convicções marcam o indivíduo “profundamente” (MUXEL, 2014), então, quando Gabriel associa a sua maneira de sentir o liberalismo e de praticá-lo como um liberalismo de “alma”, ele chama atenção para uma estética entre ele e aqueles que se identificam dessa maneira, logo, ressalta o caráter emotivo da política, o sentimento que os une e que os marca profundamente em sua associação com essa ideologia. Com isso, Gabriel imagina que os liberais atuais seriam “liberais de alma”, uma vez que não aprenderam nos livros, eles simplesmente teriam se identificado e passado a sentir juntos os mesmos valores e sentimentos que os tornariam liberais “por inteiro”.

CONCLUSÃO

O propósito desta última seção é destacar os principais pontos identificados na pesquisa, ressaltando o padrão apresentado nas narrativas dos jovens liberais de Campina Grande e abordar, ao final, as limitações e oportunidades que se incidem a partir deste estudo.

Esta pesquisa pretendeu trazer contribuições na construção do conhecimento da socialização política e do processo de construção de identidades políticas por ela gerada através do estudo das trajetórias de jovens que se autodeclaram liberais. Ela também chama a atenção para os enunciados políticos que ganham expressividade pós impeachment da presidente Dilma Rousseff e durante a transição de poder entre a esquerda e a extrema direita. Nesse sentido, o ponto principal desta tese é de que as relações pessoais influenciam nas convicções políticas e na maneira de viver as experiências políticas. Além disso, percebe-se que o discurso liberal está em disputa e se manifesta de maneira ambígua e multiforme. No Brasil, frequentemente ele é associado à direita, todavia, esta tese expôs que, do mesmo modo, ele pode ser associado à esquerda. As trajetórias dos jovens liberais de Campina Grande ajudam a pensar que essas manifestações podem se dar em jovens de origens sociais variadas e de famílias com preferências políticas heterogêneas, em razão de que aparecem na pesquisa famílias com predileção pelo PT, MDB, PSDB ou até mesmo famílias sem preferência política alguma.

Na pesquisa, os jovens liberais de Campina Grande apresentaram concepções originais do que seria liberalismo. Nas convicções políticas, uma visão de mundo está enraizada nos indivíduos e, em certo sentido, elas criam uma comunidade de pertencimento que os conecta a um grupo maior. Disso resulta que, numa discussão, o indivíduo se coloca como coletivo, assim o argumento está vinculado ao sistema de crenças políticas da sua comunidade e, com frequência, apenas ideais positivos estão associados a essa comunidade e às convicções que carrega (MUXEL, 2014). De modo que, na maioria das vezes, a identidade política exprime também uma utopia (MUXEL, 2014), pois os princípios são otimistas, benéficos, e muitas vezes indiscutíveis.

A identidade política liberal, para os jovens que sobre ela refletiram, está cimentada numa perspectiva próspera e benfazeja de “amar a liberdade alheia”, defender a liberdade econômica, tanto dos pequenos empreendedores quanto de empresários, é, enfim, combater a “opressão estatal”. Contudo, quase sempre, esses jovens se chocam com a realidade muitas vezes implacável, na qual nem sempre esses valores são reconhecidos nos agentes que se autodeclaram liberais. Daí então a necessidade que esses jovens sentiram de buscar na história elementos que pudessem essencializar essa identidade, dar um sentido de realidade mais

próxima daquilo que eles defendem, mesmo que esses recursos estejam distantes deles no tempo e no espaço. Mesmo que essas trajetórias políticas não sejam declaradamente liberais, elas possuem elementos que são importantes para os jovens da pesquisa. Por isso a exaltação de figuras como Joaquim Nabuco e Luís Gama, ambos com atuações significativas para os jovens liberais de Campina Grande.

Na pesquisa, também se observou que grande parte desta construção identitária que resgata elementos históricos significativos acontece devido ao contato de jovens como Gabriel com a rede Students for Liberty, através de Mano Ferreira, que tem uma atuação política liberal bastante significativa para os jovens interlocutores. Com a transferência de Mano para o Movimento Livres, os jovens interlocutores hoje percebem no Livres (e ainda em Mano) uma comunidade de liberais “por inteiro”, assim como eles. De modo que o Livres aparece no horizonte da pesquisa como referência de liberais adultos que poderiam fazer “diferença” no campo político, em razão da estratégia de expansão desta identidade liberal antifusionista. “O Livres ainda vai mostrar muita coisa em relação ao que é ser liberal de verdade”, acredita Toni.

Observou-se também que há em todos os jovens pesquisados um pano de fundo de esquerda, responsável por criar neles uma identificação com pautas progressistas, como liberação das drogas, descriminalização do aborto, casamento homoafetivo etc. Esse pano de fundo será o responsável por criar uma afinidade com o jovem Gabriel. Apesar do entrave inicial com as pautas liberais econômicas defendidas por ele, os jovens desenvolveram uma amizade e esta tornou possível a transformação política deles. Toni, que se achava “bem de esquerda”, lembra que gostava de Gabriel porque ele também defendia “coisas” em que ele acreditava, os elementos em comum eram as afinidades progressistas, que ajudaram a cimentar o caminho de Toni até o liberalismo, mas também de todos os seus amigos interlocutores. O que confirma a perspectiva defendida por Muxel (2014), de que a política é definida nas relações pessoais, nelas as convicções e os ideais podem ser até mesmo negociados e renegociados. O convencimento dos interlocutores veio, é bom lembrar, a partir do estudo que todos alegam ter feito sobre liberalismo dentro da internet, em plataformas de conteúdo ideológico liberal que servem ao propósito de criar consenso, por meio de artigos, livros e vídeos disponibilizados gratuitamente, como observado por Camisiro (2016) em sua pesquisa de doutorado.

Através deste estudo, também percebeu-se que a socialização das ideias liberais por parte de jovens estudantes do curso de Direito da UEPB promoveu uma reflexão sobre o caráter do Direito e das práticas jurídicas por ele validadas. Desse modo, Toni defendeu que o curso promoveria uma “mentalidade intervencionista ao extremo”, resultando em bacharéis

preocupados em atuar no Legislativo e criar leis e medidas que teriam como objetivo proteger ou cuidar dos indivíduos, por estes não terem a capacidade de conduzir as suas próprias vidas. Assim, através do liberalismo esses jovens também revisaram a atuação do Direito no Brasil e concluíram que ele atuaria para intervir na liberdade de escolha dos cidadãos e cidadãs, fomentando a burocracia sob a justificativa de que o Direito trabalha para proteger o interesse das pessoas.

Constatou-se ainda que os jovens interlocutores não encontraram abertura dentro das salas de aula de alguns de seus professores para falarem sobre liberalismo ou sobre o conteúdo que estavam encontrando na internet, de modo que, em algum nível essa ausência de debate ou discussão de textos escritos por autores liberais no ambiente de uma sala de aula ajudou no processo de indução desses jovens ao liberalismo, em razão de que eles afirmam terem feito o exame dessas ideias de maneira solitária, em suas casas. O que encontravam era discutido muitas vezes apenas entre eles mesmos e/ou com o próprio Gabriel. Sinaliza-se aqui, certamente, uma demanda para que os professores que lecionam disciplinas com teor político e/ou econômico, por exemplo, introduzam também autores liberais ou demais correntes de pensamento que orbitam o tema, uma vez que a universidade tem na pluralidade e na diversidade a base de sua fundamentação. Concordo com Lagasnerie (2013) e penso junto com ele e Foucault (2008) que as críticas em demasido ao liberalismo não deixam vir à tona as particularidades e ambiguidades deste sistema global e multiforme, com expressões na cultura, na política e na economia.

“O problema não é mostrar Marx, o problema é mostrar apenas Marx”, afirmou Gabriel na primeira entrevista que fiz com ele e Toni no Centro de Ciências Jurídicas da UEPB, em junho de 2016. Na ocasião, Gabriel e Toni argumentaram que haviam criado o grupo de estudos para discutir as ideias liberais dentro da universidade, porém, sem a presença de professores, por não terem tido abertura dos docentes para expor o que eles haviam aprendido. “Hayek escreveu ‘Direito, legislação e liberdade’, em qualquer curso de Direito fora do Brasil ela entra como básica no programa do curso e aqui no Brasil ela nem no programa aparece e muito menos tem na biblioteca”, observou Gabriel.

Chiaro & Leitão (2005) alertam para o fato de que a “polêmica” e o “desacordo” em torno de um tema dentro da sala de aula é condição basilar para que o discurso argumentativo seja construído em um espaço que se propõe a instruir os jovens, pois, sem a divergência, desaparece o convencimento real baseado na crítica, na argumentação e na episteme. Desse modo, a cristalização de temas no âmbito da sala de aula contrasta com a “natureza aberta” desses assuntos em outros ambientes não formais de ensino, nos quais os jovens podem

desenvolver argumentos. Entretanto, a apreensão de um conteúdo curricular, como Economia Política, por exemplo, depende “significativamente” da mediação do professor, em razão de seu papel epistemológico (CHIARO; LEITÃO, 2005).

Gabriel afirma que o “problema” é ler “apenas” Marx, esse último termo empresta uma noção de exclusividade, é possível até trocar o termo por “somente Marx”, “unicamente Marx” ou “exclusivamente Marx”. Não parece crível que em um curso de Direito se ensine unicamente Marx, de fato isto não ocorre, contudo, Gabriel chama atenção para a disciplina de Economia Política, na qual foram suprimidos autores liberais. Um dos efeitos da modernidade é a reapropriação do conhecimento especializado por qualquer indivíduo que tenha tempo e recursos para se instruir, ou ser instruído, e a reflexividade presente na vida moderna estimula uma contínua triagem das teorias e conceitos relacionados à vida em sociedade (GIDDENS, 1997). Portanto, para que o indivíduo se sinta especialista em um determinado assunto, basta que ele tenha tempo disponível para investir na busca desse conhecimento, descrição que se adequa aos jovens liberais que se organizam em grupos para comentar, ler ou conhecer ideias de base liberal, o que leva a afirmar que os jovens dessa pesquisa se sentem, em alguma medida, especialistas em liberalismo. Nas narrativas dos interlocutores, destaca-se uma ideia de que existe uma certa “ignorância” em torno das ideias liberais no Brasil, entendimento que eles tiram a partir de suas próprias experiências anteriores, uma vez que eles antes acreditavam que o liberalismo era de direita e que só protegia os interesses do capitalismo e dos mercados financeiros. Esse seria então um entendimento baseado no “senso comum”. Por isso, a necessidade de eles se organizarem em grupos de estudo dentro das universidades, espaço de formação da intelectualidade, tanto para ocupar um espaço com as ideias liberais “de verdade”, como para dar seguimento ao projeto de expansão e de transformação da sociedade.

Todavia, é interessante pontuar o pouco impacto que essas ações tiveram na realidade política, até agora. Bia afirmou em uma de suas sessões de entrevista em profundidade que se sente fazendo parte de uma minoria, e, assim como ela, todos os jovens interlocutores sentem que são minoritários diante das forças políticas que costumam atuar no Brasil. Até mesmo o liberalismo que eles defendem, por inteiro, não é unanimidade no campo político. Consequentemente, Toni percebe na rede SFL um apoio, uma vez que o grupo em Campina Grande se sente solitário: “[...] me passa uma sensação de tribo, de comunidade mesmo”. Uma comunidade maior que cria a percepção de “movimento liberal”, esse movimento serve também como forma de selecionar opinião liberal, em razão da conexão ideológica que existe entre o grupo e a rede SFL e o Movimento Livres. Todavia, a sombra que os acompanha é de se tornarem insignificantes como referência de liberalismo no Brasil.

Nesse sentido, um dos desafios do “movimento liberal” seria filtrar os indivíduos que chegam até ele, não por acaso a rede SFL executa um filtro com seus membros na tentativa de não expor o liberalismo a pessoas que carregam uma moralidade tóxica e que, acima de tudo, querem colocá-la como regra de convívio na sociedade. Gabriel acredita que os próximos anos serão definitivos para o liberalismo que eles defendem, seu temor é que seja “engolido” pelo bolsonarismo e se torne irrelevante novamente, uma vez que, para eles, a união com os conservadores seria a anulação de tudo que acreditam.

Na realidade, a principal característica de liberais como os jovens pesquisados é a posição política antifusionista que pretende desvincular a imagem do liberalismo do conservadorismo e com isso limpar, se não o passado, mas com certeza o presente e futuro das “ideias da liberdade” no Brasil. Ser antifusionista seria uma conduta alinhada com as orientações pós 2016 da rede SFL, na qual o Coletivo Luís Gama está conectado. Deste posicionamento nasce a definição de liberalismo “por inteiro”, “de verdade” ou “puro”, alhures exposta pelos liberais de Campina Grande. Nessa perspectiva, se, em um primeiro momento, o foco era fazer oposição às ideias da esquerda, desde a consolidação do *impeachment* da presidente Dilma os jovens liberais buscam independência da direita e ao mesmo tempo combatem o “estereótipo” de que liberais são conservadores, egoístas ou “sem coração”, como definiu Beto.

Maria da Glória Gohn (2017) considera que o *novo* dentro das discussões sobre os *novíssimos* movimentos sociais, surge de uma construção histórica, o novo vem através do que já está dado, fruto de um pensar e de um agir dos sujeitos sociopolíticos, que disputam e ressignificam concepções existentes, construindo a partir delas novas interpretações e práticas. O que caracteriza o conjunto de interpretações e de ação dos liberais apresentados nesta tese como *novo*, é que ele surge a partir de uma reinterpretação que parte de dentro, a partir de algumas semelhanças que tornam essa comunicação, entre o dado e o novo, possível. A ação para fora do grupo, no caso dos jovens liberais de Campina Grande, é a análise que fizeram do contexto histórico e político do liberalismo no Brasil, por mais que esse passado seja preterido de suas narrativas, está implícito quando se referem à noção de que liberalismo tem a ver com conservadorismo. Este entendimento os empurra em busca de se distinguirem dos liberais de outrora, contudo, surge a partir do que estava dado pela história, pelo caminho vivido no Brasil pelos grupos históricos do liberalismo. É válido pontuar que este tipo de trajetória liberal parece ter se iniciado com Mano Ferreira e seus amigos liberais, a partir de 2012, quando surge a rede Students for Liberty, que Mano ajudou a fundar.

Quando iniciei minha pesquisa frequentemente ouvia de meus colegas de doutorado ou professores a observação feita por eles de que eu estudava a “nova direita”. Não seria improvável que os jovens liberais de Campina Grande pudessem, a depender de qual perspectiva e de quem os observa, ser classificados como jovens de direita. Certa vez, Sofia me relatou, bastante irritada, que dois pesquisadores de iniciação científica da área da Psicologia (UFCG) teriam lhe procurado com um questionário para saber de sua atuação política liberal. “Mas eu fiquei com muita raiva porque eles perguntavam o tempo todo coisas como se eu fosse de direita. Falei pra eles várias vezes, ‘desculpa, mas eu não sou de direita’”.

Na realidade, da mesma maneira que Sofia pode ser colocada como uma jovem da “nova direita”, pode ser observada como uma jovem de esquerda, a depender de quem a observa. Como foi exposto, Sofia, assim como seus amigos liberais interlocutores da tese, têm predominantemente um pano de fundo de esquerda. A maior diferença entre Sofia e uma jovem filiada ao PSOL, por exemplo, é que Sofia defende com veemência o livre mercado e a liberdade econômica. Inclusive, esta direita na qual os jovens liberais podem ser alocados por diversos campos do saber não os reconhece como sendo de direita, não é raro jovens como Gabriel serem vistos por um bolsonarista ou alguém filiado ao partido Novo como um jovem de esquerda, jovem comunista ou socialista, por mais espantoso que isso possa parecer.

A questão que se coloca é por que os pesquisadores podem perceber jovens que se afirmam como liberais como sendo de direita? Certamente por causa do peso da defesa que fazem do sistema capitalista e de livre mercado. Além disso, reconhecidamente há investimento internacional por parte de organizações internacionais em movimentos e institutos liberais, como mostram os estudos organizados por Cruz, Kaysel e Codas (2015) e a pesquisa de Camimiro (2016).

Por outro lado, os jovens liberais de Campina Grande também poderiam ser percebidos como uma direita progressista, em razão da defesa que fazem da liberdade econômica, aliada à defesa das liberdades individuais traduzidas em pautas como liberalização das drogas etc. que alguns jovens chamam de “pautas sociais”.

Outro ponto percebido na pesquisa e que merece, nesse momento, ser sublinhado é o momento em que o estudo empírico foi realizado, que marca oportunamente o instante em que esses jovens se tornam liberais, mas, também registra a transição do poder entre a esquerda e a extrema direita, ou seja, entre o PT e Jair Bolsonaro. Desse modo, foi observado que esse cenário trouxe um desencanto das ideias de esquerda, em grande medida promovido pela cobertura da LavaJato de modo incessante e complacente pela imprensa e seus veículos tradicionais da mídia. Essa decepção, verbalizada por eles, ajudou na conversão dos jovens

interlocutores ao liberalismo. Beto, Toni, Tiago e Felipe chegam à universidade com suas tendências progressistas, então, de certo modo havia um caminho pavimentado pelas próprias ideias de esquerda, o convencimento das ideias liberais acontece (também) devido à crise econômica que àquela altura batia à porta, e isso faz, inclusive, com que os interlocutores examinem as ideias econômicas da esquerda e se convençam de que elas eram “atrasadas”. Como se percebe nesse trecho de uma entrevista realizada com Beto:

Acho que de certa forma as ideias da esquerda não funcionaram e a gente está sentindo as consequências disso hoje, pela crise que o Brasil está enfrentando. E essa derrota da esquerda criou um vácuo de ideias políticas e as pessoas redescobriam o liberalismo nesse espaço que a esquerda deixou. (Registrada em outubro de 2018)

Certamente é devido a isso que os jovens interlocutores enfatizam tanto as liberdades individuais quando estão falando sobre liberalismo e sobre os valores que um liberal carrega, afinal, havia uma concordância com as ideias progressistas da esquerda. O que leva a crer que essas ideias sejam especiais para eles, e façam parte de suas visões de mundo. A aceitação das ideias econômicas liberais também foi motivada pela “derrota” das ideias econômicas da esquerda, falta alguma coisa a ela que o liberalismo, aparentemente, foi capaz de entregar. Disso resulta a impressão de que os jovens liberais de Campina Grande aderiram ao liberalismo por acreditarem que as esquerdas no Brasil não conseguiram modernizar as suas visões de Estado e de mercado. Os interlocutores têm ainda a ideia de que existe uma esquerda mainstream que é “socialista” ou pelo menos “desconhece noções básicas de economia”, como afirma Gabriel.

Dessa maneira, fica implícito, na pesquisa, a sugestão de que parte da esquerda se modernize e renove os seus projetos de governo econômico e político, uma vez que Marina Silva e Eduardo Jorge, por exemplo, são percebidos como uma esquerda “sensata”, dentre outras coisas, por eles não ignorarem a importância do liberalismo econômico em seus posicionamentos políticos. Destaco ainda que os votos dos jovens interlocutores na sua primeira eleição para presidente, 2014, quando tinham pouco mais de dezesseis anos, estiveram concentrados em Marina Silva e Eduardo Jorge, na percepção deles, eles fazem parte de uma

“esquerda sensata”. Ao lado de Marina Silva, em suas campanhas eleitorais, frequentemente orbitaram figuras como os economistas André Lara Resende⁵⁶ e Eduardo Gianetti⁵⁷.

Na introdução da coletânea de textos sobre uma possível *terceira via*, Giddens (2007) observa que os partidos de esquerda estão sendo forçados a alterar as suas plataformas econômicas, em razão de que as ideias socialistas/comunistas já não são “aplicáveis”, em grande parte por conta das transformações trazidas pela globalização, a reorganização da economia por causa da alteração da incorporação do conhecimento tecnológico e das novas ferramentas de trabalho motivadas por ele, resultando, dessas três forças, “profundas” modificações na vida dos indivíduos. Nesse sentido, Giddens (2007) aposta em um caminho de terceira via para a esquerda, sendo somente ela capaz de vincular a modernidade à justiça social, sendo portanto apta a modernizar o Estado e perpetrar reformas que estejam condizentes com os anseios de uma população conectada através das mídias sociais, mas que convive ainda com muitas desigualdades de oportunidades, principalmente nos países da América do Sul. No caso deles, a situação se tornaria mais urgente pelo fato de os estados serem quase sempre “demasiado abrangentes” e os serviços estatais frequentemente precários e dispendiosos, e suas sociedades ainda precisariam lidar com uma alta burocracia e corrupção, cenário quase sempre injusto para os pobres e que fortalece uma descrença nas instituições da democracia e na habilidade de os políticos lidarem com tamanho desafio (GIDDENS, 2007).

Giddens (2007) destaca ainda o papel hoje exercido pelo indivíduo – o individualismo é considerado por ele como um fenômeno estrutural resultante da destradicionalização das sociedades modernas, que forçam os agentes a refletir e tomar decisões de maneira autônoma. Beck (1997) salienta que a individualização não é uma escolha do agente, mas sim uma compulsão, e pontua ainda que a sociedade moderna se tornou reflexiva e, assim, se reverte em tema e problema para ela mesma. Na perspectiva de Giddens (2007), a esquerda perde tempo questionando e criticando o “indivíduo egoísta”, sem se dar conta de que essa forma de viver “talvez” não retroceda. Desse modo, o autor recomenda a “modernização” das esquerdas sugerindo que elas promovam reformas no Estado, redescobrimo um “papel ativista” para seus governos, facilitando a transparência e desburocratizando a prestação dos serviços públicos, tornando-os mais ágeis e menos onerosos para os cidadãos e cidadãs.

⁵⁶ Confira: Economista de Marina defende rever reformas e atacar 'política apodrecida' <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/08/economista-de-marina-defende-rever-reformas-e-atacar-politica-apodrecida.shtml>

⁵⁷ Confira: Economistas de peso estão com Marina <https://marinasilva.org.br/por-que-marina/economistas-de-peso-estao-com-marina/>

Bourdieu (2001) sinaliza que, nas Ciências Sociais, se descobre com frequência aquilo que se fez invisível por excesso de visibilidade, de modo que o ofício de um sociólogo é descobrir as evidências para, em seguida, revelá-las.

A conclusão mais geral do presente estudo é a de que o liberalismo pode ser visto de variadas maneiras e pontos de vista, nesse sentido, não é de todo correto afirmar que ele é uma expressão da direita ou do conservadorismo; em alguns casos ele será vinculado a esses posicionamentos, todavia existem os indivíduos que não se identificam com essas práticas políticas e que se incomodam de serem associados a elas. O documento sociológico, conforme defende Scribano (2001), assim se traduz na evidência de um “horizonte de sentido” e tem como intenção representar o significado deste cenário social, de modo que este foi o norte em que se baseou esta pesquisa.

Todavia, limitações se incidem sobre o conteúdo apresentado nessas páginas, destaco a relevância que o papel do Estado tem nas análises que os jovens liberais de Campina Grande desenvolveram em suas narrativas. Com isso, subjaz no texto a teoria de um Estado liberal que necessitaria, contudo, de uma sofisticação teórica, afim de melhorar a compreensão do papel desenvolvido por ele na história humana e na sua relação com o liberalismo. Nisso, quaisquer contradições presentes neste texto são novos problemas a serem resolvidos (PIRES, 2008) por pesquisas futuras.

Outro fato que recai sobre a interpretação aqui desenvolvida é a ação do tempo sobre os resultados aferidos e, disso, uma abertura de oportunidades ou expectativas de novos estudos. A pesquisa empírica foi realizada até dezembro de 2018, depois disso, diversas questões abateram os jovens liberais, como o desenrolar do governo da extrema direita com Jair Bolsonaro ocupando a cadeira presidencial a partir de janeiro de 2019 e, logo depois, a pandemia de Covid-19 e as implicações dela no contexto político. Logo, a pergunta que salta de uma análise da superfície deste cenário é saber qual o impacto dessas circunstâncias na percepção dos jovens liberais, será que de algum modo alterou a avaliação que fazem do papel e do tamanho do Estado? Será que a percepção que têm das esquerdas brasileiras continua a mesma? E o PT, como é visto depois de passados pouco mais de quatro anos do impeachment da presidente Dilma Rousseff e já depois do governo de Jair Bolsonaro, como os jovens liberais da pesquisa contemplam este novo e inédito contexto?

Desse modo concluo destacando, também, questões suscitadas por meio deste trabalho, o que denota a extensão de sua complexidade, mas também as limitações de uma pesquisa diante de um fenômeno que não cessou e que, certamente, apresenta variadas indagações e possivelmente diversas interpretações. O que reforça uma ideia de que este trabalho pode ser

vinculado a uma sociologia do liberalismo, uma perspectiva sociológica que pretende dar conta de relações sociais fundamentadas em um sistema de ideias que tem implicações não apenas na política, mas na economia, na cultura e na forma com que os indivíduos contemplam a vida em sociedade. No caso específico aqui apresentado, um tipo particular e original de incorporação do liberalismo no Brasil, por inteiro, que pode ser associado em parte à esquerda e em parte à direita. Uma maneira particular de indivíduos expressarem uma posição política que os conecta através de sentimentos em comum, denotando que existe entre eles uma estética liberal que os torna “liberais de alma”, como identificou Gabriel em entrevista. Ser um liberal de alma é defender a liberdade econômica e individual, pois esta última é justamente a responsável por transforma-los em liberais “de verdade”, que enxergam na liberdade de o outro ser como quiser o meio de garantir a própria liberdade. Esse seria o princípio fundamental do liberalismo incorporado pelos jovens liberais da pesquisa e por outros liberais que se conectam com eles por meio desse sentimento em comum.

Por fim, esta pesquisa apresentou os mecanismos de formação das convicções e identidades políticas, e as percepções que são construídas a partir da ação desses mecanismos, assim, procurou-se evidenciar como foi sendo construída a identidade liberal desses jovens e como esses fios os foram conectando. Destaco ainda o papel que os sentimentos e as amizades têm no processo de construção das identidades políticas, o que mostra que as percepções e os modos de reagir aos eventos políticos não estão fora do domínio das afetividades. Esta tese procurou ligar os fios das disposições sociais construídas através da família e da religião na socialização primária, ao processo de reconfiguração dessas disposições iniciais durante a passagem por instituições socializadoras, como colégios, universidades e internet. Em geral, as pesquisas que se esforçam para compreender a militância política não se debruçam sobre os fios sutis que costumam as afinidades políticas e constroem disposições internas. Como foi visto, esses fios não são aparentes, mas construídos por gestos sutis no cotidiano dos indivíduos que incorporam elementos que irão fundamentar as suas convicções e posições políticas. De modo que o resultado desta pesquisa emprega coerência às identidades políticas dos jovens liberais e ao momento sócio-político e histórico vivido por eles, embora, na superfície, elas possam parecer contraditórias. Este trabalho procurou mostrar que dentro das contradições das identidades políticas existe uma lógica, expondo quais são os sentidos por trás desses raciocínios para além dessas contradições, uma vez que não é porque tem contradições que não faz sentido para os agentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMS, Philip. **Historical sociology**. Cornell University Press. Ithaca: New York, 1982.

ALBRIGHT, Jonathan. **Welcome to the Era of Fake News**. In *Media and Communication*, v.5, n.2, p.87–89, 2017. Disponível em

https://pdfs.semanticscholar.org/2724/bd06715e005c02f83d215480c77b9e1f0365.pdf?_ga=2.62614764.1347641737.1591117817-1713196452.1591117817. Último acesso em maio de 2020.

ALMEIDA, Ana Lia Vanderlei. A prisão de Lula e a crença na “justiça verdadeira”: reflexões sobre o lugar do direito na reprodução da sociedade de classes. In **Revista Direito e Praxis**, v.9, n.3, jul-set., 2018.

ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco: os salões e as ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Flores, votos e balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Pública Agência de Jornalismo investigativo**. Reportagem Especial. 23, junho, 2015, Disponível em <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>> Acesso em 12, maio 2020.

ANDERSON, Laurel.; MCCABE, Deborah Brown. **A Coconstructed World: Adolescent Self-Socialization on the Internet**. In *Journal of Public Policy & Marketing*, Ahead of Print, v.31, n.2, p.240-253, 2012. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Laurel_Anderson2/publication/267982232_A_Co-Constructed_World_Adolescent_Self-Socialization_on_the_Internet/links/5cddb253458515712eac237e/A-Co-Constructed-World-Adolescent-Self-Socialization-on-the-Internet.pdf. Último acesso em maio de 2020.

ANTONIAZZI, Alberto. [et al]. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. In: **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, v.17, n. 2, p.11-33, 2005.

AZEVEDO, Dermi. A igreja católica e seu papel político no Brasil. In: **Estudos Avançados**. v.18, v.58, set-dez, 1994.

BAQUERO, Marcello.; BAQUERO, Rute Vivian Angelo & MORAIS, Jennifer Azambuja de. Socialização política e internet na construção de uma política juvenil no Sul do Brasil. In: **Educação e Sociedade**, v.37, n.137, p.989-1008, out-dez, 2016.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BASTIAT, Frédéric. **A lei**. Tradução de Eduardo Levy, 1ed. Barueri, SP: Faro Editorial, 2016

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução de Maria Luiza X. De A. Borges. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro. 1ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1981.

BERLIN, Isaiah. Dois conceitos de liberdade. In: HARDY, H. e HAUSHEER, R. (orgs.) Isaiah Berlin. **Estudos sobre a Humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BEZERRA, Marcos Otávio. **Corrupção**: um estudo sobre poder público e relações pessoais no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1995.

_____. Estado, representação política e corrupção: um olhar antropológico sobre a formação de fronteiras sociais. In: **Crítica e Sociedade, Revista de Cultura Política**, V2, N2, Dossiê: Cultura e Política, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. 6ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Lições da aula**: aula inaugural proferida na Collège de France. São Paulo: Atica, 2001.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. 2ed. Florianópolis: EdUFSC, 2018.

BRENNER, Ana Karina. Jovens e militância política. In: P. Carrano, & O. Favero. **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2014.

_____. Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos. In: **Proposições**, v. 29, n. 1, jan-abr, 2018

CANCIAN Marquez, Allan.; MALINI, Fabio Luiz. **A nova cara da direita no Brasil**: um estudo sobre o grupo político MBL Movimento Brasil Livre. In: Simpósio Direitas Brasileiras, 2018. Disponível em <http://conferencias.fflch.usp.br/SDB/simposiodireitas/paper/view/2199/510>. Último acesso em maio de 2020.

CARDOSO, Ruth.; SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: EdUSP, 1995.

CARNEIRO, Leandro Piquet. **A igreja como contexto político**: cultura cívica e participação política entre evangélicos. XX Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, Guadalajara, México. 1997. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa97/carneiroport.pdf> Último acesso em 22 de maio de 2020.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. In: **Perspectiva**, v.35, n.2, p.395-421, 2017.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. Sobre a lógica do voto evangélico no Brasil: filiação religiosa e seu impacto na política brasileira. In: **Revista de Ciências Sociais**. V7, N2, p. 66-100, jul-dez, 2017.

CARRIJO, Liliana Gonçalves de Souza. **Frei Caneca, um republicano?**. (dissertação). Mestrado, Universidade de Brasília, Departamento de História, 120 f., 2013.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita no Brasil**: Aparelhos de ação político-ideológica e a utilização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014). Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 479 f., 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet** – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Lucia Rabello de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.25, n.4, p. 479-487, out-dez, 2009.

CEPÊDA, Vera Alves. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. In: **Mediações Revista de Ciências Sociais**. v.23, n.2, maio/ago, 2018.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada**: a UDN e a República de 1946. 2015. 311 f. Tese (Doutorado em Ciência Política), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CHIARO, Sylvia de.; LEITÃO, Selma. O papel do professor na construção discursiva da argumentação em sala de aula. In **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, n.3, set-dez, 2005.

COELHO, Jóni. **Os fundamentos filosóficos do anarcocapitalismo rothbardiano**. Tese (doutorado em Filosofia). Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 272 f., 2019.

CODATO, Adriano.; BOLOGNESI, Bruno.; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: **Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Cudas (organizadores). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista**. 3ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DIMAS, Samuel. A filosofia da religião em David Hume: teísmo, ateísmo ou deísmo?. In: **Revista Filosófica de Coimbra**, v.23, n.46, 2014. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/35588/1/RFC46_artigo10.pdf Último acesso em 24 de maio de 2020.

DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. 15ed. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

_____. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Da divisão do trabalho social**. 2ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DWYER, Tom. Universitários em tempos de pós-industrialismo e globalização: contribuições para o diálogo sino-brasileiro. In: **Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira**. Organizadores Tom Dwyer et al., Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2005.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: a formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução de Paula Siqueira. In Cadernos de campo. N.13. p. 155-161, 2005.

FEIXA, Carles. **De la generación @ a la # generación**: la juventud em la era digital. Barcelona: NED Nuevos Emprendimientos Editoriales, 2014.

FELICE, Massimo.; LEMOS, Ronaldo. **A vida em rede**. São Paulo: Papyrus, 2014.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini.; MESSEMBERG, Debora. Um espectro ronda o Brasil (à direita). In: **PLURAL Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.25.1, p.1-12, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FORACCHI, Marialice. **O estudante na transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1977.

FRANCH, Monica.; SOUZA, Josilene Pequeno. Clocks, calendars and cell phones: An ethnography on time in a high school. In: **Vibrant Virtual Brazilian Anthropology**, v.12, n.2, july-dec, 2015.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993. Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279821> Último acesso em 22 de maio de 2020.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. 6ed. São Paulo: Editora Global, 2004.

FRIEDMAN, Milton.; FRIEDMAN, Rose. **Livre para escolher**. Tradução de Ligia Filgueiras. 1ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FUKS, Mario. Atitudes, cognição e participação política: padrões de influência dos ambientes de socialização sobre o perfil político dos jovens. In: **Opinião Pública**, v.18, n.1, p. 88-108, 2012.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: O Antropólogo Como Autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997a.

_____. **Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva às sociologias interpretativas**. 2ed. Lisboa: Gradiva, 1997b.

_____. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **O debate global sobre a terceira via**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. 1ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

GONÇALVES, Ana Carolina Santiago. **A nova direita brasileira e sua atuação nos meios de comunicação e na web**. Monografia. 36p. Instituto Latino Americano de Economia, Sociedade e Política, Ciência Política e Sociologia, Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 2. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão**. São Paulo: Editora Mises Brasil, 2012.

_____. **Os fundamentos da liberdade**. São Paulo: Visão, 1983.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. Relatório de pesquisa. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP), outubro de 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Último acesso em maio de 2020.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: **Direita Volver: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Codas (orgs.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

KASSAR, Mônica Carvalho Magalhães. A escola como espaço para a diversidade e o desenvolvimento humano. In: **Educação e Sociedade**, v.37, n.137, p.1223-1240, out.-dez, 2016.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. 3ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2013.

KUSCHNIR, Karina.; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia política. In: **Revista de Estudos Históricos**. V13, N24, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LICHTERMAN, Paul. “Think description as a cosmopolitan practice: a practical reading”. In: Alexander, Jeffrey. Et al. **Interpreting Clifford Geertz: cultural investigation in the social sciences**. New York, NY. Palgrave McMillan, 2011.

LYNCH, Christian Edward Cyril. O império é que era a república: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco. In: **Lua Nova Revista de Cultura Política**. n.85, p. 277-311, 2012.

MACEDO, Ubiratan Borges de. **A ideia de liberdade no século XIX**: o caso brasileiro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.

MANHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: **Essays of the sociology of knowledge**. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1952. Tradução de Claudio Marcondes.

MARDONES, José Maria. **Adónde va la religión?** Cristianismo y religión em nuestro tiempo. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996.

MARGULIS, Mario.; URRESTI, Marcelo. La juventude és mas que una palabra. In: **La juventude és mas que una palabra**: ensayos sobre cultura e juventud. Org. Mario Margulis. 3ª ed. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARSHALL, Thomas Humprey. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: **A participação social dos excluídos**. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

MARTINS, André Jobim. Política e escravidão nos limites do paraíso: dilemas narrativos de Joaquim Nabuco em “Minha formação”. In: **Revista Escrita da História**, Ano II, v.2, n.4, p.216-237, set-dez, 2015.

MELLUCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. In: **Revista Young**. Estocolmo: v. 4, no 2, 1997, p. 3-14.

MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo antigo e moderno**. 3ed. São Paulo: É realizações Editora, 2014.

MILL, John Stuart. **Sobre a Liberdade**. Tradução de Alberto Rocha Barros, 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MILLER, Daniel.; Don SLATER. Etnografia on e off line: cibercafés em Trinidad. In: **Horizontes Antropológicos**. v.10, n. 21, p. 41-65, jan-jun, 2004.

MISES, Ludwig von. **As seis lições**. Tradução de Maria Luiza Borges. 7ed. Sao Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

_____. **Ação humana**: um tratado de economia. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

_____. **A mentalidade anticapitalista**. Tradução de Adelize Godoy. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **O liberalismo radical de Frei Caneca**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1978.

MUXEL, Anne. La participation politique des jeunes: soubresauts, fractures et ajustements. In: **Revue Française de Science Politique**, v.52, n.5-6, octobre-décembre p. 521-544, 2002.

_____. **Continuity and cleavage in the political experience of young people**. In: Young People's Studies Magazine, n.81, v.08, june, 2008.

_____. **Politics in private**: love and convictions in the French political consciousness. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O encontro de Joaquim Nabuco com a política**: as desventuras do liberalismo. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

NOVAES, Regina. **De corpo e alma**: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphic, 1997.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. ALMEIDA & EUGENIO (Orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. In: **Interseções Revista de Estudos interdisciplinares**, v. 20 n. 2, p. 351-368, 2018.

OLIVEIRA, Fabricio Roberto Costa. Religião e participação política: considerações sobre um pequeno município brasileiro. In: **e-cadernos CES** [Online], v.13, 2011. Disponível em <http://journals.openedition.org/eces/568>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.568>. Último acesso em 24 de maio de 2020.

PAIM, Antonio. **O liberalismo contemporâneo**. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2000.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa: Portugal, 2003.

PALMEIRA, Moacir.; HEREDIA, Beatriz. Os comícios e a política de facções. In: **Anuário Antropológico**. v.94, p. 31-94, 1995.

_____. O voto como adesão. In: **Teoria e Cultura**, v.1, n.1, jan-jun, 2006.

PANASIEWICZ Roberlei. et al. Educação e Cidadania: a formação humanista da juventude nos Projetos Políticos Pedagógicos. In: **Horizonte Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. v.10, n.26, p.399-431, abri-jun, 2012.

PASSOS, Eduardo Schmidt. **“Das Adam Smith problem”**: uma análise comparativa das obras e teorias dos sentimentos morais e riqueza das nações de Adam Smith. (monografia). Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina. 78 pag. Florianópolis, 2006.

PASTANA, Débora Regina. Estado punitivo brasileiro: a indeterminação entre democracia e autoritarismo. In: **Civitas**, v.13, n.1, p.27-47, jan-abr, 2013.

PIERRUCCI, Antonio Flavio.; PRANDI, Reginaldo. Religiões e voto: a eleição presidencial ed 1994. In: **Opinião Pública**. v.3, n.1, p. 32-63, 1995.

PIRES, ÁLVARO, P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as Ciências Sociais. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Poupart, Jean. et al. , Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

QUEIROZ, Regina. **Por favor, não confundam o liberalismo com o neoliberalismo**. In: Público, Lisboa, 10, julho de 2018. Opinião. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/07/10/politica/opiniao/por-favor-nao-confundam-o-liberalismo-com-o-neoliberalismo-1830607>. Último acesso em maio de 2020.

_____. Neoliberal TINA: an ideological and political subversion of liberalism. In: **Critical Policy Studies**, v.12, n.2, p.227-246, 2016.

RAMIREZ, Liliana Galindo. Dinâmicas transnacionais em tempos de internet: jovens, mobilização e apropriação do Facebook na Colômbia e no Brasil. In: **Revista Desidades**, ano 4, n.12, 2016.

RIESEBRODT, Martin. A ética protestante no contexto contemporâneo. In: **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, v. 24, n. 1, p.159-182, 2012.

ROCHA, CAMILA. "**Menos Marx, mais Mises**": uma gênese da nova direita brasileira. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Ciência Política. 232f, 2018.

ROSANVALLON, Pierre. **O liberalismo econômico**: história da ideia de mercado. Tradução de Antonio Penalves Rocha. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, narrar e recordar. In: **Civitas**, v. 14, n. 2. P. 227/249, maio-agosto, 2014.

ROTHBARD, Murray. Hayek e o prêmio Nobel. Tradução de Gabriel Moreira Beraldi. In: **MISES Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia**. V2. N2. Ed.4. julho-dezembro, 2014.

SALLES, Tatiana. **Pops e Famosinhos**: identidade e performance de jovens na internet. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades. Departamento de Ciências Sociais. 154f, 2016.

SANTOS, André Luis dos. **Religião e Política**: socialização e cultura política entre a juventude da igreja pentecostal Assembléia de Deus em Porto Alegre - RS. 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SANTOS, Fabiano.; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. In: **Colômbia Internacional**, v.99, July, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridades: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, V26, N91, p. 361-378, Maio-Ago, 2005.

SRIBANO, Adrian. Algumas notas sobre problemas epistemológicos de la Investigación en Ciencias Sociales. In: **Investigaciones Sociales**, Ano IV: n.9, pp. 195-205, UNMSM, Lima, Peru, 2001.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a Religião: uma leitura a partir da América Latina. In: **O social em questão - Revista do Departamento de Serviço Social Puc-Rio**. v.20. n.39. p. 87-108, set-dez, 2017.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. In: **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, V17, N2, pp. 335-350, 2005.

_____. As religiões como agentes da socialização. In: **Cadernos CERU** série 2, v.19, n.2, 2008.

SILVEIRA, Angelita Fialho.; AMORIM, Maria Salete de Souza. Socialização política e capital social: uma análise da participação da juventude no contexto escolar e político. In: **Educação Unisinos**, v.9, n.2, maio-agosto, 2005.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Democracia e os códigos invisíveis**: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. Coleção Democracia digital. São Paulo: Edições SESC, 2019.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Vol. 1. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

SOUZA, Flávia Clemente de. A campanha que começa antes da campanha: a prisão de Lula e sua interferência na agenda pública no período das eleições presidencial em 2018. In: **Policromias**, v.4, n.2, p.79-96., 2019.

SOUZA, Jessé de. **A elite do atraso**: da escravidão a Lavajato. São Paulo: Leya, 2017.

SPOSITO, Marília Pontes.; TARÁBOLA, Felipe de Souza. Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. In: **Educação e Sociedade**, v.37, n.137, p.1009-1028, out-dez, 2016.

TOMIZAKI, Kimi. A herança operária entre a fábrica e a escola. In: **Tempo Social**, V18, N1, São Paulo, 2006.

_____. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010

TOMIZAKI, Kimi.; DANILIAUSKAS, Marcelo. Os jovens e a política: do mal-estar a novas formas de expressão na vida pública. Entrevista com Anne Muxel. In: **Revista Pro.Posições**. V. 29, N. 1, jan-abr, 2018.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A democracia na América: Leis e costumes**, Livro 1, 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TOURAINÉ, Alain. **O retorno do actor: ensaio sobre sociologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

_____. O campo político de FHC. In: **Tempo Social**. v.11, n.2, São Paulo, 1999.

UEMORI, Celso Noboru. **Joaquim Nabuco: lutas, propostas e diálogos (1879- 1888)**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2001.

_____. O discurso político-pedagógico de Joaquim Nabuco (1879-1888). In **História & Perspectivas**, n.29/30, p.217-237, jul-dez, 2003, jan-jul, 2004.

WACQUANT, Lóic. A aberração carcerária. In: **Le Monde Diplomatique Brasil. Sociedade**. Acervo on line. 01 setembro de 2004. Disponível em <https://diplomatique.org.br/a-aberracao-carceraria/> Último acesso em maio de 2020.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Volume 1. São Paulo: Editora UNB, 2004.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WOODWARD, Kathryn. In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Org. Tomaz Tadeu da Silva. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIANA FILHO, Luis. **A vida de Joaquim Nabuco**. 2ed. São Paulo: Martins, 1973.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Tempo estimado: duas sessões de duas horas (04 horas)

IDENTIDADE política

Como você se declara politicamente?

Quando foi que começou a sua identificação com essa ideologia?

Quando você fala da sua posição política, como as pessoas reagem? Essa declaração já causou algum tipo de problema?

Você é uma pessoa que fala sobre liberalismo com outras pessoas (que ainda não o conhecem)?

O que você acha que desperta nelas?

Você se vê como um radical? Alguém já te disse que você era?

De maneira geral, como é possível identificar uma pessoa com o seu posicionamento político?

Quem é o político ou qual o partido com que você se identifica? Pode ser do Brasil ou de outro país.

Você acha que existe uma disputa do discurso e da identidade liberal? Qual o seu papel dentro dessa disputa?

Como a gente consegue identificar quem é “liberal por inteiro”?

SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA Capital cultural e dimensões afetivas

Onde você fez o ensino fundamental e médio?

Se falava sobre política no colégio?

E na sua família, se falava sobre política?

Sua família tem religião? Qual a importância da religião para você?

Como foi a sua chegada na universidade?

Como foi que você virou liberal?

Como você se informa sobre liberalismo?

Quais são os formadores de opinião dentro do liberalismo com os quais você mais se identifica?

Você tem amigos que pensam politicamente como você?

Você conhece mais que tipos de jovens políticos, de esquerda, direita, liberais?

Com quem você fala mais sobre política e liberalismo?

Qual é a sua relação com a rede SFL? O que você acha da SFL?

Qual a sua relação com a internet?

LIBERALISMO

O que é liberalismo para você?

Existiram outros liberais no Brasil? Qual a diferença deles para vocês?

Afinal de contas, o liberal é de direita ou de esquerda?

Quais são os principais valores e princípios de um liberal?

O que você acha mais legal dentro do liberalismo?

Dentro do movimento liberal tem alguma coisa que te incomoda?

Você tem mais afinidade com a esquerda ou com a direita?